

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
MESTRADO EM HISTÓRIA**

**A FORMAÇÃO DE OÁSIS: DOS MOVIMENTOS FRENTENGRINOS
AO PRIMEIRO CONGRESSO NACIONAL DO NEGRO
EM PORTO ALEGRE - RS
(1931-1958)**

ARILSON DOS SANTOS GOMES

**PORTO ALEGRE
2008**

ARILSON DOS SANTOS GOMES

**A FORMAÇÃO DE OÁSIS: DOS MOVIMENTOS FRENTENGRINOS
AO PRIMEIRO CONGRESSO NACIONAL DO NEGRO
EM PORTO ALEGRE - RS
(1931-1958)**

Dissertação apresentada como requisito parcial e último para a obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em História da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Dra. Margaret Marchiori Bakos

**PORTO ALEGRE
AGOSTO
2008**

ARILSON DOS SANTOS GOMES

**A FORMAÇÃO DE OÁSIS: DOS MOVIMENTOS FRENTENGRINOS
AO PRIMEIRO CONGRESSO NACIONAL DO NEGRO
EM PORTO ALEGRE - RS
(1931-1958)**

Dissertação apresentada como requisito parcial e último para a obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em História da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Dra. Margaret Marchiori Bakos

Aprovada com o grau 10, em 14 de Agosto de 2008 pela seguinte,

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Margaret M. Bakos (PPGH-PUCRS)
(Orientadora)

Profa. Dra. Lúcia Regina Brito Pereira

Prof. Dr. Paulo Roberto Staudt Moreira (UNISINOS)

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

G633f

Gomes, Arilson dos Santos

A formação de Oásis: dos movimentos fretenegrinos ao primeiro Congresso Nacional do Negro em Porto Alegre – RS (1931-1958) / Arilson dos Santos Gomes. – Porto Alegre, 2008.
309 f. : il.

Orientador: Profa. Dra. Margaret Marchiori Bakos

Dissertação (Mestrado em História) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, Porto Alegre, 2008.

1. Negros – Rio Grande do Sul - história. 2. Movimento Fretenegrino. 3. Organizações negras. 4. Sociedade Beneficente Floresta Aurora. I. Bakos, Margaret Marchiori. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História. III. Título.

CDD 981.650541

Lágrima

*Mais vale a lágrima derramada
Por arriscar e não conseguir,
Do que a farsa mal arranjada
Por nem se quer ousar construir.
(AMARO, 2005, p.26).*

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Ilza dos Santos Gomes *in memoriam*, minha mãe, ao meu pai, José Carlos Dias Gomes por me trazerem a este mundo, e a minha nova amiga Claudete, pela compreensão. A Cristina Recuerdo Nunes, pelo apoio e a todos os meus irmãos, Rosemeri, Marlene, Cristiane, Elyelson e Gerson, pela paciência na minha ausência em momentos de confraternização e também aos meus sobrinhos, a quem, de coração dedico esta vitória.

Agradeço a professora Margaret Marchiori Bakos que acreditou em mim e me inseriu no mundo sério, rigoroso e proveitoso da pós-graduação. Aos ex-diretores do Memorial do RS, José do Nascimento Jr, José Bacchieri Duarte *in memoriam* e especialmente ao atual diretor, Voltaire Schilling, por me disponibilizar o tempo para eu estudar e pesquisar. A todos os professores de minha vida, em especial para Véra Barroso, André Luis Reis da Silva e Sandra Carelli.

A todo o corpo docente do Programa de Pós-Graduação em História da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, em especial Moacyr Flores, René Gertz, Sandra Brancatto, Hélder Gordim e Charles Monteiro. Aos funcionários deste Programa, o meu muito obrigado, desde aqueles da limpeza até a secretaria, pois por onde passei fui bem atendido e recebido. A Carla, Davi e ao Luiz. Aos amigos Yosvaldir Bittencourt, Jane Mattos e Paulo R.

Aos integrantes do GT Negros/ANPUH-RS, Luiz Carlos Amaro *in memoriam*, Lúcia Regina Brito Pereira, Elenir Marques, Leandro Toral. Às amigas Teniza Spinelli, Carla Xavier, Dani, Anna, Marcelo, Júlia Matos, Mônica Karawejczyk e ao amigo Eduardo Soares. Aos colegas da ANPUH-RS biênio 2006-2008, pelo acolhimento. A José Antônio dos Santos, pelas fontes e ao meu amigo Adriano Mabilde, pelo coleguismo, amizade e cumplicidade. A Luciane Scoto da Silva, Eva Esperança, Preiss e a Juliana Garcia Nunes. A Capes pelo financiamento.

A todos os colegas do AHRGS, em especial a Paulo Moreira, aos colegas do Memorial do RS que, desde 2002 me acompanham, a Elizabeth Castillo Fornés, pelo profissionalismo, ao seu Léo Guerreiro, pela seriedade e caráter, ao Marcelo Neves, Edenir, Barbosa e Maria Terezinha Isolini pela compreensão, ao seu José Domingos e a Dona Sema por me rodearem de afeto e amizade. E, principalmente, a todas as crianças do mundo, que me ensinam a responsabilidade de sermos humanos, e aos mais velhos, que me transmitem a prudência.

A todas as pessoas que conheci, conheço e conhecerei, e que sou eternamente grato.

RESUMO

Esta pesquisa investigou a história do Primeiro Congresso Nacional do Negro, realizado em Porto Alegre, no ano de 1958, sob a organização da Sociedade Beneficente Floresta Aurora. Descobrimos que os primeiros passos para a formação de eventos sobre a comunidade negra coincidem com a data da origem da Frente Negra Brasileira, fundada em São Paulo em 1931. Pesquisamos a Frente Negra paulista, a pelotense, a baiana e a pernambucana, identificando um *movimento frentenegrino* em busca da inserção social das populações afro-descendentes e questionando se as suas ações iam ao encontro das propostas apresentadas nos encontros nacionais afro-brasileiros e negros realizados em nosso país. Identificamos, na realização destas atividades, a formação de oásis, já que somente passaram a existir em decorrência dos esforços e perseverança daqueles que lutaram por um mundo melhor. Em contrapartida, denominamos de deserto a intolerância, discriminação e preconceitos existentes em nossa sociedade. A metáfora de oásis e deserto foi pensada a partir da leitura de Hanna Arendt, que utiliza esses termos para refletir a condição humana, mantida através destes desafios. Segundo a autora: *o deserto é o mundo sob cujas condições nós nos movemos e dependendo da situação, talvez sejam necessárias a capacidade de sofrer, a virtude do suportar ou a coragem para agir*. Destes fóruns agrupadores que aconteceram em todo o Brasil, desde 1931 a 1958, formaram-se os oásis em busca de um país melhor.

Palavras-chave: Movimento Frentenegrino. Sociedade Beneficente Floresta Aurora. Organizações negras. Congressos. Oásis. Desertos.

ABSTRACT

This research investigated the history of the First National Congress of Blacks, that was achieved in Porto Alegre (RS), in 1958. This Congress was organized by the *Sociedade Beneficente Floresta Aurora*. We found out that the first steps to the creation of the events on the Black community coincided with the date of creation of the Brazilian Black Front, in São Paulo (SP), in 1931. We research the *paulista*, *pelotense*, *baiana* and *pernambucana* Black Fronts and we identify a *Frentenegrino* Movement that was searching the social insertion of the Afro-Brazilian populations. We ask if their actions were similar to those proposals presented during the Afro-Brazilian and Black National meetings achieved in our country. We identify during the achievement of these activities the creation of an oasis that existed because of the efforts as well as the human perseverance of those fought by a better world. On the other hand, we call desert the intolerance, discrimination and prejudices in our society. The metaphor of “oasis” and “desert” came from the Hanna Arendt thought. This author uses these words to reflect the human condition that was maintained by these challenges. According to the author: the desert is the world where we move under its conditions and depending on the situation, perhaps the suffering is necessary as well as the virtue to bear or the courage to act. In these agglutinating forums that were achieved in Brazil, from 1931 to 1958, the oases were created searching a better country.

Key words: *Frentenegrino* Movement, *Sociedade Beneficente Floresta Aurora*, Black organizations, Congresses, Oásis, Deserts.

SUMÁRIO

LISTA DE IMAGENS.....	09
LISTA DE TABELAS.....	10
SIGLA DOS ACERVOS.....	10
ABREVIATURAS.....	10
INTRODUÇÃO.....	11
CAPÍTULO – I	
1. PONTO DE PARTIDA: A FRENTE NEGRA BRASILEIRA.....	27
1.2 OÁSIS E DESERTOS: INTERESSES E REGISTROS.....	29
1.3 O MOVIMENTO <i>FRENTENGRINO</i>	34
1.3.1 A FORMAÇÃO DO OÁSIS PAULISTA.....	35
1.3.2 A FRENTE NEGRA EM SALVADOR.....	53
1.3.3 EM PELOTAS: O “ALVORADA” COMO ORIGEM.....	58
1.3.4 NO RECIFE: O CONGRESSO COMO PRINCÍPIO.....	75
CAPÍTULO – II	
2. CONGRESSOS: OS OÁSIS NACIONAIS.....	79
2.1 O I CONGRESSO AFRO-BRASILEIRO E A CULTURA NACIONAL.....	87
2.2 O II CONGRESSO AFRO-BRASILEIRO E O ASPECTO RELIGIOSO.....	109
2.3 CONVENÇÕES E CONFERÊNCIA NACIONAL DO NEGRO: O QUE IMPORTA SÃO OS PROBLEMAS SOCIAIS.....	122
2.4 PRIMEIRO CONGRESSO DO NEGRO BRASILEIRO: ASSUNTOS SOCIAIS, CULTURAIS OU POLÍTICOS.....	137
CAPÍTULO – III	
3. A FORMAÇÃO DO OÁSIS PORTO-ALEGRENSE.....	151
3.1 PRIMEIRO CONGRESSO NACIONAL DO NEGRO: ORGANIZAÇÃO, PROGRAMAÇÃO, PARTICIPANTES, TEMAS E INTERESSES.....	153
3.1.2 O CONGRESSO E A PARTICIPAÇÃO POLÍTICO-PARTIDÁRIA.....	187
3.1.3 O ENCONTRO, AS SOCIEDADES NEGRAS E O BRANQUEAMENTO.....	210
3.1.4 A SBFA, O CONGRESSO E A IMPRENSA.....	238
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	260
FONTES DOCUMENTAIS.....	275
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	276
ANEXOS I – MATÉRIAS JORNALÍSTICAS.....	287
ANEXOS II – CORRESPONDÊNCIAS.....	297
ANEXOS III – DOCUMENTOS.....	307

LISTA DE IMAGENS

IMAGEM 1: PALESTRA DA FRENTE NEGRA BRASILEIRA.....	38
IMAGEM 2: FOLHA DE ROSTO DE EXEMPLAR DO JORNAL A VOZ DA RAÇA.....	46
IMAGEM 3: GETÚLIO VARGAS E ISALTINO VEIGA DOS SANTOS DA FNB.....	67
IMAGEM 4: CARTAZ DO 1º CONGRESSO AFRO-BRASILEIRO DE CÍCERO DIAS.....	87
IMAGEM 5: SESSÃO INAUGURAL DO 1º CONGRESSO AFRO-BRASILEIRO.....	97
IMAGEM 6: SESSÃO INAUGURAL DA CONFERÊNCIA NACIONAL DO NEGRO.....	132
IMAGEM 7: PÚBLICO NA SESSÃO INAUGURAL DA CONFERÊNCIA DO NEGRO.....	134
IMAGEM 8: HEITOR NUNES FRAGA.....	161
IMAGEM 9: RALPH JOHNSON BUNCHE.....	169
IMAGEM 10: JOSÉ MARIA RODRIGUES.....	171
IMAGEM 11: ARMANDO HIPÓLITO DOS SANTOS.....	171
IMAGEM 12: ABERTURA DO PRIMEIRO CONGRESSO NACIONAL DO NEGRO.....	172
IMAGEM 13: DANTE LAYTANO PALESTRANDO NO CNN.....	172
IMAGEM 14: MESA DO PRIMEIRO CONGRESSO NACIONAL NA SBFA.....	173
IMAGEM 15: COELHO DE SOUZA PALESTRANDO NO CONGRESSO.....	176
IMAGEM 16: PÚBLICO PRESENTE AO CONGRESSO NA FLORESTA AURORA.....	176
IMAGEM 17: ARCHYMEDIS FORTINI PALESTRANDO NO CNN.....	176
IMAGEM 18: PÚBLICO DO CONGRESSO NA CÂMARA MUNICIPAL POA.....	176
IMAGEM 19: BAILE DE DEBUTANTES DA SBFA ENCERRANDO O CNN.....	177
IMAGEM 20: PLANTA DE NOVA SEDE ALMEJADA PELA SBFA.....	183
IMAGEM 21: IMAGEM DA NOVA SEDE DA SBFA NO CRISTAL.....	184
IMAGEM 22: CARLOS DA SILVA SANTOS.....	195
IMAGEM 23: ARMANDO TEMPERANI PEREIRA.....	198
IMAGEM 24: MESA DE ABERTURA DO PRIMEIRO CCNN.....	200
IMAGEM 25: MANOEL LUIZ LEÃO.....	201
IMAGEM 26: VALTER SANTOS E EURICO SILVA CONCEDENDO ENTREVISTA.....	203

LISTA DE TABELAS

TABELA 1: QUADRO INFORMATIVO SOBRE A IMPRENSA NEGRA PAULISTA E SUL RIO-GRANDENSE ENTRE 1892 E 1933.....	62
TABELA 2: TOPOGRAFIA DOS OÁSIS (CONGRESSOS NACIONAIS) ENTRE 1934-1958.....	80
TABELA 3: TOPOGRAFIA DOS OÁSIS (ORGANIZAÇÕES NEGRAS NACIONAIS) ENTRE 1931-1958.....	84
TABELA 4: PRESIDENTES DA SBFA ENTRE 1932-1959.....	155
TABELA 5: LISTA DE PAÍSES AFRICANOS INDEPENDENTES ENTRE 1956-1966).....	156
TABELA 6: QUANTIDADE DE ELEITORES BRASILEIROS.....	204
TABELA 7: RESULTADO DAS ELEIÇÕES PARA GOVERNADOR DO RS DE 1959.....	205
TABELA 8: ANÁLISE DE CONTEÚDOS DAS CORRESPONDÊNCIAS DA SBFA.....	214
TABELA 9: TIPOLOGIA DAS CORRESPONDÊNCIAS LOCALIZADAS NO ACERVO DA SBFA.....	218
TABELA 10: UNIDADE DE REGISTRO DAS CORRESPONDÊNCIAS LOCALIZADAS NO ACERVO DA SBFA.....	219
TABELA 11: COMPARAÇÃO DE CONTEÚDOS SOBRE O PRIMEIRO CNN.....	249
TABELA 12: COMPARATIVO DE QTD LINHAS IMPRESSAS SOBRE O 1ºCNN.....	252
TABELA 13: COMPARATIVO DE TEMAS.....	253
TABELA 14: TÍTULOS NOTICIADOS SOBRE O PRIMEIRO CNN.....	254

SIGLA DOS ACERVOS

MCHJC – MUSEU DE COMUNICAÇÃO SOCIAL HIPÓLITO JOSÉ DA COSTA
 CPCP – CENTRO DE PESQUISAS CORREIO DO POVO
 ASBFA – ACERVO DA SOCIEDADE BENEFICENTE FLORESTA AURORA

ABREVIATURAS

FNB – FRENTE NEGRA BRASILEIRA
 FNP – FRENTE NEGRA PELOTENSE
 FNB – FRENTE NEGRA BAIANA
 FNP – FRENTE NEGRA PERNAMBUCANA
 PTB – PARTIDO TRABALHISTA BRASILEIRO
 PSD – PARTIDO SOCIAL DEMOCRÁTICO
 PSB – PARTIDO SOCIALISTA BRASILEIRO
 SBFA – SOCIEDADE BENEFICENTE FLORESTA AURORA
 TEN – TEATRO EXPERIMENTAL DO NEGRO
 CNN – CONGRESSO NACIONAL DO NEGRO

INTRODUÇÃO

Em setembro de 1998, tive pela primeira vez contato com um livro que versava sobre a História do africano no Estado do Rio Grande do Sul.¹ Nesta obra, que abordava a situação do negro sulino nas charqueadas e as suas precárias condições de trabalho, era descrito, também, como estas populações escravizadas foram sendo utilizadas e tratadas pelos seus senhores no período da escravidão, entre os séculos XVIII e XIX, época em que o proveito desta mão-de-obra também era empregado para a prestação de serviços militares, sendo uma constante neste Estado fronteiriço, lutando por uma causa, que para eles motivaria, em última instância, a sua liberdade.²

Ao ler o livro de Maestri (1993) fiquei desejoso em aprofundar os meus estudos quanto à participação ativa do negro em solo sul-rio-grandense pela sua liberdade, já que, as populações afro-descendentes vieram de regiões Africanas³ e provincianas brasileiras para este Estado, como mercadorias, muitas vezes sendo reduzidas a um objeto comercial negociado ao gosto do cliente, pagando-se o preço estipulado.⁴ Portanto, eu pensava comigo: será que neste período e em virtude das relações entre senhores e homens privados da liberdade serem tão desiguais, existiu resistência por parte deste grupo sujeitado? Hoje, sabemos que existiram muitas resistências diante da coerção e vigilância senhorial, inclusive para além das fronteiras da província de São Pedro.⁵

No ano de 2001, enquanto acadêmico do Curso de História da FAPA – Faculdades Porto-Alegrenses, realizando a disciplina de Brasil, ministrada pela Professora Dra. Véra Barroso, descobri, através de leituras pertinentes, com a produção própria de artigos e até encenando peças teatralizadas sobre o período do Brasil enquanto Império- que ela nos motivava a realizar -, que

¹ Ver MAESTRI, Mario. O escravo gaúcho – resistência e trabalho. Porto Alegre: Editora UFRGS, 1993.

² Ver FLORES, Moacyr. Negros na Revolução Farroupilha. Porto Alegre: EST, 2004.

³ Ver ASSUMPCÃO, Jorge Euzébio. Idade, Sexo, Ocupação e Nacionalidade dos Escravos Charqueadores. Estudos Iberos – I Simpósio Gaúcho sobre a escravidão negra. EDIPUCRS, 1990. p.29-46.

⁴ Ver BERUTE, Gabriel Santos. Características Mercantis do Tráfico Negreiro no Rio Grande de São Pedro, C.1790-C.1825. V Mostra APERS, 2007, p.153-168.

⁵ Ver PETIZ, Silmei de Santana. Buscando a Liberdade. Passo Fundo: UPF, 2006.

sempre existiu, durante a história de nosso país, a participação constante do negro em busca de sua liberdade.⁶

Através de outras leituras entendi, então, que realmente houve a luta do negro pela liberdade. Desde as resistências escravas e das negociações efetuadas por seus representantes, para obter dignidade, ao menos como um ser humano autônomo, ávido pela realização de seus desejos e de suas necessidades familiares, incluindo a luta por direitos jurídicos⁷ sendo que muitas vezes a forma de protestar era o enfrentamento e a ação contra a sua condição, “calado restou-lhe agir”. (BAKOS, 1988, p.118).

A situação no período pós-abolicionista, patrocinado pelo Estado, seus dirigentes e ex-senhores visou mais os interesses destes e; deixara de lado, de certa forma até piorando a condição do negro, liberto, pois esta situação foi condicionada pelo preconceito racial e racismo, advindo pelos métodos científicos da época.⁸

Conforme explicou Florestan Fernandes (1978, p.59): “*Sob a aparência da liberdade, herdaram o pior da servidão, que é a do homem que se considera livre, entregue de mãos atadas à ignorância, à miséria, à degradação social*”.

Quanto à ausência de políticas públicas no pós-abolição, os afro-descendentes receberam poucos incentivos de inserção por parte do estado, o que de certa forma contribuiu para a sua “queda demográfica”, anomia e desajuste social.⁹ Antes, constituindo-se na principal força de trabalho, integrado socialmente, sendo considerado, juntamente com a grande lavoura, a base do

⁶ Em 2002, eu e os colegas Alexandre Franco de Melo, Ana Paula Bernardes, Edimilson André Trisoldi, Fabio Galarza Torres, Iolanda Castro, João Batista, Renata Chimango e Ricardo Porte da Fontoura, acadêmicos do Curso de História da FAPA, apresentamos na III Mostra de Iniciação Científica da instituição, o trabalho: Visão de independência do Brasil, segundo a autora Emilia Viotti. Ver Caderno de Resumos III MIC, II MEP e I MEG, 2002, p.63-64.

⁷ Ver LAUREANO, Marisa Antunes. A última vontade: em memória de uma preta forra chamada Rosa Maria. ANAIS da III Jornada de Estudos Afro-Brasileiros - Caderno de Resumos. Porto Alegre: Memorial do RS, 2006, p.17.

⁸ MOURA, Clóvis. As injustiças de Clio - O Negro na historiografia brasileira. Belo Horizonte: Editora Oficina de Livros, 1990, p.141-197.

⁹ Anomia, degradação e desajuste social, são termos utilizados por integrantes da Faculdade de Sociologia da USP. Ver FERNANDES, Florestan. A Integração do Negro na Sociedade de Classes. São Paulo: Ática, 1978. e CARDOSO, Fernando Henrique. Capitalismo e escravidão no Brasil Meridional – O negro na sociedade escravocrata do RS. São Paulo: Paz e Terra, 1991.

sistema escravista (COSTA, 1998, p.271). Agora, o negro, recém livre, desintegrado das novas demandas econômicas, políticas e sociais necessitaria de uma atenção especial por parte de órgãos competentes, fossem eles ligados ao estado, à igreja e até mesmo aos antigos senhores e donos, o que não ocorreu de uma maneira geral, e sim em casos esporádicos e nem sempre satisfatórios.¹⁰

Outra forma de “auxílio”, recebido pelos negros no pós-abolição foi o contrato por prestação de serviços, que servia como forma de manter os laços de submissão entre o alforriado e o seu ex-senhor, que continuava a obter lucro em cima deste indivíduo, conforme pesquisou Moreira (2002, p.254-255) no caso de Boaventura Marques da Silva, de Porto Alegre em 1884.¹¹

Os contratos por prestações de serviços foram formas condicionais de alforria ainda no período escravista, sendo que alteraram pouco a condição do ex-cativo, pois muitos continuaram trabalhando compulsoriamente para os seus donos. A maior preocupação dos escravocratas, no pós-abolição era perder a força de trabalho e o capital empregado na compra dos seus escravos.¹²

Portanto, podemos considerar que a liberdade chegou ao negro “amarrada” em duas questões básicas: a garantia de que os senhores seriam restituídos e que socialmente, através dos contratos, eles fossem controlados.

Com este entendimento, em construção, sobre a história do negro no Brasil e, em especial no nosso Estado, iniciei, em 2002, um estágio remunerado no Memorial do Rio Grande do Sul, instituição vinculada à Secretaria de Estado da Cultura, com a condição de aprender, e preparar-me através de um aprendizado temporário, o desenvolvimento da vivência histórica.

¹⁰ No Rio Grande do Sul, um exemplo de apoio esporádico foi notado na relação estabelecida entre os pais de Carlos Santos e a Igreja Matriz de São Pedro, já que sua mãe tocava órgão nos cultos e missas realizadas pela paróquia. É importante ressaltar que seus pais mantinham laços estreitos com a Igreja Matriz de São Pedro o que marcou profundamente a vida da família. Desse núcleo, houve cinco filhos; Carlos foi o caçula (CLEMENTE, 1994, p.12). Carlos Santos (1904-1989) foi líder sindical, Deputado Estadual, Federal e Governador Interino do RS. Ver GOMES, Arilson dos Santos. Laços de família, laços em sociedade: Carlos Santos e a questão negra, 2008 (Prelo).

¹¹ Boaventura Marques da Silva foi libertada: “Com cláusula de prestação de três anos de serviço: com a condição porém de nos acompanhar, ficar debaixo de nossa guarda e prestar serviço doméstico da casa... reservando o direito de velar pelo seu futuro para que não se entregue à perdição”. Para saber mais ver: MOREIRA, Paulo Roberto Staudt. Os cativos e os Homens de Bem – Experiências Negras no Espaço Urbano – 1858-1888. Porto Alegre: EST, 2003.

¹² Ver BAKOS, Margaret Marchiori. Escravidão e abolição no RS. Porto Alegre: Mercado aberto, 1982.

Na época existiam reuniões constantes, com o grupo de monitores, visando aplicar na prática os conhecimentos que aprendemos na teoria, em nossas universidades, no que diz respeito ao contato com professores, alunos e conteúdos. Composto por acadêmicos e acadêmicas de (IES) Instituições de Ensino Superior das cidades de Porto Alegre, Canoas e São Leopoldo, realizávamos trabalhos com escolas e grupos visitantes do prédio, que foi inaugurado em 1914, como sede central dos Correios e Telégrafos da cidade de Porto Alegre, e que desde 2001 se tornou a Instituição de Estado da Cultura Memorial do Rio Grande do Sul.¹³

Como guia/monitor versávamos sobre a história tradicional¹⁴ dos principais acontecimentos deste Estado, expostos em ordem cronológica no primeiro pavimento da Instituição. Na “Linha do Tempo”, formada por trinta e nove painéis, que utilizávamos para o suporte de informações, situávamos o público interessado sobre as origens da formação do Estado do RS, desde o período mais remoto até a reabertura democrática.

Chamava-me a atenção especial um painel datado de 1884, de título: Escravidão no RS. Questiona-me: Será que somente este episódio poderia significar a contribuição das populações afro-descendentes na História do Rio Grande do Sul? No painel era ovacionada a liderança o pioneirismo deste estado na abolição da escravatura, anterior à abolição oficial, datada de 1888.¹⁵ Mas e o negro, o que ele fez pela sua liberdade neste estado?

Além destas visitas-guiadas, foi solicitado para nós, por intermédio de nossos supervisores, a realização de oficinas e projetos educativos, propostos a partir de nossas

¹³ O prédio dos Correios, construído entre 1910 e 1914, saiu da prancheta do arquiteto alemão Theo Wiedersphan, responsável por várias construções em Porto Alegre no começo do século. Tombado em 1980, o imóvel passou, a partir de 1998, por um criterioso processo de restauração, objetivando preservar suas características originais e adequá-lo para a instalação do Memorial. A idéia da criação de uma instituição que privilegiasse a cultura gaúcha surgiu entre 1995 e 1996, sendo concretizada através de um convênio entre o governo federal e o governo estadual, em setembro de 1996. Ficou acordado, nessa ocasião, que a sede dos Correios e Telégrafos por quase um século, abrigaria um centro histórico sobre a memória rio-grandense. O acordo de cedência do prédio implicaria também a criação de um Museu Postal e uma Agência Filatélica, o que manteria uma estreita vinculação com as suas funções originais. O projeto de restauração foi previamente aprovado pelo IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional). O Memorial do RS fica na Rua Sete de Setembro, nº 1020 – Centro de Porto Alegre/RS. Fonte: <http://www.memorial.rs.gov.br/memorial.htm#topo/> Acesso em 10 de junho de 2008.

¹⁴ Por história tradicional pensamos a história objetiva, sem crítica, tendo no acontecimento e nos ditos “heróis” os grandes responsáveis pelo desenvolvimento da sociedade, pela grandeza da pátria. Ver BOURDÉ Guy e MARTIN, Hervé, *As escolas históricas*. Portugal: Editora Europa-América, 1983, p.97-117.

¹⁵ Ver BAKOS, Margaret Marchiori. *Escravidão e abolição no RS*. Porto Alegre: Mercado aberto, 1982, e MONTI, Verônica A. *O Abolicionismo – sua hora decisiva no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1985.

experiências. Sem hesitar escolhi como tema os negros no Rio Grande do Sul, pois, além de ser um assunto, que eu me familiarizava, era o conteúdo que pretendia aprofundar-me. Também executados simultaneamente, eram realizados os demais projetos pelos monitores: a história do índio no RS e, outro, sobre a arqueologia de Porto Alegre.

Sobre o “Os negros no RS”; acabei fazendo uma oficina, que abordava os seguintes conteúdos: África, escravidão no RS, quilombos, abolicionismo, personalidades negras, música, alimentação, etc., temáticas que demonstravam a influência africana nesse Estado.¹⁶ Com a duração de dois anos, a visita-guiada específica obteve procura constante e boa participação de público.¹⁷

Conforme fui realizando este estágio foi também avançando o recorte cronológico de minhas indagações sobre a participação ativa do negro na história do Rio Grande do Sul e do Brasil.

Através do livro de Márcio Barbosa (1998), intitulado: Frente Negra Brasileira, depoimentos, fiquei encantado ao descobrir que existiu uma *organização negra* competente e estruturada administrativamente, propondo, através de reivindicações político-sociais, pouco tempo após a abolição da escravatura, integração e inserção plena do negro em nosso país, na década de 1930.¹⁸ Mas a minha curiosidade avançou para a seguinte questão: descobrir se esta organização também existiu no Rio Grande do Sul.

As *organizações negras* são núcleos de (re) encontro para a comunidade negra reivindicar a sua inserção social, afastando-a de vez da marginalização, de certa forma, imposta após o dia 13 de maio de 1888. Conforme Singer (1980, p.143) “o negro brasileiro sempre foi um organizador”. Nesse sentido os quilombos, as insurreições, as fugas, etc., podem ser consideradas formas de ordenar esta população, já que eram maneiras pensadas de lutar contra a condição adversa e desumana. Mas as *organizações negras*, a que nos referimos neste trabalho são as de

¹⁶ Este projeto foi apresentado ao público no dia 27 setembro de 2003, por ocasião da III Jornada Estadual de Estudos Afro-Brasileiros, realizada no Memorial do RS. Ver relatório das Jornadas em anexo neste trabalho.

¹⁷ A visita “Os negros no RS” recebeu, entre março de 2004 a maio de 2005, 49 escolas, totalizando um número de 2.076 alunos atendidos, que tiveram a possibilidade de conhecer mais sobre a história do negro neste Estado, através de debates, vídeos, mapas, músicas e interatividade. Fonte: Caderno de agendamentos do Memorial do RS e GOMES, Arilson dos Santos. Ensino sobre a história e cultura negra no Memorial do Rio Grande do Sul, SMED-Canoas. (Prelo).

¹⁸ Ver BARBOSA, Marcio. Frente Negra Brasileira, depoimentos. São Paulo: Quilomboje, 1998.

caráter associativo, político e/ou social como blocos carnavalescos, sociedades de auxílio mútuo e sociedades políticas ou dançantes.

Nesta procura, localizei uma dissertação de mestrado com o seguinte título: Raiou “A Alvorada”: Intelectuais negros e imprensa, Pelotas (1907-1957), pesquisa realizada pelo historiador José Antônio dos Santos (2000) e lendo este trabalho tive conhecimento da Frente Negra Pelotense.¹⁹

A partir destas constatações e da visita-guiada que eu realizava sobre os “Negros no RS”, acabei conhecendo duas pessoas que aguçaram ainda mais as minhas iniciativas no aprofundamento da História do negro nesta região do país, os professores Paulo Roberto Staudt²⁰ Moreira, historiógrafo do Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul. Sempre que ele podia nos falava de suas experiências e de suas pesquisas em arquivos porto-alegrenses sobre parentescos e atitudes do escravo diante da situação do cativo, e Luiz Carlos Amaro Cardoso (1948-2008),²¹ que ao me conhecer apresentou-me um Grupo de Trabalho denominado GT Negros, vinculado à Associação Nacional de História do RS, grupo do qual faço parte até os dias atuais.

No aprofundamento das pesquisas sobre a Frente Negra Brasileira, descobri que a mesma existiu em outras cidades brasileiras com outras configurações e propostas, além do município de Pelotas-RS, mas queria descobrir uma vertente sua em Porto Alegre, algo que as leituras inquietantes e incessantes deveriam, em algum momento, demonstrar-me.²²

¹⁹ Sobre associações e organizações negras na região sul do estado Ver LONER, Beatriz Ana. Classe Operária: Mobilização e Organização em Pelotas: 1888-1937. Tese de Doutorado, UFRGS, 1999.

²⁰ Paulo Roberto Staudt Moreira, mestre e doutor pela UFRGS, historiógrafo do AHRGS, estuda semelhanças e diferenças entre raças, etnias e culturas. Ver MOREIRA, Paulo Roberto Staudt. Os cativos e os Homens de Bem – Experiências Negras no Espaço Urbano – 1858-1888. Porto Alegre: EST, 2003. Agradeço ao Paulo Staudt Moreira pelas motivações acadêmicas.

²¹ Luiz Carlos Amaro Cardoso (1948-2008), poeta, professor, mestre em História pela UFRGS, pesquisava sobre movimentos sociais. Ver AMARO, Uma nova história sindical. Porto Alegre, SCORTECCI, 2002.

²² As Frentes Negras existiram em São Paulo, Sorocaba, Santos, Campinas e Rio de Janeiro. Ver Petrônio José Domingues em A insurgência do Ébano: A História da Frente Negra Brasileira (1931-1937). p.135-156. Em Tietê, Campinas, Ribeirão Preto, Birigui, tinha delegações. Ver BARBOSA, Marcio. Frente Negra Brasileira, depoimentos. São Paulo: Quilomboje, 1998, p.39. Em Salvador Ver BACELAR, Jeferson. A hierarquia das Raças, Negros e Brancos em Salvador. Rio de Janeiro: ED Pallas, 2001, em Pelotas, Ver SANTOS, José Antônio dos. Raiou “A Alvorada”: Intelectuais negros e imprensa, Pelotas (1907-1957) Dissertação, 2000, UFF, e em Pernambuco, Ver SILVA, Fátima Aparecida. O movimento social Frente Negra Pernambucana - 1936-1937-. A história continua. XXIV Simpósio Nacional de História. São Leopoldo, 2007. Também localizamos referências quanto a um núcleo fundado em Minas Gerais; Ver Gomes (2005, p.48) e Luna (1978, p.313), que informa que a Frente Negra Mineira foi fundada em 1935.

Em 2003, como integrante do GT Negros, conheci a historiadora Lúcia Regina Brito Pereira, que assumiu a coordenação do grupo no lugar de Luiz Carlos Amaro Cardoso. Deste período em diante aprofundei ainda mais a minha participação em pesquisas no próprio grupo, e em eventos sobre a temática afro-brasileira e afro-gaúcha, que eu passei a participar e que passamos a organizar no Memorial do RS.²³

Realizando debates e encontros, que tinham por intuito motivar professores, pesquisadores, educadores e interessados sobre as propostas e a aplicabilidade da Lei 10.639/03, lei federal sancionada no dia 09 de janeiro de 2003²⁴, continuavam meus estudos sobre o tema, com muito afeto.

No mesmo ano terminei meu estágio como monitor no Memorial, mas minha estada na instituição continuava, agora na função de Assistente de Produção, o que me manteve próximo às atividades culturais e históricas do Rio Grande do Sul e do negro neste Estado.

Através deste cargo tive a possibilidade e a condição de organizar mais ativamente eventos, em torno das questões afro-descendentes e de construir um projeto de pesquisa para concorrer ao mestrado, que ingressara no segundo semestre de 2006.

Continuando com as leituras sobre as *organizações negras*, tendo por intenção localizar indícios da Frente Negra, agora em Porto Alegre, tomei conhecimento de uma Sociedade fundada em 1872, denominada de Sociedade Benficiente Floresta Aurora. Em um primeiro momento senti que esta organização negra porto-alegrense se aproximava da Frente Negra de São Paulo e de Pelotas, pois percebi que ela no final do século XIX e início do século XX, já apontava propostas de integração do negro na sociedade porto-alegrense e brasileira.²⁵

²³ De 2003 até o momento participei da Comissão Organizadora dos seguintes eventos: I, II, III, IV e V Jornada de Estudos Afro-Brasileiros e da organização de cinco Seminários Debates sobre a questão negra em evidência, além de inúmeros eventos sobre a História e a Cultura do RS.

²⁴ A Lei 10.639/03 foi sancionada em 9 de janeiro de 2003. Essa lei torna obrigatório, nos estabelecimentos de ensinos fundamental e médio, oficiais e particulares o ensino sobre a História e Cultura Afro-Brasileiras, contemplando o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, valorizando a participação do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil. Ver Educação anti-racista: caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/03, Brasília: SECAD, 2005, p.7.

²⁵ “Monteiro Lopes, eleito em 1909, deputado para a Assembléia do Rio de Janeiro, havia sido impedido de receber seu diploma em função da cor da pele. Tão logo a notícia circulou pelo país, os negros organizados em estados como o Rio Grande do Sul, São Paulo e Rio de Janeiro, deram início a uma intensa campanha para efetivar sua

Conforme Muller (1999, p.14), esta organização negra e outras que atuavam socialmente, surgiram em Porto Alegre após a criação da Irmandade do Rosário, fundada em 1786. Para a autora, “a partir dela é que se criou na cidade um espaço burocrático e simbólico, podendo este grupo criar uma “comunidade de destino” ou comunidade emocional”.²⁶ Com o passar do tempo surgiu a preocupação sobre a defesa de seus interesses e a busca pela ascensão social.

Pesquisando sobre esta sociedade, tive a sorte de conhecer um senhor chamado José Domingos Alves da Silveira²⁷, que tinha em sua residência um acervo de recorte de jornais contendo muitos dados sobre o Negro no RS. Através de sua coleção, tive conhecimento do **Primeiro Congresso Nacional do Negro** realizado em Porto Alegre no ano de 1958, sob organização da Sociedade Beneficente Floresta Aurora.

A Partir das fontes impressas localizadas na residência do Seu José, iniciei as pesquisas nos acervos do Museu de Comunicação Social Hipólito José de Costa e Centro de Pesquisas Correio do Povo, para localizar matérias jornalísticas sobre o encontro do no ano de 1958.²⁸ Nelas, localizei imagens, programações e participantes do congresso, que me demonstravam aspectos semelhantes entre os representantes da Sociedade Beneficente Floresta Aurora com os intelectuais negros que tive conhecimento através das imagens da Frente Negra Brasileira.

Nesse sentido, me surgiu a seguinte indagação: o que estas duas organizações negras poderiam ter em comum? Como as suas reivindicações poderiam ser tão parecidas se uma era de São Paulo e a outra de Porto Alegre? Existiu na Sociedade Beneficente Floresta Aurora alguém que também foi membro da FNB? Quais as semelhanças e diferenças entre as suas propostas? A

diplomação. Alcançado o objetivo, Monteiro Lopes visitou Porto Alegre no ano seguinte, sendo recebido com festa, especialmente na Sociedade Floresta Aurora”. (MÜLLER, 1999, p.130). A historiadora Lúcia Regina Brito Pereira complementa esses dados informando que a Sociedade Cultural Floresta Aurora foi criada em 1872, com o objetivo de gerar pecúlio para custear as despesas de enterros de escravizados e libertos. (PEREIRA, 2008, p.125).

²⁶ Conforme Maffesoli. Entre outras considerações, explica o autor que “o costume, nesse sentido, é o não-dito, o ‘resíduo’ que fundamenta o estar junto”. Maffesoli propõe chamar isso de centralidade subterrânea ou potência social em oposição ao poder oficial. (MALFFESOLI *apud* MÜLLER, 1999, p.14-15. (rodapé).

²⁷ Ver PEREIRA, Lúcia Regina Brito. Estratégias Negras e Educação. Porto Alegre: VI Congresso Internacional de Estudos Ibero-Americanos – PUCRS,2006 e sua Tese de Doutorado, intitulada: Cultura e Afro-descendência: organizações negras e suas estratégias educacionais em Porto Alegre (1872-2002), 2008.

²⁸ Os jornais localizados são: A Hora, Porto Alegre, setembro de 1958, Correio do Povo, Porto Alegre, setembro de 1958, Folha da Tarde, Porto Alegre, setembro de 1958 e Revista do Globo número 727, outubro de 1958, p.58.

Frente Negra Brasileira existiu em muitas regiões do Brasil; e a SBFA, em quais as regiões brasileiras que ela existiu?

A FNB tinha como propósitos reivindicar melhorias em torno dos problemas enfrentados pela comunidade negra nos anos trinta.²⁹ Neste sentido tínhamos indícios dos caminhos a trilhar para procurar entendê-la, pois havia localizado, além de seus estatutos, uma razoável bibliografia sobre as suas atividades em São Paulo.³⁰ Mas quanto as suas atividades em outras partes do Brasil, notamos que as informações ainda são escassas.

E quais eram os seus estatutos da Sociedade Floresta Aurora? Como ela funcionava e quando passou a existir? Descobri a sua atuação e a sua importância para a comunidade negra porto-alegrense devido à leitura da dissertação de mestrado da historiadora Liane Muller, e também, através de pesquisas em documentos localizados no acervo desta organização, localizada, atualmente, na Av. Coronel Marcos nº527.

Em atas encontramos informações escritas sobre as reuniões realizadas entre os seus membros desde a sua fundação, além de dados sobre o **Primeiro Congresso Nacional do Negro**.³¹ Surgiu-me a seguinte questão: Aonde estas duas organizações negras, a FNB e a SBFA, poderiam se relacionar através de suas ações em prol da comunidade negra? Em que elas poderiam ser próximas? Será que ambas poderiam defender um projeto de inserção da comunidade negra em nível nacional? Foram muitos os questionamentos e as dúvidas que nos envolveram tendo estas organizações como objeto.

²⁹ Ver estatutos completos em: BARBOSA, Marcio. Frente Negra Brasileira, depoimentos. São Paulo: Quilomboje, 1998, p.110-111.

³⁰ Ver Florestan F.(1978) Integração do Negro na Sociedade de Classes, Luis Luna (1978), O Negro na luta contra a escravidão, Roger Bastide (1979) em Brasil, Terra de Contrastes e Brancos e Negros em São Paulo (1959), Paul Singer (1980), São Paulo: o povo em movimento, Clóvis Moura (1992) História do Negro Brasileiro e Dialética Radical do Brasil Negro (1994), Márcio Barbosa (1998) em Frente Negra Brasileira, depoimentos, Beatriz Ana Loner (1999) em Classe Operária: Mobilização e Organização em Pelotas: 1888-1937, José Antônio dos Santos (2000) em Raiou “A Alvorada”: Intelectuais negros e imprensa, Pelotas (1907-1957), Jéferson Bacelar (2001), A hierarquia das Raças, Negros e Brancos em Salvador, Laiana Lannes (2002) em “A Frente Negra Brasileira: Política e Questão Racial nos anos 1930”, Kabengele Munanga (2004), Rediscutindo a mestiçagem no Brasil – identidade nacional *versus* identidade negra, Flávio Gomes (2005) em Negros e Política (1888-1937), Petrônio José Domingues (2005) em A insurgência do Ébano: A História da Frente Negra Brasileira (1931-1937), e Pe. Gedeon José de Oliveira (2006): A resistência de ébano: Uma abordagem da Frente Negra Brasileira a partir do simbólico (1930).

³¹ As atas pesquisadas foram as de número 234 a 262, de janeiro a outubro de 1958.

Para construir elos, entre estas duas organizações negras, escolhemos em um primeiro momento de nossa análise, identificar como eram as suas formas de ação, em um segundo, como elas conseguiriam difundir, em nível nacional, as suas idéias para que as populações negras fossem contempladas e atingidas por seus projetos, que visavam à inserção e integração, plena, do negro em nossa sociedade.

A partir disto identificamos que a Frente Negra Brasileira teve inúmeras organizações espalhadas pelo país, o que nos possibilitou, através de uma revisão bibliográfica, seguirmos os seus passos, com isso entendendo melhor os seus desdobramentos e ações. Mas como identificar a difusão dos interesses da Sociedade Beneficente Floresta Aurora se ela existiu somente em Porto Alegre, capital do Rio Grande do Sul? Com esta indagação, localizamos um encontro que poderia levar as idéias desta organização para o restante do país, este local era o Primeiro Congresso Nacional do Negro, realizado em 1958.

Pensamos da seguinte forma nossa hipótese quanto ao “movimento das idéias” sobre a temática negra, pois para as mesmas se deslocarem entre as regiões brasileiras necessitavam, obrigatoriamente, de pessoas envolvidas com a questão.

Portanto, em um primeiro momento, *cabos distritais*³² arregimentavam filiados para os quadros da **Frente Negra** nos bairros da cidade de São Paulo. Em um segundo momento, os *delegados em trânsito*³³ fundavam núcleos da organização em cidades portuárias pelo Brasil e em num terceiro, estas idéias passam a se movimentar através das *delegações e de participantes* de outros estados brasileiros, que viajaram pelo país para participar dos *congressos nacionais* sobre a temática negra, o que de certa forma coloca essas pessoas, como *cabos distritais dos encontros*, pois as mesmas levam seus estudos e pesquisas para apresentar nesses eventos, e trazem

³² “A FNB inovaria com o mecanismo de cabos para arrecadar sócios e recursos”. GOMES, Flavio dos Santos. Negro e Política (1888-1937). Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, 2005, p.48.

³³ Notamos estas viagens através do discurso de fundação da FNB em Salvador no ano de 1932, sendo que naquela ocasião o seu líder, Marcos Rodrigues dos Santos disse, que: “gostava de ensinar a ler aos que não sabiam, chegando a reger a Escola noturna da Sociedade de São Vicente (...) fui alfabetizar em Segueiro do Espinho, Verruga, Encruzilhada, ahi (sic) iniciei a minha vida de judeu errante viajando para o norte de minas, sempre pregando contra o analfabetismo (...) fui para Santos, lecionando no mosteiro de São Bento. Ahi fundei a Frente Negra, conseguindo alistar quatro mil negros...”. Diário da Bahia, 16/11/1932 *apud* Bacelar, 2001, p.146. Em outra leitura identificamos que Simeão M. da Silva, pelotense, foi convidado para ser “delegado em trânsito” da FNB em Santos, no ano de 1932, viajando a bordo do cargueiro Mantiqueira. Segundo José Antônio dos Santos, como Simeão viajava regularmente pelos portos brasileiros, poderia representar a FNB em outras cidades do país. Ver SANTOS, José Antônio dos. Raiou “A Alvorada”: Intelectuais negros e imprensa, Pelotas (1907-1957) Dissertação, 2000, p.132.

informações sobre os temas que estiveram em pauta para os seus estados e cidades de origem, o que serve como formas de dar continuidade à difusão das idéias apresentadas nesses locais. Algo que retomaremos mais adiante e que incide no que denominamos de “idéias em movimento”.

Nesse sentido, nos pareceu fundamental narrar a sua existência para “movimentar” a nossa dissertação em conjunto com a nossa proposta, que é a de entender os Congressos como “oásis” de reflexão e de descanso dos debates em torno da temática negra e afro-brasileira, sem esquecê-los enquanto *lugares sociais*³⁴, que, além de seus participantes terem produzido materiais escritos, foram delineados os interesses de grupos sociais sobre a situação cultural, política e social da identidade negra.

Identificamos no deslocamento dos homens vinculados à Frente Negra Brasileira, e na sua difusão de idéias entre as regiões brasileiras, como um *movimento fretenegrino* e denominamos os locais que estas pessoas se reuniam, bem como os congressos, de “Oásis”. Ou seja: esse “oásis” que estamos fazendo referência somente passou a existir em decorrência dos esforços e perseverança dos homens que lutaram por um mundo melhor. Reconhecemos nessa dissertação, como “desertos” o racismo, preconceito e as discriminações sofridas por qualquer ser humano, neste caso, conforme citado anteriormente, mazelas que atingem diretamente a população negra.

A metáfora de oásis e deserto foi pensada a partir da leitura de Arendt (2006), que utiliza esses termos para refletir a condição humana que é mantida através desses desafios, segundo a autora: “... o deserto é o mundo sob cujas condições nós nos movemos... dependendo da situação, talvez seja necessária a capacidade de sofrer, a virtude de suportar ou a coragem para agir. Em termos genéticos, que a esperança repouse sobre aqueles que vivem apaixonadamente sob as condições do deserto e que podem agir com coragem: pois, o que eles fazem, é político”. (ARENDR, H, 2006, p.183).

A formação das **Frentes Negras** e a realização dos Congressos tiveram como principais características proporem “oásis” para os negros brasileiros combaterem o racismo, preconceito e as discriminações em todas as cidades que elas existiram, em um momento ‘tumultuado’ e de transição das estruturas de nosso país, que saíra de um modelo econômico e político tradicional para outro pensado como moderno.

³⁴ Ver CERTEAU, Michel De. A Escrita da História. Rio de Janeiro: Ed. Forense Universitária, 2006.

Convém informar como percebemos os *lugares sociais* que estamos dissertando, sejam eles uma organização negra ou um Congresso. Entendemos estes locais como espaços *políticos*, acontecimentos propícios para que seus organizadores e participantes procurem entender e agir, através das pesquisas e das propostas efetuadas a sociedade em que viviam, para com isso tentar interpretá-la e conseqüentemente melhorá-la. Seja buscando respostas nos aspectos culturais para formar uma nação; ou seja: procurando aprofundar os conhecimentos dos problemas enfrentados cotidianamente pelos negros no período, com isso visando atenuar o preconceito e os problemas sociais que sofria este grupo.

Sobre a **Frente Negra Brasileira** pensamos que, para analisá-la, bem como para mensurar a sua importância para as populações negras, devemos contextualizar sua existência nas diversas cidades, evitando com isso cair no erro - freqüentemente repetido pelos sociólogos da USP -,³⁵ que, ao examinarem o movimento específico de São Paulo, levaram em conta somente aquele núcleo em sua profundidade, mas sem aprofundar o contexto político e social vivenciado pelo *movimento fretenegrino*, através de outras vertentes espalhadas por outros Estados brasileiros. Portanto, ao se pesquisar esta organização, devemos entendê-la como um *movimento fretenegrino*, pois concordamos com Flávio dos Santos Gomes (2005, p.55) ao dizer que: “para se analisar a FNB temos que pensar em seus desdobramentos que foram diversos, ganhando perfis e configurações particulares”. Ou seja: devemos pensá-la através de um “movimento de idéias”.

Para analisar a formação dos oásis, como o **Primeiro Congresso Nacional do Negro**, devemos historicizar os *encontros de caráter nacional*³⁶, que ocorreram antes dele em nosso

³⁵ Entre os anos de 1950 e 1980, sociólogos como Florestan Fernandes e Roger Bastide contribuíram muito em suas pesquisas no que tange à formação e à organização dos Movimentos Negros paulistas e principalmente sobre o que conhecemos da Frente Negra Brasileira. No entanto, seus aprofundamentos, devem ser entendidos como pesquisas realizadas sobre o núcleo paulista, que embora representasse em seus estatutos os negros brasileiros, ela era somente de São Paulo e interior. Existiram vertentes da Frente Negra, em outros Estados, com ideologias políticas completamente diferentes, embora todas elas primassem pela elevação social do negro na década de 30, conforme veremos no Primeiro Capítulo desta dissertação. Por isso denominamos as Frentes Negras como um “*movimento fretenegrino*”, tendo sua origem em São Paulo, mas levando em consideração os seus desdobramentos em outras regiões brasileiras.

³⁶ Denominamos de encontro de *caráter nacional* os congressos realizados entre 1934 e 1958 nas cidades do Recife, Salvador, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre, que trataram especificamente da temática afro-brasileira e negra. Em suas atividades sempre foram localizados participantes de outros estados brasileiros e até de outros países sul-americanos e norte-americanos. Agora, o importante é identificar que fora o Estado, sede do encontro, em todas essas

país, uma vez que foram estes locais que motivaram as questões culturais, sociais e políticas sobre a temática negra. Ou seja, nestes “oásis” as idéias continuam movimentando-se, entretanto, se antes as propostas encontravam campo fértil para se concretizar em determinada região do país, tendo como vanguarda a **Frente Negra**, através de seus homens ou de sua imprensa, agora os intelectuais envolvidos em torno destas temáticas passam a propor e a organizar, em um lugar fixo, os Congressos para que outras pessoas tragam consigo suas mais diversas experiências e contribuições, sejam elas de maneira escrita ou oral, com isso contribuindo para o entendimento da identidade negra em nossa sociedade, o que acompanharemos nas próximas páginas de nosso trabalho.

Para ter o entendimento mais profundo deste oásis organizado e proposto pela Sociedade Beneficente Floresta Aurora, construindo um elo entre a sua proposta e à da FNB, será necessário conhecermos os outros Congressos, realizados em nosso país, com isso tentando desvendar se existiram, em suas formações, pessoas que participaram desta organização. Nesse sentido analisaremos, também: o **Primeiro Congresso Afro-Brasileiro**, realizado em Pernambuco, na cidade do Recife no ano de 1934, o **Segundo Congresso Afro-Brasileiro**, ocorrido na Bahia, em Salvador, em 1937, as **Convenções Nacionais do Negro**, com sede em São Paulo, capital, no ano de 1945 e no Rio de Janeiro, em 1946, a **Conferência Nacional do Negro**, acontecido no Rio de Janeiro em 1949 e o **Primeiro Congresso do Negro**, também sediado no Rio de Janeiro em meados de 1950.

O **Primeiro Congresso Nacional do Negro**, de 1958, cuja criação descortinaremos foi organizado, através da **Sociedade Beneficente Floresta Aurora**, sob a liderança de Valter Santos, ocorreu no estado do Rio Grande do Sul, no município de Porto Alegre. Notaremos que o termo “nacional”, além de ser o diferenciador da nomenclatura entre este congresso e o realizada oito anos antes no Rio de Janeiro, denota ainda uma transformação importante nos interesses de seus organizadores, já que existiu uma forte influência do Partido Trabalhista Brasileiro, em sua organização.³⁷

atividades foram constatadas as presenças de participantes e delegações de mais de dois estados brasileiros, o que evidencia e justifica a utilização desse termo.

³⁷ Sobre a organização do Primeiro Congresso Nacional do Negro de Porto Alegre encontramos, através das pesquisas realizadas em Atas de reuniões da SBFA e em consultas em periódicos do período, nomes como o de Leonel Brizola, Armando Temperani Pereira, J.P Coelho de Souza, todos políticos tradicionais vinculados ao PTB.

Chamamos a atenção quanto à relação intrínseca entre os locais em que existia o *movimento frentenegrino* e os estados onde foram realizados os *encontros de caráter nacional* sobre esta temática. Ou seja: no Estado de Pernambuco, Bahia, São Paulo e Rio Grande do Sul, existiram núcleos da **Frente Negra**, porém, o mais interessante é que se antes as idéias viajavam de São Paulo para o Sul e depois para o norte e nordeste brasileiro por ocasião *deste movimento social*, agora, por realização dos *congressos*, o movimento é justamente o inverso, pois os “oásis” surgem no nordeste, passam pelo sudeste e, por se tratar da proposta de nosso trabalho, que tem um marco cronológico de 1931 até 1958, chegam ao Sul do país, mais precisamente na cidade de Porto Alegre. O que entendemos como um incessante *movimento* de idéias e pessoas por praticamente todo o território nacional, terá sido essa marcha de idéias mera coincidência?

A partir deste momento acreditamos que a Sociedade Floresta Aurora, em nossa análise, à luz do pensamento de Gramsci, tornou-se um *partido orgânico* aos moldes da Frente Negra Brasileira, pois passa a representar os interesses de seu grupo social, o que veio resultar na busca de um consentimento com outros grupos, visando os seus interesses e o de seus pares.³⁸

Propomos debater, nesta pesquisa, a questão do “branqueamento”, já que notamos este item como ideologia assim como a “democracia racial”, criada pelos *intelectuais tradicionais*, e assim como a da “negritude” criada pelos *intelectuais orgânicos negros*.³⁹

Neste sentido, a presente pesquisa visa aprofundar, em um primeiro momento, como aconteceu a participação ativa de intelectuais tradicionais e intelectuais orgânicos negros⁴⁰ identificados com a temática afro-brasileira e negra desde 1931, ano de fundação da Frente Negra

³⁸ Um Partido orgânico faz abstração da ação política imediata: constituído por uma elite de homens de cultura, que tem a função de dirigir do ponto de vista da cultura as massas. Ver GRAMSCI, 1980, p.23. A Frente Negra Brasileira se tornou de fato um Partido Negro, fundado em 1934 e extinto em 1937, por ocasião do Estado Novo. Ver Para GOMES, Flavio dos Santos, Negros e Política (1888-1937), Rio de Janeiro: ZAHAR, 2005, p.63-67 e Ver BARBOSA, Marcio. Frente Negra Brasileira, depoimentos. São Paulo: Quilomboje, 1998, p.58-60.

³⁹ A ideologia do “Branqueamento” foi formulada primeiramente pelos pesquisadores da USP da década de 1950 e ainda hoje é utilizada. Simplesmente ao fazer uso deste conceito, estudiosos das relações raciais acreditam que o negro ao ascender perde os seus valores como negro. Kabengele Munanga aponta para a ambigüidade formada pela cor/classe social e enfatiza que o embranquecimento foi estratégia utilizada pelos grupos negros para ascender socialmente. (MUNANGA, 2004 p.105).

⁴⁰ Ver GRAMSCI, A. Os intelectuais e a organização da cultura. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1995. Sobre intelectuais orgânicos negros, ver SANTOS, José Antônio dos. Raiou “A Alvorada”: Intelectuais negros e imprensa, Pelotas (1907-1957), 2000.

Brasileira na cidade de São Paulo até 1958, ano de realização do Primeiro Congresso Nacional do Negro organizado pela SBFA, ocorrido na cidade de Porto Alegre, Rio Grande do Sul enfocando os seus interesses e as suas propostas na formação destes oásis. No segundo momento, como estas idéias se movimentaram pelo Brasil difundindo as questões culturais⁴¹, sociais⁴² e políticas⁴³ sobre a participação da comunidade negra na história brasileira, e em um terceiro momento, como estas questões foram sendo gradativamente localizadas em Congressos nacionais em torno do tema, bem como se estes locais delinearam de fato um rumo satisfatório à conscientização da comunidade negra no que tange as suas necessidades culturais, sociais e políticas, entre 1931 e 1958.

No intuito de respondermos estas questões, utilizaremos as seguintes fontes: Jornais Correio do Povo, Folha da Tarde, A Hora, Diário da Manhã e Revista do Globo, periódicos impressos, que circularam na cidade de Porto Alegre e do país entre setembro e outubro de 1958, localizados no Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa e no acervo particular do Sr. José Domingos Alves da Silveira, atas de reuniões e correspondências localizadas no acervo da Sociedade Beneficente Floresta Aurora, entrevistas realizadas com pessoas que conviveram em organizações negras de Porto Alegre na década de 1950, ANAIS da Assembléia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul, Diário Oficial do Estado do RS, ambos localizados na Biblioteca da Assembléia Legislativa do Estado, além de bibliografia adequada.

Apresentaremos em nosso trabalho três capítulos. No primeiro capítulo, evidenciaremos a importância da **Frente Negra Brasileira** para a compreensão da *movimentação* de homens e idéias pelo país, que versavam sobre a temática negra e afro-brasileira.

⁴¹ HALL, Stuart. Da Diáspora: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: UFMG, 2003, p.332. “o terreno das práticas, representações, linguagens e costumes concretos de qualquer sociedade historicamente específica. Também inclui formas contraditórias do ‘senso comum’ que se enraízam e ajudam a moldar a vida popular”.

⁴² SANTOS, Boa Ventura de Souza. Pela Mão de Alice. O social e o político na pós-modernidade. São Paulo: Cortez Editora, 2001, p.126. “o *espaço de cidadania* que é constituído pelas relações sociais da esfera pública entre cidadãos e o Estado. “Nesse contexto, a unidade da prática social é o indivíduo, a forma institucional é o Estado, o mecanismo de poder e dominação é a forma de juridicidade é o direito territorial e o direito oficial estatal, o único existente para a dogmática jurídica”.

⁴³ ARENDT, Hannah. O que é política? Fragmentos das obras Póstumas Compilados por Ursula Ludz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006, p.21-22. “A política baseia-se na pluralidade de homens e trata da convivência entre diferentes (...) manifesta-se na vida privada, em costumes e convenções; e na vida pública em leis, constituições e estatutos”. Será dada ênfase também sobre o contato político partidário no que tange às relações entre políticos ou partidos políticos e os organizadores dos congressos e representantes das organizações negras.

No segundo capítulo demonstraremos os *congressos de caráter nacional*, como *lugares sociais* que motivaram, através da presença do público interessado, a temática afro-brasileira e negra.

No terceiro, e último capítulo, analisaremos o **Primeiro Congresso Nacional do Negro** realizado na cidade de Porto Alegre no ano de 1958, bem como e a participação de partidos políticos, das Sociedades Negras neste encontro, e questionaremos, também, como foi possível o estabelecimento de uma relação social entre a comunidade negra, representada neste evento pela Sociedade Beneficente Floresta Aurora, e a imprensa porto-alegrense.

CAPÍTULO – I

PONTO DE PARTIDA: A FRENTE NEGRA BRASILEIRA

Este capítulo visa demonstrar a importância da **Frente Negra Brasileira** para a compreensão da *movimentação* de homens e idéias pelo país, que versaram sobre a temática negra e afro-brasileira, dando sentido ao que denominamos de “idéias em movimento”. Propomos identificar, em um primeiro momento, o deslocamento destes pensamentos tendo por suporte os intelectuais ligados aos seus quadros e que viajaram pelo país na intenção de arregimentar simpatizantes e divulgar a organização, e em um segundo momento demonstrar a difusão destes projetos, que buscavam a inserção social das populações negras, através da mídia impressa, que era produzida por eles e que circulava nas diversas regiões do país.⁴⁴

A **Frente Negra**, embora tenha características diferentes de um Congresso propriamente dito, pois mantinha uma relação dinâmica com a sociedade brasileira, existindo simultaneamente em várias cidades, merece atenção especial em nossa análise, pois representou, como *movimento social* e organização negra, o embrião político-social de unidade para uma comunidade negra, fragmentada, carente de recursos materiais e de “direção” no pós-abolição, o que poderia levá-la à marginalização, propriamente dita, em nosso país, neste período.⁴⁵

Esse *movimento* foi importante para a organização da população negra principalmente, através de personalidades como Miguel Barros, Solano Trindade (1908-1974) e Abdias do Nascimento, cuja participação foi direta e fundamental nos Congressos afro-brasileiros e negros outrora realizados.

Durante esses vinte e sete anos (1931-1958), período em que surge a **FNB**, na cidade de São Paulo, e que culmina com a realização do **Primeiro Congresso Nacional do Negro**, na cidade de Porto Alegre, ocorreram sete Congressos que motivaram os estudos *culturais*, discussões sobre as questões *sociais* e os assuntos de cunho *político* sobre o negro em nosso país.

⁴⁴ Neste sentido, logo concordamos com Gramsci, que explicou que as idéias se movimentam tendo como suporte uma organização ou locais específicos para o seu desenvolvimento, sejam estas instituições culturais, políticas, educacionais e religiosas, os intelectuais são os agentes principais da difusão de suas ideologias. (GRAMSCI, 2004, p.331).

⁴⁵ Enfatizamos que antes da Frente Negra existiram outras formas de resistências negras, mas ao analisarmos esta organização queremos demonstrar uma organização de postura política e social que repercutiu em nível nacional, demonstrando relacionamentos estratégicos de grupos negros organizados com os poderes públicos constituídos.

Nesses encontros sediados nos municípios do Recife, Salvador, São Paulo, Rio de Janeiro e Porto Alegre, os aspectos *culturais*⁴⁶, *políticos*⁴⁷ e *sociais*⁴⁸ foram inseridos, gradualmente, como temática, os assuntos afro-brasileiros-negros.

Salientamos que esses aspectos são identificados nesses eventos de maneira dinâmica, sendo que, em determinados momentos, algum dos três ficou mais em destaque.

Pensamos como insuficiente deixar de perceber, para uma análise mais coerente de nossa parte, que esses encontros carregavam, no momento de suas realizações, ingredientes culturais, políticos e sociais, independente de seus organizadores serem pesquisadores acadêmicos ou militantes da causa negra⁴⁹, situação que entenderemos melhor no desenvolvimento de nossa dissertação.

Durante o período examinado, entre as realizações dos Congressos, evidenciou-se a presença de intelectuais que tiveram a sua participação registrada em mais de um encontro, o que demonstra a troca de conhecimentos entre os pesquisadores dessa temática em praticamente todas as regiões brasileiras. Foram realizadas sete atividades denominadas por nós de *encontros de caráter nacional*.⁵⁰

Serão objetos de análise neste primeiro capítulo a **Frente Negra Brasileira** com origem em São Paulo, no ano de 1931 e seus desdobramentos nos estados da Bahia, Rio Grande do Sul e Pernambuco.

⁴⁶ Ibidem, 2003, p.332.

⁴⁷ Ibidem, 2006, p.21-22.

⁴⁸ Ibidem, 2001, p.126.

⁴⁹ Pessoas que carregam o interesse sobre o assunto, independentemente de sua formação. É a doxa: termo grego que significa “crença”, “opinião”. Ensina Agnes Heller (Heller, 1983), que somente valores não particulares, ou seja, valores que foram universalizados devem coexistir com o conhecimento verdadeiro, sem comprometer sua cientificidade, caso contrário esse tipo de saber ainda se encontra no âmbito da opinião (dóxa).

⁵⁰ Ibidem rodapé nº36.

1.2 OÁSIS E DESERTOS: INTERESSES E REGISTROS

Antes de analisarmos as Frentes Negras e os Congressos realizados, convêm demonstrar como entendemos a representação dos espaços físicos onde foram feitas essas atividades, já que os consideramos referenciais para a sociedade brasileira no momento de seus acontecimentos, independente do grupo étnico e social que propôs os Congressos, pois acreditamos que o que deve ser pensado, em última instância, é a contribuição que cada um deles acrescentou para a existência pacífica, mas logicamente sem perfeições, e mais interpretável, para a formação de nosso país ao longo de nossa história contemporânea. Tratamos, neste caso específico, dos Congressos que tiveram como temática a identidade do grupo negro culturalmente, socialmente e politicamente constituído.

Metaforicamente, intitulamos os espaços físicos de realização dessas atividades de “oásis”, pois neles ocorreram momentos de “cultivo”, “descanso” e reflexão das idéias em torno da temática afro-brasileira e negra, em períodos tumultuados de nosso país.

Em contrapartida, reconhecemos que existem os “desertos” nas relações humanas, principalmente na sociedade brasileira, cujo principal desafio consiste em tratar igualmente e respeitando as diferenças culturais, políticas e sociais na teoria e principalmente na prática, de negros e brancos, pobres e ricos, homens e mulheres, o que acreditamos ser um desafio em uma estrutura concebida por séculos na escravidão, má distribuição de renda e intolerâncias diversas. Ou seja: esse “oásis” que estamos fazendo referência, somente passou a existir em decorrência dos esforços e perseveranças dos homens que lutaram por um mundo melhor. Nesse sentido identificamos nessa dissertação, como “desertos” o racismo, preconceito e as discriminações sofridas por qualquer ser humano, neste caso, conforme citado anteriormente, mazelas que atingem diretamente a população negra.

Mas o que seriam dos “oásis” sem os “desertos” em se tratando dos assuntos humanos? Como teríamos parâmetros comparativos se passarmos despercebidos pelas dificuldades do “deserto” como sentir calor excessivo, sede, fome e no terreno social, político e cultural convivemos com agressões, racismos, violências e intolerâncias sem nos importarmos uns com os outros? Certamente acreditamos que são corajosos os que agem nessas condições, pois é a

partir dessas dificuldades que se formaram estes “oásis”, e conforme Arendt (2006, p.183) se faz política.⁵¹

Nesse sentido, pretendemos também demonstrar como esses encontros/oásis se tornaram marcos referenciais para nosso estudo sobre temas referentes às questões negras, no momento de suas respectivas realizações para a sociedade brasileira.

Na intenção de apontar algumas “balizas” norteadoras da narrativa nesse momento, serão levantados questionamentos para respondermos e, conseqüentemente, localizarmos informações de como foram se desenvolvendo os grandes encontros sobre as questões negras, de caráter nacional em nosso país, entre 1931 e 1958.

Portanto, perguntamos em um primeiro momento: qual a influência da **Frente Negra** para o entendimento das atividades de caráter nacional sobre o negro em nosso país no período proposto? Quais os principais congressos que ocorreram no Brasil entre 1934 e 1958?

A fusão de questionamentos entre a importância da **Frente Negra** e os Congressos são “frutos” ocorridos perante uma situação historicamente constituída; já que seria impossível, em nosso entendimento, pensar e analisar a temática afro-brasileira e negra, em nível nacional, em seus aspectos históricos, sem mencionar uma organização que existiu nas principais regiões do Brasil e que teve participação direta nos Congressos realizados.

No intuito de responder tais questionamentos, serão utilizados para fundamentar a nossa análise os conceitos de *lugar social*⁵², *política*⁵³ e *democracia racial*⁵⁴, o que propiciará um

⁵¹ A metáfora de oásis e deserto foi pensada a partir da leitura de Hanna ARENDT, pois a autora utiliza esses termos para refletir a condição humana que é mantida através desses desafios, segundo a autora: “...o deserto é o mundo sob cujas condições nós nos movemos...dependendo da situação, talvez sejam necessárias a capacidade de sofrer, a virtude do suportar ou a coragem para agir. Em termos genéticos, que a esperança repouse sobre aqueles que vivem apaixonadamente sob as condições do deserto e que podem agir com coragem: pois o que eles fazem, é político”. ARENDT, H, 2006, p.183.

⁵² CERTEAU, Michel De. A Escrita da História. Rio de Janeiro: Ed. Forense Universitária, 2006. O que denominaremos por *lugar social* nessa dissertação são as organizações negras de caráter nacional e os congressos, encontros e convenções nacionais, ocorridas no Brasil entre 1931 e 1958. Os *lugares Sociais* específicos são: As Frentes Negras paulista, baiana, pelotense e pernambucana, o Primeiro Congresso Afro-Brasileiro, Segundo Afro-Brasileiro, Teatro Experimental do Negro, União dos Homens de Cor, Primeira e Segunda Convenções do Negro, Primeiro Congresso do Negro, Teatro Popular Brasileiro e Primeiro Congresso Nacional do Negro e Sociedade Beneficente Floresta Aurora.

⁵³ ARENDT, H. O que é política? Fragmentos das obras Póstumas Compilados por Ursula Ludz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

melhor entendimento teórico de nosso objeto, restrito às iniciativas e propostas efetuadas durante essas reuniões, além de uma bibliografia pertinente que nos permita elucidar e compreender a organização e desenvolvimento destes encontros.

Outros dois conceitos importantes para o desenvolvimento de nossa narrativa serão os de *intelectuais tradicionais e intelectuais orgânicos*.⁵⁵ A necessidade de suas utilizações incide em um motivo pontual, que é a abordagem teórica da organização desses congressos, pois, para entendermos as motivações que engendraram as suas realizações, devemos conhecer quem foram os proponentes dessas atividades, como os dirigentes e idealizadores, buscando uma aproximação interpretativa e compreensiva de como os mesmos pensavam.

Nesse momento, é importante mencionar os Congressos que ocorreram em nosso país e contribuíram, através da produção de teses, debates *culturais, políticos e sociais*, para a história da comunidade negra. Os espaços físicos, utilizados para tais atividades, serão denominados por nós de *lugar social*. Conforme Certeau:

Toda pesquisa historiográfica se articula com um lugar social de produção sócio-econômica, político e cultural. Implica um meio de elaboração que circunscrito por determinações próprias: uma profissão liberal, um posto de observação ou de ensino, uma categoria de letrados, etc. (...) é em função deste lugar que se instauram os métodos, que se delinea uma topografia de interesses, que os documentos e as questões que lhes serão propostas, se organizam. (CERTEAU, 2006, p.66-67).

Através da utilização do conceito de *lugar social* complementamos o subtítulo desse item, pois é a partir desse *lugar* - os Congressos sobre a temática afro-brasileira e negra -, que passaram a existir os métodos e que também foram elaborados os registros escritos, por seus participantes, influenciando diretamente nas formas de pensar de pesquisadores sobre esta temática, sejam eles acadêmicos ou militantes do movimento negro.

Interpretações culturais, sociais e políticas do que entendemos e conhecemos sobre a *identidade negra* brasileira foram constantes nestes lugares, seja esta pensada por outros grupos

⁵⁴ Mito relacionado com a idéia de que no Brasil existiu uma harmonia sobre as relações raciais e que brancos, índios e negros tenham as mesmas oportunidades de ascensão social. Para saber mais ver Nilma Lino Gomes, no artigo: Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre as relações raciais no Brasil: uma breve discussão. Educação anti-racista: caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/03.p 56-59.

⁵⁵ Ver GRAMSCI, A. Os intelectuais e a organização da cultura. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1995.

sociais, através de sua contribuição para a cultura nacional, ou seja, esta identidade pensada, pelo próprio grupo negro de maneira positiva para superar as dificuldades enfrentadas cotidianamente após a abolição da escravidão.

Foram justamente as interpretações culturais, sociais e políticas sobre como entendemos a *identidade negra* em nosso país, o tema que incidiu diretamente nos interesses de pessoas letradas que produziram propostas através de documentos nesses congressos, sejam eles: anais de pesquisas, jornais, livros, pautas de reuniões, cartas, etc. Evidências que nos esforçaremos para demonstrar em nossa dissertação, já que foram estes materiais produzidos os responsáveis por preservar diretamente esta história, da mesma forma legitimando os respectivos encontros. Nesse sentido, podemos perceber como cada congresso contribuiu de maneira dinâmica, em se tratando do contexto de sua realização, para o (re) conhecimento da identidade negra na formação do Brasil.

É importante salientar que nessas reuniões inexistia o caráter separatista ou isolacionista entre grupos étnicos, instâncias políticas, etos religiosos ou coisas do gênero, pelo contrário, eram altamente “integracionistas”, pois pleiteavam, através da ordem legal estabelecida, a inserção político social e cultural do negro no país, como preconizavam as Constituições vigentes.

A Constituição de 1891 dispunha apenas: “Todos são iguais perante a lei”. A Constituição de 1934 dizia: “Todos são iguais perante a lei. Não haverá privilégios, nem distinções, por motivos de nascimento, sexo, raça, profissões próprias ou dos pais, classe social, riqueza, crenças religiosas ou idéias políticas” (art.113, alínea I). Já a Constituição de 1946, artigo 141, ofereceu as bases dos direitos individuais à “vida, liberdade, segurança e propriedade pessoal”, enquanto estabelecia novamente: “todos são iguais perante a lei”. (Davis, 2000, p.39).

Devemos entender que embora estes encontros primassem por ser uma iniciativa conjunta entre diversos pensamentos, salientamos que através de seus organizadores existiram sim interesses específicos, sejam estes ligados aos aspectos *culturais*, partindo da contribuição e influência negra em nossas tradições, *sociais*, para o negro atingir a plena cidadania, e até assuntos *políticos* partidários, para arregimentar votos. Ou seja: o principal objetivo desses encontros, realizados no seio específico de uma organização negra ou organizado em um *lugar social* como os Congressos e Convenções, foi a integração prática do negro, através dos aspectos culturais, políticos e sociais à vida brasileira, era fazer valer a Constituição. Nesse sentido, essas

iniciativas foram *políticas*, independente de terem reforçado o futuro “mito da democracia racial” brasileira, como desenvolvermos mais adiante e que propomos “descortinar” através destes “oásis”.

1.3 O MOVIMENTO FRENTENEGRINO.

A influência exercida pela **Frente Negra** para o entendimento das atividades de caráter nacional realizadas sobre o negro em nosso país é o que passamos a demonstrar neste momento, pois nessa relação entre grupos humanos e em virtude das diferenças históricas constituídas em nossa sociedade, seria impossível desenvolver uma pesquisa sobre os *lugares sociais* que pensaram na complexidade das relações raciais e sociais, a partir da década de 1930, sem mencionar a **Frente Negra Brasileira**, por dois motivos. O primeiro é que ela notadamente influenciou o fazer *política* em uma sociedade complexa e diversa, pois pleiteava a integração das populações negras em todos os segmentos sociais da vida brasileira, em um período relativamente curto, datado entre o pós-abolição de 1888 e o ano de sua fundação, datada de 1931. O segundo motivo é que as demais iniciativas de *caráter nacional*, que tiveram como temática as questões negras entre os anos 30 e 50, período que abrange nossas pesquisas, tiveram apoio e participação direta de homens que passaram por essa organização.⁵⁶

Além desses dois motivos ainda acrescentaria um terceiro, que é a “movimentação” desses homens e das suas idéias entre as regiões brasileiras, o que identificamos como um intenso *movimento frentenegrino*.

Analisaremos, em ordem cronológica, a existência de quatro **Frentes Negras** fundadas em nosso país, tendo como referência a **Frente Negra** de São Paulo, primeira a ser fundada no ano de 1931. Depois analisaremos os núcleos originados na Bahia, em 1932, no Rio Grande do Sul, em Pelotas, em 1933 e a **Frente Negra Pernambucana**, instalada em Recife, no ano de 1936, após o **Primeiro Congresso Afro-Brasileiro**.⁵⁷

⁵⁶ Solano Trindade, Barros Mulato e Abdias do Nascimento são exemplos das participações de ex-membros da Frente Negra em atividades de caráter nacional sobre o negro em nosso país até a década de 50.

⁵⁷ Além da Frente Negra paulista, baiana, pelotense e pernambucana existiram núcleos dessa organização em Sorocaba, Santos, Campinas e Rio de Janeiro. Para saber como funcionavam esses núcleos ler Petrônio José Domingues em *A insurgência do Ébano: A História da Frente Negra Brasileira (1931-1937)*, p.135-156. Também localizamos referências quanto a um núcleo fundado em Minas Gerais, em Gomes (2005, p.48) e Luna (1978, p.313), que informa que a Frente Negra Mineira foi fundada em 1935.

1.3.1 A FORMAÇÃO DO OÁSIS PAULISTA.

A **Frente Negra Brasileira**⁵⁸ foi fundada em São Paulo no dia 16 de setembro de 1931 por Arlindo Veiga dos Santos (1902-1978).⁵⁹No decorrer de sua trajetória, de setembro de 1931 até dezembro de 1937, a organização foi presidida por Arlindo Veiga dos Santos, que ocupou o cargo até junho de 1934, e por Justiniano Costa, que ocupou a presidência até a extinção da organização. (Domingues, 2007, p.5).

Desde a sua formação, a **Frente Negra** tornou-se uma organização centralizada, o que possibilitou seu crescimento e penetração no interior paulista e em outras regiões do país. Foi um *movimento social* que contribuiu para que os negros enfrentassem os problemas sociais existentes na sociedade brasileira na década de 1930. Segundo Maria Luiza de Souza:

Movimentos Sociais são as formas de enfrentamento das contradições sociais que expressam em reações coletivas a algo que se apresenta como bloqueio ou afronta aos interesses e necessidades coletivas de determinado grupo social (...) Esse processo acontece à medida que a população supera as saídas individuais e recorre a alternativas coletivas”.(SOUZA, 1997, p.99-100)

Para perceber a importância da **Frente Negra** enquanto *movimento social* e “oásis”, convém informarmos um pouco sobre o contexto social vivenciado pelas populações negras no período, mais especificamente no município de São Paulo, sua cidade de origem, antes da década de 1930. Conforme Domingues (2002, p.566-572), em seus atributos populacionais podemos identificar cinco fatores, concomitantes, ocorridos no final do século XIX, após a abolição oficial

⁵⁸ A influência do nome “Frente” denominado pela organização estava muito em voga no período, segundo Florestan Fernandes no livro *A Integração do Negro na Sociedade de Classes*. 3ª Ed vol. 02 Ática São Paulo-Rio 1978. Pág 46, devido às alianças políticas em torno das disputas oligárquicas, cita-se à *Frente Única Gaúcha* formada pela união do Partido Libertador com o Partido Republicano Rio-grandense, Pesavento, S.J. RS: a economia e o poder nos anos 30. Porto Alegre. Mercado Aberto, 1980. Pág.36, que se uniram em torno do nome de Getúlio Vargas para o governo do Estado e a *Frente Única Paulista*, união do Partido Republicano Paulista, Partido Democrático e a Liga de Defesa Paulista.

⁵⁹ Para Petrônio Domingues (2006), Arlindo Veiga dos Santos (1902-78) fora uma das principais lideranças negras na primeira metade do século XX. Destaca-se pelo seu ativismo político e postulados ideológicos à frente do movimento negro e monarquista; foi integrante da Ação Imperial Patrianovista Brasileira (1932-37/1945-64), nutrindo, no período republicano grande simpatia pela monarquia. Para saber mais ler Domingues: *O "messias" negro? Arlindo Veiga dos Santos (1902-1978): "Viva a nova monarquia brasileira; Viva Dom Pedro III !"*.

da escravidão brasileira, que decretaram as mazelas sociais para a população negra.⁶⁰ Todos eles relacionados com a diminuição proporcional da população negra.⁶¹ O primeiro fator é a diminuição “assombrosa” da natalidade, o segundo corresponde aos óbitos agravados com o aumento da mortalidade infantil e por doenças advindas das precárias condições sociais. O terceiro item relaciona-se com a ausência de políticas públicas para as populações negras, antes escravizadas, e agora à margem da sociedade. O quarto fator foi devido ao aumento da imigração européia, e o quinto, e não menos importante, ocorre com a miscigenação pensada como processo de branqueamento da população negra.⁶²

Para Domingues (2002, p.03), os números são reveladores. Pelo censo de 1872, os negros (pretos e mulatos) correspondiam a 37,2% da população da cidade de São Paulo. Já em 1893, o percentual era de 11,1% e, pelas estimativas de 1934, declinava para 8,5%. Em 1934 eram 90.110 negros, em um total de 1.060.120 pessoas.

Na cidade de São Paulo as agitações econômicas, políticas e sociais culminaram com a “Revolução de 1930”. “Antevendo a possibilidade de ter essa situação mudada com o período tumultuado, os negros entusiasmaram-se e passaram a encará-la como a solução de todos os seus males”. (FERNANDES, 1978, p.20).⁶³

⁶⁰ A abolição brasileira foi decretada em 13 de maio de 1888. O trabalho escravo fora abolido por influências externas e internas. Pela influência externa salientamos o movimento de combate à escravidão, liderado pela Inglaterra em virtude da Revolução Industrial. Pelos fatores internos, o Brasil desencadeia mudanças estruturais de adequação ao modo de produção, baseado no trabalho livre. Neste sentido podemos relacioná-lo com a agonia do sistema escravista brasileiro, que tinha como base a grande lavoura sustentada pela mão-de-obra escrava que dependia altos custos de seus proprietários.

⁶¹ Clóvis Moura levanta três hipóteses para a diminuição das populações negras. Primeiro, a grande exigência da utilização da mão de obra escrava após a cessão do Tráfico Negreiro, onde não havia a reposição de braços e o constante aumento da exploração o que causava mortes nos plantéis. Segundo, as epidemias, como cólera, varíola ou febre amarela tenha atingido a massa escrava de modo especial, como costumava acontecer e, finalmente, outro fato que contribuiu para esse vácuo demográfico foi a Guerra do Paraguai, pois dizimou de 80 a 100 mil negros escravos enviados aos campos de batalha. Para saber mais sobre essas três hipóteses, ler Clóvis Moura, em *Dialética Radical do Brasil Negro*. MOURA, Clóvis. *Dialética Radical do Brasil Negro*. São Paulo: Anita Ltda, 1994, p.145-146.

⁶² Conforme DOMINGUES (2002), o conceito de “branqueamento” pode ser pensado de duas formas: como aspecto populacional e/ou ideológico. Tanto o branqueamento populacional, quantitativo, quanto o ideológico, qualitativo, se relacionam com os aspectos que envolvem a transformação ou adequação do grupo negro a um determinado período histórico brasileiro, que se estabelece entre os finais do século XIX e meados do século XX. Nesse momento estamos analisando o branqueamento quantitativo, que é a diminuição da população negra em nosso país no pós-abolição, nesse caso específico de sua pesquisa, a ocorrida na cidade de São Paulo.

⁶³ Para Florestan Fernandes: “Sob a aparência da liberdade, herdaram o pior da servidão, que é a do homem que se considera livre, entregue de mãos atadas à ignorância, à miséria, à degradação social”. Quanto à ausência de políticas

Era o momento da mudança nos rumos dos acontecimentos. Para Bastide (1959, p.270) as reivindicações só assumiram a forma de movimentos sociais no ‘meio negro’ porque neste ‘meio’ encontram-se as pessoas prejudicadas direta ou indiretamente pela atual situação surgida no pós-abolição. São como “reações espontâneas contra o preconceito de cor e a degradação”. Por outro lado Fernandes (1978, p.29) explica que, a situação de existência desse grupo no mundo urbano abrirá vias de comunicação da comunidade local com o resto do país. Neste sentido o momento de transição, certamente possibilitou as reivindicações, mais do que justa do grupo negro organizado.

Com isso os negros mobilizaram-se para resolver os problemas que os impossibilitaram de usufruir em todos os espaços da vida nacional o direito à dignidade, à cidadania e ao trabalho assalariado. “O que vinha em primeiro lugar era a correção da injustiça social e a conquista de uma situação sócio-econômica que regulasse a sua integração normal a ordem existente”.

Conforme Fernandes (1978, p.13), três incentivos básicos motivaram o “protesto negro”: Primeiro, as dificuldades sucessivas enfrentadas pelo negro ao aspirar uma melhor classificação social em uma sociedade de classes, capitalista incipiente; o segundo incentivo foi o êxito econômico e social dos imigrantes italianos em São Paulo, que substituíram os negros libertos do mercado de trabalho assalariado devido ao melhor preparo técnico-competitivo europeu, o que fez com que alguns imigrantes inclusive elevassem o seu nível econômico acima de famílias importantes paulistas e um terceiro incentivo foi o “colapso” da dominação tradicionalista e patrimonialista, efetivada com a chamada “Revolução de trinta”.⁶⁴

A Frente Negra teve como principal característica propor um “oásis” para os negros paulistas combaterem o racismo, preconceito e as discriminações em um momento ‘tumultuado’ e de transição das estruturas de nosso país, que saíra de um modelo econômico e político tradicional para um modelo pensado como moderno.

públicas, após a abolição da escravidão o negro, não recebeu incentivos por parte do Estado, o que de certa forma contribuiu para a sua “queda demográfica” e desajuste social. Antes, escravo, constituindo-se na principal força de trabalho, integrado socialmente, sendo considerado, juntamente com a grande lavoura, a base do sistema escravista (COSTA, 1998). Agora, o negro, recém livre, desintegrado das novas demandas econômicas, políticas e sociais, necessitaria de uma atenção especial por parte dos órgãos competentes, o que não ocorreu. Por isso é consenso entre todos os autores que pesquisam sobre a Frente Negra a importância dos acontecimentos ligados à “revolução de 30”.

⁶⁴ Para saber mais das “agitações dos anos 30” Ver: FAUSTO, Boris. A Revolução de 1930 – Historiografia e História. São Paulo: Brasiliense, 1994.

Existiam em São Paulo, antes da fundação da **FNB**, jornais e organizações negras recreativas que criticavam as dificuldades enfrentadas pelos negros no pós-abolição, mas nenhuma atingiu tamanha expressão como ela, em contrapartida, foram os embriões de sua formação.⁶⁵

Nesse sentido, a organização contribuiu para a inserção social do negro em várias regiões do país, já que ela existiu, além de São Paulo, no Rio de Janeiro, em Minas Gerais, na Bahia, Rio Grande do Sul, Pernambuco, Espírito Santo e interior paulista.



Imagem 1- Palestra da FNB. Em pé, o segundo Presidente da entidade Justiniano Costa, do lado esquerdo do Presidente está o Secretário Francisco Lucrécio; à mesa é possível observar a bandeira brasileira. Imagem localizada no livro *Frente Negra Brasileira: depoimentos*. Barbosa, 1998, p.49.

Sobre a organização conter em seu título a nomenclatura “Frente”, já sabemos que era um nome comum em outras reivindicações de grupos organizados, como em torno das disputas oligárquicas. Mas por que esta organização carregou também o adjetivo de Brasileira? Conforme

⁶⁵ Conforme Domingues (2007): “A FNB não foi criada da noite para o dia; ela foi resultado do acúmulo de experiência organizativa dos negros no pós-Abolição. Artur Ramos observa que o “espírito associativo” do negro marcou sua trajetória no país. Desde a escravidão, esse segmento populacional desenvolveu diversas formas de organização coletiva. Até a Abolição, foram criados grupos ou associações de caráter religioso, cultural e socioeconômico representados por quilombos, confrarias, irmandades religiosas, caixas de empréstimos, etc. (Ramos, 1938)”. Para saber mais do início das associações em São Paulo Ver: BASTIDE e FERNANDES. *Branços e Negros em São Paulo*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1959.

Francisco Lucrécio (1909)⁶⁶, integrante da **Frente Negra** em 1931 e que aparece na foto acima, com suas mãos na bandeira brasileira, não foi fácil, para os integrantes do movimento, definir uma ideologia entre tantas outras existentes, na época, em nosso país.⁶⁷

Lucrécio citou o socialismo, trotskismo, comunismo, integralismo etc. E afirma “nós fazíamos política de boa vizinhança tanto com Plínio Salgado como com Prestes, porque tinha elementos que freqüentavam a Frente Negra e eram nossos amigos como Oswald de Andrade e professores nacionalistas”. (*apud* BARBOSA, 1998 p.44).⁶⁸

⁶⁶ Barbosa entrevistou cinco integrantes da Frente Negra Brasileira. Francisco Lucrécio entrou para a FNB no ano de sua fundação, 1931 e fez parte da diretoria. Foi Funcionário Público e Cirurgião Dentista. Além de Lucrécio, Barbosa entrevistou: Aristide Barbosa, João Correia Leite, Marcello Orlando Ribeiro e Placidino Damaceno Motta. Ver BARBOSA, Marcio. Frente Negra Brasileira, depoimentos. São Paulo: Quilomboje, 1998.

⁶⁷ Roger Bastide (1959), Florestan Fernandes (1978) e Clóvis Moura (1992) citam o hitlerismo, fascismo e integralismo como sendo ideologias da organização, tecendo poucas referências dos motivos que faziam com que a organização pendesse para tais idéias da época.

⁶⁸ Plínio Salgado nasceu em São Bento do Sapucaí (SP), em 1895. Foi Jornalista e em 1928, elegeu-se deputado estadual, em São Paulo, pelo PRP. Em 1930, apoiou a candidatura situacionista de Júlio Prestes à presidência da República, contra o candidato da oposição, Getúlio Vargas. Em seguida, sem terminar seu mandato de deputado, viajou ao Oriente Médio e à Europa. Na Itália, impressionou-se com o fascismo e com Mussolini. Em fevereiro de 1932, criou a Sociedade de Estudos Políticos (SEP), que reunia intelectuais simpáticos ao fascismo. Meses depois, divulgou o Manifesto de Outubro, no qual apresenta as diretrizes básicas de uma nova agremiação política - a Ação Integralista Brasileira (AIB). O ideário da AIB inspirava-se nitidamente no fascismo italiano e em seus similares europeus. Valorizava, ainda, uma série de rituais e símbolos, como a utilização da expressão indígena Anauê como saudação, a letra grega sigma (S) e os uniformes verdes com os quais seus militantes desfilavam pelas ruas. Em fevereiro de 1934, no I Congresso da AIB, em Vitória (ES), Plínio confirmou sua autoridade absoluta sobre a entidade e recebeu o título de "chefê nacional". Morreu em São Paulo, em 1975. Para saber mais ver: http://www.cpdoc.fgv.br/nav_historia/htm/biografias/ev_bio_pliniosalgado.htm, acesso em 17/03/2008.

Luiz Carlos Prestes (1898-1990): Nasceu em Porto Alegre, RS, decide-se pela carreira militar tendo estudado no Colégio Militar do Rio de Janeiro, diplomado Engenheiro Militar em 1920, aos 22 anos como primeiro aluno de sua turma. Em 1922 participou dos preparativos para o levante contra o governo federal. Participou do movimento revolucionário de 1924, que pretendia depor o presidente Artur Bernardes tendo comandado as forças revolucionárias no nordeste do Rio Grande do Sul, iniciando a famosa "marcha da coluna", que atravessou o Brasil de sul a norte e de leste a oeste, percorrido mais de vinte e cinco mil quilômetros a pé, o que passou para a história com o nome de "Coluna Prestes". Em 1930 rompe com o movimento tenentista lançando o seu "Manifesto de Maio" em que prega a revolução. Em 1931 vai para a URSS onde trabalha como engenheiro. Por pressão do Partido Comunista da URSS, em agosto de 1934 é admitido no Partido Comunista do Brasil e é aclamado Presidente de Honra da Aliança Nacional Libertadora, organização antifascista e antiimperialista. Para saber mais ver: http://www.marxists.org/portugues/dicionario/verbetes/p/prestes_luiz_carlos.htm/ acesso em 17/03/2008.

Oswald de Andrade (1890-1954) é um dos mais significativos autores modernistas da literatura brasileira. Participou da Semana de Arte Moderna, editou o jornal "O Homem do Povo" e ajudou a fundar "O Pirralho" e a "Revista Antropofágica". É de sua autoria o Manifesto Antropófago de 1928. Para saber mais ver: http://www.releituras.com/oandrade_menu.asp/ acesso em 27 de março de 2007.

Observamos que, independente de ideologias, a organização pretendeu orientar o negro brasileiro que, como vimos anteriormente, corria sério risco de desaparecer em virtude de doenças e das teorias racistas disseminadas⁶⁹, e que influenciavam de maneira drástica na sua existência. Portanto, para se inserir e competir em uma sociedade emergente foi necessário formular idéias e procurar soluções práticas para sobreviver, mesmo as que aos olhos atuais causam certo desconforto, como a manutenção de alianças e contatos com ideologias centralizadoras.

Outro marco registrado nesse período foi a grave crise enfrentada pelo capitalismo. De escala mundial, a estagnação de 1929 trouxera miséria, desemprego e desesperança, além da crise política que colocou em “xeque” a democracia liberal, com seus partidos e lutas inúteis em solucionar esses problemas. (FAUSTO, 2002, p.194).

Temos, no pensamento de Luiz Luna (1976, p.312), a síntese que evidencia as agitações ideológicas ocorrida neste período para os negros e para a sociedade brasileira como um todo. Portanto, a análise abaixo se torna importante para interpretarmos a **Frente Negra**, que por ter sido uma organização política e social, formada por humanos, “acima de tudo”, que vivenciaram o período tiveram sim, em seus quadros, influências diretas das ideologias do momento, o que acreditamos ter sido algo normal para a época. Conforme Luna:

Essa fase da vida brasileira foi das mais agitadas deste século. Com a ascensão do fascismo, vitorioso na Itália e na Alemanha, organizou-se aqui a Ação Integralista Brasileira, sob a chefia do escritor Plínio Salgado, egresso da Semana de Arte Moderna, que passou a liderar a corrente da direita, enquanto a esquerda se agrupou sob a bandeira da Aliança Nacional Libertadora, chefiada por Luis Carlos Prestes, oriundo do movimento tenentista. Foi do integralismo que evoluíram os atores Abdias do Nascimento e Aguinaldo Camargo, os professores Pompílio da Hora (educado por padre italiano) e Sebastião Rodrigues Alves para, depois,

⁶⁹ As três escolas principais do pensamento racista eram: a etnológico-biológica, que sistematizou a sua formulação filosófica nos Estados Unidos e pretendia sustentar a criação das raças humanas através das mutações diferentes das espécies (poligenia). A base de seu argumento era que a pretendida inferioridade das raças – índia e negra – podia ser correlacionada com as diferenças físicas em relação aos brancos, e que tais diferenças eram resultado direto da sua criação como espécies distintas. Esta teoria ganhou o apoio de Louis Agazis, zoólogo suíço, que atribuía a diferença das espécies humanas às diferentes regiões climáticas em que habitavam. A escola histórica de Gobineau, que ajudou a propagar a mensagem pela Europa de que a raça era o fator determinante da história humana. E a escola do darwinismo social, que pregava a evolução da vida natural como resultado da “sobrevivência dos mais aptos”, numa competição de diferentes espécies e variedades, logicamente admitia-se que as diferentes raças humanas tinham passado por processo evolutivo semelhante.

juntamente com os esquerdistas Raimundo Souza Dantas, Solano Trindade, J. Romão da Silva, Aladir Custódio e Corsino Brito, fundar no Rio de Janeiro, o Centro Democrático Afro-Brasileiro. Integralista fora também o sociólogo Guerreiro Ramos...

Portanto, muitos homens citados anteriormente como Abdias do Nascimento e Solano Trindade (1908-1974), que pertenceram aos quadros desta organização, eram adeptos dessas ideologias. (Luna, 1976, p.312). Nesse sentido, foram muitas as discussões no seio da organização, tanto que a **Frente Negra Socialista**, fundada por José Correia Leite, que foi um dos líderes do jornal *frentenegrino* e da própria **FNB**, tornou uma dissensão da organização. Leite acusava os líderes da **FNB** de monarquistas e integralistas. Mas em ambos os casos, tanto individualmente como coletivamente, notamos que esses homens foram a favor da ascensão e inserção social da comunidade negra, de fato e de direito, à sociedade brasileira, independente de serem adeptos de ideologias diferentes.

Segundo Fernandes:

As primeiras divergências surgiram em função das técnicas autoritárias de organização de poder, adotadas pelos primeiros líderes principais da FNB... a identificação da orientação da Frente com os ideais direitistas fica bem evidenciada através do fato, ocorrido mais tarde, quando da realização do Primeiro Congresso da Ação Integralista, de haver o Dr. Arlindo Veiga dos Santos feito um discurso no qual hipotecava a solidariedade da Frente e seus 200.000 negros...um dos componentes do grupo Clarim da Alvorada, apresentou uma sugestão concernente a algumas das diretrizes que deveriam nortear a luta em prol da causa específica do levantamento social, econômico e cultural do negros. O Dr. Arlindo Veiga dos Santos... não aceitou... (FERNANDES, 1978, p.59-60)

José Correia Leite (1900-1989) era contrário aos ideais integralistas escolhidos por Arlindo (1902-1978). Certamente que a **Frente Negra** estava envolvida com a complexidade do contexto internacional da época em que o período “entre guerras”, influenciou e atordoou a humanidade indefinida entre *regimes liberais* versus os *regimes centralizadores*. Somou-se a isso a própria crise econômica mundial, determinada pelo *crash* da bolsa americana de 1929⁷⁰,

⁷⁰ No final da Primeira Guerra Mundial, os Estados Unidos assumiram a hegemonia mundial. O seu crescimento trouxe euforia social interna de consumo e super produção. A crise de 1929 foi provocada, sobretudo, pela insistência norte-americana em manter o mesmo ritmo de produção do período de guerra, o que culminou em uma

portanto, a idéia construída por sociólogos e pesquisadores que aprofundaram seus estudos sobre esta organização, que a definiam adepta a ideologias centralizadoras como o *integralismo*, *fascismo* ou *hitlerismo*, merecem uma revisão rápida dentro desses limites. Nitidamente notamos que uma questão jamais deve ser esquecida: o que estava em jogo para os líderes da **FNB**, antes da ascensão e integração das populações negras, ou até mesmo de ideologias políticas, era a sobrevivência coletiva e competitividade deste grupo em uma sociedade capitalista incipiente, e até certo ponto “um mundo desconhecido” para grande parte da população brasileira, mas principalmente para este grupo, que teve pouco acesso a uma vida digna e cidadã no pós-abolição. Era necessário formar um referencial simbólico, era preciso forjar uma “visão de mundo”, era necessário formar em um primeiro momento um “oásis” negro.⁷¹

Para contemplar as informações citadas anteriormente e pensando no que representou a **Frente Negra** para as populações afro-brasileiras e pela sua importância na difusão das idéias negras em nosso país, naquela época, concordamos com Raul Joviano do Amaral, um dos líderes do movimento, que disse:

Perseguida por uns, que não conheciam as suas altas, salutares e benéficas finalidades, combatida por outros, que a observavam com olhos do mal disfarçados do despeito e da ira, e, finalmente, guerreada pelos que propagavam o preconceito desumano e mesquinho, a Frente Negra Brasileira, prosseguiu impávida no seu trabalho de arregimentação, desfraldando aos quatro ventos a sua bandeira racial e de brasilidade, trombeteando o seu clarim de reunir, cujo eco ressoou pelos mais inóspitos rincões do país. (AMARAL *apud* FERNANDES, 1978, p.59).

Portanto, a principal preocupação da organização foi a criação de uma ideologia identificada com a nacionalidade, com o ser brasileiro. Lucrécio explica que o referencial de resistência para o negro no passado do Brasil foi a Guerra do Paraguai, Zumbi, a Revolta de João

crise mundial sem precedentes. “Ao longo dessa década a nuvem sombria da II Guerra Mundial iminente dominava os horizontes...”. Ver HOBBSAWM, Eric. Tempos interessantes. São Paulo: Cia das Letras, 2002, p.134.

⁷¹ Além de referenciais históricos eram utilizadas menções religiosas como forma de construção ideológica de seus membros. A Frente Negra implementou, através desses referenciais, estratégias políticas para a ascensão dos negros. Arlindo Veiga dos Santos, presidente da FNB, era dirigente da Congregação Mariana da Imaculada Conceição de Santa Efigênia. Segundo Gedeon, fazia-se com frequência a leitura da Bíblia antes das reuniões. Ver OLIVEIRA, Gedeon José de. A resistência de ébano: Uma abordagem da Frente Negra Brasileira a partir do simbólico (1930). Dissertação de Mestrado, Pontifícia Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção, 2006.

Cândido, a Revolta dos Malês, etc. A referência não era a volta à África e sim dar seqüência nessas lutas em território brasileiro, segundo Lucrécio:

Nossa ideologia era a negritude, acima de tudo patriota. Nós achávamos que tínhamos que defender, como brasileiros, aquilo que nossos antepassados sofreram para nos deixar (...) Nos posicionávamos como nacionalistas, radicais às vezes, porque só dessa maneira poderíamos conseguir um pedaço de chão ou a nossa identidade como brasileiros. Tinha já uma história dos negros que vieram para cá que, naturalmente, não iríamos perder (...)” (*apud* BARBOSA, 1998 p.46).

Para Darcy Ribeiro “a luta mais árdua do negro africano e de seus descendentes brasileiros foi, e ainda é, a conquista de um lugar e de um papel participante legítimo na sociedade nacional. Nela se viu incorporado à força. Ajudou a construí-la e, nesse esforço, se desfez, mas, ao fim, só nela sabia viver, em razão de sua total “desafricanização”. (RIBEIRO, 1995, p.220).

Nesse sentido observaremos, mais adiante, em nossa dissertação, o quanto esse sentimento do grupo negro pertencer ao território e as tradições nacionais, gerarão um *movimento de idéias* que será fundamental para as intenções políticas e sociais do então Presidente Getúlio Vargas.

Retornando às características desse *movimento social*, notamos que elas se diferenciaram ideologicamente de região para região do Brasil, sendo a afirmação social da comunidade negra a constante nessa organização, independente da cidade em que ela passou a existir. Tinha como metas principais elevar e inserir o negro na vida cultural, social, política e econômica do Brasil, ou seja: a **Frente Negra** propunha ensinar e aprimorar o negro a disputar espaços na sociedade. Objetivos que poderiam ser atingidos, segundo seus organizadores, através da educação, conscientizando o negro de seus direitos e deveres, ensinando-o a lutar contra o preconceito e a discriminação vivenciados no cotidiano⁷², além de prepará-lo para uma sociedade competitiva.

⁷² Entendidas aqui como situações constrangedoras vivenciadas pelos negros no dia-a-dia, tais como ser proibido de entrar em certos locais públicos ou até a criação de conceitos que colocavam as populações negras como pessoas inferiores devido à raça.

Com o tempo, seus líderes passaram a visar a disputa político-partidária, e a partir disso a organização realizava seminários políticos.⁷³

Conforme Francisco Lucrecio (1909):

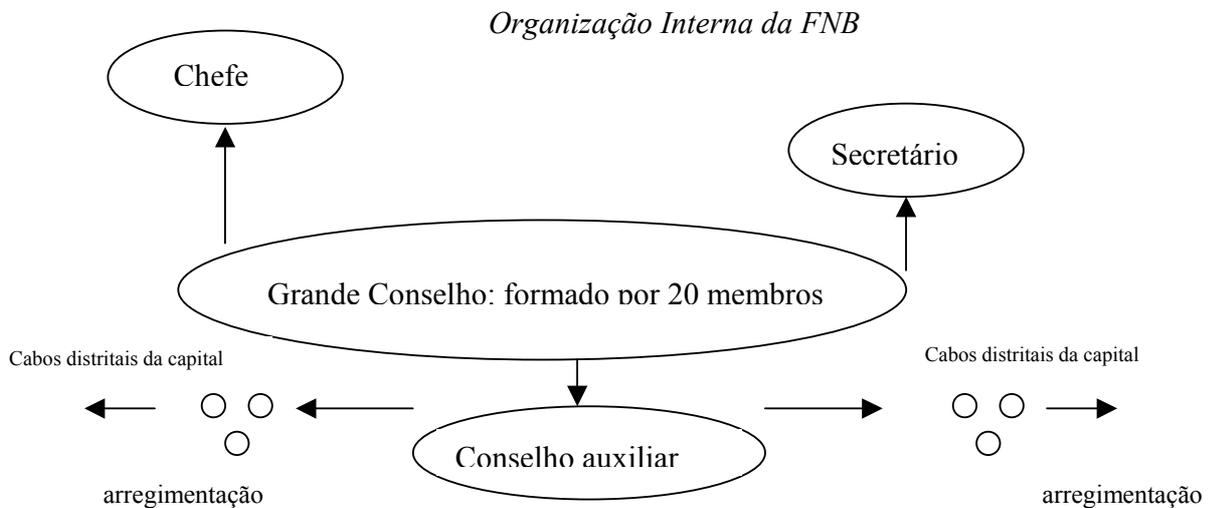
A **Frente Negra** foi um movimento social que ajudou muito nas lutas pelas posições do negro aqui em São Paulo, existiam diversas entidades negras. Todas essas entidades cuidavam da parte recreativa e social, mas a Frente Negra veio com um programa de luta para conquistar posições para o negro em todos os setores da vida brasileira. Um dos seus departamentos, inclusive, enveredou pela questão política, porque nós chegamos à conclusão de que, para conquistar o que desejávamos, teríamos de lutar no campo político, teríamos de ter um partido que verdadeiramente nos representasse. (*apud* BARBOSA, 1998, p.38).

Nessa necessidade de ensinar e aprimorar o negro, a alfabetização teve por intuito, além de educar e instruir, fazer com que as populações negras atingissem as condições necessárias para disputar, através do voto, cargos políticos partidários.

Em sua sede, na cidade de São Paulo, localizada na Rua da Liberdade nº196, foram elaborados os seus estatutos e organizada a sua administração. Composta por um grande conselho, constando com 20 membros, tinha dentro desse conselho o chefe e o secretário. O Grande Conselho era ajudado pelo auxiliar, formado pelos cabos distritais que arregimentavam simpatizantes para os seus quadros. Abaixo, um didático fluxograma⁷⁴ para entendermos tal organização administrativa:

⁷³ Para saber mais sobre a origem e reivindicações da Frente Negra Brasileira em diversas regiões do país ler: Florestan F.(1978) *Integração do Negro na Sociedade de Classes*, Luis Luna (1978), *O Negro na luta contra a escravidão*, Roger Bastide (1979) *em Brasil, Terra de Contrastes e Brancos e Negros em São Paulo* (1959), Paul Singer (1980), *São Paulo: o povo em movimento*, Clóvis Moura (1992) *História do Negro Brasileiro e Dialética Radical do Brasil Negro* (1994), Márcio Barbosa (1998) *em Frente Negra Brasileira, depoimentos*, Beatriz Ana Loner (1999) *em Classe Operária: Mobilização e Organização em Pelotas: 1888-1937*, José Antonio dos Santos (2000) *em Raiou "A Alvorada": Intelectuais negros e imprensa, Pelotas (1907-1957)*, Jéferson Bacelar (2001), *A hierarquia das Raças, Negros e Brancos em Salvador*, Laiana Lannes (2002) *em "A Frente Negra Brasileira: Política e Questão Racial nos anos 1930"*, Kabengele Munanga (2004), *Rediscutindo a mestiçagem no Brasil – identidade nacional versus identidade negra*, Flávio Gomes (2005) *em Negros e Política (1888-1937)*, Petrônio José Domingues (2005) *em A insurgência do Ébano: A História da Frente Negra Brasileira (1931-1937)*, e Pe. Gedeon José de Oliveira (2006): *A resistência de ébano: Uma abordagem da Frente Negra Brasileira a partir do simbólico (1930)*.

⁷⁴ Apresentado por nós em duas oportunidades. A primeira foi na III Jornada de Estudos Afro-Brasileiros, realizada em setembro de 2005 no Memorial do RS, em Porto Alegre e a segunda foi em outubro de 2005, na VIII Semana de iniciação científica da Unilasalle/ Canoas-RS.



A utilização desse fluxograma por nós desenvolvido será de fundamental importância para o entendimento deste capítulo, pois, como veremos mais adiante, é a partir dos “cabos distritais” que analisaremos a “movimentação” das pessoas e de suas idéias em torno da temática negra.

Pensamos da seguinte forma nossa hipótese quanto ao “movimento das idéias” sobre a temática negra, pois para as mesmas se deslocarem entre as regiões brasileiras necessitavam, obrigatoriamente de mentalidades de pessoas envolvidas com a questão.

Portanto, em um primeiro momento, *cabos distritais* arregimentavam filiados para os quadros da **Frente Negra** nos bairros da cidade de São Paulo. Em um segundo momento, os *delegados em trânsito* fundavam núcleos da organização em cidades portuárias pelo Brasil, e em um terceiro momento, estas idéias passavam a se movimentar através das *delegações e de participantes* de outros estados brasileiros, que viajaram pelo país para participar dos *congressos nacionais* sobre a temática negra, o que de certa forma coloca essas pessoas no que é, pensado por nós, como *cabos distritais dos encontros*, pois as mesmas levam seus estudos e pesquisas para apresentar nesses eventos, e trazem informações sobre os temas que estiveram em pauta para os seus estados e cidades de origem, o que serve como formas de dar continuidade à difusão das idéias apresentadas nesses locais.

Retornando à organização interna da **Frente Negra Brasileira** de São Paulo, em sua sede estavam estruturados departamentos de educação, jurídico, médico, propaganda, dramático, musical, esportivo e de imprensa.

A partir de 18 de março de 1933, esse *lugar social* passa a produzir, sob a coordenação do departamento de imprensa, o seu próprio jornal para defender e divulgar os seus interesses, intitulado: **A Voz da Raça**. Agora as reivindicações da organização passam a ser registradas e as informações passam a ser públicas.⁷⁵



Imagem 2 – Folha de rosto do primeiro exemplar do jornal, datado de 18 de março de 1933.

A capa do jornal continha a seguinte frase: “o preconceito de cor no Brasil só nos negros podemos sentir”. Segundo Domingues (2005), o jornal tornou-se o principal veículo de comunicação da **FNB**. Seus dirigentes informavam que o periódico era destinado à publicação de assuntos referente ao negro com matérias escritas por intelectuais brancos e negros. Conforme o historiador:

Em formato de tablóide, o *A Voz da Raça* tinha uma composição gráfica de limitada qualidade técnica, com poucas fotos e ilustrações intercalando

⁷⁵ Para saber do expediente, circulação e função social do Jornal A Voz da Raça, ler: Petrônio José Domingues em A insurgência do Ébano: A História da Frente Negra Brasileira (1931-1937), p.139 a 147.

com os textos. Era impresso em oficina gráfica terceirizada, porém, foi movida uma campanha em prol de “oficina própria”, que não vingou. O jornal informava ser um “semanário independente”... foi publicado de 18 de março de 1933 a novembro de 1937, somando um total de 70 edições. Com tiragem de 1.000 a 5.000 exemplares, o periódico era mantido basicamente com os recursos da própria FNB... o jornal mantinha representantes em várias cidades do interior de São Paulo e em outros Estados, como Rio de Janeiro, Minas Gerais, Espírito Santo e Rio Grande do Sul. Eles realizavam o trabalho de divulgação e, ao mesmo tempo, enviavam notícias das “delegações” (filiais) para serem publicadas... era encontrado em todos os pontos de vendas de jornais da capital”. O jornal também era vendido nos bailes das associações recreativas negras. (DOMINGUES, 2005, p.141).

Em linhas gerais, o jornal propunha: promover a solidariedade dos negros, despertando-lhes a consciência de grupo, a fim de que reunidos conseguissem forças para a luta competitiva com outros grupos; enaltecer o afro-brasileiro com o fim de eliminar seu sentimento de inferioridade; difundir a instrução e a educação moral, para colocar o negro em melhores condições culturais na competição com grupos não negros. (BICUDO, 1948 *apud* DOMINGUES, 2005, p.15).

A partir da produção e circulação do jornal, percebemos que a difusão das informações referentes aos ideais da organização passa a ter repercussão nacional. Nesse sentido, as relações existentes entre o jornal e seus representantes, localizados em outros estados, constituíram avanços significativos para o conhecimento desse *movimento social* em nível nacional, pois, através dos contatos mantidos entre as suas filiais existentes na região sudeste e sul do Brasil, passou a existir possibilidade de os interesses de seus dirigentes atingissem um maior número de leitores, o que e conseqüentemente influenciaria na arregimentação de sócios e na fundação de núcleos em muitos cantos do Brasil.⁷⁶

⁷⁶ É importante fazer referência aos jornais que antecederam o A Voz da Raça e que circularam na cidade de São Paulo no início do século XX. São eles: O primeiro jornal negro, de São Paulo foi o Menelik, fundado em 1915, depois surgiram os seguintes jornais: A Princesa do Norte, o Tio Urutu, A Rua, O Xauter e A União, em 1918, O Alfinete e o Bandeirante, e A Protetora, em 1919; A Liberdade, de 1920; A Sentinela, em 1922, O Kosmos, em 1923, O Getulino, em 1924, O Elite, em 1928, O Auriverde, O Patrocínio e O Progresso, em 1932. O mais representativo jornal no ‘meio negro’ foi “O Clarim da Alvorada”, fundado por José Correia Leite e Jayme Aguiar. José Correia Leite foi um dos fundadores da FNB, mas devido a divergências ideológicas entre ele e Arlindo Veiga dos Santos, deixou a entidade para fundar a Frente Negra Socialista, com estatutos publicados no Diário Oficial do Estado de São Paulo no dia 21/06/1933. Para saber mais da Frente Negra Socialista ler Barbosa: Frente Negra Brasileira: depoimentos, 1999. Para saber mais sobre a imprensa negra paulista ver Roger Bastide (1959) em: A Imprensa Negra no Estado de São Paulo, Florestan Fernandes (1978) em: A Integração do Negro na Sociedade de Classes, Miram Nicolau Ferrara (1986) em: A Imprensa Negra em São Paulo, Antonio Sérgio Alfredo Guimarães (2000) em: Notas

A participação feminina na entidade ocorreu através de dois grupamentos. O primeiro agrupamento feminino foi denominado de **As Rosas Negras**. Formado por mulheres que se vestiam de branco, usavam luvas e ostentavam uma rosa preta no peito, elas diversificaram o “movimento frentenegrino”. Presidido por Benedita Costa, o grupo foi responsável pela organização de saraus, festivais literários e dançantes. O segundo agrupamento feminino da entidade foi a **Cruzada Feminina**, que era responsável pelos trabalhos beneficentes, além de auxiliar no orçamento de provimento de material escolar para os cursos de formação social, diurnos e noturnos. Outra atividade deste grupo foi a de organizar as biografias dos fundadores da **Frente Negra Brasileira**, além da galeria dos antepassados heróicos. Tinham como atribuição, também, aumentar o número de assinantes do jornal **A Voz da Raça**. (*A Voz da Raça* 29/06/1935 p.3 *apud* DOMINGUES, 2007, p.14).

As *frentenegrinas* publicaram alguns contos no periódico, mas sem polemizar as questões específicas das mulheres negras. Segundo Domingues (2007, p.1-21) que pesquisou a participação feminina no Jornal **A Voz da Raça**: “foram encontrados apenas 16 artigos e contos de autoria delas, alguns reforçavam a representação estereotipada da mulher negra outros exaltavam a beleza da mulher da raça enfatizando a sua beleza”.

A **Frente Negra** na cidade de São Paulo durante a sua breve existência, de 1931 a 1937, constituiu-se como o principal *movimento social negro* organizado da cidade, e quiçá do país. Conquistou avanços para o negro nas áreas sociais e políticas sendo que seus exemplos acabaram sendo seguidos por outras pessoas, em outros estados da federação.⁷⁷ No que diz respeito aos aspectos culturais, a organização entendia cultura como instrução e conhecimento. E foi com essa finalidade que a mesma instituiu as “domingueiras”.

A FNB promovia diversos eventos em sua sede em São Paulo, dos quais adquiriram destaque especial as chamadas *domingueiras*. Tratava-se de reuniões semanais organizadas pela direção da entidade, tendo em vista

sobre raça, cultura e identidade na imprensa negra em São Paulo e no Rio de Janeiro, 1925 e 1950 e Yosvaldir Carvalho Bittencourt (2005) em: *As Escolas de Comunicação Social como instrumento de desconstrução do racismo e discriminação racial*.

⁷⁷ Conforme Francisco Lucrecio os negros paulistas eram proibidos de passear em alguns parques da cidade. Também aos negros era impossibilitado acesso a trabalhos como os de guarda-civil. Ambas as proibições foram extintas devido a conversas de líderes da Frente Negra com o então presidente Getúlio Vargas. Ver BARBOSA, Marcio. *Frente Negra Brasileira, depoimentos*. São Paulo: Quilomboje, 1998. p.54-55.

desenvolver os “bons dotes” no negro, elevar seu nível cultural e, principalmente, despertar-lhe uma consciência crítica para o exercício da cidadania.... A programação era composta por palestras e declamações de poesias e apresentações musicais. Desta forma, a entidade valorizava o trabalho dos artistas *frentenegrinos*. As palestras tratavam tanto de questões gerais (“morais e cívicas”) como da questão do negro... “eram ministradas aulas de higiene e puericultura, aulas de religião e catecismo, conferências sobre filatelia; as poesias de Luiz Gama eram comentadas, bem como as datas nacionais. Também foram feitas campanhas para que os negros depositassem seus salários na Caixa Econômica a fim de possibilitar a aquisição da casa própria”... as palestras serviam para eliminar o complexo de inferioridade que atingia muitos negros (DOMINGUES, 2005, p.196-197).

Em 1934 a direção da **Frente Negra** paulista, decidiu registrá-la como partido político atuando pela busca de votos para conquistar o eleitorado negro. O que se tornou impossível devido ao encerramento das atividades eleitorais em nosso país, preconizadas pela instauração do Estado Novo, em 1937. Segundo Fonseca:

A 10 de novembro de 1937, Getúlio Vargas, com o apoio das forças armadas e da maior parte dos governadores estaduais, ordenou o fechamento da Câmara e do Senado federais, cujos prédios amanheceram cercados por tropas de cavalaria. Ainda pela manhã foi outorgada nova constituição ao país... iniciava-se o período conhecido como Estado Novo outubro de 1945. (Fonseca, 1989, p.249).

Para Francisco Lucrécio, membro da Frente Negra que vivenciou o fechamento da organização, em 1937, no estado novo:

Quando a Frente Negra foi fechada, podíamos até ter fechado o departamento político que tinha sido registrado como partido e continuar a obra social, educacional e de assistência. Mas na época, ninguém pensou nisso. Os próprios partidos grandes não protestaram contra o ato de 37 do Getúlio. Depois é que eu e outros companheiros fomos refletir: a Frente Negra podia ter continuado, fechava o partido, não as outras áreas. Os estatutos seriam os mesmos. Mas naquele impacto, com aquela correria, aquela lei em cima... nem os outros partidos políticos pensaram nisso. (Lucrécio *apud* Barbosa, 1998, p.63)

É praticamente consenso entre os pesquisadores que investigam a origem da **Frente Negra Brasileira** na cidade de São Paulo, que a sua fundação decorreu, em linhas gerais a partir de dois aspectos. O primeiro aspecto diz respeito à influência direta da “Revolução de 1930” na

população negra da cidade, que sentiu a possibilidade de mudanças benéficas com as agitações econômicas e sociais do período; e um segundo aspecto, que refletiu no surgimento da organização, foi o amadurecimento da imprensa negra, denominada por Bastide como imprensa adicional⁷⁸, em franca expansão desde a década de 1920, que culminou com o jornal *frentenegrino A Voz da Raça*, fundado em 1933, já mencionado anteriormente.

José Correia Leite, um dos fundadores do jornal, ao descrever o nascimento dessa imprensa, assim depõe:

A comunidade negra em São Paulo vivia, como uma minoria que era, com suas entidades e seus clubes. Por isso tinha necessidade de ter um veículo de informação dos acontecimentos sociais que tinham na comunidade: uma série de sociedades recreativas e sociedades culturais. Como é natural, a imprensa branca não ia cuidar de dar informações sobre as atividades que essa comunidade tinha. Daí surgiu a imprensa negra. (*apud* MOURA, 1980, p.149).

A partir daí surgem os líderes e *intelectuais orgânicos negros* que, com utilização de periódicos destinados à causa negra, difundiram e organizaram os anseios dessa comunidade, dando sentido e direção às reivindicações desse grupo social, o que ia ao encontro de educação e instrução para a inserção em uma sociedade capitalista incipiente. Segundo Gramsci:⁷⁹

Cada grupo social, nascendo no terreno originário de uma função essencial no mundo da produção econômica, cria para si, ao mesmo tempo, de um modo orgânico, uma ou mais camadas de intelectuais que

⁷⁸ Segundo Bittencourt (2005, p.69): “A imprensa negra nasceu do sentimento de que o negro não era tratado em pé de igualdade com o branco, apresentando-se como um órgão de protestos. Para Roger Bastide, tais jornais representavam a opinião de uma classe negra ascendente, denominada por ele de elite negra...raramente era uma imprensa de informação econômica e política, uma vez que a maior parte procurava ser veículo de divulgação de clubes e de associações recreativas da comunidade negra, tal era o anseio de expressar o universo de relações sociais negros, por meio da sociabilidade aberta e pública e por isso a imprensa fora denominada de adicional”. Bastide caracteriza a imprensa negra em dois períodos: o primeiro, de 1915 até 1930; o segundo, de 1930 até 1937. Conforme Bittencourt (2005, p.72): “A segunda fase coincide com a implementação da Nova República, pela Revolução de 1930. A educação, que era a causa principal dos temas registrados no período anterior, passa a ser gestada por uma política educacional gratuita incentivada pelo governo federal. De modo que é uma reivindicação política e a luta pelo direito de conquista do direito de voto que passa a ocupar o centro das preocupações, e que ganha corpo com o movimento denominado Frente Negra Brasileira...”.

⁷⁹ Nesse sentido a nossa análise vai ao encontro do pensamento de José Antônio dos Santos (2001) que, para examinar a Jornal A Alvorada e a sua função social junto à comunidade negra pelotense, entre 1907-1957, utilizou-se do conceito de *intelectual orgânico negro*, tendo por fundamentação teórica Gramsci.

lhes dão homogeneidade, e consciência da própria função, não apenas no campo econômico, mas também social e político. (GRAMSCI, 1995, p.4-5).

Após o surgimento da imprensa negra, o “grito” de protesto se cristalizou com a **Frente Negra**. Para Abdias do Nascimento, a **Frente Negra** “foi um movimento de massas, protestava contra a discriminação racial que alijava o negro da economia industrializada, espalhando-se para vários cantos do território nacional”. (NASCIMENTO, 2000, p.204).⁸⁰

Já para o historiador Flávio dos Santos Gomes, o perfil dos *intelectuais* líderes da entidade era de funcionários públicos e letrados, o que impediu a afirmação da organização entre as massas, sendo Arlindo Veiga dos Santos (1902-1978), professor de latim e Francisco Lucrécio, cirurgião-dentista. Para o historiador:

a Frente Negra não se constituiu em um movimento de massas, como, aliás, nenhuma instituição naquela época. Tinha força popular junto aos setores negros com mobilidade social muito limitada... os seus desdobramentos foram diversos, ganhando perfis e configurações particulares. (GOMES, 2005, p.55).

Acreditamos que, independente destas opiniões, Abdias do Nascimento (2000), como integrante da organização negra, percebe que o movimento foi um divisor de águas entre o surgimento da entidade e as organizações anteriores.⁸¹ Mas notamos que ele, por ter citado a industrialização, remete única e exclusivamente, em sua análise, ao núcleo paulista, pois como veremos mais adiante esse fator, embora importante para a cidade de São Paulo, influenciou

⁸⁰ Abdias do Nascimento foi integrante da Frente Negra nos anos 30, fundador do Teatro Experimental do Negro em 1944, e Senador Federal nos anos 90.

⁸¹ Segundo L.C Pinto, que pesquisou associações da década de 40 e 50 na cidade do Rio de Janeiro, as sociedades/organizações negras, dividem-se em duas formas: as *tradicionais*, e as de *novo tipo*. Conforme o autor, esta distinção não é exclusivamente cronológica (...) é que as associações que chamamos de tradicionais resultam, e cabem perfeitamente dentro do padrão tradicional das relações entre negros e brancos no Brasil, enquanto que as que aqui são chamadas de novo tipo, não só resultam das alterações que vem sofrendo aquele quadro tradicional das relações de raças, mas também tendem, e pretendem, imprimir a elas uma nova direção... A partir do início do século XX, no Pós-Abolição e com o advento da República, começa a surgir um novo tipo de atitude entre as populações negras e, com elas, as associações de um ‘novo tipo’. Ver PINTO. Luiz Antonio Costa. O Negro no Rio de Janeiro. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1953, p.238). Mas cabe aqui colocar que acreditamos que jamais devemos pensar essas *associações tradicionais* ou de um *novo tipo* como algo estanque, pelo contrário, devemos pensá-las como associações dinâmicas, pois o recreativo muitas vezes se torna reivindicativo e político, pois são formas de unir e organizar o coletivo negro em torno da sociabilidade.

pouco, ou de maneira menor ou de forma diferente, as **Frentes Negras** surgidas em Salvador, na Bahia, em Pelotas, no Rio Grande do Sul e em Recife, Pernambuco.

Portanto, nada mais justo que Abdias, como integrante daquele *movimento social* de caráter inovador para os padrões dos grupos negros da cidade paulista em plena “efervescência” na época, o considerasse como um *movimento de massas*. Por outro lado, Gomes (2005) define que o *movimento*, por ter tido configurações diferenciadas em cada região do país, deve ser pensado de maneira específica com suas características regionais, próprias de cada localidade em que o mesmo existiu. E é isso que propomos, após identificarmos o encerramento das atividades da **Frente Negra Brasileira** de São Paulo, a fazer nas próximas linhas de nossa narrativa.

1.3.2 A FRENTE NEGRA EM SALVADOR.

A **Frente Negra**, de Salvador, foi criada entre julho e novembro de 1932, por Marcos Rodrigues dos Santos, fiscal de estrada de rodagem, que participara um ano antes da fundação de um núcleo da organização na cidade de Santos, interior paulista.

Na “Mulata Velha”, como era conhecida Salvador na época, sua sede se localizava na Rua Rui Barbosa, nº44. As principais propostas da **Frente Negra** na cidade eram a alfabetização e o levantamento moral da raça.⁸²

Em janeiro de 1933, a organização baiana mudou para a Rua da Ajuda, nº 12, mantendo-se até agosto do mesmo ano. Realizou, em suas dependências, cursos de alfabetização, música, datilografia e línguas, além de sessões de filmes. Também manteve um quadro social feminino. (BACELAR, 2001, p.147).

Em Salvador, promovia conferências sobre os temas relacionados à questão negra. Entre os títulos localizamos: “O negro, a indústria e a sociedade”, “O negro baiano, a família e a alfabetização”, além de publicar um semanário com o objetivo de divulgar e defender seus interesses.⁸³

Quais as aproximações e os distanciamentos que localizamos entre a **Frente Negra** Paulista e a sua coirmã Baiana? Segundo Bacelar:

Do ponto de vista do ideário, bem como das ações, existem muitas aproximações entre a Frente Negra Paulista e a Baiana. Porém, levando em consideração as peculiaridades históricas e políticas de Salvador, no que concerne ao seu quadro social e o alcance de suas propostas, iremos verificar um grande distanciamento entre as duas Frentes. (BACELAR, 2001, p.149).

A cidade de Salvador, diferentemente do que ocorreu em São Paulo, era a favor da ordem social, política e econômica estabelecida nos moldes tradicionais⁸⁴, e foi isso que divergiu os seus

⁸² Diário da Bahia, 26/04/1933 *apud* Bacelar. Ver BACELAR, Jeferson. A hierarquia das Raças, Negros e Brancos em Salvador. Rio de Janeiro: ED Pallas, 2001.

⁸³ *Ibidem*, p.148.

⁸⁴ Por moldes tradicionais entendemos uma sociedade onde negros e brancos convivem cientes de suas posições sociais, sem conflitos visíveis. Termo endossado por Gilberto Freyre que diz: “...a distância social, no Brasil, fora

quadros formadores dos quadros da Frente paulista, embora seja identificada por Bacelar (2001, p.150) uma “sincronia quanto aos aspectos da inserção social e integração das populações negras, entre ambas”.

A diferença de seus organizadores ocorreu porque na cidade de São Paulo os negros sofreram abertamente discriminação no mercado de trabalho, sendo substituídos pelos imigrantes.⁸⁵ Segundo Bacelar (2001, p.150), os negros paulistas tinham grandes expectativas de superação dessas condições com as mudanças acenadas pelas agitações dos anos 30. Já em Salvador, os negros baianos continuavam em posições normais, integrados ao trabalho, sobretudo autônomo. Ainda conforme Bacelar:

A Revolução de 1930 não opera grandes transformações no campo social em Salvador, sendo mantidas as tradicionais formas de dominação e relações sociais. Ou seja, uma situação completamente distinta da existente em São Paulo... onde o padrão de relação entrou em crise progressiva e irreversível, graças aos efeitos da universalização do trabalho assalariado, à consolidação da ordem social competitiva e à industrialização. (BACELAR, 2001, p.150).

Se em São Paulo os líderes da organização assumiram a função de *intelectuais orgânicos negros*, sendo que a maioria deles eram funcionários públicos, o que era relevante para época, já que grande parte da população negra se mantinha desprovida de bem materiais, em Salvador a **Frente Negra** era inteiramente rejeitada pela elite negra, mestiça intelectual, que era auto-identificada com os valores brancos e primava pelas relações harmoniosas, que Bacelar (2001, p.151) define como produto de um possível “paraíso racial”.

Marcos Rodrigues dos Santos, fundador da Frente Negra de Salvador era operário, sendo que os dirigentes que o acompanhavam na organização da entidade eram negros de condição modesta, tendo a participação de trabalhadores pequena, mas existente.

resultado de diferenças de classe, bem mais do que de preconceito de cor ou de raça. Como os negros brasileiros desfrutavam de mobilidade social e oportunidades de expressão cultural, não desenvolveram uma consciência de serem negros da mesma forma que seus congêneres norte-americanos”. *Apud* Costa, 1998, p.365.

⁸⁵ Foi após a guerra de 1914-1918 que o negro começou a reivindicar e ter consciência de sua condição inferior ao do imigrante na capital paulista, que tendo chegado ao Brasil tão pobre como ele, conseguiu subir na escala social, enquanto o negro permaneceu embaixo. Ver BASTIDE e FERNANDES. Brancos e Negros em São Paulo. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1959, p.226.

Os negros socialmente ascendentes se afastavam inteiramente da identificação com os “pretos pobres” e seu modo de vida, ou seja, quanto mais bem sucedido o negro, mais integrado e mais distante da *identidade negra*, inclusive da participação nesse *movimento social*. (BACELAR, 2001, p.156)

É interessante salientar que Jéferson Bacelar⁸⁶ utiliza em sua narrativa, ao explicar sobre a existência da **Frente Negra** em Salvador, o termo preto e mestiço quando se refere aos fundadores da organização, ou seja, no nosso entendimento, a partir do momento que ele opta pelo uso freqüente desses termos, o autor acaba evidenciando a falta de uma *identidade negra* nos líderes da entidade, já que os representantes da **Frente Negra**, tanto em São Paulo como em Pelotas, como veremos mais adiante, assumem essa identidade em uma sociedade capitalista incipiente e competitiva, se identificando como negro e não como “preto ou mestiço”, evidenciando que ao contrário da Bahia, o dito “paraíso racial”, era mera ideologia dos grupos dirigentes. Por identidade negra utiliza-se o conceito de Nilma Lino Gomes que explica:

A identidade negra é entendida, aqui, como uma construção social, histórica, cultural e plural. Implica a construção do olhar de um grupo étnico/racial ou de sujeitos que pertencem a um mesmo grupo étnico/racial, sobre si mesmos, a partir da relação com o outro. Construir uma identidade negra positiva em uma sociedade que, historicamente, ensina aos negros, desde muito cedo, que para ser aceito é preciso negar-se a si mesmo é um desafio enfrentado pelos negros e pelas negras brasileiros (as). (GOMES, 2003, p.43).

A **Frente Negra** de Salvador, ao contrário da **Frente Negra** de São Paulo, encontra uma sociedade imobilizada por todos os seus segmentos sociais no que diz respeito às tensões raciais, mas não sociais. Pois conforme Bacelar:

Ao iniciar-se a década de 1930, a Bahia atravessa uma grave crise econômica e social, com desemprego em massa e empobrecimento generalizado dos trabalhadores. Por sua vez a contínua repressão desencadeada ao longo da década de 1920 sobre o movimento operário solapava brutalmente a sua capacidade reivindicatória (...) como o episódio da quebra dos bondes.(BACELAR, 2001, p.152).⁸⁷

⁸⁶ Ver BACELAR, Jeferson. A hierarquia das raças. Rio de Janeiro: PALLAS, 2001.

⁸⁷ A quebra dos bondes ocorreu com a destruição de veículos, oficinas e edifícios da Companhia Linha Circular de Carris Urbanos e do jornal *A Tarde*, em repúdio ao aumento das passagens nos meios de transportes e aparentemente sem relação com a “Revolução de 1930”, que eclodiu no dia anterior em vários estados (Rio Grande do Sul, Minas

Ou seja, localizamos três fatores que diferenciam a **Frente Negra** de Salvador e a de São Paulo:

- 1) a pouca influência da “Revolução de 1930” na sociedade baiana,
- 2) a falta de tensões raciais na capital baiana
- 3) a desmobilização social, advinda com o brutal cerceamento do movimento operário.

Segundo Donald Pierson, que pesquisou as relações raciais na Bahia nos anos quarenta, em São Paulo e no Rio Grande do Sul existia um sentimento de “preconceito de cidade cosmopolita”, entretanto, para o autor, esses casos eram exceções ao padrão cultural do Brasil. E cita exemplos de que para uma organização negra ter respaldo e existir, necessita existir na cidade em que a mesma surge, forte tensão racial. Segundo Pierson:

Um mestiço baiano voltou recentemente do Rio Grande do Sul, afirmando que lá se tinham referido a ele como “negro” e que ele sentira outras distinções desagradáveis a que não estava acostumado na Bahia... a organização da Frente Negra Brasileira, com a finalidade de unir negros em todo o Brasil, indica claramente a existência de, pelo menos, alguma consciência de raça por parte dos negros de São Paulo e, por conseguinte, refletem sentimentos de exclusão e “discriminação”. O mesmo sucede com a Frente Negra Pelotense em Pelotas, Rio Grande do Sul. Entretanto, essas indicações de consciência de raça são provavelmente exceções do padrão cultural geral do Brasil, e não típicas. Depois de várias semanas de esforços inúteis, organizadores da Frente Negra do Brasil abandonaram a tarefa de organizar uma filial na Bahia... é possível que a Bahia, que durante muito tempo sofreu pouca mudança social, em comparação com as áreas do sul, guarde mais que em São Paulo e algumas áreas meridionais do Brasil os “mores” originais do Brasil colonial.(PIERSON, 1949, p.414).

A **Frente Negra Baiana**, fundada na cidade de Salvador em julho e/ou novembro de 1932 existiu até setembro e/ou outubro de 1933. Tentou, como em São Paulo, enveredar pela trajetória

Gerais, Paraíba e Pernambuco), mas, até então, sem intervenção na Bahia... Os líderes da “Quebra-bondes” eram desconhecidos, porém foram efetuadas prisões de pessoas suspeitas de participação no movimento. Para saber mais ver Mônica Celestino em: O jornalista Cosme de Farias e a imprensa como instrumento de mobilização em Salvador, *sd*. Para saber mais acessar: http://www.redealcar.jornalismo.ufsc.br/cd4/impressa/m_cestino.doc/ acesso em 17/03/2008.

política, mas devido a divergências internas acabou tendo a candidatura de seu representante impugnada, sendo tutelada pelo interventor Juracy Magalhães.⁸⁸

Conforme Bacelar (2001, p.157), a organização teve vida curta, porém, de fundamental importância na história dos negros na Bahia, na medida em que o movimento trouxe à tona a questão racial, a desigualdade entre negros e brancos e a união dos negros como caminho para a superação do preconceito e da discriminação. Seu líder e fundador, Marcos Rodrigues dos Santos, continuou morando em Salvador, onde veio a falecer na década de 1950.

⁸⁸ Juracy Montenegro Magalhães (1905-2000): Em julho de 1922, sentou praça no exército, no 23º batalhão de caçadores na capital cearense, seguindo no início de 1923 para o Rio de Janeiro, a fim de ingressar na escola militar de Realengo. Transferido para o 1º regimento de infantaria, na vila militar do Rio de Janeiro, em 1928, teve o seu primeiro contato com Juarez Távora, iniciando a atividade conspiradora que levaria à revolução de 1930. Nomeado interventor federal da Bahia, depois do fracasso das interventorias civis, tomou posse em 19 de setembro de 1931. Durante sua permanência na interventoria, construiu um novo pacto político no estado, com a criação do PSD da Bahia. Assegurou o apoio dos baianos ao governo provisório de Vargas, ao reprimir as manifestações de apoio ao movimento constitucionista de 1932, deflagrado em São Paulo. Juracy Magalhães construiu uma nova aliança política no estado, em torno dos chefes políticos municipais, consolidada na criação do partido social democrático da Bahia. Foi responsável pela implantação, na Bahia, de medidas modernizadoras propostas pela revolução de 1930. <http://www.governador.ba.gov.br/governadores/juracymontenegro.htm/> Acesso em 17/03/2007.

1.3.3 EM PELOTAS: O “ALVORADA” COMO ORIGEM.

No Rio Grande do Sul, a **Frente Negra Pelotense** foi fundada no dia 10 de maio de 1933 por José Aduato Ferreira da Silva, Carlos Torres, José Penny, Humberto de Farias e Miguel Barros, sendo que, este último, também fora fundador da **Frente Negra de Pernambuco**. Tinham como atividades, em suas dependências, a realização de cursos e seminários para a comunidade negra direcionados para a educação e a união. Dentre os seminários direcionados estavam a “reabilitação e engrandecimento de todos os elementos da raça”, e temas como: “A mulher negra e o futuro da raça”.

Segundo José Antônio dos Santos (2001, p.143), que pesquisou os estatutos da **Frente Negra de Pelotas/RS**, um dos interesses desta organização na cidade era em instruir a mulher negra. O principal motivo, segundo o autor, era porque ela ficava encarregada de dar educação para as crianças, isso poderia encaminhá-las para um futuro melhor da “raça”, definido pela **FNP** como sendo possível via educação.⁸⁹ Uma das peculiaridades da **Frente Negra Pelotense** era que a mesma tinha um caráter mais sindical, inclusive mantendo alianças com organizações classistas.⁹⁰

Para continuarmos examinando as diferenças e especificidades das **Frentes Negras** analisadas neste trabalho, convém demonstrar como foi a escravidão em Pelotas e como a mesma sentiu a industrialização incipiente em nosso país, que teve como centro a experiência paulista.

A cidade de Pelotas teve em sua consolidação urbana e industrial, motivações geradas pela da riqueza proporcionada pelo charque. Em função dos estabelecimentos saladeris

⁸⁹ Identificamos, nestas informações do historiador José Antonio dos Santos, uma forte influência do Positivismo na Frente Negra Pelotense, pois ao instruir a mulher negra para educar seus filhos, temos uma das principais doutrinas do positivismo difuso em nossa sociedade: o de que as mulheres deveriam ficar em casa educando seus filhos. Conforme ISMÉRIO, 1995, p.31-33: “as mulheres deveriam educar seus filhos nos princípios da moral e do civismo, tendo como base a História, a ‘grande mestra da vida’ (...) sendo educadora por natureza, a mulher poderia exercer a profissão de professora, orientando os alunos como se fossem seus próprios filhos. A professora trabalhava em escolas, casas particulares ou em sua própria casa... isso acontecia porque o lugar da mulher era dentro do lar cuidando de seus entes ou afazeres (...)”. Sobre o Positivismo político, difuso e religioso, ver BOEIRA, Nelson. O Rio Grande de Augusto Comte. In GONZAGA, Sergius, RS: Cultura & Ideologia. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980. Sobre o Positivismo e a mulher Ver também: LEAL, Elisabete da Costa. O Positivismo, o Partido Republicano Rio-Grandense, a moral e a mulher. (1891-1913). Dissertação de Mestrado, UFRGS, novembro de 1996. p.175-188.

⁹⁰ Para saber mais sobre associativismo, organizações negras e o operariado na cidade de Pelotas Ver LONER, Beatriz Ana. Classe Operária: Mobilização e Organização em Pelotas: 1888-1937. Tese de Doutorado, UFRGS, 1999, p.249-258.

(charqueadas), de caráter artesanal, que iniciaram em 1780, a região foi um dos locais de maior concentração de escravos no Rio Grande do Sul, situação que se manteria até o século XIX, quando as charqueadas, localizadas nos arredores da cidade, transformaram-se em empresas voltadas para o mercado nacional. (SANTOS, 2000, p.48).⁹¹

A indústria do charque na cidade de Pelotas começou a decair em virtude da concorrência da região platina que já utilizava uma tecnologia mais aprimorada na produção do charque, diferente de Pelotas, que ainda utilizava técnicas artesanais.⁹²

A saída para os pelotenses foi o aumento no preço do charque para obter lucro. Nessa disputa, gradualmente a “Princesa do Sul”, como era conhecida a cidade, passa a sofrer e a perder com a concorrência platina. Somam-se a isso a promulgação da Lei Áurea em 1888, o que sela gradualmente a sorte dos grandes charqueadores na região, e que influenciou diretamente nas populações negras, pois: o que fazer com essa mão-de-obra na cidade após a abolição?⁹³ Conforme José Antonio dos Santos:

⁹¹ Para saber mais sobre o negro e a escravidão no RS ler: Cláudio Moreira (1976): O negro e descendentes na sociedade do Rio Grande do Sul. BAKOS, Margaret (1982), Escravidão e abolição no RS, CONFORTO, Marília (1990), Breves considerações sobre a criminalidade escrava, segundo “o livro dos sentenciados” da Casa de correção de Porto Alegre (1874-1900), I Simpósio Gaúcho sobre a Escravidão. Estudos Ibero-Americanos. p.69-79. BENTO, BERND, Zila e BAKOS, Margaret (1991), O negro: consciência e trabalho. GATTIBONI, Rita (1993). Escravidão Urbana na Cidade de Rio Grande. DALLA VECCHIA, Agostinho Mario (1993), Os filhos da escravidão: memórias de descendentes de escravos na região Meridional do Rio Grande do Sul. MAESTRI, Mario (1993), O escravo gaúcho – resistência e trabalho. ZANETI, Valéria (1994), Calabouço Urbano – escravos e libertos em Porto Alegre (1840-1860). Moacyr Flores (org), (1994) Negros e Índios – Literatura e História. ASSUMPCÃO, Jorge Euzébio (1995), Pelotas: Escravidão e Charqueadas. PEREIRA, Lúcia Regina Brito (1995), Fábulas de Escravos e Libertos no Cenário da Justiça em Porto Alegre - 1870/1888. MÜLLER, Liane Suzan. (1999): “As contas do meu rosário são balas de artilharia” – Irmandade, jornal e sociedades negras em Porto Alegre 1889-1920. MOREIRA, Paulo Roberto Staudt (2003). Os cativos e os Homens de Bem – Experiências Negras no Espaço Urbano – 1858-1888. FLORES, Moacyr Flores (2004). Negros na Revolução Farroupilha. PETIZ, Silmei de Santana (2006), Buscando a Liberdade e OLIVEIRA, Vinícius Pereira (2006). De Manoel Congo a Manoel de Paula. Um africano ladino em terras meridionais.

⁹² Por região platina denominamos os países que fazem fronteira com o Rio da Prata, Argentina e Uruguai, que usavam mão-de-obra livre em sua produção. No Rio Grande do Sul: “a economia escravista por um lado é uma economia de desperdício pela sua própria natureza e, por outro, funda-se em requisitos sociais de produção que a tornam obrigatoriamente pouco flexível diante das necessidades de inovação na técnica de produção. Em outros termos e sintetizando, a economia escravocrata, por motivos que se inscrevem na própria forma de organização social do trabalho, impõe limites ao processo de racionalização da produção e ao lucro. Isto significa que, a partir de um certo limite, a economia escravocrata se apresenta como um obstáculo fundamental para a formação do capitalismo...o trabalho escravo apresentava índices menores de produtividade que o trabalho livre. Para saber mais sobre a concorrência entre as indústrias saladeris do prata e as charqueadas gaúchas ver Cardoso (1991, p.155-186).

⁹³ A Abolição brasileira foi decretada em 13 de maio de 1888. O trabalho escravo fora abolido por influências externas e internas. Pela externa salientamos o movimento de combate à escravidão, liderado pela Inglaterra em virtude da Revolução Industrial. Pelos fatores internos, o Brasil desencadeia mudanças estruturais de adequação ao

Antes da abolição, trabalhar era coisa de escravo; portanto, atividade degradante, desqualificada e desvalorizada pela sociedade imperial, mesmo na sua porção mais empobrecida... modificar esta situação na visão dos trabalhadores e da burguesia se fazia mais do que uma necessidade política, era um imperativo econômico. Em sua nova condição jurídica, muitos dos que foram escravizados e seus descendentes permaneceram na região de Pelotas... Em Pelotas foram incentivados pela Associação Comercial⁹⁴, formada por uma fração da burguesia pelotense, preocupada com a mão-de-obra de sua indústria e com consumidores para seus produtos. (SANTOS, 2000, p.51).

A utilização da mão-de-obra do ex-escravo, na industrialização incipiente da cidade pelotense, viria a ser direcionada para o comércio e a indústria local, sendo que o município manteve-se como indústria pecuária até a década de 1930.

Devido às situações como as citadas anteriormente, o município desenvolveu fatores socioeconômicos diferenciados de São Paulo, pois era uma economia subsidiária. Conforme Loner (1999, p.232), como característica peculiar da cidade, podemos ressaltar a utilização da mão-de-obra dos ex-escravos e seus descendentes na industrialização da cidade, ao contrário de São Paulo, que utilizou o imigrante. Outro dado diferenciador, segundo Santos (2000, p.43), em relação à cidade de São Paulo, é quanto à predominância dos operários negros na diretoria de várias entidades classistas.

Os operários negros através de organizações classistas, desenvolveram o que Santos (2000, p.44) denominou de dupla militância, em associações de raça e de classe. Para Loner (1999, p.233): "... a opção pela organização classista operária era, para eles, mais essencial do

modo de produção baseado no trabalho livre. Neste sentido podemos relacioná-lo com a agonia do sistema escravista brasileiro que tinha como base de sustentação a grande lavoura sustentada pela mão-de-obra escrava que despendia altos custos de seus proprietários. Não muito diferente, no Rio Grande do Sul, onde a Abolição foi decretada em 1884, as charqueadas também passam a sofrer com a mão-de-obra escrava "cara" e com a concorrência da região do Prata, onde o trabalho assalariado e as charqueadas, com tecnologia incipiente, motivam a concorrência na região. Além dos fatores econômicos, podemos pensar na "derrocada" da escravidão através das ações do escravo que pesquisas atuais 'desvendamos' a sua participação neste processo. Através da luta contra a sua condição o negro agiu sob forma de fugas, quilombos e insurreições o que colaborou significativamente para o encerramento de seu cativeiro e a Abolição da Escravidão. Podemos afirmar que outros fatores influenciaram o abolicionismo desde sociedade civil organizada, partidos políticos e da própria imprensa. Para saber mais ver: Margaret Marchiori Bakos (1982 e 1988) em RS: Escravidão e Abolição e Repensando o Processo Abolicionista Sul-Rio-Grandense – Revista PPGH-PUCRS, Verônica Monti (1985), O Abolicionismo – Sua hora decisiva no Rio Grande do Sul, Emília Viotti da Costa da Monarquia à República e Fernando Henrique Cardoso(1991).

⁹⁴ Para saber sobre a Associação Comercial ler: Maria Dias Costa. Segundo a autora essa associação, fundada em 1873, foi a principal responsável por várias iniciativas que criaram a infra-estrutura para o progresso de Pelotas. Maria Dias Costa (org). As relações de trabalho e as organizações de classe em Pelotas, 1997.

que para qualquer outro grupo de trabalhadores, porque representava, concretamente, uma das poucas esperanças de melhoria de vida”.

Nos anos trinta, a situação social e política da comunidade negra, na cidade, era muito parecida com a situação evidenciada em outras regiões brasileiras pois, como se integrar e ascender socialmente em uma sociedade que os condenava? Conforme Loner:

A situação do negro na República Velha era extremamente débil. Imerso numa sociedade acostumado a tratá-lo como escravo, frágil em seus apoios culturais e econômicos, abandonado quando da abolição pelos seus parceiros brancos, ele teve que, pacientemente, tecer uma ampla rede de associações, clubes e jornais que, ao mesmo tempo, organizassem e conscientizassem os elementos da raça negra, dando-lhes respaldo em momentos de crise... (LONER, 1999, p.251).

A exemplo do oásis de São Paulo eis que se forma a **Frente Negra Pelotense**. Esse *movimento social* contou com o apoio de parte significativa da comunidade, mas muitos ficaram temerosos com o que tal organização pretendia, já que o preconceito de cor e o racismo na cidade eram “desertos” poucos falados publicamente, seja por negros, seja por brancos. Nesse sentido, “a maioria dos negros lutava pela sua integração na sociedade, de forma individual”.⁹⁵

A **Frente Negra Pelotense**, conforme citado antes foi fundada em 1933, por José Aduato Ferreira da Silva, Carlos Torres, José Penny, Humberto de Farias e Miguel Barros, todos *intelectuais negros*. Antes de analisarmos de fato as suas ações, seus interesses e a produção escrita produzida nesse *lugar social* convém, neste momento, citarmos a origem do Jornal **A Alvorada**, já que diferentemente da **Frente Negra** de São Paulo, que mantinha seu próprio periódico, ou da baiana, que manteve um semanário e que registrava e divulgava suas informações no **Diário da Bahia**, a organização de Pelotas utilizava-se do periódico **A Alvorada** para difundir e registrar os seus interesses. Mas a sua fundação ocorreu duas décadas antes da **Frente Negra** na cidade, como veremos a seguir.

Aliás, é importante notar que se deu no Rio Grande do Sul o nascimento da denominada “imprensa negra brasileira”. O jornal **O Exemplo**, de Porto Alegre é o mais antigo do Brasil, fundado em 1892, e o jornal **A Alvorada** de Pelotas, foi o que mais tempo circulou, sendo o

⁹⁵ Ver LONER, Beatriz Ana. Classe Operária: Mobilização e Organização em Pelotas: 1888-1937. Tese de Doutorado, UFRGS, 1999, p.254.

primeiro número lançado em 1907 e o último em 1965. São Paulo supera o Rio Grande do Sul na quantidade de jornais negros, mais na qualidade, verificamos que no ‘quesito’ origem e longevidade os jornais negros gaúchos destacam-se, o que demonstra um problema a ser investigado, já que, por um longo período histórico, São Paulo foi considerado o estado pioneiro no que diz respeito a ‘imprensa negra’.⁹⁶

TABELA- 1
QUADRO INFORMATIVO SOBRE A IMPRENSA NEGRA
PAULISTA E SUL-RIO-GRANDENSE ENTRE 1892 E 1933

Periódico	Localidade	Ano de origem
O Exemplo	Porto Alegre	1892
A Cruzada	Pelotas	1905
A Alvorada	Pelotas	1907
A Hora	Rio Grande	1914
Menelik	São Paulo	1915
A Princesa do Norte	São Paulo	1918
Tio Urutu	São Paulo	1918
A Rua	São Paulo	1918
O Xauter	São Paulo	1918
A União	São Paulo	1918
O Alfinete	São Paulo	1919
O Bandeirante	São Paulo	1919
A Protetora	São Paulo	1919
A Liberdade	São Paulo	1920

⁹⁶ Liane Müller pesquisou no último capítulo de sua Dissertação de Mestrado o jornal “O Exemplo”. Através de suas pesquisas, a historiadora, identificou três fases deste jornal. A primeira fase entre 1892 e 1910, em que o qualifica como jornal de gênero literário, a segunda fase, de 1911 a 1916, que pode ser entendida como momento de transição, já que combatia de fato o preconceito, e a terceira fase de 1917 a meados de 1920, que já revela um jornal de operários empobrecidos, sejam negros ou brancos. “As contas do meu rosário são balas de artilharia” – Irmandade, jornal e sociedades negras em Porto Alegre 1889-1920. Dissertação de Mestrado, 1999, p.170-192. E para saber mais do Jornal A Alvorada ler: José Antonio dos Santos, Raiou “A Alvorada”: Intelectuais negros e imprensa, Pelotas (1907-1957). Outros jornais que podemos citar como exemplos dessa imprensa negra gaúcha são: A Cruzada (de Pelotas 1905), A Navalha (de Santana do Livramento 1931), A Revolta (de Bagé 1925) e A Hora (Rio Grande 1917-1934).

A Sentinela	São Paulo	1922
O Kosmos	São Paulo	1923
O Getulino	Campinas	1924
O Clarim da Alvorada	São Paulo	1924
A Revolta	Bagé	1925
A Navalha	Santana do Livramento	1931
O Elite	São Paulo	1928
O Auriverde	São Paulo	1932
O Patrocínio	São Paulo	1932
O Progresso	São Paulo	1932
A Voz da Raça	São Paulo	1933

Fontes: Roger Bastide (1959) em: A Imprensa Negra no Estado de São Paulo, Florestan Fernandes (1978) em: A Integração do Negro na Sociedade de Classes, Miriam Nicolau Ferrara (1986) em: A Imprensa Negra em São Paulo, Antonio Sérgio Alfredo Guimarães (2000) em: Notas sobre raça, cultura e identidade na imprensa negra em São Paulo e no Rio de Janeiro, 1925 e 1950 e Yosvaldir Carvalho Bittencourt (2005) em: As Escolas de Comunicação Social como instrumento de desconstrução do racismo e discriminação racial. Liane Müller em “As contas do meu rosário são balas de artilharia” – Irmandade, jornal e sociedades negras em Porto Alegre 1889-1920. Dissertação de Mestrado, 1999, p.170-192 e José Antonio dos Santos, Raiou “A Alvorada”: Intelectuais negros e imprensa, Pelotas (1907-1957).

José Antonio dos Santos (2000) pesquisou em sua dissertação de mestrado, a origem, desenvolvimento e encerramento das atividades do periódico “A Alvorada” de Pelotas-RS, analisando-o através de artigos escritos por seus fundadores e colaboradores.

Fundado por Rodolfo Xavier, Juvenal Durval Morena Penny e Antonio Baobab, todos negros, o jornal circulou entre os anos de 1907 e 1965, parando momentaneamente de circular em virtude da II Guerra Mundial, em meados da década de 1940, que afetou a imprensa da época de uma maneira geral em decorrência da escassez de matéria-prima. (SANTOS, 2000, p.74).

Era um jornal direcionado para duas questões: tratava de situações pertinentes à raça negra e também das alusivas ao operariado, independente de sua cor. Segundo José Antonio dos Santos, esses fatores geraram uma diferença significativa no que Bastide (1959) denominou simplesmente de *imprensa adicional negra*, pois, para Bastide, essa imprensa tratava somente de

assuntos raciais e sociais relativos a esta parcela da população. Ao pesquisar o jornal **A Alvorada**, Santos contribui para novas interpretações sobre a “imprensa negra”.

Para Santos (2000, p.62): “o público ao qual o jornal **A Alvorada** era dirigido incluía “os da raça” e os operários, indiscriminadamente, o que alarga muito mais o campo de atuação dos negros envolvidos com a manutenção do periódico”. Santos denomina esse jornal característico da imprensa negra gaúcha como sendo uma *imprensa de opinião*, pois primava por opiniões apaixonadas dirigidas a um público específico, negro e operário.

Portanto, conforme Santos (2000, p.76), “o jornal é caracterizado como um órgão de informação, educação e protesto da comunidade negra contra a discriminação racial que atingia os negros e a condição social precária em que se encontravam os operários pelotenses”.

Tinha como uma de suas principais características a moralização e a ordem social do negro, o que o aproxima dos valores morais do jornal **A Voz da Raça**, da **Frente Negra Paulista**. Outro fator que avizinha este jornal do jornal dos paulistas, são as chamadas freqüentes para a realização de concursos de belezas, festivais, informações sobre peças de teatro, clubes bailantes e jogos de futebol, o que propicia a indicação de lugares onde os negros na cidade pudessem compartilhar e trocar suas experiências culturais e sociais. Neste sentido esses lugares também influenciavam na auto-estima de seus freqüentadores. Funcionavam como as *domingueiras*, realizadas pela **Frente Negra** de São Paulo.⁹⁷

O jornal **A Alvorada** também circulava em Rio Grande, Canguçu, Bagé, Jaguarão, Alegrete e Porto Alegre. Nestas cidades existiam representantes do jornal que eram encarregados pela cobrança de assinaturas, o que mantinha a produção do periódico. Outra fonte de recursos para mantê-lo era a organização de bailes e festas. (SANTOS, 2000, p.85).

Notamos que apesar dos poucos recursos o jornal conseguiu difusão nas principais cidades de região, incluindo a capital dos gaúchos, o que demonstra a capacidade de organização e empenho de seus fundadores em atingir o maior número de negros no estado, independente da sua localidade. Inclusive, o periódico possuiu correspondentes em São Paulo, Rio de Janeiro e

⁹⁷ As *domingueiras* tratavam-se de reuniões semanais organizadas pela direção da Frente Negra de São Paulo, tendo em vista desenvolver os “bons dotes” no negro, elevar seu nível cultural e, principalmente, despertar-lhe uma consciência crítica para o exercício da cidadania...A programação era composta por palestras e declamações de poesias e apresentações musicais.

Portugal, conforme material impresso localizado por José Antonio dos Santos (2000, p.87) na Biblioteca Calixto Nóbrega em João Pessoa na Paraíba.

Rodolfo Xavier, um dos fundadores do **A Alvorada** e líder operário na cidade escrevia muitos artigos no jornal, e nos anos trinta passara a articulista do periódico, sendo que por ocasião da “Revolução de 1930”, dirigida por Vargas, escreveu um artigo intitulado: Nova Era. Na realidade, esse artigo, antes de ser escrito como forma de elogio a Vargas ou às transformações sociais e políticas, advindas com o período, era uma veemente crítica, porque, segundo Xavier (1931), surgia:

uma era nova para as classes trabalhadoras... porque sindicalizando-se todas as classes e oficializando-as por lei elas terão, indubitavelmente, apoio dos governantes... patrões e operários, ricos e pobres e agora até militares, poderão ter tudo menos associações de classe... não precisamos de intermediários... a emancipação dos trabalhadores tem que ser obra dos próprios trabalhadores. (XAVIER, 1931 *apud* SANTOS, 2000, p.90).

Para Boris Fausto (2002, p.187): “o trabalhismo de Getúlio teve por objetivo reprimir os esforços organizatórios da classe trabalhadora e atraí-la para o apoio difuso do governo” sendo que, “o enquadramento dos sindicatos foi estabelecido por um decreto de março de 1931. Nesse sentido, o sindicato foi definido como órgão consultivo e de colaboração com o poder público”.

Se a **Frente Negra** de São Paulo era mais próxima a Getúlio e de seus ideais trabalhistas, notamos que a **Frente Negra de Pelotas**, por ser formada pelos intelectuais negros, mantenedores do periódico “A Alvorada”, eram contra a política de Vargas, pois viam nessas ações formas de tutelar e manter o controle sobre os sindicatos de trabalhadores e associações de classe.⁹⁸

No início da década de 1930 surgiu, a nosso ver, uma nova geração de *intelectuais orgânicos negros* que passaram a dirigir do jornal, eram eles: José Penny, filho de Juvenal Durval Morena Penny, um dos fundadores do periódico, Barros Mulato e Humberto Farias. Nessa época

⁹⁸ Os operários negros da cidade de Pelotas através de organizações classistas desenvolveram o que Santos (2000, p.44) denominou de dupla militância, em associações de raça e de classe. Neste sentido, nas associações de raça os afro-descendentes lutavam pela afirmação da comunidade negra e nas associações de classe, eles reivindicavam seus direitos trabalhistas autônomos ao paternalismo instituído pelos governantes do período.

o jornal inicia uma Campanha de Pró-Educação⁹⁹ a favor da comunidade negra, também é nesse período que tem origem o *movimento social Frente Negra* na cidade.

Os intelectuais negros integrantes do jornal, Humberto Farias e Miguel Barros; tornaram-se além de fundadores, também líderes desta organização, o que o torna, a partir desse momento, o periódico oficial da **Frente Negra Pelotense**, tendo por intuito a seguinte proposta:

Propor uma identidade como negros, através do jornal, era uma das maneiras que os intelectuais encontraram de buscarem unir todos os descendentes da senzala em um objetivo único qual seja, reivindicarem seus direitos e se integrarem na sociedade brasileira sem distinções ou privilégios de qualquer tipo ou etnia. (SANTOS, 2000, p.107).

A campanha pró-educação foi uma proposta efetuada pelos intelectuais negros pelotenses para a comunidade negra no sentido de aceitação de uma *identidade negra*, o que viria ao encontro do *movimento social Frente Negra Pelotense*.

A primeira informação sobre a **Frente Negra Brasileira** no jornal **A Alvorada** foi um artigo assinado por Rodolfo Xavier, fundador e articulista do jornal, conforme citado anteriormente, que escreveu:

São Paulo, neste momento, indica o caminho a seguir pela raça negra, em todo o Brasil, preparando-a para o futuro não como serva das outras raças, mas ciente e consciente de seu valor moral, cívico e intelectual, como parte integrante do povo brasileiro... mas deveria em primeiro lugar instruir-se no seu principal papel para a conquista de seus direitos à cidadania...(A ALVORADA, 28/02/1932 apud SANTOS, 2000, p.129).

A **Frente Negra Brasileira** indicava duas direções a seguir pelos negros pelotenses. Uma referente à *identidade negra* positiva incentivada pela educação e, outra, a reivindicativa, linha já adotada pelo jornal em torno dos direitos trabalhistas. Tudo isto ocorria em um momento profícuo para tais discussões advindas dos debates gerados pela “Revolução de trinta” e a posse do Governo Provisório, que tinha criado, em agosto de 1931, a “Lei de Nacionalização do

⁹⁹ José Penny era um dos articuladores dessa campanha. Na época ele estava morando em Porto Alegre e estudava no colégio Júlio de Castilhos. Em um texto produzido por ele, datado de 15 de janeiro de 1933, dizia: “Negro! Evita o samba se quiseres evoluir...”. Segundo José Antônio dos Santos (2000, p.106): “O principal objetivo daquela campanha era a alfabetização e a educação dos negros pelotenses. Outro fator importante constatado por José Antonio foi que, para ele, o convívio de Penny em Porto Alegre serviu para aumentar a sua auto-estima e no sentido de o mesmo se reconhecer como negro. Um dos maiores obstáculos para os mantenedores do jornal na época. (A ALVORADA, 15/01/1933 apud SANTOS, 2000, p.106).

Trabalho”, que limitava a 25% a mão-de-obra imigrante no país. A **Frente Negra** era tida como a principal organização negra naquela discussão, representando o trabalhador “nacional”.

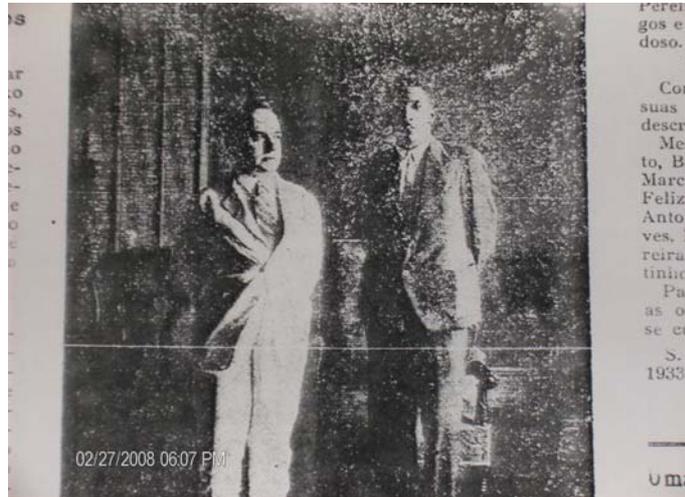


Imagem 3: Na fotografia acima, vemos o Dr. Getúlio Vargas, Chefe do Governo Provisório, em companhia do Sr. Isaltino B. Veiga dos Santos, Secretário Geral da F.N.B, logo após a audiência especial, concedida à Frente Negra Brasileira, no Palácio Rio Negro, em Petrópolis. (Imagem e texto consultado em um Fac-símile do Jornal A ALVORADA, 18 de Março de 1933).

Entendemos que das duas direções indicadas pela **Frente Negra Brasileira**, tidas como exemplo para os intelectuais negros pelotenses, que fundaram a **Frente Negra** na cidade, a mais aceita foi o exemplo da educação e da instrução como meio para a construção de uma *identidade negra* positiva, o que viria a contribuir para a elevação da auto-estima desse grupo social em uma cidade que embora os negros sofressem preconceitos, ainda tinham poucas estratégias de reivindicação político-social tendo como base a positivação de sua identidade, com isso se fortificando para lutar por seus direitos de integração e inserção social à ordem vigente, assumindo-se como negros.

Entendemos que as Leis trabalhistas, em virtude da dupla militância contida na entidade, foram aceitas com limites, já que os sindicalistas da região queriam autonomia em suas ações reivindicatórias.

Uma questão que evidencia as diferenças nos contextos vivenciados pelos negros pelotenses dos negros baianos e até mesmo paulistas, foi confirmada por Rodolfo Xavier, por

ocasião do surgimento da **Frente Negra Brasileira**.¹⁰⁰ O que colabora com a visão de Donald Pierson (1945) que pesquisou o contexto social em que existiu a **Frente Negra** em São Paulo e na cidade de Salvador. Segundo Xavier:

Uma separação de raças inviável no Brasil, histórica e etnologicamente falando... contudo é verdade insofismável, indiscutível que esses preconceitos se bem muitíssimo atenuados existem...julga o Norte do Brasil pelo Sul, lá, os preconceitos de raças são superfectações (sic), casos esporádicos que o bisturi dos tempos de quando em quando extirpa. Aqui não. A escravidão, nem nos cafezais, foi tão dura e aviltante como nas senzalas das charqueadas...os descendentes de sangue africano, mulatos descascados negam e menosprezam a sua própria origem! Por isso a fundação da Frente Negra contribuirá não para a separação de raças mas para educar os seus próprios elementos envergonhados de sua origem...absorvida pelo desdobraimento e cruzamento incessante de ininterruptas gerações..., para ombrear lado a lado com a raça branca para os destinos de nossa nacionalidade. (A ALVORADA, 07/08/1932 *apud* SANTOS, 2000, p.138)

Embora ciente das diferenças sofridas pelos negros brasileiros em outras regiões do país, tendo Pelotas como o pior lugar para os descendentes de africanos, Xavier (1932) viu a construção de nacionalidade como benéfica para o país com uma ressalva, o negro deveria compor a nação reconhecendo-se como negro, afirmando-se, sem vergonha de sua identidade.

A partir dos anos 30, servindo de suporte para os registros desse *lugar social* e difusão de seus interesses, em suas páginas os *intelectuais negros* propunham:

Uma identidade como negros através do jornal, pois era uma das maneiras que os intelectuais encontraram de buscarem unir todos os descendentes da senzala em um objetivo único qual seja, reivindicarem seus direitos e se integrarem na sociedade brasileira sem distinções ou privilégios de qualquer etnia. (SANTOS, 2000, p.107).

A fundação do **Centro de Cultura Negra**, em 23 de abril de 1933, na cidade de Pelotas, gerou um intenso debate nas páginas do periódico sobre a necessidade de criação de um “oásis”

¹⁰⁰ Deve-se entender a Bahia no período como estado integrante da região norte do Brasil.

que agregasse os negros naquela comunidade.¹⁰¹ Conforme Rodolfo Xavier, que apoiou a criação do centro:

Apelemos destas colunas aos intelectuais descendentes da raça... para a fundação de um Centro Cultural igual aos da Frente Negra de São Paulo, abstraindo discussões de raças e de preconceitos, tendo em vista exclusivamente o levantamento moral e intelectual da raça por meio de reuniões e preleções noturnas. (CAMPANHA PRÓ-EDUCAÇÃO-CENTROS DE CULTURA/ A ALVORADA 26/03/1933 *apud* SANTOS, 2000, p.140).

Para José Antonio dos Santos, esse centro de cultura foi o embrião da **Frente Negra** na cidade. Se o **Centro de Cultura Negra** foi em Pelotas a origem desse *movimento social*, ocorreu o inverso no Recife, por ocasião da **Frente Negra Pernambucana**, problema que propomos a identificar mais adiante, quando analisaremos a formação daquela entidade naquele município.¹⁰²

O primeiro registro no **Jornal A Alvorada**, sobre a **Frente Negra Pelotense**, foi um artigo localizado no dia 11 de Junho de 1933 e estava assinado pelo pseudônimo Zumbi dos Palmares. Além dos interesses de entidade, fora anunciado que o jornal era o órgão de divulgação oficial da organização. Segundo os seus estatutos:

A Frente Negra é uma entidade organizada por negros e para os negros... destina-se a pugnar pela união, educação, instrução, reabilitação e engrandecimento de todos os elementos da raça negra...combaterá tenazmente o Preconceito de cores (sic), fruto da vaidade e incompreensão daqueles que julgam-se superiores a nós...procurará conquistar para o negro, o direito, a igualdade e a consideração que a Lei lhe dá mas o Preconceito, lhe nega...é completamente independente, não sendo filiada a partidos, nem religiões, nem a clubes ou sociedades recreativas, carnavalescas ou desportivas. Negro meu irmão, não te envergonhes da tua cor, procura educar-te, instruir-te, valorizar-te, para mostrar a outrem, a cultura e a inteligência da raça negra... a maioria negra é incontestável. (A ALVORADA, 11/06/1933 *apud* SANTOS, 2000, p.144)

¹⁰¹ A formação de um espaço como denominamos nas páginas 29-33, desta pesquisa.

¹⁰² Se o embrião da Frente Negra em Pelotas fora o Centro de Cultura Negra, no Recife ocorreu justamente o inverso, já que Frente Negra Pernambucana a partir de 1937 passou a se chamar Centro de Cultura Afro-Brasileiro. Ver SILVA, Fátima Aparecida. O movimento social Frente Negra Pernambucana - 1936-1937-. A história continua. XXIV Simpósio Nacional de História. São Leopoldo, 2007, p.5.

No jornal **A Alvorada**, datado de 19 de novembro de 1933, “ocorreu na sede social do **Clube Chove Não Molha**”¹⁰³, a proclamação da diretoria, sendo identificado na ocasião o nome de dez pessoas da comunidade negra que formaram a diretoria da **Frente** na cidade. O Secretário Geral era Humberto de Freitas (Dono do Jornal A Alvorada no período) o Vice-Presidente, Julio Ribeiro, o Secretário Auxiliar era Juvenal Pás da Silva e Ivo Porto, todos operários. O Presidente era Valdemar Rodrigues da Silva, funcionário postal federal, e Carlos Torres que era alfaiate, além de mais dois bancários e um funcionário da Prefeitura, sem nomes identificados. Devido às profissões dos membros da diretoria da entidade José Antonio dos Santos denomina que a direção era exercida por uma classe média negra pelotense, dadas as condições sócio-econômicas do período. (SANTOS, 2000, p.151).

O responsável pelas atividades culturais na **Frente Negra Pelotense** era Miguel Barros que “trabalhava ativamente num domingo na **A Hora da Frente Negra Pelotense no Clube Chove Não Molha**”. Exercia seu talento como artista plástico, além de ser um dos redatores do jornal, se tornando um ícone na cidade e na organização, pois foi representante da entidade no **Primeiro Congresso-Afro-Brasileiro**, realizado em 1934 no Recife. (SANTOS, 2000, p.107-109).

A exemplo das **Frentes** citadas anteriormente, a paulista e a baiana, também foi identificada, em Pelotas, a participação das mulheres negras em atividades sociais da organização, como no preparativo de quermesses esportivas, assistenciais e festivas. (SANTOS, 2000, p.124), o que as aproxima das qualidades exercidas pelos grupos femininos: **Rosas Negras** e **Cruzada Feminina**, do movimento paulista.

Mas o que localizamos e que acreditamos ter sido o diferencial da participação feminina no jornal **A Alvorada** e na **Frente Negra Pelotense** são as colunas mantidas por elas a partir de 1934, conforme explicou José Antonio dos Santos,

No início de 1934 é criada uma “Página Feminina” no Semanário e, desta maneira, as mulheres são incentivadas a se manifestarem: “faz-se questão que sejam produzidas pelo elemento feminino”. Neste número temos artigo assinado por Irene, em que a mesma reflete sobre a situação da mulher negra no seio de uma família pobre “... em que o atraso da nossa raça faz culminar ... a briga, a bebida, os maus tratos, terminando muitas

¹⁰³ Clube carnavalesco fundado em Pelotas em abril de 1934, existente até os dias atuais.

vezes na delegacia e o dinheiro que lhe cai da mão, ganho em seus medíocres empregos, logo tratam de esbanjá-lo em futilidades”. (A MULHER NEGRA/ A ALVORADA 07/01/1934 apud SANTOS, 2000, P.125)

Segundo Jacira Reis da Silva, em sua tese de doutoramento intitulada: *Vozes de mulheres negras na imprensa negra pelotense: a luta por educação através dos escritos do jornal “Alvorada.”* ...

A existência deste jornal revela a iniciativa e a liderança de um grupo negro que foi capaz de elaborar e colocar em circulação o seu discurso. Ainda que de forma intermitente, a circulação deste jornal, aponta para a organização em busca do espaço e reconhecimento social. Além disso, seu significado torna-se maior, na medida em que ele é portador das vozes de mulheres negras. (SILVA, 2001, p.05).

Retomando a fundação da **Frente Negra** em Pelotas, embora obtendo o apoio significativo da comunidade negra, conforme explicou Loner (1999, p.254), foram notados dois problemas que dificultaram a sua formação, segundo José Antonio dos Santos (2000, p.127).

- 1) O primeiro, foi o problema da discriminação racial, sofrido pelos negros naquela cidade e no Estado do Rio Grande do Sul.
- 2) O segundo, os problemas que diziam respeito à *identidade negra*, proposta pela **FNP**, que fora rejeitado por algumas pessoas da própria comunidade negra.

O exemplo para a sua origem veio através da **Frente Negra Brasileira** de São Paulo que motivara os negros pelotenses a se organizar¹⁰⁴, tomando para si a responsabilidade de educar e instruir os seus pares, mas esses dois problemas citados anteriormente, criaram uma forma muito peculiar de embate no próprio seio da organização na cidade, pois além dessas situações e por ser um *movimento social* de duplo sentido, organização racial e de classe, muitos tinham dificuldades para entender qual os limites existentes entre ambos sentidos, dificuldades enfrentadas pelos

¹⁰⁴ Segundo Xavier, intelectual negro que escreveu no Alvorada após saber da existência da FNB: ... “a fundação da Frente Negra contribuirá não para a separação de raças mas para educar os seus próprios elementos envergonhados de sua origem...absorvida pelo desdobraimento e cruzamento incessante de ininterruptas gerações..., para ombrear lado a lado com a raça branca para os destinos de nossa nacionalidade”. (A ALVORADA, 07/08/1932 apud SANTOS, 2000, p.138).

próprios operários negros, e principalmente por quem era pouco identificado com a *identidade negra*.

Santos (2000, p.134) identificou três aspectos que dificultaram a aglutinação das populações negras em torno de uma organização que defendesse a *identidade negra*:

- 1- A dificuldade de assumir-se como negro.
- 2- Ao ascender econômica e socialmente e negar o segmento social de origem, algo idêntico ao aspecto identificado por Bacelar (2001, p.151) na Bahia, mas com um, porém: o contexto da cidade pelotense estava longe do “Paraíso Racial” identificado em Salvador.
- 3- Dificuldade na construção de tal identidade devido ao discurso do “congraçamento entre raças”. (SANTOS, 2000, p.134).

Devemos entender que esses três fatores foram debatidos entre as pessoas que concordavam com a fundação da entidade e as que discordavam, preferindo o seu fechamento, debates esses motivados por uma complexidade racial e de classe, diferentemente do núcleo baiano, que sofreu extinção espontânea sem sequer ter conseguido propor tal discussão em virtude de dois fatores, primeiro, a total falta de apoio dos pretos e mestiços soteropolitanos à entidade, que gerou um quadro administrativo imobilizado, e também devido a um segundo fator, este condicionado à falta de incentivos classistas e sindicais, que devido à repressão feita pelo Estado da Bahia, desmobilizou o operariado e as suas organizações.

Além destas discussões internas, o jornal **A Alvorada** serviu veículo de comunicação da entidade, já que os seus organizadores difundiam e registravam os seus interesses em prol da inserção e da educação da comunidade negra pelotense e gaúcha através de suas linhas. O periódico também servia como veículo efetivo de denúncia. Conforme notícia publicada no dia 11 de fevereiro de 1934.

A Frente Negra Pelotense envia telegrama ao prefeito de São Leopoldo e ao interventor do Governo Provisório, residente no Palácio do Governo na capital, reclamando da atitude do prefeito daquela cidade que proibira os negros de sentarem na praça. (A ALVORADA, 11/02/1934 *apud* SANTOS, 2000, p.153)

Retornando aos debates internos, que ocorriam no seio da organização, entendemos que a Constituição brasileira foi a principal barreira que dificultou o entendimento, por parte da sociedade pelotense, sobre a real necessidade de construção de uma *identidade negra* sob a forma de um “oásis”, o que fatalmente veio a repercutir na própria fundação da entidade na cidade, pois seria muito complexo defender uma identidade exclusivamente negra e ao mesmo tempo defender a Carta Magma do país, formulada através da igualdade jurídica que igualava teoricamente; brancos e negros. O que por outro lado também acomodou a comunidade negra em uma sociedade que cotidianamente o desqualificava, pois cabe aqui a seguinte questão: “Se juridicamente somos iguais será que as oportunidades sociais são iguais para todos? Será que realmente depende de cada indivíduo o seu lugar ao sol?” Perguntas complexas e discutíveis até para os dias atuais, imaginemos na época, quando havia a imensidão do deserto?

Devido a esses fatores até outro nome foi sugerido para que a entidade fosse aceita sem traumas: **Frente Educacional Pelotense**, pois segundo Francisco de Paula Alves da Fonseca, representante da elite pelotense que propunha a alteração: “não há questão racial, mas sim falta de educação do povo em geral”, algo que fora descartado pelos fundadores da entidade na cidade, que viam essa alteração de nome como “enfraquecimento de forças”, já que o racismo existia e era latente na cidade.¹⁰⁵

Os fatores citados anteriormente dificultaram a continuidade dos trabalhos desse *movimento social* na cidade, pois a união e a elevação da auto-estima dessa comunidade ficaram desequilibradas pela falta de aglutinação em torno da construção de uma *identidade negra* sólida.

Rodolfo Xavier, intelectual negro, militante da causa negra, operário, líder sindical e um dos fundadores do jornal **A Alvorada**, e que foi localizado por nós através das pesquisas de José Antonio dos Santos (2000), serviu-nos primeiramente para apresentar a realidade vivenciada pelos negros pelotenses, bem como quanto aos debates do início dos anos trinta, e também para apresentar-nos os indícios da **Frente Negra Pelotense** na cidade. Escreveu no jornal até os últimos dias em que o periódico circulou na cidade em 1957.

Embora tenhamos passado brevemente pela suas informações, reconhecemos a contribuição deste intelectual em torno da construção positiva da *identidade negra* em Pelotas,

¹⁰⁵ Ver SANTOS, José Antônio dos. Raiou “A Alvorada”: Intelectuais negros e imprensa, Pelotas (1907-1957). 195 f. Dissertação, 2000, UFF, p. 127-154.

pois através de sua dupla militância, especificidades da **Frente** pelotense analisada, identificamos nesse homem a síntese desse movimento no sul do país.

Para José Antonio dos Santos, Xavier parecia “embarcar” na ideologia do mito da *democracia racial*, pois vislumbrava juntar negros e brancos para fundar a nacionalidade brasileira. Nesse sentido, vemos isso como estratégia política e levamos em consideração como algo benéfico.

Sobre a organização negra, ela durou na cidade apenas três anos, entretanto, pelo breve período de sua existência e de suas ações; pautadas e identificadas na educação, realização de bailes e de confraternizações para a comunidade negra local, mostras culturais coordenadas por Miguel Barros e da divulgação de seus interesses e informações registrados através de denúncias como a ocorrida em São Leopoldo, tendo como suporte o jornal **A Alvorada**, que circulou em várias cidades gaúchas. Entendemos que, as atividades da **Frente Negra Pelotense** foram importantes para a sociedade, pois a tentativa de formar uma rede social entre as demais organizações negras da cidade e do Estado, para combater os preconceitos e formar oásis foi contemplada.

Identificamos dois motivos essenciais que contribuíram com a sua breve existência. Em primeiro lugar, a Constituição brasileira, e em segundo a causa proletária, sendo que ambas iam de encontro ou dificultavam a construção de uma *identidade exclusivamente negra*. Esse *movimento social*, pelos indícios que dispomos, perdurou em Pelotas por três anos, até 1936.

Percebemos que devido à **Frente Negra Pelotense** ter sido fundada pelos donos do jornal **A Alvorada** na década de 1930, essa situação fez com que na prática essas duas instituições, pelo período de três anos, tornassem fundidas em um único *lugar social*, registrando e difundindo os mesmos interesses: A legitimação e a construção de uma identidade exclusivamente negra.

1.3.4 NO RECIFE: O CONGRESSO COMO PRINCÍPIO.

Neste momento, passar-se-á a analisar a fundação de um quarto e último núcleo deste movimento, intitulado de: **Frente Negra Pernambucana** que, conforme veremos, teve a estreita ligação com a **Frente Negra Pelotense**, pois, conforme Luna:

Pelotas é a cidade gaúcha de mais acentuada participação negra e como Goiana em Pernambuco, forma os centros de maior discriminação racial do interior do país. Pois foi justamente de Pelotas que partiu Miguel Barros (o pintor “Barros o Mulato”), em 1934, para organizar a Frente Negra Pernambucana. Em Pernambuco, com o poeta Solano Trindade, os etnógrafos Vicente e Gerson Lima, além de outros negros e mulatos, bem como intelectuais e estudantes brancos e com a participação do povo do Recife, encontrou Barros, o Mulato Campo favorável. (LUNA, 1978, p.312)

Ou seja, segundo essas informações, Miguel Barros, conhecido por o “Mulato”, foi um dos responsáveis diretos pela fundação desse *movimento social* em Recife. Mas abaixo, temos uma importante informação adicional, de que Barros, ao assumir a redação do Jornal **A Alvorada**, em 1934, viajou para o Recife visando participar das atividades do **Primeiro Congresso Afro-Brasileiro**, ao invés de ter partido de Pelotas, especificadamente para fundar um núcleo da **Frente Negra** na cidade pernambucana, pois, conforme Santos (2000, p.107): “Barros assume a redação do jornal por breve período em 1934, logo após iria representar a **Frente Negra Pelotense no I Congresso Afro-Brasileiro em Recife**”.

Domingues (2007, p.271) confirma a participação de Barros “o Mulato”, também como representante da organização no Congresso. Conforme ele: “em 1934, um dos principais dirigentes da Frente Negra Pelotense, Miguel Barros, participou do I Congresso Afro-Brasileiro, organizado por Gilberto Freyre no Recife. Lá, ele fez um discurso de denúncia da discriminação racial no Rio Grande do Sul e, em determinado momento, relatou a situação da mulher negra”.

Estas evidências demonstram que na realidade Miguel Barros, representante da **Frente Negra Pelotense**, se deslocou para o Recife para participar de fato das atividades do **Primeiro Congresso Afro-Brasileiro**. Segundo Florentina Souza (2004, p.283), a **Frente Negra Pernambucana** foi fundada em Recife com a participação de Solano Trindade (1908-1974) no ano de 1936, portanto dois anos após o indicado por Luna (1978, p.312). A autora sequer cita em

seu artigo o contato mantido entre “O mulato” e Solano Trindade, mas em contrapartida nos demonstra a movimentação de Trindade entre as regiões brasileiras, pois, segundo ela: “tendo vivido em Pernambuco, Minas Gerais, Rio Grande do Sul e Rio de Janeiro, ele espalhou por essas cidades tanto sua produção quanto seu apreço pela cultura popular, fazendo-se personagem de uma história do teatro, da textualidade e da vida político-cultural brasileira. (SOUZA, 2004, p.283).

Neste sentido vislumbramos a participação tanto em Miguel Barros, quanto em Solano Trindade das “idéias em movimento”, pois enquanto Barros viajou para Pernambuco, saindo do Rio Grande do Sul, Trindade fez o caminho inverso, deslocando-se de Pernambuco para o Rio Grande do Sul.

Solano Trindade foi poeta, escritor, teatrólogo, ator, pintor e pesquisador das tradições populares. Participou dos dois Congressos afro-brasileiros, em 1934, no Recife e em 1937, em Salvador. No Recife, sua cidade natal foi considerado o poeta do povo. (SOUZA, 2004, p.293).

Fátima Aparecida da Silva (2007), vem desenvolvendo, na Universidade Federal do Ceará, uma pesquisa específica sobre o *movimento social Frente Negra Pernambucana*.¹⁰⁶ Segundo a autora, que entrevistou o filho de Vicente Rodrigues, um dos fundadores do movimento no Recife em 1936, o Senhor Gustavo Augusto Rodrigues Lima, Fátima descobriu importante informação sobre a fundação da **Frente Negra** na cidade, datada de 1936, o que vai ao encontro das informações localizadas por Florentina Souza, conforme citado anteriormente. Segundo a versão de Gustavo Lima, entrevistado: “o gaúcho Barros dos Mulatos (sic) veio para Pernambuco e quando ele chega aqui faz contato com Solano e com Zé Vicente e criam a Frente Negra Pernambucana, isto é em 1936”. (Depoimento para Fátima Aparecida em 20/01/2007).

Independente do ano de sua fundação, se foi em 1934 ou em 1936, Miguel Barros, Solano Trindade e Vicente Lima, estiveram juntos na origem desta organização no Recife, tanto Luna (1976, p.312) quanto Fátima (2007, p.283) sincronizam nesta informação, o que aceitaremos como indícios dessa hipótese, e que confirma a estreita ligação entre *frentenegrinos* pelo território nacional.

¹⁰⁶ O movimento social Frente Negra Pernambucana - 1936-1937-. A história continua. XXIV Simpósio Nacional de História. São Leopoldo, 2007.

Conforme citado anteriormente, se o embrião da **Frente Negra** em Pelotas fora o **Centro de Cultura Negra**, no Recife ocorreu justamente o inverso,¹⁰⁷ pois conforme Fátima (2007, p.5), devido à vaidade dos pernambucanos, a **Frente Negra Pernambucana**, a partir de 1937, passou a se chamar **Centro de Cultura Afro-Brasileiro**, querendo ser uma organização original, “diferente daquela imitada”, vinda do sul. Em 1987, por ocasião dos 50 anos de fundação do **CCAB**, Vicente Lima, que participou da fundação da **Frente Negra** na cidade, em 1936, diz:

A Frente Negra Pernambucana, transformada no Centro de Cultura Afro-Brasileiro, se projetara junto das outras associações co-irmãs de todo o país. Se não construirmos patrimônios materiais, construímos, entretanto, um patrimônio muito maior, Patrimônio Cultural, que legamos aos nossos sucessores. Ideal que nos animou nesses 50 anos que hoje aqui se comemora nesta brilhante apoteose. (CARTILHA de divulgação do cinquentenário do Centro de Cultura Afro-Brasileiro, 1987 *apud* SILVA, 2007, p.5).

Acreditamos que a vaidade pode ter sido um dos modestos ingredientes para essa alteração de nome, já que Vicente Lima, por ter sido companheiro de Miguel Barros, deva ter em algum momento, tomado conhecimento do **Centro de Cultura Negra** de Pelotas, fundado em 1934, até porque, “o mulato” era o responsável direto pelas atividades culturais do *movimento* pelotense. Portanto, vemos essa alteração de nome como fruto de outras influências. Devemos estar atentos para os fortes acontecimentos relacionados com o ano de fundação do **CCAB** de Recife, preconizados pela ditadura do Estado Novo. Pensado por nós como o principal fator da alteração de nome da **Frente Negra** na cidade. Por isso a curta duração, entre 1936 e 1937. Já o Centro de **Cultura Afro-Brasileiro** que teve como embrião a **Frente Negra Pernambuca**, conforme Fátima Aparecida da Silva (2007, p.1): “a história continua...”, pois a entidade existe até os dias atuais.¹⁰⁸

¹⁰⁷ Centro de Cultura Negra fundado em Pelotas em 1933, segundo José Antônio o embrião da Frente Negra Pelotense. Ver mais na página 68 e 69, desta dissertação.

¹⁰⁸ Em virtude de desconhecermos profundamente as pesquisas de Fátima Aparecida da Silva propomos motivar o debate sobre o desaparecimento das Frentes Negras diante da ditadura do Estado Novo e a continuidade de suas propostas. Este debate em nossas pesquisas é incipiente quanto esta questão, mas salientamos que este período é propício para serem desenvolvidos debates e discussões quanto à permanência das organizações negras entre 1937 e 1945. Em virtude disso acreditamos que os estudos de Fátima Aparecida da Silva, como o apresentado no XXIV Simpósio Nacional de História, ocorrido na Universidade UNISINOS em São Leopoldo, no RS, no mês de julho de 2007 é de suma importância para difusão das pesquisas sobre a temática negra no período estado-novista.

Nesse sentido, repetimos o que escrevemos sobre Francisco Lucrécio na página 49 dessa dissertação, membro da **Frente Negra Brasileira** de São Paulo, que relatou após o fechamento da organização, em 1937, no estado novo, a seguinte passagem: “Quando a Frente Negra foi fechada, podíamos até ter fechado o departamento político que tinha sido registrado como partido e continuar a obra social, educacional e de assistência. Mas na época, ninguém pensou nisso”. Ledo engano, a co-irmã do *movimento social* do Estado de Pernambuco, pensou...

Portanto, ao desenvolver uma dissertação sobre os Congressos afro-brasileiros e negros sem analisar, mesmo que brevemente, o *movimento fretenegrino*, seria condicionar esse trabalho a um “congelamento” de idéias, pois o “movimento” de assuntos referentes à temática afro-brasileira e negra pelo território nacional inicia tendo como ponto de partida a **Frente Negra Brasileira**, fundada em São Paulo, e as suas existências em diversos cantos do Brasil, e em específico na nossa pesquisa, os núcleos da Bahia, Rio Grande do Sul e de Pernambuco.

Nos pareceu fundamental narrar a sua existência para “movimentar” a nossa dissertação em conjunto com a nossa proposta, que é a de entender os Congressos como “oásis” de reflexão e de descanso dos debates em torno da temática negra e afro-brasileira, sem esquecer-los enquanto *lugares sociais*, nos quais, além de terem produzido materiais escritos, foram delineados os interesses de grupos sociais sobre a situação cultural, política e social da identidade negra.

Ou seja, nestes “oásis” as idéias continuam movimentando-se, entretanto, se antes as propostas encontravam campo fértil para se concretizar em determinada região do país, tendo como vanguarda a **Frente Negra**, através de seus homens ou de sua imprensa, agora os homens envolvidos em torno destas temáticas passam a propor e a organizar em um lugar fixo os Congressos para que outras pessoas trouxessem consigo suas mais diversas experiências e contribuições, fossem elas de maneira escrita ou oral, com isso contribuindo para o entendimento da identidade negra em nossa sociedade.

CAPÍTULO – II

2. CONGRESSOS: OS OÁSIS NACIONAIS.

Este capítulo visa atualizar as atividades de caráter nacional, ocorridas no Brasil em virtude dos congressos afro-brasileiros-negros. Passemos a demonstrar neste momento, os *congressos de caráter nacional*, como *lugares sociais* que motivaram, através da presença do público interessado, a temática afro-brasileira e negra em suas vertentes culturais, políticas e sociais.

Analisaremos: o **Primeiro Congresso Afro-Brasileiro**, realizado em Pernambuco na cidade do Recife no ano de 1934, o **Segundo Congresso-Afro Brasileiro**, sediado em Salvador em 1937, as **Convenções nacionais do Negro**, ocorridas em São Paulo, capital, no ano de 1945 e no Rio de Janeiro em 1946; a **Conferência Nacional do Negro**, realizada no Rio de Janeiro em 1949 e o **Primeiro Congresso do Negro**, também acontecido no Rio de Janeiro em 1950.

Antes de desenvolvermos a narrativa deste item, chamamos a atenção para a relação intrínseca entre os locais em que existia o *movimento fretenegrino* e os estados onde foram realizados os *encontros de caráter nacional* sobre esta temática. Ou seja, nos Estados de Pernambuco, Bahia, São Paulo e Rio Grande do Sul, existiram núcleos da **Frente Negra**, mas o mais interessante é que se antes as idéias viajavam de São Paulo para o Sul e depois para o norte e nordeste brasileiro, por ocasião *deste movimento social*, agora por realização dos Congressos, o movimento é justamente o inverso, pois os “oásis” surgem no nordeste, passam pelo sudeste e chegam ao Sul do país, mais precisamente na cidade de Porto Alegre. Esse incessante *movimento* de idéias e pessoas por praticamente todo o território nacional, identificado por nós neste período, terá sido mera coincidência?

Apresentamos, abaixo, tabelas informativas sobre os oásis/Congressos e os oásis/Organizações Negras de *caráter nacional* localizadas entre 1931, ano de fundação da Frente Negra Brasileira em São Paulo e 1958, quando também ocorreu o Primeiro Congresso Nacional do Negro em Porto Alegre-RS.

TABELA – 2

TOPOGRAFIA DOS OÁSIS (CONGRESSOS NACIONAIS) ENTRE 1934-1958

Cidade	Título	Ano	Espaços físicos	Organização	Interesses	Abrangência	Resultados Para a identidade e comunidade negra.	Referências Bibliográficas e fontes consultadas.
Pernambuco/ RE	Primeiro Congresso Afro-Brasileiro	1934	Teatro Santa Isabel	Gilberto Freyre	A história da importação e da escravidão africanas, os problemas de aculturação, as variações antropométricas raciais e discussões sobre os livros Casa Grande e Senzala e Sobrados e Mocambos.	Nacional	Influências dos aspectos culturais das populações afro-descendentes e o seu reconhecimento na formação da identidade nacional e início de uma sistematização dos estudos do negro no Brasil.	ANAIS – Estudos Afro-Brasileiros – Trabalhos apresentados no 1º Congresso Afro-Brasileiro reunido no Recife em 1934. 1º vol. Rio de Janeiro: Ariel, Editora LTDA, 1935. PIERSON. D. Brancos e Pretos na Bahia. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1945. LUNA, L. O Negro na luta contra a escravidão. Rio de Janeiro: Editora Cátedra, 1976. SKIDEMORE, T.E. Preto no Branco. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976. TUNA, Gustavo Henrique. O negro deu régua e compasso: Revista de História da Biblioteca Nacional, p.68-73. setembro de 2005. PAZ, Clilton Silva (2007). A importância do Primeiro Congresso Afro-Brasileiro do Recife. Encontro Escravidão Mestiçagem – MG, 2006.
Salvador/ BA	Segundo Congresso Afro-Brasileiro	1937	Instituto Histórico e Geográfico da Bahia e Faculdade de Medicina	Edison Carneiro, Aydano do Couto Ferraz e Reginaldo Guimarães.	A história da importação e da escravidão africanas, os problemas de aculturação, as variações antropométricas raciais e Protestos contra a interferência policial no candomblé.	Nacional	Influências dos aspectos culturais das populações afro-descendentes e o seu reconhecimento na formação da identidade nacional. Os participantes do Congresso aprovaram duas resoluções: “Uma resolução sobre a liberdade das religiões africanas e outra encarregando a Comissão Executiva de criar um organismo que congregasse, democraticamente, os chefes de seita da cidade e do estado”. (CARNEIRO, 1940, p.100-101). Surgiu a Criação da União das Seitas Afro-Brasileiras.	CARNEIRO, E. Ladinos e Crioulos. Rio de Janeiro, Ed. Civilização Brasileira, 1964. PIERSON. D. Brancos e Pretos na Bahia. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1945. AMADO.J. Bahia de Todos os Santos. São Paulo, Martins, 1960. SKIDEMORE, T.E. Preto no Branco. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976. CLAY, Vinicius. O Negro em O Estado da Bahia: De 09 de maio de 1936 a 25 de janeiro de 1937. 2006. http://www.facom.ufba.br/pex/viniciusclay.doc/ acesso em fevereiro de 2008

Campinas/ SP	Congresso Afro-Campineiro	1938	Instituto de Ciências e Letras de Campinas	Abdias do Nascimento, Agnaldo de Oliveira Camargo, Aguiar Sampaio, o tipógrafo Jerônimo e José Alberto Ferreira.	Combater o ostensivo racismo e separatismo tradicional dessa cidade. Durante uma semana discutiram- as condições da vida do negro brasileiro sob vários aspectos: econômico, social, político, cultural.	Regional	Primeira forma de debater através de um encontro realizado em uma instituição de ensino o racismo.	NASCIMENTO; GUIMARÃES, A S.A Tirando a máscara. São Paulo, Paz e Terra, 2000, p.203.
Belo Horizonte/ MG	Terceiro Congresso Afro-Brasileiro	1944	-	Ayres da Mata Machado e João Dornas Filho.	Reunião de etnógrafos, psiquiatras, antropólogos, lingüistas, historiadores, folcloristas e sociólogos, tendo o negro como tema.	Nacional	-	BASTIDE, Roger. As religiões africanas no Brasil. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1971, p.37.
São Paulo/ SP	Convenção Nacional do Negro	1945	-	TEN Sob a liderança de Abdias do Nascimento.	Acontecimento político de cunho popular, sem pretensões acadêmicas. Foram tratados temas sobre necessidades negras e situações socioeconômicas.	Nacional	Surgiram reivindicações concretas sociais a favor da população negra: admissão de gente negra para a educação secundária e superior, formulação de uma lei antidiscriminatória e medidas jurídicas contra a discriminação, enviado a todos os partidos políticos. Compareceram 500 pessoas	NASCIMENTO; GUIMARÃES, A S.A Tirando a máscara. São Paulo, Paz e Terra, 2000, p.211-213.
Rio de Janeiro/ RJ	Convenção Nacional do Negro	1946	-	TEN Sob a liderança de Abdias do Nascimento.	Acontecimento político de cunho popular, sem pretensões acadêmicas. Foram tratados temas sobre necessidades negras e situações socioeconômicas.	Nacional	Idem anterior quanto aos interesses. Compareceram 200 pessoas.	NASCIMENTO; GUIMARÃES, A S.A Tirando a máscara. São Paulo, Paz e Terra, 2000, p.211-213.
Rio de Janeiro/ RJ	Conferência Nacional do Negro	1949	Sala de Reuniões da Associação Brasileira de Imprensa	Abdias do Nascimento, Guerreiro Ramos e Edison Carneiro.	A revisão das teorias racistas das teorizações antropológico-sociológicas convencionais sobre o negro, representado pelos Congressos Afro-Brasileiros da década anterior.	Nacional	Serviu conforme os seus organizadores, como reunião preparatória para o Primeiro Congresso do Negro Brasileiro.	NASCIMENTO; GUIMARÃES, A S.A Tirando a máscara. São Paulo, Paz e Terra, 2000, p.214-215. Fac-Símile do Jornal Quilombo, ano 1, nº3, junho de 1949, p.06.

Rio de Janeiro/ RJ	Primeiro Congresso do Negro Brasileiro	1950		Abdias do Nascimento, Guerreiro Ramos e Edison Carneiro	O I Congresso Negro pretendeu dar uma ênfase toda especial aos problemas práticos e atuais da vida da nossa gente de cor. Sempre que se estudou o negro foi com o propósito evidente ou a intenção mal disfarçada de considerá-lo um ser distante, quase morto, ou já mesmo empalhado como peça de museu. Por isso mesmo o Congresso dará uma importância secundária, por exemplo, às questões etnológicas, e menos palpitantes, interessando menos saber qual seja o índice cefálico do negro, ou se Zumbi suicidou-se realmente ou não, do que indagar quais os meios de que poderemos lançar mão para organizar associações e instituições que possam oferecer oportunidades para a gente de cor se elevar na sociedade. (Abdias Nascimento, 1950, editorial Jornal "Quilombo").	Nacional	Declaração de Princípios: a) a defesa vigilante da sadia tradição nacional de igualdade entre os grupos que constituem a nossa população; b) a utilização de meios indiretos de reeducação e desrecalcamento em massa e de transformação de atitudes, tais como o teatro, o cinema, a literatura e outras artes, os concursos de beleza, e as técnicas de psiquiatria; c) a realização periódica de congressos culturais e científicos de âmbito internacional, nacional e regional; d) a inclusão de homens de cor nas listas de candidatos de agremiações partidárias, a fim de desenvolver a sua capacidade política e formar líderes esclarecidos, que possam traduzir em formas ajustadas às tradições nacionais, as reivindicações das massas de cor; e) a cooperação do governo, através de medidas eficazes, contra os restos de discriminação de cor ainda existentes em algumas repartições oficiais.	NASCIMENTO; GUIMARÃES, A S.A Tirando a máscara. São Paulo, Paz e Terra, 2000, p.215. PINTO. L.A C. O Negro no Rio de Janeiro. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1953. CEVA, Antonia Lana de Alencastre. O negro em cena: a proposta pedagógica do Teatro Experimental do Negro. Dissertação de Mestrado, 2006, PUC-RJ. RAMOS, Guerreiro. O problema do Negro na Sociologia Brasileira. Transcrito de <i>Cadernos de Nosso Tempo</i> , 2 (2): 189-220, jan./jun. 1954. Disponível em http://www.schwartzman.org.br/simon/negritude.htm . Acesso em 31 Ago.2007. Jornal "QUILOMBO" / Rio de Janeiro/ 1950/ Editorial.
-----------------------	--	------	--	--	---	----------	--	--

Fontes: ANAIS – Estudos Afro-Brasileiros – Trabalhos apresentados no 1º Congresso Afro-Brasileiro reunido no Recife em 1934. 1º vol. Rio de Janeiro: Ariel, Editora LTDA, 1935. PIERSON. D. Brancos e Pretos na Bahia. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1945. LUNA, L. O Negro na luta contra a escravidão. Rio de Janeiro: Editora Cátedra, 1976. SKIDEMORE, T.E. Preto no Branco. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976. TUNA, Gustavo Henrique. O negro deu régua e compasso: Revista de História da Biblioteca Nacional, p.68-73. setembro de 2005. PAZ, Clilton Silva (2007). A importância do Primeiro Congresso Afro-Brasileiro do Recife. Encontro Escravidão Mestiçagem – MG, 2006, CARNEIRO, E. Ladinos e Crioulos. Rio de Janeiro, Ed. Civilização Brasileira, 1964. PIERSON. D. Brancos e Pretos na Bahia. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1945. AMADO.J. Bahia de Todos os Santos. São Paulo, Martins, 1960. CLAY, Vinícius. O Negro em O Estado da Bahia: De 09 de maio de 1936 a 25 de janeiro de 1937. 2006. <http://www.facom.ufba.br/pex/viniciusclay.doc/> acesso em fevereiro de 2008, NASCIMENTO; GUIMARÃES, A S.A Tirando a máscara. São Paulo, Paz e Terra, 2000, p.215. PINTO. L.A C. O Negro no Rio de Janeiro. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1953. CEVA, Antonia Lana de Alencastre. O negro em cena: a proposta pedagógica do Teatro Experimental do Negro. Dissertação de Mestrado, 2006, PUC-RJ. RAMOS, Guerreiro. O problema do Negro na Sociologia Brasileira. Transcrito de *Cadernos de Nosso Tempo*, 2 (2): 189-220, jan./jun. 1954. Disponível em <http://www.schwartzman.org.br/simon/negritude.htm>. Acesso em 31 Ago.2007. Jornal "QUILOMBO" / Rio de Janeiro/ 1950/ Editorial.

Porto Alegre/ RS	Primeiro Congresso Nacional do Negro	1958	Câmara de Vereadores e Sociedade Beneficente Floresta Aurora	Sociedade Beneficente Floresta Aurora sob a liderança de Valter Santos e PTB.	Os principais temas do encontro foram três eixos: a necessidade de alfabetização do negro frente à atual situação do Brasil; a situação “do homem de cor” na sociedade e o papel histórico do negro no Brasil e demais nações. O encontro pretendia aprofundar os estudos relativos às necessidades de maior adaptação do negro na sociedade brasileira através da elevação de seu nível cultural.	Nacional	A criação de um Grande Plano de Trabalho incluindo palestras, seminários, endereçados principalmente aos homens de cor, (...)além de medidas a serem tomadas pelos poderes constituídos. Ampla campanha de alfabetização através das entidades negras com a formação de escolas e de cursos, motivando a inserção do homem negro à sociedade brasileira.	GOMES, A.S. Análise de conteúdo: o condicionamento das informações sobre o Primeiro Congresso Nacional do Negro Brasileiro realizado em Porto Alegre através dos periódicos Correio do Povo, Folha da Tarde e Revista do Globo. Artigo publicado no site História e História, junho de 2007. Disponível no site: http://www.historiaehistoria.com.br/indice.cfm?tb=alunos . Acesso em 24 Jun.2007. GOMES, A.S. Idéias Negras em Movimento. III Encontro Escravidão e Liberdade no Brasil Meridional. Florianópolis SC. São Leopoldo: OIKOS, 2007.p.78-79 GOMES, A.S. Primeiro Congresso Nacional do Negro Brasileiro realizado em Porto Alegre no ano de 1958. Porto Alegre: VI Congresso Internacional de Estudos Ibero-Americanos – PUCRS, 2006. GOMES, A.S. Visibilidade negra: informações e imagens em três jornais de Porto Alegre sobre o Primeiro Congresso Nacional do Negro no ano de 1958. <i>V Mostra APERS</i> . Porto Alegre, CORAG, p.195-209, 2007. GOMES, AS. Assuntos Levantados e registrados: Informações em três jornais sobre o Primeiro Congresso Nacional do Negro realizado em Porto Alegre no ano de 1958. Revista OPSIS. Disponível no site: www.catalão.ufg.br/historia/revistaopsis/sumario/OPSIS2007.2/357_opsis2007_2pdf / Acesso em 08 de junho de 2008.
---------------------	--------------------------------------	------	--	---	--	----------	---	--

Fontes: Referências Bibliográficas que foram consultadas e que constam na última coluna desta tabela.

TABELA – 3
TOPOGRAFIA DOS OÁSIS (ORGANIZAÇÕES NEGRAS NACIONAIS) ENTRE 1931-1958

Cidade de origem	Nome	Período	Líder	Interesses	Publicações Periódicos	Estados que existiu	Referências Bibliográficas
São Paulo	Frente Negra Brasileira	1931 até o Estado Novo 1937	Arlindo Veiga dos Santos Intelectual Negro	Irradiar por todo o Brasil, a partir de São Paulo, a união política e social da gente negra nacional, para afirmação dos direitos históricos da mesma, em virtude de sua atividade material e moral no passado e para reivindicação de seus direitos sociais e políticos na comunhão brasileira. Elevação moral, intelectual, artística, técnica, profissional e física; assistência, proteção e defesa social, jurídica, econômica e de trabalho da gente negra. Criação de cooperativas econômicas, escolas técnicas de ciências e artes, e campos de esportes dentro de uma finalidade brasileira. Pleitear, dentro da ordem legal instituída no Brasil, os cargos eletivos de representação da gente negra brasileira, efetivando a sua ação político-social em sentido rigorosamente brasileiro. Fonte: estatutos aprovados em 12/10/1931, publicados no diário oficial em 04/11/1931.	Jornal A Voz da Raça	São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Bahia, Rio Grande do Sul, Pernambuco e interior paulista.	BACELAR, J. A hierarquia das Raças, Negros e Brancos em Salvador. Rio de Janeiro: ED Pallas, 2001. BARBOSA, M. Frente Negra Brasileira, depoimentos. São Paulo: Quilomboje 1998. BASTIDE, R. Brasil, Terra de Contrastes. São Paulo-Rio de Janeiro: DIFEL, 1979. BASTIDE, R. Brancos e Negros em São Paulo. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1959. FERNANDES, F. A Integração do Negro na Sociedade de Classes. São Paulo: Ática, 1978. GOMES, F. Negros e Política (1888-1937). Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, 2005. LUNA, L. O Negro na luta contra a escravidão. Rio de Janeiro: Editora Cátedra, 1976. MOURA, C. História do Negro Brasileiro. São Paulo: Editora Ática S.A., 1992. MOURA, C. Dialética Radical do Brasil Negro. São Paulo: Anita Ltda., 1994. MUNANGA, K. Rediscutindo a mestiçagem no Brasil – identidade nacional <i>versus</i> identidade negra. Belo Horizonte: Coleção Cultura e Identidade Brasileira, Autêntica. 2004. SANTOS, J.A. Raiou “A Alvorada”: Intelectuais negros e imprensa, Pelotas (1907-1957) Dissertação de mestrado orientada por Prof. Dr. Geraldo de Beauclair Mendes de Oliveira. Niterói, 2000. SINGER, P.; BRANT, V.C. (org) São Paulo: o povo em movimento. Petrópolis: Vozes, 1980. OLIVEIRA, L.L. “A Frente Negra Brasileira: Política e Questão Racial nos anos 1930”. Dissertação de Mestrado orientada por Marilene Rosa Nogueira da Silva. Rio de Janeiro, 2002.
Porto Alegre	União dos Homens de Cor – UHC	1943 até a Ditadura Militar	João Cabral Alves, que segundo seu estatuto era farmacêutico e articulista.	A União dos Homens de Cor dos Estados Unidos do Brasil – ou UAGACÊ, como costumava ser chamada – tinha como um dos seus objetivos, expressos no artigo 1º do estatuto, no capítulo das finalidades: "elevar o nível econômico, e intelectual das pessoas de cor em todo o território nacional, para	-	Minas Gerais, Santa Catarina, Bahia, Maranhão, Ceará, Rio Grande do Sul, São Paulo, Espírito Santo,	SILVA, J. A União dos Homens de Cor: aspectos do movimento negro dos anos 40 e 50. Rio de Janeiro, 2003. Estudos Afro-Asiáticos. Vol.25 nº2 ISSN 0101-546 X, www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-546X2003000200002&script=sci_arttext-73k -. afro@candidomendes.edu.br.

				torná-las aptas a ingressarem na vida social e administrativa do país, em todos os setores de suas atividades", principalmente através da assistência social.		Piauí e Paraná	Acesso em mai.2006. PINTO. L.A C. O Negro no Rio de Janeiro. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1953.
Rio de Janeiro	Teatro Experimental do Negro - TEN	1944 até a Ditadura Militar	Abdias do Nascimento. Intelectual Negro e ex-membro da FNB	Contestar a discriminação, formar atores afro-brasileiros, reivindicava a diferença e não apenas integrar-se a sociedade, reconhecimento do valor civilizatório da herança africana, cursos de alfabetização.	Jornal "Quilombo"	Atuou no Rio de Janeiro e em São Paulo.	GUIMARÃES, A S.A Tirando a máscara. São Paulo, Paz e Terra, 2000. MUNANGA, K. Rediscutindo a mestiçagem no Brasil – identidade nacional <i>versus</i> identidade negra. Belo Horizonte: Coleção Cultura e Identidade Brasileira, Autêntica. 2004. PINTO. L.A C. O Negro no Rio de Janeiro. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1953.
São Paulo	Associação dos Negros Brasileiros	1945-1948	Integrantes dos movimentos dos anos 30, FNB, Aristide Barbosa, ex-membro da FNB	Combater o problema econômico, social, cultural e racial do negro.	Jornal a Alvorada	São Paulo e interior	FERNANDES, F. A Integração do Negro na Sociedade de Classes. São Paulo: Ática, 1978.
Rio de Janeiro	Teatro Popular Brasileiro	1950	Solano Trindade, fundador da Frente Negra Pernambucana.	Movimento da Cultura Popular, conjunto de negros e mulatos fundado no Rio e transferido para SP quatro anos depois. Participação de escritores, artistas, estudantes e jornalistas do país e estrangeiro. Pesquisas sobre macumba e candomblé, escolas de samba, folias de Reis e teatro alegórico, além de manter uma cozinha de pratos típicos afro-brasileiros. Contribuiu para o Cinema Brasileiro. Participou e apresentou obras afro-brasileiras no exterior, em Portugal, França, Espanha, etc.	-	Rio de Janeiro e São Paulo	LUNA, L. O Negro na luta contra a escravidão. Rio de Janeiro: Editora Cátedra, 1976.

Fontes: Referências Bibliográficas que foram consultadas e que constam na última coluna desta tabela.

Portanto, para analisar esses importantes eventos, restritos aos conclave, perguntamos: onde ocorreu e quem foi ou quais foram os organizadores desses congressos? Houve a participação de intelectuais negros em suas atividades? Que pesquisas e trabalhos foram apresentados nesses encontros? Quem eram os participantes das atividades? E as mulheres, participavam? Quais as cidades e que localidades enviaram representantes ao encontro? Que topografia de interesses e que produção escrita foi emitida nesses lugares? Quais os resultados *políticos* e *sociais* desses congressos para a comunidade e identidade negra?

Iniciamos demonstrando como foram as atividades do **Primeiro Congresso Afro-Brasileiro**.

2.1 O CONGRESSO AFRO-BRASILEIRO E A CULTURA NACIONAL.

O **Primeiro Congresso Afro-Brasileiro** foi realizado na cidade do Recife, em Pernambuco, do dia 11 ao dia 16 de novembro do ano 1934, nas dependências do Teatro Santa Isabel. Organizado, patrocinado e proposto por Gilberto Freyre (1900-1987), esse Congresso contou com a presença de intelectuais, acadêmicos, antropólogos e representantes da comunidade negra pernambucana, que viriam a fundar, dois anos depois, a **Frente Negra Pernambucana**.



Imagem 4 – Cartaz do 1º Congresso Afro-Brasileiro, de autoria do pintor Cícero Dias que ressalta o tema da presença africana no Brasil. *Apud* Tuna, 2005, p.69.

Convém, neste momento, biografarmos, brevemente Gilberto Freyre, organizador do encontro.

Freyre nasceu em 1900, no Recife, filho de família tradicional pernambucana. Seus estudos iniciais foram realizados sob orientação de professores particulares. Estudou posteriormente no Colégio Americano Gilreath, em Pernambuco, para prosseguir na Universidade de Baylor, com pós-graduação em Ciências Políticas, Jurídicas e Sociais na Universidade de Colúmbia...¹⁰⁹

¹⁰⁹ A biografia e a bibliografia completa de Gilberto Freyre é localizada na íntegra no livro *Casa Grande e Senzala* 21ª edição (1981). Ver FREYRE, Gilberto. *Casa Grande & Senzala*. Rio de Janeiro: Livraria José Olimpio Editora S.A, 1981, 11-28.

Localiza-se, em nossa historiografia, uma importante bibliografia pertinente a este congresso, no entanto, sentimos que faltam trabalhos que versem sobre sua contribuição para a sociedade brasileira e principalmente para a identidade negra, pois esse item ainda é pouco evidenciado.¹¹⁰

Nesse *encontro*, que teve como eixo a temática afro-brasileira, foram debatidos temas variados, além de discussões sobre os livros **Casa Grande e Senzala**, e **Sobrados e Mocambos**.¹¹¹

Perante a mesa de apresentações do **1º Congresso Afro-Brasileiro**, foram apresentados trabalhos históricos e etnológicos sobre o período da escravidão, pesquisas sobre a situação dos afro-descendentes no pós-abolição, comunicações sobre a contribuição dos africanos e negros para a arte e religião brasileira, trabalhos que trataram das influências sociais advindas com as experiências das populações negras cotidianas em nosso país, trabalhos sobre saúde mental e social dos negros e pesquisas sobre a mestiçagem.

Sobre o tema que versou sobre o período da escravidão africana no Brasil, localizamos os seguintes autores e títulos que participaram das atividades deste Congresso: Adhemar Vidal, que apresentou o trabalho: “Negros fugidos na Paraíba”. Dividida em treze tópicos essa comunicação procurou analisar a inserção e a importância da mão-de-obra negra na formação social, política e econômica do Estado da Paraíba. Nesta linha temos os seguintes títulos: “A Inglaterra e o Tráfico” e “Três séculos de escravidão na Parahyba”. Alfredo Brandão apresentou o trabalho “Os negros na história de Alagoas”, dividida em cinco tópicos, o autor procurou analisar a importância do negro na formação social e econômica do Estado das Alagoas, desde a sua colonização até a década de trinta.

¹¹⁰ Para saber mais sobre o Primeiro Congresso Afro-Brasileiro ler: FREYRE, Gilberto. O que foi o 1º Congresso Afro-Brasileiro (1934), Estudos Afro-Brasileiros – Trabalhos apresentados ao 1º Congresso Afro-Brasileiro reunido no Recife em 1934. 1º Vol. (1935), PIERSON, Donald. Em brancos e pretos na Bahia (1945), RAMOS, Guerreiro em O problema do Negro na Sociologia Brasileira, BASTIDE, Roger (1971) em As religiões africanas no Brasil, Márcio Barbosa (1998) em Frente Negra Brasileira, depoimentos, TUNA, Gustavo Henrique (2005) em O negro deu régua e compasso: Revista de História da Biblioteca Nacional e PAZ, Clilton Silva (2007). A importância do Primeiro Congresso Afro-Brasileiro do Recife.

¹¹¹ Ver PAZ, Clilton Silva. A importância do Primeiro Congresso Afro-Brasileiro do Recife. Encontro Escravidão Mestiçagem – MG, 2006.

Gonçalves de Mello Neto apresentou o trabalho intitulado: “A situação do negro sob o domínio holandês”. Também localizamos títulos como: “Uma escrava original” e “Deformação de corpos dos negros fugidos”. José Valadares apresentou a comunicação intitulada: “A República dos Palmares”, Ruy Coutinho apresentou a “Alimentação e estado nutricional do escravo no Brasil”. Neste trabalho o autor procurou analisar através de estudos que a alimentação dos negros no Brasil se conservou, em alguns aspectos, idêntico ao da África, contendo apenas vegetais, concluindo que a carência alimentar era bem acentuada no negro brasileiro, revelando a existência de doenças que tinham como causa a desnutrição. Justino de Oliveira apresentou o trabalho sobre, “O trabalhador negro no tempo do bangüê¹¹² comparado com o trabalhador negro no tempo das usinas de açúcar”.

Localizamos também os seguintes trabalhos sobre a condição do negro no pós-abolição: a “Abolição e suas causas”, de Jovelino M. Camargo Jr. (ANAIS, 1935, p.153), “explicou que o seu trabalho visou contribuir para a história do desenvolvimento da sociedade brasileira”. Também sobre o pós-abolição tivemos a apresentação do trabalho de Edison Carneiro, intitulado: “Situação do negro no Brasil”. Neste trabalho o autor analisou que com o fim da escravidão, a questão social do negro não tinha sido resolvida, pois este ainda se encontrava à margem da sociedade brasileira. Conforme Carneiro (*apud* ANAIS, 1935, p.238): “Ainda aqui, sob o capitalismo, o negro ficou sendo burro de carga da produção nacional, representando a esmagadora maioria da população trabalhadora do Brasil. Entregue a si mesmo, dono de uma liberdade fictícia, ganhando mal, vestindo mal, alimentando-se mal. caiu no álcool, na malandragem, na criminalidade”.

Jarbas Pernambucano apresentou o trabalho, “Maconha em Pernambuco”. Neste trabalho o autor procurou analisar os mais variados nomes que a maconha tinha na época de sua pesquisa, tentando verificar a sua utilização por indivíduos provenientes das camadas mais baixas da sociedade pernambucana: negros e mestiços pobres. (PAZ, 2006, p.22).

Sobre as artes e a literatura tivemos trabalhos como: “Musicalidade do escravo negro no Brasil” e a comunicação de Renato Mendonça que apresentou o trabalho, “O negro no folk-lore e

¹¹² Conforme Pierson, a moeda primitiva, usada no Brasil colonial e freqüentemente chamada de engenho, era também conhecida por bangüê. Ver PIERSON. Donald. Brancos e Pretos na Bahia. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1945, p.272.

na literatura do Brasil”. Neste trabalho o autor apresentou uma das questões que mais interessavam a etnologia à época: saber as crenças religiosas dos negros africanos. Tivemos também a participação de Samuel Campello, que apresentou a comunicação “Fizeram os negros teatro no Brasil?”. Campello procurou analisar que através dos autos da fé os negros participaram da formação cultural do Brasil, além de terem realizado peças teatrais. Gilberto Freyre e Cícero Dias apresentaram em conjunto: “O negro na arte popular e doméstica de Pernambuco”; Odorico Tavares expôs o trabalho intitulado: “O negro e a poesia brasileira”, já Diógenes Junior falou sobre, “O negro na música do Nordeste” e Gonçalves Fernandes, “A pintura e a escultura entre os afro-brasileiros”. Jorge Amado também participou do encontro com um trabalho sobre “A presença da África na literatura brasileira”.

Sobre os aspectos afro-religiosos brasileiros, localizamos os seguintes títulos: “Aspectos da influência africana na formação social do Brasil vocabulário Nagô Xangô”, de Rodolpho Garcia, “Os Mythos de Xangô e sua degradação no Brasil” de Artur Ramos, e “Toadas de Xangô do Recife”, de Geraldo de Andrade. Pedro Cavalcanti mostrou o trabalho: “As seitas africanas do Recife”, “Notas sobre catimbó”¹¹³ e “Ohum Eniadúdú”. Na comunicação sobre as seitas do Recife Cavalcanti (1935, p.243) dizia que: “Tais seitas viviam até então, de certa maneira, escondidas. Ou porque, a política não lhes permitia o livre funcionamento, ou porque os jornais, vês por outra, traziam reclamações dos moradores da rua tal...”.

José Lins do Rego falou sobre, “Xangô em Alagoas”; Edison Carneiro em sua segunda participação, também apresentou a comunicação, “Xangô”. Neste trabalho Carneiro examinou a relação do orixá Xangô com o santo católico São Jerônimo. Nóbrega da Cunha apresentou a “Macumba no Rio de Janeiro”. Muitos trabalhos religiosos foram apresentados por representantes diretos destas religiões, pois conforme Gustavo Henrique Tuna:

A presença de representantes dos cultos africanos, além de ter como meta a construção de uma imagem de proximidade entre os intelectuais e o povo, era importante para a defesa das religiões africanas, vítimas de intensa perseguição pela polícia do Recife até o início dos anos de 1930. (TUNA, 2005, p.70).

¹¹³ Ibidem, p.272. “Catimbó é a palavra usada para designar o culto afro-brasileiro do nordeste, conhecido como candomblé na Bahia, Xangô no Recife e Batuque no Rio Grande do Sul”.

Segundo Clilton Paz (2007, p.66), por ocasião das atividades do Congresso, houve no dia 13 de Novembro, às 21 horas, uma manifestação religiosa no Terreiro do Babalorixá Pai Oscar de culto gêgê, localizado no bairro de Campo Grande, Recife, em que tomaram parte das atividades os escritores Mário Marroquino, José Lins do Rego, Adhemar Vidal, Aderbal Jurema, Odorico Tavares, o Comandante da Brigada Militar do Estado, Sr. Jurandyr Mamede, além dos pintores Di Cavalcanti, Noêmia e Cícero Dias, a professora Ida Marinho Rego, o Dr. Gildo Neto e sua família e o jornalista Nóbrega da Cunha.

Conforme Clilton Paz, que pesquisou em sua dissertação de mestrado o **Primeiro Congresso Afro-Brasileiro**:

Esta foi a maior manifestação de indivíduos num terreiro do Recife, pois havia a necessidade deste tipo de manifestação pelo fato de que o **Congresso** do Recife, ter sido uma forma de preservação da cultura e da identidade do negro e por isto, o aspecto religioso deveria ser inserido de forma bem larga nos parâmetros das apresentações. A cada final de dia de evento, um Babalorixá que participou das apresentações teria em seu terreiro, a participação de convidados a assistirem uma pequena cerimônia de agradecimento pelo bom andamento das apresentações. (PAZ, 2007, p.66).

É importante salientar que, independente do auxílio de intelectuais contra as perseguições policiais, os próprios afro-religiosos desenvolveram, na cidade do Recife, estratégias de luta para resistir à opressão do período, como utilizar-se das relações de aceitação, resistência, consenso, dissenso entre eles com os representantes do Poder de Estado, no intuito de preservar a sua fé e os seus ritos.¹¹⁴

Sobre as influências sociais e políticas negras em nosso país tivemos a participação de Rodrigues de Carvalho, com a comunicação intitulada, “Influência etnológica do negro no Brasil”. Neste trabalho o autor analisou a importância do negro para a vida social, política e cultural do país. José Valadares apresentou o trabalho intitulado: “Organização dos Palmares”. Já Aderbal Jurema comunicou sobre o “Potencial revolucionário do negro americano”, Rubens Saldanha participou do encontro falando sobre a “Influência indiana do negro no espírito do Direito Nacional” Ascenço Ferreira, “O que eu devo a influência negra”. E Astrogildo Pereira expôs a comunicação sobre “O negro e a sua situação atual no Brasil”.

¹¹⁴ Ver CAMPOS, Zuleica Dantas Pereira. Os Afro-Umbandistas e a resistência na ditadura do Estado Novo. Revista Saeculum, UFP, João Pessoa, 819, 2002-2003.

Também localizamos pesquisas que demonstravam a consciência dos participantes em debater se realmente existiam “diferenças físicas e mentais” entre as raças brasileiras, dos quais citamos as seguintes comunicações: “Alguns dados antropológicos da população do Recife”, “Nota antropológica sobre os mulatos pernambucanos”, “Estudo biotipológico de negros e mulatos brasileiros normaes e delinqüentes”, “Ensaio ethno-psiquiatrico sobre negros e mestiços” e “Contribuição ao estudo do índice de Lapique”.¹¹⁵

O Dr. J. Robalinho Cavalcanti participou com o trabalho intitulado: “Longevidade do branco, do negro e do mulato no Brasil” e “O recém-nascido branco, negro e mulato”. Neste trabalho o autor analisou, através de fichas dos recém-nascidos na maternidade do Recife, suas condições de sobrevivência. Concluiu que os nascidos de mães pobres tinham, biologicamente, as mesmas condições dos filhos de mães ricas. Também localizamos os seguintes títulos, “O problema da tuberculose no preto e no branco e relações de resistência racial”, “As doenças mentais entre os negros de Pernambuco”. Geraldo de Andrade apresentou o trabalho: “Psicologia do afro-brasileiro”. Neste trabalho o autor examinou a forte presença mestiça no Brasil, observando, através de estudos de craneologia, aproximações biológicas entre brancos e mulatos. Já o Dr. Octavio de Freitas participou com a comunicação, “Doenças trazidas pelos negros”. O Professor Ulysses Pernambucano apresentou o trabalho intitulado: “Doenças mentais entre os negros de Pernambuco” e José Lucena versou sobre o “Estudo psicotécnico de dois grupos de negros e brancos”.

Além das comunicações referidas anteriormente, foram apresentados três trabalhos sobre a mestiçagem em nosso país, com os seguintes títulos: “Os mestiços e o problema da degenerescência” e “A causa social da degenerescência, em oposição à causa racial”. Nesse tema

¹¹⁵ Sobre o índice Lapique, conforme Santos, R. (2004): “O índice foi criado pelo francês Louis Lapique em 1906. É de uma simplicidade estonteante. Basta medir (A) o comprimento do osso rádio (aquele entre o cotovelo e o pulso) e (B) a largura da bacia pélvica. A seguir divide-se A por B. Agora o pulo do gato. Aqueles com índices superiores a 1 (rádio > pélvis) são da raça negra; abaixo de 1 (pélvis > rádio), brancos. E por que isso? Gorilas e chimpanzés têm aqueles braços longos em relação a outras partes do corpo, certo? Nos tempos de Lapique, supunha-se que pessoas negras e macacos eram mais aparentados, com os brancos numa segura distância”. Fonte: http://www.ifcs.ufjf.br/~observa/bibliografia/artigos_jornais/SantosRV_CotasUnB_CorreioBraziliense_18042004.htm. Santos, R. V*. Cotas, UnB e raciologia contemporânea. Correio Braziliense, 18/04/2004 Acesso em 14/4/2008.

Paulo Barros apresentou: “O negro na obra de Silvio Romero”. “A mestiçagem no Brasil como fator eugênico” foi o título do trabalho apresentado por Antônio Austragésilo.¹¹⁶

Conforme Henrique Tuna:

O elogio à capacidade de miscigenação dos africanos no Brasil, tão caro a Freyre, encontrou eco considerável no Congresso na voz do médico pernambucano Antônio Austragésilo (...) Austragésilo afirmou que a paixão que a Alemanha cultivava na época pelo arianismo deveria ser levada em discussão e o caso do Brasil deveria ser levado em conta, por ser um dos países, segundo ele, onde a “mistura étnica” se processara de maneira mais profunda e com grande resultados...assim como outros de sua época que defendiam a miscigenação racial, o pernambucano fez uma lista extensa de mestiços brasileiros preeminentes, em que incluiu, entre outros, Gonçalves Dias, Tobias Barreto, Floriano Peixoto, Lima Barreto, Carlos Gomes e Machado de Assis. (TUNA, 2005, p.73).

Mas conforme Pierson (1945, p.276), “analisando-se mais detidamente a situação, verifica-se que cada um destes três trabalhos, citados anteriormente, afirmava que o negro era racialmente inferior e de que a mistura leva a degerescência (sic)”.

Além destas discussões, tivemos a participação feminina nos trabalhos do **Primeiro Congresso Afro-Brasileiro** por intermédio da Senhora Moreira. Na realidade, as idéias de Juliano Moreira sobre o grupo negro foram lidas por sua esposa, a viúva Augusta Moreira. O trabalho apresentado era: “Juliano Moreira e o problema do negro e do mestiço no Brasil”. Nesta comunicação, a “autora” procurou abordar que em diversas pesquisas realizadas pelo médico falecido Juliano Moreira, na virada do século XIX para o XX, apontavam o negro e o mestiço como sendo os principais responsáveis pelo atraso da sociedade brasileira. Outro trabalho apresentado pela senhora Augusta Moreira foi sobre a questão da loucura nos negros e mestiços, intitulado: “Notas sobre coloridos no Brasil”. (PAZ, 2006, p.55).

O Congresso ainda ofereceu temas como: “Receitas de quitutes afro-brasileiros”, apresentados pela Ialorixá Santa e pelos Babalorixás Oscar de Almeida e Apolinário Gomes, “A

¹¹⁶ Todos os títulos das comunicações apresentadas no 1º Congresso Afro-Brasileiro foram consultados no livro de Donald Pierson, 1945.(*apud* Freyre 1937), sendo mantido o português da época. Também fizemos uso de TUNA (2005) e PAZ (2007), para complementar.

calunga dos maracatus”, apresentada por Mario de Andrade e trabalhos sobre a “Biblioteca do povo” e material sobre a “Colleção Moderna”, estes dois últimos apresentados por Jorge Amado.

Nesse caldeirão cultural, o Congresso contou com a presença de Babalorixás, cozinheiras e artistas, e também com a fala do trabalhador negro Jovino da Raiz, que em seus apontamentos, “reclamou muito que as condições do negro no Brasil haviam piorado muito com a chegada da usina”. (TUNA, 2005, p.73).

Quanto à participação de representantes da comunidade negra, nas atividades do encontro, como afro-religiosos e de Jovino da Raiz, percebemos ambas como de fundamental importância para a legitimidade do Congresso, já que na época Pernambuco tinha uma população composta por 45,37% de negros (BASTIDE, 1959, p.70), ou seja, praticamente a metade da população naquele Estado.

Miguel Barros “o Mulato”, representante da **Frente Negra Pelotense**, participou do Congresso apresentando uma comunicação, que além de versar sobre a mulher negra e africana, evidencia o que denominamos por “idéias em movimento”¹¹⁷, pois conforme ele:

A Frente Negra Pelotense, entidade que tem por lema: União, Cultura e Igualdade, que devem ser invocadas, quando se inicia um movimento, portentoso e inédito do elevamento moral, intelectual e social do negro; de uma raça entregue a si mesma e que não tem outra cousa sinão (sic) sua extraordinária capacidade de trabalho e intelligencia virgem, que deve e merece ser cultivada. Para que essa massa, que foi na submissão, sempre dirigida, sem a menor noção de humanidade; impedida de sair do marasmo, da inactividade; embargada nos passos para a arrancada sublime e patriótica, que viria a fortalecer, de uma vez por todas, uma terra, que se pouco fez, foi somente porque essa grande maioria de 80% da população brasileira, vive à parte, no analphabetismo e que necessita da segunda abolição, que desenvolva a mente, para que a levará ao caminho extraordinário a evolução humana...A Frente Negra Pelotense, da plaga de Marcílio Dias, cumprimenta o Iº Congresso Africano-Brasileiro, da terra pernambucana de Henrique Dias, com um amplexo sincero, pela Grandeza da raça. (MIGUEL BARROS *apud* ANAIS do I Congresso Afro-Brasileiro, 1935, p.269).

A distância percorrida por Miguel Barros, tendo como partida a cidade de Pelotas-RS até o Recife-PE é de mais de 4 mil quilômetros, na época o principal meio de transporte para viagens

¹¹⁷ Ver página 45.

de longas distâncias era o navio, o que denota um imenso *movimento* de pessoas e de suas idéias, por ocasião destes oásis, independente da distância e das regiões de suas formações.¹¹⁸

Quanto à participação do Poeta do Povo, Solano Trindade que iria fundar dois anos depois do Congresso na cidade do Recife a **Frente Negra Pernambucana**, localizamos evidências de sua participação no evento, mas sem maiores detalhes.¹¹⁹

Podemos identificar a partir das produções que foram apresentadas nesse *lugar social* os métodos e a topografia de interesses delineados na ocasião (Certeau, 2006), o que nos demonstrou, através da localização dos títulos das mesmas, a preocupação dos participantes em produzir e trocar conhecimentos antropológicos, etnológicos, biológicos, sociológicos e culturais, para entender a sociedade em que viviam com a participação do negro. Conforme Henrique Tuna:

É bem verdade que muitos participantes apenas enviaram seus trabalhos e não compareceram. Foram os casos do escritor Mário de Andrade, do historiador Rodolfo Garcia, do Antropólogo e Folclorista Artur Ramos, do Antropólogo Bastos Ávila, do Médico Antônio Austrogésilo e do antropólogo norte-americano Melville Herskovits. De qualquer forma, a quantidade de trabalhos, tanto apresentados como os enviados, demonstra a habilidade de Gilberto Freyre em compor um amplo espectro da discussão em torno da contribuição do africano à “gênese do povo brasileiro”, tema extensamente desenvolvido por ele em Casa Grande e Senzala, publicado em 1933. (TUNA, 2005, p.70).

Além da apresentação de pesquisas, o evento também contou com as participações e trabalhos de artistas da época, como: Cícero Dias que, além de ser o autor do cartaz do Congresso, organizou uma exposição de objetos de arte-afro-brasileira no Salão Nobre do **Teatro Santa Isabel** - com figas, cachimbos e bonecas de maracatu - Luiz Jardim, Di Cavalcanti,

¹¹⁸ Para saber a distância entre as principais cidades brasileiras ver: <http://www.dnit.gov.br/rodovias/distancias.asp>.

¹¹⁹ Ver LUNA, Luiz. O Negro na luta contra a escravidão. Rio de Janeiro: Editora Cátedra, 1976, SOUZA, Florentina. Solano Trindade e a produção literária afro-brasileira. Edição: 31 (2004). http://www.afroasia.ufba.br/pdf/31_14_solano.PDF/acesso em março de 2008 e SILVA, Fátima Aparecida. O movimento social Frente Negra Pernambucana - 1936-1937-. A história continua. XXIV Simpósio Nacional de História. São Leopoldo, 2007.

Noemia Mourão, Manoel Bandeira, Santa Rosa, Tarsila do Amaral e o fotógrafo Francisco Rebello também participaram. (TUNA, 2005, p.70 e PAZ, 2007, p.44).

Conforme Paz (2007), o **Centro Religião da Humanidade do Apostolado Positivista do Brasil** participou do evento, enviando todos os seus boletins referentes à situação do negro no Brasil.

Segundo relatou Freyre:

Gente que afinal se voltara para o assunto e descobrira nessas ‘coisas de negro’ mais do que simples pitoresco: uma riqueza nova de emoção, de sensibilidade, até mesmo de espiritualidade; uma parte grande e viva da verdadeira cultura brasileira; a arte dos Villa-Lobos e dos Ciceros Dias nas suas raízes mais profundas. (FREYRE *apud* PAZ, 2007, p.44).

São localizados, através dos participantes, os seguintes Estados representados neste Congresso: Pernambuco, por Gilberto Freyre, Solano Trindade, Pedro Cavalcanti entre outros; Alagoas, por Alfredo Brandão e José Lins do Rego. Da Paraíba tivemos a participação de Adhemar Vidal, da Bahia, Edison Carneiro e Jorge Amado, do Estado do Rio Grande do Sul, mais precisamente de Pelotas, o *frentenegrino* Barros o “Mulato”. E representando o Rio de Janeiro: Nóbrega da Cunha, Robalinho Cavalcanti e Renato Mendonça.

Os ouvintes que participaram das atividades pagaram, segundo PAZ (2007, p.77), “uma pequena quantia que serviu para sanar algumas despesas”. Arrecadou-se o total de 876\$000, que “serviu para pagar as correspondências dos convites, o transporte dos Babalorixás e Ialorixás, a compra de objetos de arte brasileira para enfeitar o ambiente e a ceia, toda ela de iguarias afro-brasileiras como: vatapá, caruru e inhame com mel de engenho”.

Por ocasião da Sessão Solene de encerramento do Congresso, Gilberto Freyre, organizador do encontro, fez no dia 16 de novembro de 1934, no **Teatro Santa Isabel**, a leitura do seguinte manifesto:

Sendo as classes trabalhadoras do Brasil, em grande parte, gente de sangue negro, e herdeira de elementos valiosos de cultura negra, o 1.º Congresso Afro-Brasileiro manifesta sua solidariedade a essas classes contra toda forma de opressão... O 1º Congresso Afro-Brasileiro protesta contra toda a espécie de discriminação contra negros ou mestiços ainda que se verifique no Brasil. (JORNAL PEQUENO. 1. O CONGRESSO AFRO-BRASILEIRO: O SEU ENCERRAMENTO. 16/11/1934 *apud* PAZ, 2000, p.88).

Mas conforme citado, anteriormente, houve também no decorrer deste Congresso, entre as amostras de comunicações, trabalhos artísticos e a leitura de manifesto, debates constantes sobre o livro **Casa Grande e Senzala**, de autoria do organizador do Congresso, o sociólogo Gilberto Freyre.¹²⁰

Este livro, desde a sua publicação, até aos dias atuais, é motivo de debate entre os pesquisadores que versam sobre as relações sociais e raciais em nosso país. A principal causa disto decorre da possível criação, a partir de sua publicação, das bases de uma ideologia que visasse a construção de uma nacionalidade brasileira, onde vigorava a pretensa igualdade racial entre brancos, índios e negros, consolidando-se no que conhecemos como a “democracia social e racial” brasileira.



Imagem 5 – Registro da sessão inaugural do Congresso. À esquerda, a pintora Noemias Mourão, à direita, a bailarina africana Mamah Adah. *Apud* Tuna, 2005, p.70.

¹²⁰ Ver PIERSON, Donald. *Branços e Pretos na Bahia*. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1945. LUNA, Luiz. *O Negro na luta contra a escravidão*. Rio de Janeiro: Editora Cátedra, 1976 e SKIDEMORE, Thomas E. *Preto no Branco*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

Conforme Mota (1980, p.54), o estudo da trajetória da obra de Freyre sobre os meios intelectuais assume grande importância por permitir a análise da cristalização de uma ideologia com grande poder de difusão: a da cultura brasileira.

Para Maria Aparecida da Silva Bento a ideologia da *democracia racial*, ou ideologia da cultura brasileira, conforme Mota (1980, p.05), surge justamente a partir da publicação de **Casa Grande e Senzala**, de Gilberto Freyre lançado em 1933. Conforme nos explica Bento:

Ao postular a conciliação entre as raças e suavizar o conflito (Gilberto Freyre) ele nega o preconceito e a discriminação possibilitando a compreensão de que o ‘insucesso dos mestiços e negros’ deve-se a eles próprios. Desta forma, ele fornece à elite branca argumentos para se defender e continuar a usufruir do famigerado Mito (ou ideologia) da Democracia Racial Brasileira (BENTO, 2002, p.48).

Segundo Emilia Viotti da Costa:

Em esboço, os fatos são suficientemente claros: um poderoso mito, a idéia da democracia racial – que regulou as percepções e até certo ponto as próprias vidas dos brasileiros da geração de Freyre – tornou-se para a nova geração de cientistas sociais um arruinado e desacreditado mito. (COSTA, 1998, p.368).

Ou seja, na realidade entendemos que o organizador do Congresso tentou formar um oásis entendendo as relações raciais no Brasil a partir de sua realidade agrária, clientelista e paternalista, embora existindo participantes com outras propostas neste encontro, como Miguel Barros, representante da Frente Negra Pelotense. Quanto aos organizadores, como eram membros da elite branca, acreditavam que ao formular a mestiçagem ou a harmonia entre as raças acomodariam as relações raciais e ao mesmo tempo mostrariam ao país e ao mundo as qualidades do povo brasileiro. Infelizmente, viam como solução a integração do negro em nossa sociedade somente através da mestiçagem, considerada como forma de degeneração dos grupos não brancos, o que de fato mascarou o preconceito e o racismo da época.¹²¹

¹²¹ Neste caso, o termo não é apresentado em sua forma biológica, mas sim política. Conforme nos explica Nilma Lino: “O Movimento Negro e alguns sociólogos, quando usam o termo raça, não o fazem alicerçados na idéia de raças superiores e inferiores, como originalmente era usada no século XIX. Pelo contrário, usam-no com uma nova interpretação, que se baseia na dimensão social e política do referido termo”. Ver GOMES, Nilma Lino. Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão. Educação Anti-racista

Muito antes da realização do **Primeiro Congresso Afro-Brasileiro**, já estava sendo formulada a base para o futuro mito da “democracia racial”. Antes, intelectuais ligados ao estado brasileiro já se referiam à mestiçagem.

Esses debates surgem no bojo das transformações econômicas, sociais e políticas que ocorrem em nosso país. Na República surgem as discussões de como pensar a nação brasileira, em seus aspectos étnico-sociais. E o negro? Como incorporá-lo nesta nação emergente?

“Apenas na República, tardiamente finda a escravidão, a elite se colocou o problema de como integrar simbólica e materialmente os negros à nação”. (GUIMARÃES, 2000, p.26).

Segundo pensadores brasileiros do período, entre eles Oliveira Viana, existindo a possibilidade da “mistura” étnica, entre negros e índios com o “elemento” branco, poderia ser solucionado o “problema negro”, desde que prevaleça o mestiço, elemento de possível “degeneração”. Para as elites do período, formadas por políticos e intelectuais: “A miscigenação não produzia inevitavelmente “degenerados”, mas uma população mestiça, sadia capaz de tornar-se sempre mais branca, tanto cultural quanto fisicamente.” (SKIDMORE, 1978, p.81).

No campo ideológico, esta teoria foi amplamente utilizada e aceita na época por intelectuais e políticos no pós-abolição. Conforme explica Skidmore:

A teoria brasileira do “branqueamento” já tem sido mencionada. Aceita pela maior parte da elite brasileira nos anos que vão de 1889 a 1914, era teoria peculiar no Brasil (...) A tese do branqueamento baseava-se na presunção da superioridade branca. (SKIDMORE, 1978, p.81).

É importante salientar que existiam intelectuais e pensadores que não concordavam com esta teoria, como Manuel Bomfim e Alberto Torres.¹²²

Caminhos Abertos pela Lei Federal nº10.639/03. Brasília: Coleção Educação Para todos. SECAD/MEC, 2005, p. 44-49.

¹²² Para Skidmore, ambos estavam à frente de seu tempo ao rejeitar todo o quadro de determinismo da época. Manuel Bomfim não hesitava em admitir o atraso da América Latina e nela incluía o Brasil. Via os problemas do Brasil herdados da era colonial e ao atraso de Portugal. Atacava as três escolas principais do pensamento racista: a escola etnológico-biológica, a escola histórica de Gobineau, que ajudou a propagar a mensagem pela Europa de que a raça era o fator determinante da história humana e a escola do darwinismo social que pregava a evolução da vida natural como resultado da “sobrevivência dos mais aptos”, numa competição de diferentes espécies e variedades. Para Alberto Torres a suposta inferioridade étnica do Brasil era aceita por demais freqüentemente como desculpa para os seus problemas – quando, a seu ver, as causas jaziam alhures – na falta de educação, na nutrição pobre, na higiene precária. Em suma, na falta de adaptação inteligente ao meio. Tal adaptação constituía o mesmo desafio para qualquer tipo racial que vivesse no Brasil. Para ele o “problema brasileiro” só poderia ser explicado depois da

Para Guerreiro Ramos (1954, p.198), sobre as relações de raça no Brasil, Alberto Torres resistiu com vantagem à comparação entre outros intelectuais que trataram do assunto, pois o autor esforçou-se para ver as relações de raça no Brasil, à luz dos fatos da vida brasileira, e não, literalmente, a partir das categorias da ciência antropológica europeia. Conforme Guerreiro (1954, p.198), Torres explicou que "a posição eventual de superioridade de certos povos emana de uma seleção histórica, que obedece a fatores ou poderes tão artificiais quanto os que selecionam os indivíduos".

Na realidade, existia uma “notável aflição” dos intelectuais da época para explicar e entender os motivos do atraso brasileiro, notório em aspectos políticos, econômicos e sociais. Neste sentido, com o advento do cientificismo e da história objetiva, muitos autores encorajavam a idéia de descobrir quem era o culpado dessa situação. Infelizmente, o negro era considerado o fardo para o desenvolvimento do país e as escolas racistas, norte-americana e europeia, destacam-se e influenciam o pensamento étnico-brasileiro.

Segundo Barreiras (1998, p.30), surgiram assim duas vertentes explicativas sobre a identidade nacional, a primeira identificava a raça com o meio e a segunda reinterpreta o conceito de raça para o de cultura. Para a autora a primeira vertente foi identificada por Ortiz no final do século XIX, composta por Silvio Romero, Nina Rodrigues e Euclides da Cunha, considerados os precursores das Ciências Sociais no Brasil e que identificavam o atraso nacional devido à raça e ao meio. O mestiço era apontado como um produto defeituoso em uma perspectiva pessimista. Ainda conforme Ortiz: “As incertezas do período são fundamentais para a elaboração da vertente meio e raça”. (ORTIZ *apud* BARREIRAS, 1998, p.30). Já a segunda vertente tem por expoente Gilberto Freyre, conforme veremos mais adiante.

Sendo o Brasil um campo fértil para as teorias advindas dos Estados Unidos e da Europa, com os equívocos das teorias da época¹²³ chego à conclusão de que no período não existia crítica e o *esforço teórico*, por parte da intelectualidade brasileira que, ao invés de analisar, reproduzia estes conhecimentos, conforme citado anteriormente, fruto do período. A partir de 1911, por

liquidação da doutrina racista e via como abandono da população nacional o favorecimento de imigrantes que recebiam privilégios especiais.

¹²³ Ibidem, p.81.

ocasião do **I Congresso Universal de Raças**, em Londres, a tese de João Batista de Lacerda iniciou, teoricamente, as bases do “branqueamento” brasileiro, sustentada da seguinte maneira:

Contrariamente à opinião de muitos escritos, o cruzamento do preto com o branco não produz geralmente progênie de qualidade intelectual inferior; se esses mestiços não são capazes de competir em outras qualidades com as raças mais fortes de origem ariana, se não tem instinto tão pronunciado de civilização quanto a elas, é certo, no entanto, que não podemos por o métis ao nível das raças realmente inferiores.”(LACERDA *apud* SKIDMORE, 1978, p.82).

Notamos que os aspectos populacionais do branqueamento fundamentam-se nas bases da miscigenação como meio de substituir progressivamente a população negra. João Batista Lacerda, em sua tese, elogia a participação de mestiços na história brasileira e apóia o casamento inter-racial inclusive afirmando: “*que no Brasil em três gerações todos os caracteres físicos serão das raças brancas*”. (SKIDMORE, 1978).

A diferença entre o pensamento dos intelectuais ligados ao estado, inspirados em idéias estrangeiras, e o de Freyre (1933), é que estes pensavam na mestiçagem como forma quantitativa como forma de embranquecer a população e Freyre passa a pensar através de uma ótica nitidamente interna, brasileira. Ou seja, os intelectuais antes dela acreditavam que ao ocorrer a mistura das raças, gradativamente, a população negra diminuiria, o que, de fato, aconteceu de forma inversa.

Nesse sentido, nitidamente, notamos a função de *intelectual tradicional* exercida por Freyre e os demais que o antecederam, pois, conforme Gramsci:

Cada grupo social “essencial”, contudo, surgindo na história a partir da estrutura econômica anterior e como expressão do desenvolvimento desta estrutura, encontrou, pelo menos na história que se desenrolou até os nossos dias, categorias de intelectuais preexistentes, as quais apareciam, aliás, como representantes de uma continuidade histórica que não foram interrompidas nem pelas mais complicadas e radicais modificações das formas sociais e políticas... **podem ser comparados à aristocracia fundiária** exercício da propriedade da terra e privilégios estatais. (GRAMSCI, 1995, p.5).

Ou seja, Freyre e os intelectuais de sua época, oriundos na grande maioria da elite agrária do nordeste, passam a pensar a mestiçagem através da contribuição das raças que formaram o

Brasil a partir de uma visão interna e regionalista¹²⁴, valendo-se, agora, de um esforço teórico nitidamente mais nacional do que estrangeiro. Tinham por hábito escrever e pensar o Brasil a partir de sua realidade local e, diga-se por passagem, o livro de Freyre tem uma narrativa bem pensada, gostosa e atraente aos nossos olhos, o que era uma das virtudes dele e de outros filhos da elite agrária, pois, conforme Mota (1980, p.59), “o eruditismo e o bem escrever constituem o revestimento do ensaísmo social característico dos filhos das oligarquias regionais”.

Segundo Emilia Viotti Da Costa:

A elite branca brasileira já tinha em sua própria sociedade os elementos necessários para forjar sua ideologia racial. Tinha aprendido desde o período colonial a ver os negros como inferiores. (COSTA, 1998, p.378).

Casa Grande e Senzala, produzido por um filho da República Velha, identificado com as forças conservadoras da política, indica os esforços de compreensão da realidade brasileira realizados por uma elite aristocratizante que vinha perdendo poder. A perda social e política deles correspondem a uma revisão, à busca do tempo perdido. Uma volta às raízes. (MOTA, 1980, p.58).

Nesse sentido, o que Freyre (1933) faz é utilizar a mestiçagem de maneira ideológica e qualitativa, auferindo a contribuição das três raças para a formação cultural do Brasil. E o mais pertinente em sua obra é que ele “desnuda a vida íntima da família patriarcal, a despeito do tom valorativo, em geral positivo, emprestado à ação do senhorio colonizador, ação que se prolonga, no eixo do tempo, da Colônia até o século XX, na figura de seus sucessores, representantes das oligarquias”. (MOTA, 1980, p.58).

Utilizando o padrão branco como o elemento principal dessa relação, a mestiçagem teve um caráter remodelado a partir de Freyre. Conforme Skidmore:

¹²⁴ Por regionalismo, entendemos que os intelectuais do Nordeste brasileiro difundiam a idéia que a nacionalidade brasileira iniciou por aquela região. Conforme os escritos de Austregésilo de Athayde, que participou do Primeiro Congresso Afro-Brasileiro, apresentando o trabalho: “A mestiçagem no Brasil como fator eugênico” é no Nordeste que se encontram as raízes mestras da nacionalidade. (1981), opinião escrita por ocasião da 21ª edição do Livro Casa Grande e Senzala. Ed. José Olímpio.

Gilberto Freyre oferecia, assim, àqueles brasileiros que quisessem interpretar dessa maneira, uma nova *rationale* para a sociedade multirracial, em que as ‘raças’ componentes – européia, africana e índia – podiam ser vistas como igualmente valiosas. O valor prático da sua análise não estava, todavia, em promover o igualitarismo racial. A análise servia, principalmente, para reforçar o ideal de branqueamento. (SKIDMORE, 1978, p.211).

Para Mota (1980, p.66), ficaram eliminadas, no discurso de Freyre, as contradições reais do processo histórico-social, as classes e os estamentos em seus dinamismos específicos e seus conflitos e desajustamentos no sistema global. Do ponto de vista interpretativo-metodológico, o encaminhamento é hábil, uma vez que opera sistematicamente com pares antagônicos para esvaziar a contradição, propiciando uma sociedade aparentemente sem “desertos”.

E nesse sentido Freyre conseguiu difundir o seu discurso, pois, ao esvaziar as polarizações entre dominantes e dominados, introduziu uma variável que escapa a qualquer controle para um discurso que se pretenda científico, para a época: a noção de região. Para Mota (1980, p.55), a partir deste momento rompia-se, aparentemente, no nível da explicação, que até então se propunha como saber científico, uma compartimentação que os quadros ideológicos anteriores preservavam, a separação entre as raças. Fortalecia-se a ideologia da *democracia racial*, a segunda vertente¹²⁵. Conforme Barreiras:

Década de 30. O expoente da segunda vertente é Gilberto Freyre. Não rompe com a anterior, mas a reinterpreta. A temática social é reeditada como a chave para a compreensão dos brasileiros, passando do conceito de raça para o de cultura. Cai por terra a herança genética, e a negatividade do mestiço transforma-se em positividade. No Brasil há democracia racial. A indolência para o trabalho, discurso que resulta da primeira vertente, é transformado em ideologia do trabalho. O samba não é mais música de negros e sim música nacional. (BARREIRAS, 1998, p.30).

Para Guimarães (2000, p.26), esta representação, freyreana, faz com que nós não tenhamos propriamente uma raça; não somos brancos, negros ou índios, mas uma nação, um povo mestiço.

¹²⁵ A primeira vertente foi identificada por Ortiz no final do século XIX, composta por Silvio Romero, Nina Rodrigues e Euclides da Cunha, considerados os precursores das Ciências Sociais no Brasil e que identificavam o atraso nacional devido à raça e ao meio. Ver BARREIRAS, Maria José Lanziotti. Dario Bittencourt (1901-1974) Uma incursão pela cultura política autoritária gaúcha. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1998.

Já os revisionistas, da década de 1950, acompanham um novo processo das relações raciais no Brasil, em que a acomodação e o modelo paternalista são substituídos pelo conflito racial, preconceito e pelo modelo competitivo. Tal situação demonstraremos mais adiante, em nosso segundo capítulo, no qual analisaremos os contextos em que ocorreram os Congressos.

É interessante notar que Gilberto Freyre, então deputado federal pela **UDN - União Democrática Nacional** em 1950, também se torna um revisionista das idéias que ajudou a construir; mas em contrapartida, também é saudosista quanto às relações tradicionais do Brasil, por ocasião de um ato de discriminação racial ocorrido em um hotel da São Paulo, que se recusou a hospedar a cantora negra norte americana Katherine Dunham. Conforme Freyre na tribuna da câmara federal:

Sr. Presidente, se é certo que um hotel da Capital de São Paulo recusou acolher como seu hóspede a artista norte-americana Katherine Dunham por ser pessoa de côr, o fato não deve ficar sem uma palavra de protesto nacional nesta Casa. **Pois entre nossas responsabilidades de representantes da Nação Brasileira está a de vigilância democrática da qual tanto se fala hoje nos discursos, mas que nem sempre é praticada nos momentos precisos.** Este é um momento – o ultraje à artista admirável cuja presença honra o Brasil – em que o silêncio cômodo seria uma traição aos nossos deveres de representantes de uma nação que faz do ideal, **se não sempre da prática**, da democracia social, inclusive a étnica, um dos seus motivos de vida, uma das suas condições de desenvolvimento... Estou certo de que justamente em São Paulo o gesto infeliz do hoteleiro que teria negado hospedagem a Katherine Dunham por ser Miss Dunham mulher de côr, teve a repulsa mais forte. **Porque em São Paulo o comercialismo, o mercantilismo, o negocismo, o dolarismo, o imediatismo, tudo que é ismo inseparável de uma vigorosa e triunfante civilização na América industrial de hoje.** (grifo meu)¹²⁶

A ideologia da *democracia racial*, possivelmente remodelada por Freyre na década de 1930, e revisto pelos pensadores paulistas no final da década de 1950, condicionada agora a *mito*, durante muito tempo serviu para harmonizar e manter *status quo* da elite branca em nossa sociedade, mas, ao mesmo tempo, foi útil para se produzir uma sociedade, se não perfeita ao

¹²⁶ CONTRA o preconceito de raça no Brasil. Discurso proferido na Câmara dos Deputados, Federal, Rio de Janeiro, 17 jul. 1950. A UDN, partido de Gilberto Freyre, foi fundada no dia 7 de abril de 1945, reunindo diversas correntes que nos anos anteriores haviam-se colocado em oposição à ditadura do Estado Novo. Constituiu-se numa ampla frente anti-Vargas. Para saber mais ler: “Partidos políticos nacionais”, fonte: http://www.cpdoc.fgv.br/nav_historia/htm/anos37-45/ev_fim_ppn.htm/ acesso em 14 de fevereiro de 2008.

menos sem conflitos, isto é, mais *política*. Mas certamente essa relação era harmoniosa e desequilibrada, pois concordando com Emilia Viotti da Costa:

É óbvio que os brancos beneficiaram-se com o mito. Mas também é verdade que os negros beneficiaram-se igualmente, embora de uma maneira mais limitada e contraditória. A negação do preconceito, a crença no “processo de branqueamento”, a identificação do mulato como uma categoria especial, a aceitação de indivíduos negros entre as camadas da elite branca, tornaram mais difícil para os negros desenvolver um senso de identidade como grupo. De outro modo, criaram oportunidades para alguns indivíduos negros ou mulatos ascenderem na escala social. Embora socialmente móveis, os negros tinham, entretanto, que pagar o preço por sua mobilidade: tinham que adotar a percepção que os brancos possuíam do problema racial e dos próprios negros. (COSTA, 1998, p.375).

Notamos que a atividade deste Congresso culminou com a publicação de **Casa Grande e Senzala**, livro debatido entre as atividades do encontro. Não é por acaso também que na 1ª edição do livro, em 1933, no seu prefácio, Gilberto Freyre agradece a José Gonsalves (sic) de Mello Neto, seu primo, e a Cícero Dias, seu amigo, pois ambos tiveram participações ativas no Congresso.¹²⁷

Pensamos que **Casa Grande e Senzala**, enquanto escrito por um filho da oligarquia nordestina, merece todos os elogios possíveis para quem gosta de uma leitura atraente e “azeitada” sobre as relações existentes entre os senhores, moradores dos engenhos, e os negros, moradores das senzalas. No entanto, fazemos algumas ressalvas, principalmente quanto ao contexto de sua publicação, década de trinta, período em que a oligarquia do nordeste, que dominou o poder do país desde a época colonial, passa a perder o seu espaço para outros grupos econômicos e políticos. Neste sentido o que este grupo passou a produzir culturalmente dignifica as suas raízes ideológicas, visando com isso manter seu *status quo*.

Acreditamos que o **Primeiro Congresso Afro-Brasileiro** foi de suma importância para a construção da identidade negra, pois neste momento ela passa a ser constitutiva da própria idéia de nação brasileira, vista como parte inseparável desta representação de nação mestiça.

¹²⁷ Gonçalves de Mello Neto apresentou no Primeiro Congresso Afro-Brasileiro o trabalho intitulado: “A situação do negro sob o domínio holandês” e Cícero Dias, além de ter feito o cartaz do Congresso, apresentou, em conjunto com Gilberto Freyre, a comunicação: “O negro na arte popular e doméstica de Pernambuco”.

Acreditamos que foram os aspectos *culturais* que mais repercutiram positivamente no referido Congresso.¹²⁸

Conforme Clilton (2007, p.19): “o **Primeiro Congresso Afro-brasileiro** do Recife foi muito importante para a época, por pretender estudar o processo da trajetória do negro e a sua importância para o processo de formação da identidade sócio-cultural do país, principalmente sobre o papel do negro no pós-abolição”. Ainda é presente conceber que após a abolição o negro ficou largado à própria sorte, sem um papel relevante na formação da identidade nacional. Portanto, é esta relevância sob a forma de discurso que o Congresso possibilitou a identidade negra.

Tuna (2005, p.73), explica que este Congresso representou um amplo esforço de sistematização do que havia sido produzido até então sobre a cultura afro-brasileira, num tempo em que a Universidade brasileira ainda estava em estágio de formação.

Para Guimarães (2000, p.27) o problema é que neste período a aceitação dos negros somente ocorre no campo cultural¹²⁹, e apenas na condição de marcos da brasilidade como um dos grupos “formadores” da nação brasileira.

Concordamos com Figueiredo (2007, p.02) que, independente da ideologia criada por Freyre (1934), é a partir dele, do Congresso e de seus livros, que surge o interesse em entender os problemas das "relações raciais" em nosso país, antes mesmo da institucionalização da sociologia brasileira, que viria a ocorrer com a criação da Escola Livre de Sociologia e Política, em 1933, e da criação da Universidade de São Paulo (USP), em 1934.

O Congresso evidenciou a importância da **identidade negra** para a nossa formação nacional. Logicamente, faltou aprofundar e avançar em aspectos mais essenciais da vida cotidiana do negro brasileiro, como a falta de educação, saúde e integração social, pois os interesses de seus participantes estavam focados, conforme demonstrado anteriormente, em debater o negro enquanto um dos ingredientes da formação nacional. Faço a seguinte reflexão: se a **Frente Negra** teve representantes neste congresso, significa que o esforço de pensar a nação foi

¹²⁸ “O terreno das práticas, representações, linguagens e costumes concretos de qualquer sociedade historicamente específica. Também inclui formas contraditórias do ‘senso comum’ que se enraízam e ajudam a moldar a vida popular”.

¹²⁹ Ibidem, p.332.

fruto de brancos e negros, pois foi esta uma das principais reivindicações deste *movimento social*. Porém, é importante salientar que existiam outras, como por exemplo, inserir e integrar o negro em todos os aspectos da nacionalidade.

Se o resultado deste congresso, para os problemas concretos enfrentados pelas populações negras, foi pouco falado por um lado, por outro serviu como um estimulante para a percepção dos intelectuais brasileiros sobre a necessidade de pensar nas formas de incorporar influências africanas na história e na realidade nacional, algo que se pararmos para analisar “urgência” como de extrema importância, já que o período se configurou como sendo delicado para a nossa construção enquanto nação em um capitalismo incipiente, principalmente quanto à integração das populações negras.

Enfatizamos que na atualidade percebemos a contribuição das populações negras para o nosso país, em diversos aspectos, sejam eles econômicos, políticos, sociais, etc. Mas ao analisarmos o pensamento dominante na época, e a influência do cientificismo e racismo em parcela significativa dos *intelectuais tradicionais*, pensamos que este Congresso deve ser analisado como uma “gigantesca” contribuição para o entendimento de nosso país e de nossa sociedade, que embora tenha privilegiado certos grupos, constituiu-se através de uma complexidade social e cultural imensa, e foi nisto que este Congresso obteve êxito.

Portanto, neste período deveria ser moldado um país ou, na melhor expressão, um nordeste menos conflitante, logicamente para o benefício dos detentores do poder, uma “democracia racial”.

Se cria o que Guimarães (2000, p.26) denominou de “metarraça”, “um povo”, “o povo brasileiro”, pensamento nitidamente localizado como sendo o principal vetor de interesse deste Congresso. Ainda conforme Guimarães, “os negros na política republicana, são apropriados como objetos culturais, símbolos e marcos fundadores de uma civilização brasileira, mas têm negado o direito a uma existência singular plena como cidadãos...”.

Percebemos a “democracia racial” construída em torno da brasilidade e de seus aspectos culturais, como uma das alternativas viáveis, se não a única possível naquele momento, para as elites entenderem a identidade negra e a sua contribuição, para acalmar um país que viveu mais de quatrocentos anos sob o manto da escravidão e de suas relações, perversas, entendidas como

“desertos”, já que na época Pernambuco tinha uma população formada por 45,37% de negros (BASTIDE, 1959, p.70), isto é, praticamente a metade da população naquele Estado.

Este pensamento difuso na “democracia racial” foi aonde os *intelectuais tradicionais* da elite branca como Freyre e os que o antecederam, com a participação de *intelectuais orgânicos negros*, ligados à **Frente Negra** e amplos setores da sociedade, conseguiram momentaneamente formar um “oásis” afro-brasileiro, por ocasião do Congresso, e que foi difundido posteriormente. O que deveria ser entendido naquele período era a manutenção e o convívio entre negros e brancos. Certamente a maior beneficiada, materialmente e institucionalmente, foi a elite branca (COSTA, 1998, p.375), constituída como dominante em virtude das relações tradicionais de nosso país. Por outro lado, culturalmente, se formaram as bases para a percepção das populações negras de sua participação na construção deste país, o que ecoa até os dias atuais.

Embora os aspectos *culturais* tenham dado o “tom” deste Congresso, lembramos que através de suas comunicações identificamos cinco linhas de interesses apresentadas pelos participantes no encontro. São elas: primeira, a situação dos afro-descendentes no pós-abolição, segunda linha, a contribuição dos africanos e negros para a arte e religião brasileira, terceira, influências sociais advindas com as experiências das populações negras cotidianas em nosso país, quarta linha, trabalhos sobre saúde mental e social e, quinta, pesquisas sobre a mestiçagem, além da principal motivação do Congresso: os debates em torno dos livros **Casa Grande e Senzala** e **Sobrados e Mocambos**.

Deste Congresso, foram produzidos os ANAIS, compostos pelos trabalhos apresentados pelos seus comunicadores e prefaciados por Roquete Pinto, que afirmou a importância da postura de Freyre e a sua disposição ao dedicar maior atenção ao negro na história brasileira. Conforme Pinto (1935, p.03), “em matéria anthropologica e ethnografica, no Brasil como em tantos outros paizes, estamos nas preliminares da construcção. Estabelecer planos, ajuntar recursos e materiais, systematizar as indagações, é o papel destas gerações que, assim, hão de preparar para as outras, o que elas não tiveram: fontes puras para beber”. (ROQUETE PINTO *apud* ANAIS DO Primeiro Congresso Afro-Brasileiro, 1935, p.03).

Analisaremos, a seguir, a importância do Segundo “Oásis” identificado por nós, o **Segundo Congresso Afro-Brasileiro**.

2.2 O II CONGRESSO AFRO-BRASILEIRO E O ASPECTO RELIGIOSO.

O **Segundo Congresso Afro-Brasileiro** ocorreu em Salvador, na Bahia, entre os dias 11 e 19 de janeiro do ano de 1937, nas dependências do **Instituto Histórico e Geográfico da Bahia** com seu encerramento na **Faculdade de Medicina**. Patrocinado pelo Governo do Estado da Bahia, sob a liderança de Edison Carneiro (1912-1972), Áydano do Couto (1914-1985) e Reginaldo Guimarães, teve grande repercussão nacional e internacional, além da presença de participantes de todo o Brasil.

Biografamos, brevemente, um dos organizadores do encontro que acreditamos ser o de maior evidência, o etnógrafo e jornalista Edison Carneiro. Carneiro nasceu em Salvador em 1912 e faleceu na cidade do Rio de Janeiro no ano de 1972. Parafraseando Waldir Freitas Oliveira (1980), que foi seu amigo; Edison Carneiro morreu quatro meses após os seus sessenta anos. Diplomou-se em direito e viveu na Bahia até o ano de 1940, quando se transferiu para o Rio de Janeiro. Com dezessete anos era presença no movimento dos moços do seu tempo. Em 1930, ao lado de Jorge Amado e outros organiza a “Academia dos Rebeldes”, grupo de opinião e de luta, de enorme importância na história das letras baianas. Foi jornalista assíduo desde os anos 20. Aos 24 anos, Edison Carneiro participou de modo ativo na organização do **II Congresso Afro-Brasileiro**. (OLIVEIRA, 1980, p.08-09).

Segundo Vinicius Clay, que pesquisou a sociedade baiana através da imprensa, no trabalho intitulado: “O Negro em O Estado da Bahia: De 09 de maio de 1936 a 25 de janeiro de 1938”:

Edison Carneiro se destacou como o principal articulador durante a criação da União das Seitas Afro-Brasileiras da Bahia e também é considerado o idealizador de uma entidade que acolhesse os estudos africanistas no estado, hoje representada, embora com propostas diversas, pelo Centro de Estudos Afro-Orientais da Universidade Federal da Bahia (CEAO - UFBA), criado em 1959. (CLAY, 2006, p.03).

Antes de analisarmos as atividades realizadas em torno do **Segundo Congresso Afro-Brasileiro**, na Bahia, acompanharemos um debate entre Gilberto Freyre, organizador do **Primeiro Congresso Afro-Brasileiro** do Recife e Edison Carneiro, **organizador do Segundo Congresso**.

No dia 13 de novembro de 1936, o jornal o **Diário da Bahia** publicou uma entrevista concedida por Gilberto Freyre ao jornal **Diário de Pernambuco**, com o seguinte título: “Em torno do Segundo Congresso Afro-brasileiro”, e o subtítulo, “Falando ao Diário de Pernambuco, o escritor Gilberto Freyre diz do seu receio que o certame se marque dos defeitos de coisas improvisadas”. (*apud* CLAY, 2006, p.50).

Edison Carneiro (1964, p.98) diz que às vésperas do Congresso da Bahia, os estudiosos foram surpreendidos com as declarações pessimistas de Gilberto Freyre. Na ocasião, Freyre teria dito:

Só há dois ou três dias soube, por uma carta do escritor Edison Carneiro, que ia realizar-se um segundo Congresso Afro-Brasileiro na Bahia. Receio muito que vá ter todos os defeitos das coisas improvisadas. Deveria ser muito maior o prazo para os estudos, para as contribuições dos verdadeiros estudiosos. Os verdadeiros estudiosos trabalham devagar. A não ser que os organizadores do atual Congresso só estejam preocupados com o lado mais pitoresco e mais artístico do assunto: as “rodas” de capoeira e de samba, os toques de “candomblé” etc. Este lado é interessantíssimo e na Bahia de certo terá **um colorido único**. Mas o programa traçado no primeiro Congresso foi um programa mais extenso e incluindo a parte árida, porém igualmente proveitosa para os estudos sociais, de pesquisas e trabalhos científicos. (DIÁRIO DE BAHIA, 13/11/1936 *apud* CLAY, 2006, p.50).

Conforme Carneiro (1964), o “colorido único” do encontro da Bahia foi o contato entre os estudiosos com o povo negro, diferentemente do de Recife.

O Congresso do Recife, levando Babalorixás com a sua música para o palco do Santa Isabel, pôs em xeque a pureza dos ritos africanos. O Congresso da Bahia não caiu nesse erro. Todas as ocasiões em que os congressistas tomaram contato com as coisas de negro foi no seu próprio meio de origem, nos candomblés, nas rodas de samba e de capoeira. (CARNEIRO, 1964, p.99).

Gilberto Freyre continuou questionando a legitimidade do Congresso da Bahia, desta vez fazendo severas críticas ao fato de o Congresso contar com apoio financeiro do Governo do Estado, o que, para ele, representaria indícios de demagogia e partidarismo. Para Freyre: “esses Congressos de estudiosos deviam ser como foi o 1º Congresso Afro-brasileiro reunido no Recife, inteiramente independente dos governos ou de qualquer organização política, com interesses

partidários ou fins imediatos. Essa independência, segundo Freyre, foi um dos traços característicos do 1º Congresso do de Recife”.¹³⁰

Edison Carneiro refuta as críticas de Freyre ao informar que o Congresso da Bahia, além de ter aceitado o patrocínio de 1:500\$ do Estado, também conseguiu, através da Comitativa Organizadora do Congresso, composta por ele, Áydano do Couto e Reginaldo Guimarães, hospedagem oficial para os congressistas de outros estados, mas sem confabular anteriormente com nenhum político, sendo todo este auxílio liberado através da Assembléia Estadual. Conforme Carneiro (1964, p.99): “Nós não éramos, nem somos ainda hoje, políticos no sentido que Gilberto Freyre dava à palavra. Nem o Congresso tratou de tão interessante assunto”.

Segundo as pesquisas de Clay (2006), as atividades deste Congresso começaram a ser divulgadas na imprensa baiana a partir de dezembro de 1936, contando com outros meios de difusão. Além das reportagens no jornal **O Estado da Bahia** ocorreram divulgações do evento também na **Rádio Comercial**, da cidade de Salvador.

No dia 15 de dezembro de 1936, Joãozinho da Goméia e seus filhos e filhas de santo fariam uma apresentação com músicas de candomblé. A apresentação foi transmitida ao vivo pela Rádio Comercial e divulgada três dias antes, 12 de dezembro, no jornal *O Estado da Bahia*, em uma nota intitulada “Uma noite africana na Rádio Comercial”; e com o subtítulo “O pai de santo João da Pedra Preta, com a sua orquestra de negros, executará músicas religiosas dos candomblés”. (CLAY, 2006, p.53).

Dois dias após esta apresentação, em 17 de dezembro, O Estado da Bahia publicou a seguinte nota: “Transcorreu, anteontem, com o maior sucesso possível, a noite africana da Rádio Comercial PRF-8 da Bahia (...) em colaboração com o Estado da Bahia e com a comissão do congresso Afro-Brasileiro da Bahia, a Rádio Comercial proporcionou aos ‘rádio-ouvintes’ da cidade a audição de músicas e cânticos dos candomblés afro-baianos”. (O ESTADO DA BAHIA, 17/12/1936 *apud* CLAY, 2006, p.53-54).

Amplamente divulgado no jornal **O Estado da Bahia** entre os dias 07, 08 e 09 de janeiro e através das “ondas sonoras” da Rádio Comercial, o **Segundo Congresso Afro-Brasileiro** atingiu grande divulgação para a época.

¹³⁰ Ver CLAY, Vinícius. O Negro em O Estado da Bahia: De 09 de maio de 1936 a 25 de janeiro de 1937. 2006. <http://www.facom.ufba.br/pex/viniciusclay.doc/> acesso em fevereiro de 2008, p.51.

No dia 09 de janeiro, dois dias antes da abertura do Congresso, o Jornal anunciava: “A sessão preparatória de ontem e a colaboração de elementos populares ao Congresso da Bahia”:

A sessão preparatória de ontem teve, como resultado, a colaboração mais eficiente de elementos populares. Silvino Manoel da Silva, tocador de tabaque do candomblé do Gantois, vai apresentar ao Congresso um interessante trabalho sobre os toques nos terreiros. Aninha, chefe da Cruz Santa do Axé do Opô Afonjá, de São Gonçalo, no Retiro, escreverá sobre velhos costumes africanos da Bahia. Maria Badá, velha negra de mais de noventa anos, fará receitas de comidas afro-brasileiras. Menininha, mãe-de-santo do candomblé do Gantois, escreverá a história do seu “terreiro”, baseada nos arquivos dos seus avós. A Rádio Comercial da Bahia, em colaboração com o Congresso Afro-Brasileiro, irradiará a festa que encerrará o Congresso, no candomblé do Gantois. (O ESTADO DA BAHIA, 09/01/1937, p.07 *apud* CLAY, 2006, p.56).

Entre as atividades do Congresso teve a participação, segundo Edison Carneiro (1964, p.98), de quarenta candomblés e a apresentação de teses como: “Castro Alves e a poesia negra na América”, “O Africano na Bahia”, “Contribuições bantú para o sincretismo fetichista no Brasil”, “O negro e o espírito guerreiro nas origens do Rio Grande do Sul”, tese apresentada pelo Prof. Dante Laytano (1908-2000), “Documentos antigos sobre a guerra dos negros palmarinos”, “Problemas de aculturação no Brasil”, “O criminoso negro na Bahia” e trabalhos apresentados por afro-religiosos, além de homenagens a Nina Rodrigues (1862-1906).¹³¹

O congresso da Bahia contou com o apoio de intelectuais, afro-umbandistas, órgãos de cultura e delegações de pesquisadores de diversas regiões do Brasil e exterior. Carneiro explica que:

Tínhamos o apoio de Percy Martim, Robert Park, Fernando Ortiz, Maria Archer, do *International Commite os African Affairs* e da *All África Convention*, Artur Ramos, Donald Pierson... o Departamento de Cultura da Prefeitura de São Paulo... de Alagoas chegaram-nos duas comunicações, uma de Manoel Diegues Júnior, sobre as danças do

¹³¹ Nina Rodrigues (1862-1906) foi considerado pelos seus contemporâneos, início do século XX, como o principal pesquisador da presença africana no Brasil Para saber ver: Edison Carneiro (1964) *Ladinos e Crioulos*, Donald Pierson (1945), *Branços e Pretos na Bahia*, Jorge Amado (1960)em *Bahia de Todos os Santos* e Tomas Skidmore(1976), *Preto no Branco*. Todos os títulos das comunicações apresentadas no II Congresso Afro-Brasileiro foram consultados no livro de Pierson (1945, p.270). Ver RODRIGUES, Nina. *Os Africanos no Brasil*, São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1976.

nordeste, e outra sobre os negros de Palmares. Do Rio de Janeiro, Renato Mendonça, Robalinho Cavalcanti, Jacques Raimundo. João Calazans fêz (sic) relato das insurreições de escravos no Espírito Santo. **Dante Laytano e Dario Bittencourt garantiram a representação do Rio Grande do Sul...** João de Mendonça, médico e comissário, fez observações sobre o criminoso negro. De todos os pontos do Brasil chegavam-nos os mais entusiásticos aplausos... As sessões do Congresso se realizaram no salão de leitura do Instituto Histórico... (CARNEIRO, 1940, p.100-101). (Grifo meu).

Entre os comunicadores e trabalhos apresentados, além dos citados acima, tivemos especificamente a Bahia, representada por: Áydano do Couto Ferraz escreveu sobre os malês, Reginaldo Guimarães estudou a mitologia dos negros bantos. João Mendonça fez observações sobre o criminoso negro. O Comissário João Varela apresentou o Culto de Cosme e Damião. A professora Amanda Nascimento procurou demonstrar a deseducação do negro, Martiniano do Bomfim explicou as Doze Lendas de Xangô. Estácio de Lima, diretor do Instituto Nina Rodrigues, organizou um Museu Afro-Brasileiro. Teodoro Sampaio e José Guimarães acompanharam as atividades fazendo desenhos em temas africanos. (CARNEIRO, 1964, p.101).

Passaremos a atualizar as atividades do **II Congresso Afro-Brasileiro**, tendo por fonte, a pesquisa realizada por Clay (2006), no Jornal O Estado da Bahia entre os dias 09 de maio de 1936 a 25 de janeiro de 1938. Desta forma, as diligências do encontro foram realizadas da seguinte maneira:

No dia 11 de janeiro, sob a presidência do professor Martiniano do Bonfim, iniciam os trabalhos. A prefeitura de São Paulo enviou o compositor Camargo Guarnieri para apresentar notas musicais africanas e populares, até então segundo Clay: “ainda não estudadas por pesquisadores da música nacional”. No mesmo dia tivemos os trabalhos do professor gaúcho Dante de Laytano, o alagoano Alfredo Brandão e o organizador do encontro, Edison Carneiro.

No dia 13 de janeiro de 1937, o jornal O Estado da Bahia informou que os participantes do Congresso visitaram os terreiros de Procópio e de Engenho Velho, além das sessões presididas no dia anterior, dia 12, pelos intelectuais: Donald Pierson, Camargo Guarnieri, Jorge Amado e João Calazans.

No dia 14 de janeiro, a programação do evento contou com a participação de um samba africano comandado pelo pai de santo Joãozinho da Goméia na sede do Clube de Regatas

Itapagipe. E, à noite, os congressistas ficaram encantados, segundo informações do Jornal, com o Centro Cruz Santa do Axé de Opô Afonjá, de Aninha, no São Gonçalo do Retiro, onde participaram de uma festa especial. (CLAY, 2006, p.59).

Inicialmente previsto para terminar no dia 15 de janeiro, o encontro se estendeu até o dia 19 de janeiro. No dia 18, O Estado da Bahia publicou uma matéria com o título “As últimas reuniões do Congresso Afro-Brasileiro”:

Por várias razões, o Congresso não pôde, como estava anunciado, encerrar-se sexta-feira, 15, terça-feira, 19, haverá uma sessão as 2 e meia da tarde, no Instituto Histórico, a fim de serem lidas as últimas teses chegadas à secretaria do Congresso, uma de Reginaldo Guimarães sobre as “contribuições bantas para a obra de sincretismo”, outra de Melville Herskovits, professor do College of Liberal Arts da Northwestern University, dos Estados Unidos, sobre a presença de “deuses africanos a santos católicos nas crenças do negro do novo mundo”, e de Salvador Garcia Agüero, de Cuba, sobre a “presença negra na música”, da sua ilha. Por fim, à noite, nessa mesma terça-feira, haverá a sessão de encerramento do Congresso, sessão essa em homenagem a Nina Rodrigues, devendo falar o prof.dr. Arthur Ramos, o escritor Edison Carneiro e o dr. Hosannah de Oliveira. (*apud* CLAY, 2006, p.60)

O interesse delineado por ocasião deste *lugar social* foi o de constituir uma organização que lutasse em torno da liberdade de culto da religião afro-brasileira que, a exemplo do Recife, sofria diretamente perseguições e ações contra a sua liberdade de culto. Os participantes do Congresso aprovaram duas resoluções: “Uma resolução sobre a liberdade das religiões africanas e outra encarregando a Comissão Executiva de criar um organismo que congregasse, democraticamente, os chefes de seita da cidade e do estado”. (CARNEIRO, 1940, p.100-101).

Para Bacelar, (2001, p.130), Carneiro buscou dar ao Candomblé uma organização que o capacitasse para o exercício da liberdade religiosa e à preservação das tradições das seitas africanas em suas formas autênticas... a **União das Seitas Afro-Brasileiras** (1937) não vingou e viria a redundar na **Federação Baiana do Culto Afro-Brasileiro**, fundada em 1947. Ainda conforme Bacelar: “é preciso que se pense na realidade vigente, pois a Bahia antes de ser africana era branca e européia”. Entendemos que, para este autor, “a exaltação da África seria a contrapartida, com a mesma função controladora, em termos culturais, do mito da democracia racial”. (BACELAR, 2001, p.131). Carneiro era mais próximo dos intelectuais tradicionais, pois

alterou pouco o que vinha sendo pensado sobre a contribuição do negro em nosso país. Movimentou idéias e formou um “oásis”, mas um “oásis” onde a cultura e a tradição continuavam a dar o “tom”.

Após a realização deste Congresso, para ser mais exato, sete meses depois, no dia 03 de agosto de 1937, fundava-se a **União das Seitas Afro-Brasileiras da Bahia**, conforme citado anteriormente, com intuito de preservar e auxiliar a manutenção da religião de matriz africana no Estado. Este órgão foi de extrema importância na resistência às pressões exercidas pelos representantes do poder.

Segundo Oliveira (1980, p.09), a proposta de criação de uma federação das casas de Candomblés baianas partiu diretamente da ação efetiva de Edison Carneiro. Outra iniciativa importante, porém mais voltada para os estudiosos e pesquisadores da temática negra, foi a produção de um livro composto pelos trabalhos apresentados no encontro, intitulado: O negro no Brasil. (Carneiro, 1940).

Localizamos alguns palestrantes, presentes neste Congresso, que participaram também das atividades do Congresso do Recife de 1934, são eles: Alfredo Brandão, de Alagoas, Jorge Amado, da Bahia, Renato Mendonça, Robalinho Cavalcanti, do Rio de Janeiro, além do próprio Edison Carneiro, que participou daquele Congresso apresentando duas comunicações.

Deve-se ressaltar a presença de dois intelectuais do Rio Grande do Sul no II Congresso Afro-Brasileiro, a do Prof. Dante Laytano (1908-2000) e do Prof. Dario Bittencourt (1901-1974), ambos estariam juntos nas atividades do **Primeiro Congresso Nacional do Negro** realizado, vinte e um anos depois, na cidade de Porto Alegre, em 1958.

Passaremos a um breve, mas importante debate sobre os interesses gerais delineados no **Primeiro e Segundo Congressos Afro-Brasileiros**. Inicialmente, embora percebendo a importância destes dois eventos para a identidade negra, inclusive tendo a efetiva participação de representantes deste grupo, concordamos com Pierson (1945), quanto aos Congressos, mas com ressalvas quanto à ausência de problemas raciais no período, já que disse por ocasião de suas pesquisas na Bahia:

Se tem desenvolvido no Brasil um vivo interesse pelo africano e seus descendentes, o que se refletiu na realização de dois Congressos Afro-Brasileiros: o primeiro reunido em novembro de 1934 em Recife, o segundo em janeiro de 1937, na Bahia. Neles tomaram parte intelectuais

que se interessavam pelo negro brasileiro. Mas a agenda de ambos indica que este interesse limita-se quase inteiramente a três campos: (1) a história da importação e da escravidão africanas; (2) os problemas de aculturação, visando especialmente as sobrevivências de formas culturais africanas; e (3) as variações antropométricas raciais. Falta, em geral, qualquer preocupação pelos problemas de conflito racial ou de acomodação, o que indica, bem definidamente, a relativa ausência destes problemas na sociedade brasileira, bem como a relativa ausência de raça por parte do negro, ou de qualquer outro grupo racial, em resposta a esses problemas. (PIERSON, 1945, p.269).

Donald Pierson (1900-1995) é considerado, conforme Bacelar (2001, p.94) uma das figuras responsáveis pelo desenvolvimento da Sociologia no Brasil. Permaneceu em Salvador de 1935 a 1937, pesquisando, em sua tese de doutoramento, sobre a situação racial e cultural baiana. Vinculada à Universidade de Chicago, a sua pesquisa representou uma inovação nos estudos sobre o negro no Brasil. Visava concretamente uma dada realidade social. O seu *livro Anisfiel Award*, em 1942, foi premiado e elogiado pelos intelectuais norte-americanos, identificados com a segregação racial, e principalmente pelos brasileiros, que davam o “problema racial” como inexistente. Dentre suas idéias, tinha um otimismo evolucionista, preconizando que, com o passar dos anos e da modernidade, as diferenças seriam menos de raça e mais de cultura e trabalho. Um fator importante sobre a Escola de Chicago é que a mesma distancia-se inteiramente das teorias biológicas sobre raça, visão próxima aos interesses de Freyre.

Donald Pierson, antes de vir ao Brasil fez um estágio em Nashville, Tennessee, no sul dos Estados Unidos, região socialmente similar à Bahia, atrasada e pré-industrial, e inteiramente contrastiva do ponto de vista racial, ou seja, a área mais racista do país, segundo Bacelar, “paraíso” dos linchamentos de negros. (BACELAR, 2001, p.94). Pierson afirma: “o linchamento de gente de cor é desconhecido no Brasil”. Certamente para um intelectual negro e norte-americano como ele, estar pesquisando sobre a sociedade baiana deve tê-lo impressionado. Mas ele tem uma explicação lógica para isso, pois segundo afirma: “Para existir preconceito de raça, torna-se necessário como fator determinante o medo ou receio de que o grupo racial subordinado ameace ou esteja em vias de ameaçar a posição privilegiada do grupo dominante”. Como isso não ocorre no Brasil, “tem-se então, a dúvida se na Bahia haverá qualquer coisa que possa, com justificação, ser chamada de preconceito de raça”. (PIERSON *apud* BACELAR, 2001, p.95).

Além de seus próprios pensamentos, refletidos em comparação com o “deserto” norte-americano, Pierson contata a matriz tradicional brasileira, aquela que vimos anteriormente por ocasião de do **Primeiro Congresso Afro-Brasileiro**.¹³² Apesar de suas contribuições à Antropologia e a Sociologia, Pierson trouxe linguagens e metodologias novas as pesquisas brasileiras, mantendo a visão de que o que moldava as relações sociais e raciais do Brasil era o hibridismo.

Pela sua distância com o Brasil, que conheceu em um curto período de tempo, e embora influenciado pelos intelectuais tradicionais, Pierson deve ser levado em consideração pelo seu pensamento técnico, pois perceberá que os Congressos analisavam as populações negras como “objetos de pesquisas”.

O sociólogo e intelectual negro Guerreiro Ramos (1915-1982), em 1954, analisou da seguinte maneira o **Primeiro** e o **Segundo Congresso Afro-Brasileiro**:

Ainda nesta corrente de tematização do negro brasileiro se incluem dois certames. O primeiro teve lugar em 1934, na cidade do Recife, tendo sido seu principal organizador o sociólogo Gilberto Freyre. Seguiu-se a este, em 1937, na Bahia, organizado por Aydano do Couto Ferraz e Edison Carneiro, o 2º Congresso Afro-Brasileiro. Ambos estes conclave foram predominantemente acadêmicos ou descritivos. Exploraram o que se pode chamar de temas de africanologia, bem como o pitoresco da vida e das religiões de certa parcela de negros brasileiros. Apesar da participação de elementos de cor, esses dois foram congressos “brancos” pela atitude que assumiram em face da questão, como também pelos temas focalizados, temas de interesse remoto do ponto de vista prático. Mas isto é dito aqui sem nenhum intuito de empequenecer tais congressos afro-brasileiros. É de justiça reconhecer que eles desbravaram o caminho para os movimentos atuais. (RAMOS, 1954, p.55).

¹³² Fundamentamos de *intelectual tradicional* os representantes da oligarquia do nordeste incluindo Freyre e os demais que o antecederam, pois conforme Gramsci: Cada grupo social “essencial”, contudo, surgindo na história a partir da estrutura econômica anterior e como expressão do desenvolvimento desta estrutura, encontrou, pelo menos na história que se desenrolou até os nossos dias, categorias de intelectuais preexistentes, as quais apareciam, aliás, como representantes de uma continuidade histórica que não foram interrompidas nem pelas mais complicadas e radicais modificações das formas sociais e políticas... podem ser comparados à aristocracia fundiária no exercício da propriedade da terra e privilégios estatais. Ver GRAMSCI, Antônio. Os intelectuais e a organização da cultura. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1995, p.5.

“Alberto Guerreiro Ramos foi sociólogo, baiano, mulato como a maioria dos pesquisadores o descreve”, faleceu em 1982, em Los Angeles, aos 67 anos, vítima de câncer. Conforme Figueiredo (2007, p.5), “Guerreiro Ramos convive num contexto acadêmico em que ‘os estudos sobre os negros brasileiros’, como ele definiu, já estavam consolidados e eram realizados quase que exclusivamente por pesquisadores brancos”. Segundo esta autora, as reflexões de Guerreiro sobre o papel político da sociologia, sobre a importância de uma assimilação crítica da teoria e, principalmente, suas considerações críticas sobre os estudos realizados “sobre e não junto” com os negros no Brasil, possivelmente o excluíram do “panteon dos grandes sociólogos brasileiros”, centrados na teoria “eurobrasileira”. (FIGUEIREDO, 2007, p.5).

Guerreiro advogava em prol de uma sociologia nacional e mostrava sua preocupação quanto às pesquisas que vinham sendo realizadas sobre o negro no Brasil. “A constante reivindicação de Guerreiro era acerca de uma sociologia brasileira, que deveria estar empenhada em resolver os problemas nacionais”. (FIGUEIREDO, 2007, p.08).

Neste sentido Bastide (1971, p.44), também concorda com a visão de Guerreiro Ramos, pois a sociologia brasileira deveria ter, segundo ele, seus próprios métodos e conceitos, ao invés de aplicar modelos norte-americanos ou europeu.¹³³

Analizamos as opiniões de Pierson e de Ramos, sobre os Congressos Afro-Brasileiros realizados, como a de dois intelectuais que, embora tenham por interesse pesquisar a importância da identidade negra para o nosso país, examinam a sua contribuição através de duas formas de pensamento, até certo ponto divergentes. A primeira identificada em Donald Pierson, através da escola de Chicago, que prima por relacionar o negro identificado e inserido na cultura nacional, o que vai ao encontro da ideologia da “democracia racial” da época, ou conforme explicou Mota (1980, p.54): a ideologia da cultura brasileira, identificado lá em Gilberto Freyre.

A segunda opinião, a de Guerreiro Ramos, visa a participação do negro através dos estudos de suas necessidades, avançando além dos aspectos culturais, conforme ele:

¹³³ Embora Bastide concorde com Guerreiro neste ponto, acredita que Guerreiro faz errado ao criticar negativamente a Antropologia e a Etnologia juntamente com a Sociologia, “tudo na mesma situação”. Para Bastide, era a Sociologia que mantinha o intuito de branqueamento, este iniciado, segundo ele, a partir de Gilberto Freyre. Já a Antropologia e a Etnologia queriam descobrir através de reinterpretções a conservação das civilizações africanas no Brasil. Ver BASTIDE, Roger. As religiões africanas no Brasil. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1971, p.40.

os trabalhos sociológicos deveriam ajudar a encontrar saídas para a marginalidade da população negra brasileira, em vez de simplesmente descrever a cultura... de acordo com ele, os estudos produzidos em nada contribuíam para melhorar a vida dos negros brasileiros, uma vez que a ênfase era atribuída aos aspectos exóticos, ou melhor, os negros eram vistos como um espetáculo. (*apud* FIGUEIREDO, 2007, p.09).

Em síntese, nestes breves debates notamos que Pierson, apesar de estar mais de acordo com a visão dos *intelectuais tradicionais* brasileiros do período, notou que ambos os Congressos mostraram o negro como “objeto de estudos” em lugar de partirem de sua condição de sujeitos, com a competência cotidiana de tratar dos problemas sociais que a população negra vivenciava. Este pensamento está de acordo com os seus métodos advindos de sua escola, pois primam por pesquisar a sociedade de maneira tangível. Já Guerreiro, por sua vez, tem a visão mais próxima dos *intelectuais orgânicos negros*, pois queria que os estudos sobre a temática negra apontassem para as suas condições sociais, o que vai refletir na formação de outros “oásis”, que analisaremos mais adiante.

Retornando à importância do **Segundo Congresso Afro-Brasileiro**, acreditamos que ele foi legítimo para consolidação da identidade negra por dois motivos: o primeiro é o de identificar a importância da preservação dos aspectos ligados à religiosidade afro-descendente, que sofria perseguições intensas no período; e o segundo demonstra a participação efetiva de representantes “afro-religiosos” no encontro, sendo os mais importantes e representativos nomes o de Martiniano do Bonfim (1859-1943), presidente de abertura do Congresso e o de Mãe Aninha (1869-1938).

O Babalaô Martiniano Eliseu do Bonfim foi um membro muito influente dos candomblés da Bahia, desde os fins do século XIX. Nina Rodrigues já se referia a ele, sem mencionar-lhe o nome, como um valioso informante, um informante remunerado (LIMA, 2004, p.4). Em 1936, Édison Carneiro convidou Martiniano para ser o Presidente de Honra do 2º Congresso Afro-Brasileiro, “papel que ele exerceu com grande interesse e dignidade”. (LIMA, 2004, p.5).

Segundo Carneiro (1940, p.101), um dos organizadores do II Congresso, este encontro prestou a devida homenagem a Nina Rodrigues, considerado por ele como o pioneiro dos estudos afro-brasileiros em nosso país, o que foi negligenciado no Primeiro Congresso. Portanto, através de Martiniano Bonfim que foi o Presidente de Honra do Congresso e também palestrante, apresentando a comunicação intitulada: “Os Doze Ministros de Xangô”, a memória de Nina

Rodrigues foi contemplada no encontro, já que, segundo Lima (2004, p.4), ele e Martiniano mantinham estreitas relações. Martiniano colaboraria muito para que o 2º Congresso Afro Brasileiro se tornasse realidade. “Com seu prestígio perante à comunidade negra, ele conseguiu reunir os principais nomes das religiões afro-brasileiras, concedendo o apoio popular e, por conseqüência, a legitimidade necessária ao evento”. (CLAY, 2006, p.20).

Nina Rodrigues, conforme citamos anteriormente, também foi homenageado na sessão de encerramento do Congresso aonde falaram na ocasião Arthur Ramos, Edison Carneiro e Hosanah de Oliveira.

Mãe Aninha participou das atividades do **II Congresso Afro-Brasileiro** apresentando “um pequeno trabalho sobre quitutes afro-baianos”. Foi uma das articuladoras e fundadoras da **União das Seitas Afro-Brasileiras da Bahia**. Assim como Martiniano Bonfim era veemente na manutenção dos rituais africanos no Candomblé baiano. Aninha era influente na sociedade em que vivia, inclusive mantendo contatos políticos.

Segundo Pierson,

Mãe Aninha afirmava-se, a cada dia, como uma mãe-de-santo competente, empreendedora e prestigiosa. Sua reputação a fazia procurada por pessoas que se situavam, socialmente, fora dos estratos de classe dominantes. No começo da década de 1930, Aninha viajou para o Rio de Janeiro. Sobre esta e outras viagens ao Rio - de navio, carregada de bagagens, levando o *axé* de seu santo, acompanhada, sempre, de uma pequena corte de filha-de-santo, correm muitas histórias... Sabia-se de suas relações íntimas com pessoas associadas ao Governo da República, diplomatas, Ministros, Chefes de Polícia. Dessas viagens ao Rio resultou a criação, ali, de um ramo do Opô Afonjá, cuja direção entregou à sua filha-de-santo Agripina Sousa. (PIERSON, 1945 *apud* LIMA, 2004, p.15).

Conforme Lima (2004, p.3), que pesquisou o Candomblé na Bahia na década de 1930: “Nessas duas figuras singulares bem se poderiam identificar as clássicas categorias weberianas da legitimação do poder, no caso, do poder teocrático exercido pelos pais e mães dos terreiros da Bahia: pois eram eles pessoas que conheciam suas origens étnicas e culturais”. Ou seja, o poder da cultura é incomensurável, e devido a isto, este Congresso foi fundamental para a continuidade organizada da identidade negra adepta à religião afro-brasileira, mais comum nas populações negras, o que repercutiu diretamente sobre elas como formas de luta para se manter, inserir e ascender socialmente, seja a nível individual, ou ao nível coletivo, através da comunidade.

Para Lima (2004, p.2), estas personalidades transcendiam o ambiente dos terreiros e se impunham, igualmente, à sociedade inclusiva. E ainda dotados de uma aura carismática emanada de suas personalidades poderosas; plenas de sabedoria e de mistério.

Podemos perceber, através destas lideranças, que culturalmente a comunidade negra manteve, por ocasião do Congresso, uma forte influência na sociedade baiana, o que a coloca plenamente inserida no contexto da época vigente inclusive, fundando, com o apoio de intelectuais, uma organização social para defender os seus interesses, o que foi muito significativo, já que no Estado da Bahia tinha uma população de 71,21% de negros. (BASTIDE, 1959, p.40).

O **Segundo Congresso Afro-Brasileiro** pode ter-se desenvolvido de forma semelhante ao Primeiro no que diz respeito à influência cultural atribuída à identidade negra na formação da nacionalidade brasileira, em um primeiro momento, mas em segundo, se distingue na ênfase dada as suas religiões, colocando a religião em destaque.

Para as necessidades dos *intelectuais negros*, o “oásis” ainda precisava mais do que a representação da identidade negra e afro-brasileira somente através dos *aspectos culturais*¹³⁴ “no terreno das práticas, representações, linguagens e costumes” (HALL, 2003, p.332), neste caso tendo por eixo a religião, pois para eles o negro somente iria de fato estar integrado à nação se as suas demandas sociais fossem contempladas, interesse este que teve como origem nas **Frentes Negras** e em suas lutas por cobranças sociais e que iriam pautar os interesses das atividades propostas pelo **Teatro Experimental do Negro** nas Convenções e Congressos organizados, nas décadas de 1940 e 1950.

¹³⁴ O “tom” do Primeiro e Segundo Congresso Afro-Brasileiro foi importante, mas foram lugares sociais onde os aspectos culturais mais se destacaram. A partir dos outros Congressos que analisaremos, notaremos que as discussões apontam para as necessidades cotidianas da população negra à procura de um “oásis” social nos desertos do Brasil.

2.3 CONVENÇÕES E CONFERÊNCIA NACIONAL DO NEGRO: O QUE IMPORTA SÃO OS PROBLEMAS SOCIAIS.

Para desenvolvermos este tópico de nossa dissertação, utilizaremos uma bibliografia pertinente para compreendermos a fundação do **TEN – Teatro Experimental do Negro**, e o contexto das populações negras na cidade do Rio de Janeiro, além das matérias que saíram no periódico da entidade, intitulado de “Jornal Quilombo”, que acompanhou e divulgou os interesses e as atividades produzidas por este *lugar social*.

O **TEN - Teatro Experimental do Negro** foi fundado na cidade do Rio de Janeiro no ano de 1944, no final da vigência do Estado Novo, pelo intelectual negro Abdias do Nascimento. Tinha por intuito, além de produzir peças teatrais, motivar o negro, através da alfabetização, a combater a discriminação e o preconceito racial que existia na sociedade carioca. Funcionava em sede emprestada da **União Nacional dos Estudantes**, na Praia do Flamengo.

Nascimento (2004, p.209), explicou que o que o influenciou na fundação da organização foi principalmente a falta de atores negros em cena, nos teatros da cidade e do país, pois sempre que estavam em cartaz peças com papéis que representassem personagens negros, era comum pintar os atores brancos com tinta preta; com isso, atuavam nos espetáculos em detrimento dos atores negros. Para Nascimento (2004, p.209), isso era inadmissível em um país como o nosso, que, segundo ele, tinha na década de 1940, uma população de 60 milhões de habitantes, composta por 20 milhões de pessoas negras, que os diretores artísticos escalassem artistas brancos para as peças teatrais podendo estrelar com atores negros.

Com esta reflexão, Abdias do Nascimento organizou o grupo que, além dele, contou com a participação de Aguinaldo de Oliveira Camargo; o pintor Wilson Tibério (1916-2004)¹³⁵, que era gaúcho de Porto Alegre, e morava na Europa na época; Teodorico dos Santos e José Herbel. A estes cinco, se juntaram, logo depois, Sebastião Rodrigues Alves, militante negro; Arinda Serafim, Ruth de Souza, Marina Gonçalves - empregadas domésticas -; Claudiano Filho; Oscar

¹³⁵ Wilson Tibério nasceu em Porto Alegre no ano de 1916. Estudou na Academia Real de Belas Artes do Rio de Janeiro. Lá participou de inúmeras exposições e das decorações do Carnaval de 1942 e 1943. Entre os destaques de seu currículo, exibe a participação em uma coletiva ao lado de Pablo Picasso, na *Galerie Henry Tonchet*, em Paris, no ano de 1951. Faleceu em Paris em 2004. Maiores informações: Jornal do Comércio de Porto Alegre, de 14, 15 e 16 de fevereiro de 2003. Comportamento: “Um reencontro” escrito por Tânia Barreiro. Na ocasião, o jornal trata do reencontro entre Wilson Tibério com o seu irmão, Manoel. Também foi possível notar, através de Wilson Tibério, “as idéias em movimentos” já que ele nasceu em Porto Alegre, morou no Rio de Janeiro e na França, mantendo contatos com o TEN.

Araújo, José da Silva, Antonieta, Antonio Barbosa, Natalino Dionísio, entre outros (NASCIMENTO, 2004, p.211).

Conforme o seu organizador:

Em 1944, no Rio de Janeiro, o Teatro Experimental do Negro, ou TEN, se propunha a resgatar, no Brasil, os valores da pessoa humana e da cultura negro-africana, degradados e negados por uma sociedade dominante que, desde os tempos da colônia, portava a bagagem mental de sua formação metropolitana européia, imbuída de conceitos pseudocientíficos sobre a inferioridade da raça negra. Propunha-se o TEN a trabalhar pela valorização social do negro no Brasil, através da educação, da cultura e da arte. (NASCIMENTO, 2004, p.210).

Para L.C. Pinto (1953, p.277), originalmente o grupo surgiu como um protesto contra a ausência do negro nos palcos brasileiros, ou contra sua presença apenas em papéis de segunda categoria, geralmente bufões e ridículos, que assim teatralizavam a posição subalterna do negro na estrutura social. Passou a existir, a partir do **TEN**, um Grupo dedicado a representar peças em que eles tivessem a oportunidade de se revelarem e se destacarem.

Abdias do Nascimento, organizador do **TEN**, nasceu em Franca, interior paulista, no dia 14 de março de 1914. Sua família era numerosa, somando um total de sete irmãos. Sua mãe era doceira, cozinheira e ama-de-leite de filhos de fazendeiros de café. O pai era sapateiro e um católico praticante. Com treze anos de idade, Abdias já ensinava no primário e atuava como guarda-livros em fazendas da vizinhança. Aos dezesseis anos, entrou para o exército, no qual foi expulso por ter se envolvido em uma briga, depois que seguranças o impediram de entrar em um bar na companhia de um amigo, pelo fato de serem negros. Desde a sua infância se envolvia com protestos e passeatas de rua contra a discriminação racial e pela integração do negro à sociedade. No entanto, sua primeira experiência de luta orgânica foi como membro da **Frente Negra Brasileira**, fundada em 1931. Como, na época, ele ainda servia no exército brasileiro, envolveu-se pouco nas atividades da organização, mas distribuiu panfletos reivindicando e denunciando o preconceito em nosso país na ditadura de Vargas. (CEVA, 2006, p.20-21).

Querendo agir em duas frentes, Nascimento promoveu uma primeira experiência de denúncias aos “equivocos e a alienação dos chamados estudos afro-brasileiros” (NASCIMENTO, 2004, p.211), ocorridos, segundo ele, nos Congressos realizados anteriormente e promoveu uma

segunda rumo à conscientização do negro, entendido para ele como de fundamental importância para que o mesmo tomasse consciência da situação objetiva em que se achava inserido no seu país.

Para Guerreiro Ramos (1954, p.215), o **Teatro Experimental do Negro**, fundado, em 1944 foi a manifestação mais consciente e espetacular do período, caracterizado pela recusa do negro em servir de mero tema de dissertações "antropológicas", e passando a agir no sentido de desmascarar o preconceito de cor.

Localizamos em Dexami (2001, p.361), outra necessidade que explicou a origem do **TEN**, a de mercado, pois, conforme a autora, devemos entender o Grupo através de várias condicionantes, incluindo esta: “essa identificação pode ser entendida tanto pela necessidade de produzir um espaço de expressão militante para os atores e diretores negros quanto pela abertura de um mercado de trabalho para o ator negro”.

Para Ceva (2006, p.26), o objetivo do **TEN**, era centralizado no combate ao racismo¹³⁶ e na construção da identidade negra positiva; isso fez emergir um discurso crítico marcado pela imposição da questão racial, questão esta efetivamente desconsiderada como um tema legítimo no contexto das décadas de 1940 e 1950, já que o Brasil tinha um forte projeto nacionalista e culturalmente vivia-se sobre a égide de uma civilização híbrida, miscigenada, um produto do cruzamento entre brancos, negros e índios, ideologia que, como vimos anteriormente foi iniciada com Gilberto Freyre e em seus estudos apresentados por ocasião do **Primeiro Congresso Afro-Brasileiro**.

Através destes autores elencamos as principais necessidades sociais apontadas pelo **TEN** na criação de seus “oásis” sociais:

- 1- Apontar e agir nos problemas cotidianos do negro
- 2- Espaço militante de conscientização e de auto-estima
- 3- Instrução para o mercado de trabalho
- 4- Vagas no mercado de trabalho
- 5- Denúncia contra o preconceito e a discriminação através de medidas jurídicas
- 6- Autonomia de ações a favor da comunidade negra
- 7- Alfabetização

¹³⁶ O termo não é apresentado em sua forma biológica, mas sim política. Idem p.57.

Se Tuna (2005, p.73) explicou que o **Primeiro Congresso Afro-Brasileiro** representou um amplo esforço de sistematização do que havia sido produzido até então sobre a cultura afro-brasileira, num tempo em que a Universidade brasileira ainda estava em estágio de formação, eu complementarmente que, este esforço foi realizado pela elite agrária nordestina inflamada pelo discurso da miscigenação e que, de fato, foi e é observável, pois vivíamos e vivemos em uma sociedade multirracial com elementos culturais e principalmente humanos nas suas relações mais íntimas em certa harmonia, embora com desigualdades sociais. Qualquer pessoa percebe isto que escrevemos. Mas entendemos, por outro lado que foi a partir de Abdias do Nascimento e do **Teatro Experimental do Negro**, que teve início a sistematização da reivindicação jurídica pelos problemas enfrentados cotidianamente pelo negro em nossa sociedade. Isso representado, através das Convenções e Congressos Negros realizados pela entidade, que além de ter legitimado essas cobranças, significou um esforço teórico de quem sentia na pele o preconceito racial.

O que também é observável atualmente, pois embora o negro tenha mudado consideravelmente através das décadas, notamos que ainda são poucos os que conseguiram se destacar em setores sociais importantes, seja em cargos públicos, comerciais de televisão, novelas, pilotos de avião, etc., o que identificamos como influências do preconceito e que com o desenvolvimento político da humanidade será superado.

Retornando às propostas do **TEN**, neste *lugar social* foram organizados concursos de artes plásticas, concursos de beleza que enalteciam os padrões afro-brasileiros, eventos sócio-políticos. Também foi nele onde se cogitou uma medida constitucional para a criação de uma legislação anti-racista, além da produção de um periódico, intitulado de “Jornal Quilombo”. (NASCIMENTO, 2000, p.210).

O jornal Quilombo: vida, problemas e aspirações do negro; divulgou trabalhos do TEN em todos os seus campos de ação, entre 1948 e 1951. O jornal trazia reportagens, entrevistas, e matérias sobre assuntos de interesse à comunidade. A precariedade dos recursos financeiros do TEN, e do poder aquisitivo de seu público, não lhe permitiu uma permanência maior. (NASCIMENTO, 2004, p.223).

Antes de fundar o **TEN – Teatro Experimental do Negro**, Abdias foi preso na ditadura do Estado Novo, sendo que, depois de liberto, organizou, em 1938, o **Congresso Afro-Campineiro**.¹³⁷ Segundo ele:

Protestando contra o Estado Novo, fui condenado pelo tribunal de Segurança Nacional no Rio de Janeiro, e ao sair da prisão em abril de 1938, fui com Geraldo Campos de Oliveira, companheiro de cárcere, ajudar na organização do Congresso Afro-Campineiro, com Agnaldo de Oliveira Camargo, Aguiar Sampaio, o tipógrafo Jerônimo e José Alberto Ferreira, entre outros. Este Congresso, realizado com a colaboração do Prof. Nelson Omegna, no Instituto de Ciências e Letras de Campinas, teve o propósito de combater o ostensivo racismo e separatismo tradicional dessa cidade, e avaliar a situação geral do negro no país. Durante uma semana discutiram-se as condições de vida do negro brasileiro sob vários aspectos: econômico, social, político, cultural. (NASCIMENTO, 2000, p.203).

Abdias é, hoje na maturidade de seus 94 anos de idade, um *intelectual orgânico negro*, que iniciou esta função nos quadros do *movimento fretenegrino* na década de 1930. Mas ao refletir sobre a entidade a que pertenceu, na atualidade, passados setenta anos, ele critica a maneira integracionista com que a **Frente Negra** procurou conscientizar as populações negras no período. Conforme suas palavras:

A **Frente Negra Brasileira** representava, sem dúvida, a maior expressão da consciência política afro-brasileira da época, consciência essa formada ao reagir contra o mais evidente aspecto do racismo, a sistemática segregação e exclusão à base de critérios raciais. Tratava-se de uma consciência e uma luta de caráter integracionista, à procura de um lugar na sociedade “brasileira”, sem questionar os parâmetros euro-ocidentais dessa sociedade nem reclamar uma identidade específica cultural, social ou étnica. (NASCIMENTO, 2000, p.206).

Discordamos da visão atual de Abdias do Nascimento pelo seguinte motivo: há setenta anos, a **Frente Negra** lutou pela elevação social e a inserção social do negro brasileiro em várias regiões do Brasil. Considerando o período tumultuado em que a mesma viveu, crise de 1929, “Revolução de 1930”, Período de Guerras, crise liberal, ascensão das ideologias centralizadoras,

¹³⁷ O Congresso Afro-Campineiro foi considerado por nós como o primeiro *oásis* formado para se combater o racismo no Brasil.

etc., ela deve ser sim pensada como um *movimento* questionador, pois passou a abrir portas em um momento nada fácil.

Pensamos que para refletirmos, na atualidade, o que representou esta organização para as populações negras devemos contextualizar, evitando com isso cair no erro que freqüentemente foi repetido pelos sociólogos da USP¹³⁸, que ao examinarem o movimento específico de São Paulo, levaram em conta somente aquele núcleo em sua profundidade, mas sem aprofundar o contexto político e social vivenciado pelo *movimento fretenegrino* através de outras vertentes espalhadas por outros Estados brasileiros. Pois a **Frente Negra** que existiu no Rio Grande do Sul, por exemplo, e como vimos no primeiro capítulo de nossa dissertação, queria a integração através da identificação assumida da identidade negra, em seus aspectos sociais, culturais e políticos. Portanto, ao pesquisar esta organização devemos entendê-la como um *movimento fretenegrino*, pois concordamos com Flávio dos Santos Gomes (2005, p.55), quando diz que: “para se analisar a FNB temos que pensar em seus desdobramentos que foram diversos, ganhando perfis e configurações particulares”. Ou seja, devemos pensá-la através de um “movimento de idéias”.

Retornando aos dois principais interesses do **TEN**, que eram “denunciar os **Congressos Afro-Brasileiros** realizados anteriormente” e “conscientizar o negro de seus problemas cotidianos”, o Grupo organizou as **Convenções** e a **Conferência do Negro**, além de manter uma proposta de alfabetização contínua em sua sede.

Neste sentido realizou, nos mesmos moldes dos Congressos anteriores, “oásis” para debater a situação cotidiana enfrentada pelo negro, concretamente em seus aspectos sociais, ações que distanciaram estas iniciativas do tom cultural apresentado nos Congressos realizados no Recife e em Salvador, que, como vimos anteriormente, delinearam interesses mais tradicionais sobre a contribuição da identidade e das populações negras na formação de sociedade nacional. Já em um segundo momento o **TEN**, acreditava que para que os negros atingissem a plena

¹³⁸ Entre os anos de 1950 e 1980, sociólogos como Florestan Fernandes e Roger Bastide contribuíram muito em suas pesquisas no que tange à formação e à organização dos Movimentos Negros Paulistas e principalmente no que conhecemos sobre a Frente Negra Brasileira. No entanto, seus aprofundamentos em torno da **FNB**, devem ser entendidos como pesquisas realizadas sobre o núcleo paulista, que embora representassem em seus estatutos os negros brasileiros, ela era somente de São Paulo e interior, pois existiram vertentes da Frente Negra em outros Estados com ideologias políticas completamente diferentes, embora todas elas primassem pela elevação social do negro na década de 30, conforme vimos no Primeiro Capítulo desta dissertação. Por isso denominamos as Frentes Negras, como um “*movimento fretenegrino*” tendo sua origem em São Paulo, mas levando em consideração os seus desdobramentos em outras regiões brasileiras.

consciência de sua condição social vivenciada, deveriam, os mesmos, participar de cursos de alfabetização e de cultura, o que de fato aconteceu, pois conforme Abdias:

Cerca de seiscentas pessoas, entre homens e mulheres, se inscreveram no curso de alfabetização do TEN, a cargo do escritor Ironides Rodrigues, estudante de Direito dotado de um conhecimento cultural extraordinário. Outro curso básico, de iniciação à cultura geral, era lecionado por Aguinaldo Camargo, personalidade e intelecto ímpar no meio cultural da comunidade negra. (NASCIMENTO, 2004, p.211).¹³⁹

Os seminários realizados no TEN tinham por objetivo “formar uma turma de técnicos hábeis para organizar grupos, tendo em vista a eliminação das dificuldades emocionais que impediam a plena realização da personalidade do negro”. Com as turmas formadas, o Grupo atuava em morros, terreiros e em associações, promovendo a valorização social do negro”. (L.C PINTO, 1954, p.288).

O dirigente do Grupo, responsável teórico direto por este setor de atividades foi Alberto Guerreiro Ramos. Para Pinto (1954, p.292), é a partir destas atividades que surgiu a bandeira de luta de forte conteúdo emocional e místico, capaz de se propagar, de despertar, de arrastar os homens negros com a força estimulante que têm as grandes idéias e as mensagens redentoras, a ideologia da negritude.

Tendo como ideologia esta bandeira, o Grupo passou a ser acusado de racista às avessas, tanto por grupos de direita ligados à UDN, como por grupos da esquerda, ligados ao Partido Comunista. (NASCIMENTO, 2000, p.214).

Para L.C. Pinto (1953, p.293), artistas, poetas, escritores, pequena elite intelectual negra, homens de sensibilidade multiplicada pelo choque de sua vocação, seu temperamento e suas ambições de encontro à realidade de classe e de raça em que estão situados, racionalizaram a sua queixa e transformaram sua cor, fonte, muitas vezes, de dissabores, num valor supremo para eles, sob o qual se abrigam para dizerem, “sem medo e sem vergonha”: *niger sum!*

¹³⁹ Para saber mais da Proposta Pedagógica do TEN, ver: CEVA, Antonia Lana de Alencastre. O Negro em Cena: a proposta pedagógica do Teatro Experimental do Negro (1944-1968), 2006, p.72-73. Ceva concluiu que: “O TEN, mesmo com uma atuação breve (1944-1968), e devido à falta de patrocínio e de espaço físico próprio para a sua continuidade, mantém na contemporaneidade, se compararmos com as entidades atuais do movimento negro, as suas demandas. A educação é uma forma de luta contra a discriminação racial” e segue a autora: “...A Frente Negra (1931-1937) e o TEN (1944-1968) fizeram da educação sua principal estratégia de ação, para transformar a situação social do negro/a na sociedade brasileira”.

Retornando às Convenções e à Conferência proposta pelo **TEN**, notamos uma nova abordagem a partir destes encontros, pois nestes *lugares sociais* o interesse passou a ser sobre os temas que versavam diretamente sobre a realidade social do negro. Conforme L.C. Pinto (1953, p.32), “os estudos sobre o negro no Brasil quase que se limitaram, até hoje, a encarar o negro como espetáculo, no qual o centro de interesse estava localizado na assimilação do africano ao Novo Mundo, ou, mais particularmente, nos produtos desses processos sobre os diversos setores da vida brasileira: religião, língua, culinária, vestuário, música”. Quanto à questão de sua existência na sociedade brasileira, de maneira a pesquisar suas reais condições sociais, estes assuntos jamais despertaram o interesse sério ou sistemático de estudiosos do negro no Brasil. Foi justamente com este intuito que o **TEN** organizou as Convenções e Conferência do Negro.

Sobre os “oásis” que esta entidade realizou, destacam-se a **Primeira** e a **Segunda Convenção Nacional do Negro**. A primeira, na capital paulista no ano de 1945, que contou com a presença de 500 pessoas; a segunda, em 1946, na capital carioca, com a presença de mais de 200 pessoas. As Convenções foram acontecimentos *políticos* de cunho popular, sem pretensões acadêmicas. Foram tratados temas sobre necessidades negras e situações socioeconômicas. A partir do interesse de seus organizadores, surgiram reivindicações concretas a favor das populações negras como a admissão de gente negra para a educação secundária e superior, formulação de uma lei antidiscriminatória e medidas jurídicas contra a discriminação. (NASCIMENTO, 2000, p.211).

É importante salientar que a cidade do Rio de Janeiro, devido à industrialização e urbanização crescente passa a ser socialmente e politicamente diferente das cidades do nordeste, como Salvador e Recife, locais onde ocorreram os Congressos anteriores, pois a questão racial era latente. Segundo Donald Pierson, que pesquisou as relações raciais na Bahia nos anos quarenta, no centro e no sul do país existia um sentimento de “preconceito de cidade cosmopolita”, entretanto, para o autor, esses casos eram exceções ao padrão cultural do Brasil. E cita exemplos de que para uma organização negra ter respaldo e existir, necessita ter, na cidade em que a mesma surge, forte tensão racial. (PIERSON, 1949, p.414).

Faremos uma breve análise, tendo como suporte as pesquisas realizadas em 1953 por L.C. Pinto em Rio de Janeiro, uma vez que foi nesta cidade de forte tensão racial que surgiu o **TEN**.

O sociólogo L.C. Pinto, que pesquisou as populações negras na cidade na década de 1950, identificou a industrialização e a urbanização, como fatores de origem das fortes tensões raciais na cidade, comprovadas mediante as suas pesquisas de ordem demográfica, de estratificação social e ecológica.

Na ordem demográfica, verificou-se uma queda da população negra na cidade, sendo que a proporção dos brancos passou, entre 1872 e 1950, de 55,21% para 69,86%, a dos negros, no mesmo período, diminuiu de 24,13% para 12,30%, o que era a tendência dominante no país. (L.C. PINTO, 1953, p.49). Sobre a estratificação social, percebeu que, embora tivessem permanecido teoricamente abertas as portas para os negros de outras camadas sociais, os meios para atingi-las, o progresso objetivo, para a maioria veio acompanhado pela urbanização e pela conseqüente proletarização. (PINTO, 1953, p.111).

Sobre a “ecologia” foram analisadas as distribuições dessa população nos espaços geográficos da cidade; Pinto (1953, p.113) explicou: “Um dos aspectos mais odiosos da discriminação racial é a segregação residencial, que obriga, pela força do costume, da lei, ou ambos, a população de determinado grupo étnico, inferiorizado pelo grupo dominante”, seja espalhado pelas periferias. O autor verificou que: “Quanto mais distante do centro, maior é a quantidade de negros que residem nos territórios do DF” (Rio de Janeiro), sendo que 71% dos negros da cidade viviam nas favelas.¹⁴⁰ O autor (1953, p.147-169) também identificou o baixo índice de alfabetização dos negros na cidade.

Na nossa ótica, para lutar contra os “desertos” e enfrentar estes problemas foi que surgiu a proposta de realização dos seguintes oásis: Convenções e da Conferência do Negro, realizadas na cidade do Rio de Janeiro, que tiveram como destaque debater estes temas no campo jurídico e social.

Antes de continuarmos a nossa narrativa, é importante salientar que a própria **Frente Negra Brasileira** já conquistara, na década de 1930, portanto uma década antes das Convenções do **TEN**, vitórias significativas no campo social para as populações negras, como por exemplo: a

¹⁴⁰ Segundo Edson Diniz Nóbrega Jr., em sua dissertação de mestrado defendida no ano de 2007, as favelas do município do Rio de Janeiro chegaram a crescer 500 % na década de 1960, sendo que a da Rocinha cresceu 200%. Em 1950 a população do Rio de Janeiro era de 2.375.280, destes 169.305, ou 7,13% moravam em favelas. Ver JÚNIOR, Edson Diniz Nóbrega. O programa criança Petrobrás na Maré em oito escolas públicas do maior conjunto de favelas do Brasil. Dissertação de Mestrado em Educação, PUC-RIO, 2007. http://www.maxwell.lambda.ele.puc-rio.br/cgi-bin/prg_0599.exe/11196-1.pdf?nrOco=361628 Cdlinprg=pt. Acesso em 07/07/2008.

admissão na Guarda Civil, que antes não aceitava negros em seus quadros, o que passou a ser permitido após um encontro entre os líderes da organização com o então Presidente Getúlio Vargas. (LUCRÉCIO *apud* BARBOSA, 1998, p.55). Mas, juridicamente foi o **TEN** que se destacou, pois passou a lutar arduamente para que no país passassem a existir leis contra a discriminação racial.

De 09 a 13 de maio do ano de 1949, em comemoração ao aniversário da abolição, na capital Fluminense, o **Teatro Experimental do Negro** realizou, nas dependências da Sala de Reuniões da Associação Brasileira de Imprensa, a **Conferência Nacional do Negro**, que reuniu representantes de várias regiões do país para articular uma resposta às ações concretas da comunidade negra. Este encontro propunha, segundo Abdias do Nascimento “(...) a revisão das teorias racistas das teorizações antropológico-sociológicas convencionais sobre o negro, representado pelos **Congressos Afro-Brasileiros** da década anterior (...)”. A Conferência serviria também como preparatória para o **Primeiro Congresso do Negro Brasileiro**. (NASCIMENTO, 2000, p.214).

Pareceu-nos estranho localizar, após o que foi escrito acima por Abdias do Nascimento, a presença de Edison Carneiro, principal organizador do Segundo Congresso Afro-Brasileiro, entre os idealizadores da Conferência Nacional do Negro, problema que desenvolveremos mais adiante, pois, se Abdias queria tomar uma postura diferente das adotadas nos Congressos anteriores, por que Edison Carneiro estava entre os líderes desta Conferência?¹⁴¹

Os organizadores da Conferência foram: Guerreiro Ramos, Edison Carneiro e o próprio Abdias do Nascimento. As participantes de outros Estados, presentes nas atividades foram: a **Sociedade Recreativa Floresta Aurora**, de Porto Alegre, representada por Heitor Nunes Fraga, **Turma Alvi-Verde e Grêmio Cruz e Souza**, de Juiz de Fora, por Sebastião de Souza, Oswaldo C. de Oliveira, de Ribeirão Preto, Milton Nunes da Silva, da cidade de Cabo Frio, Rio de Janeiro, Cap. Antonio Carlos, chefe do Estado de Minas Gerais, a **União dos Homens de Cor**, representada por seu Presidente nacional Sr. José Pompílio da Hora, entre outros. Dos Estados

¹⁴¹ Temos Edison Carneiro em nossa análise mais próximo aos intelectuais tradicionais, pois conforme Bacelar, embora este intelectual fosse próximo às questões negras, a realidade da Bahia era branca e européia. Neste sentido: “a exaltação da África seria a contrapartida, com a mesma função controladora, em termos culturais, do mito da democracia racial”. Ver BACELAR, Jeferson. A hierarquia das Raças, Negros e Brancos em Salvador. Rio de Janeiro: ED Pallas, 2001, p.131.

Unidos veio o enviado especial do jornal *The Pittsburgh Courier*, o jornalista George S. Schuyler. (JORNAL QUILOMBO, ano I, Nº3, 1949, p.06).



*A Mesa que presidiu os trabalhos de abertura da Conferência :
Dra. Maria Manhães, Dr. Guerreiro Ramos, prof. Castro Barreto,
snr. Paul V. Shaw, Dr. Carlos Sampaio e Abdias Nascimento,
falando.*

Imagem 6 – Registro da sessão inaugural da Conferência. À esquerda, em pé, Abdias do Nascimento. Fonte: Fac-Símile do Jornal Quilombo, ano 1, nº3, junho de 1949, p.06.

A abertura da Conferência ocorreu em uma segunda-feira, dia 09 de maio. Na mesa inaugural do encontro estavam Castro Barreto, ex-presidente do SESI, Dr. Carlos Sampaio, representando o Departamento Nacional de Educação, Prof. Lourenço Filho, Paul Vanorden Shaw, representante da ONU no Brasil, Prof. Guerreiro Ramos e Dra. Maria Manhães, médica do Departamento Nacional da Criança.

Carlos Barreto fez o pronunciamento de abertura do conclave, logo após falou Guerreiro Ramos, sendo seguido de Abdias do Nascimento, que palestrou na qualidade de diretor-fundador do TEN. Edison Carneiro apresentou uma saudação às Nações Unidas. Logo após, o representante da ONU na Conferência agradeceu aos organizadores dizendo as seguintes palavras: “todo ser humano tem direitos, sem distinção de cor, credo ou condição social”. (QUILOMBO, 1949, p.06).

Sobre os representantes de outros Estados, localizamos a delegação gaúcha nesta Conferência, conforme o Jornal Quilombo:

Os representantes estaduais, Heitor Nunes Fraga, do RG. Do Sul e Milton Nunes, do estado do Rio de Janeiro, saudaram a assistência em nome da gente de cor de suas respectivas representações. À mesa chegaram, por telegramas, votos de bom êxito à Conferência dos Prof. Roger Bastide da

Universidade de São Paulo, Dante Laytano da Universidade de Porto Alegre. (QUILOMBO, 1949, p.06).

A exemplo dos Congressos anteriores, localizamos representantes do Rio Grande do Sul nas atividades deste acontecimento, novamente Dante Laytano, que embora tenha marcado a sua presença através de telegrama, manteve viva a sua participação em encontros de *caráter nacional* sobre a temática negra. Outra participação importante foi a do membro da Sociedade Floresta Aurora, Sr. Heitor Nunes Fraga, que viria a ser Presidente da entidade no biênio de 1956-1957, e um dos conselheiros da Sociedade no ano seguinte, 1958, ano de realização do **Primeiro Congresso Nacional do Negro** na cidade de Porto Alegre, como veremos em nosso terceiro capítulo.

Sobre os participantes e trabalhos apresentados na Conferência, localizamos os seguintes dados entre os dias 10, 11 e 12 de maio do ano de 1949: Guerreiro Ramos fez a leitura da tese de Roger Bastide denominada: “Ilhas Culturais, consciência de cor enquistamento étnico”, Castro Barreto falou sobre a “Contribuição do Stock Negro a formação da população brasileira”, Sebastião Rodrigues Alves abordou “A questão da “gente negra em fase à assistência social”. Haroldo Costa, falou sobre o “preconceito nas escolas”, Aldemário Ezequiel dos Santos, sobre a escola “José do Patrocínio”, José Cláudio dos Santos, a respeito de “A alfabetização nos morros”. O escritor Assis Barbosa apresentou um trabalho sobre “Lima Barreto”. Ironildes Rodrigues, palestrou sobre a “alfabetização de Machado de Assis e de Lima Barreto”. Elza Soares Ribeiro, chefe do setor trabalhista da Rádio Mauá e da Seção de empregos do SESI, falou sobre: “Os preconceitos de cor nos contratos de trabalho”. Dra Guiomar de Matos, que abordou sobre “os problemas femininos” e Nilza Conceição, que palestrou sobre “a situação do estudante secundário de cor”.

A empregada doméstica Arlinda Serafim tratou das questões referentes à organização do trabalho doméstico; Waldemar Sizenando, presidente da **Federação dos Morros**, abordou o tema da união de brancos e pretos para a conquista da educação e do progresso. José da Silva apresentou uma “fala” sobre o preconceito do negro contra o negro, José Pompilio da Hora, Presidente nacional da **União dos Homens de Cor**, Isaltino Veiga dos Santos, ex-presidente da extinta **Frente Negra Brasileira**, Ligia Oliveira, Milton Nunes, Maria de Lourdes Vale Nascimento, também apresentaram trabalhos. Segundo o Jornal Quilombo (1949, p.7), o

Deputado Sagadas Viana, e Dante Laytano, enviaram tese sobre: “O problema do trabalho para o negro”.¹⁴²

É importante salientar que além de Abdias do Nascimento, outro *frentenegrino* participou das atividades da Conferência, o *intelectual negro* Isaltino Veiga dos Santos.



Parte da assistência no dia da inauguração da Conferência

Imagem 7 – Registro da sessão inaugural da Conferência, público presente no dia da inauguração da Conferência. Fonte: Fac-Símile do Jornal Quilombo, ano 1, nº3, junho de 1949, p.07.

A sessão de encerramento da Conferência foi realizada na noite de 13 de maio de 1949, sexagésimo primeiro aniversário da Abolição. Na ocasião, tendo por presidência da mesa o Sr. Paul Vernorden Shaw, representante da ONU, Guerreiro Ramos, Edison Carneiro e Abdias do Nascimento, fizeram as considerações finais da Conferência, além da uma convocação para as atividades do Primeiro Congresso do Negro Brasileiro, que seria realizado no ano seguinte. As falas de encerramento, dos trabalhos deste encontro, foram realizadas por Arthur Ramos (1903-1949).¹⁴³

Notamos uma nova postura nos encontros propostos pelo TEN, o discurso tornou-se mais agressivo, inclusive questionador quanto às idéias apresentadas em Congressos anteriores¹⁴⁴, oportunizando a seguinte pergunta: existia de fato democracia racial no Brasil nos anos 50? As

¹⁴² Todos os apresentadores e as comunicações elencadas foram consultados no Jornal Quilombo, datado de Junho de 1949, p.07.

¹⁴³ Para saber mais sobre Arthur Ramos Ver: GUSMÃO, Marilu. Arthur Ramos: o homem e a obra. Maceió: Departamento de Assuntos Culturais da SENEAC em convênio com o MEC-DAC, 1974.

¹⁴⁴ Os Congressos anteriores foram: O Primeiro e o Segundo Congresso Afro-Brasileiros, realizados em 1934 e 1937 respectivamente.

oportunidades eram iguais para todos? Não existiam conflitos raciais no Brasil? Se a sociedade é mestiça como um todo, por que os negros continuam, em sua grande maioria, à margem?

Segundo o Jornal Quilombo: “Arthur Ramos deu encerrada a Conferência como primeiro passo no caminho da realização do Congresso do ano próximo, cuja importância para os destinos do negro e dos estudos sociológicos no Brasil será decisiva”. (QUILOMBO, 1949, p.07).

Sobre as propostas do TEN, ironicamente foi a partir de ações geradas por preconceitos raciais sofridos por estrangeiras no Brasil, que os políticos passaram a perceber e a valorizar a importante proposta efetuada pelos intelectuais do grupo, como uma forma de combater o preconceito racial na sociedade brasileira, pois conforme Abdias do Nascimento:

A discriminação diária contra o negro, banido de teatros, boates, barbearias, clubes, empregos, o processo político, não era o suficiente, inclusive porque, sendo tão formal e comum merecia pouco comentário na imprensa... a antropóloga negra Irene Diggs foi barrada no Hotel Serrador, no Rio; este exemplo já mereceu alguma atenção... e em 1950 a coreógrafa negra norte-americana Katherine Dunham e a cantora Marian Anderson foram discriminadas no Hotel Esplanada, em São Paulo, a “liderança nacional” começou a perceber a existência de “exemplos concretos”. (NASCIMENTO, 2000, p.212).

Nesse contexto, foi sancionada, em julho de 1950, a “Lei Afonso Arinos”, que tornou crimes comuns, passíveis de sanção penal, os atos de discriminação racial no Brasil.(PINTO, 1953, p.341).¹⁴⁵ Nesse sentido, os Congressos Negros tornaram-se mais sociais, voltados para as necessidades cotidianas do negro na luta por cidadania e mudanças jurídicas em nosso país, como veremos mais adiante.

Concordamos com o aspecto social de Boaventura de Souza Santos (2001, p.126), identificado no *espaço de cidadania*, que é constituído pelas relações sociais da esfera pública entre cidadãos e o Estado, onde ocorrem as lutas sociais. “Nesse contexto, a unidade da prática social é o indivíduo, a forma institucional é o Estado, o mecanismo de poder e de dominação, e a forma de juridicidade é o direito territorial e o direito oficial estatal, o único existente para a dogmática jurídica”.

¹⁴⁵ O Projeto Nº 562 – 1950, mais conhecido como Lei Afonso Arinos, era composto por 8 artigos. Em linhas gerais a Lei instituiu como contravenção penal o estabelecimento que recusasse hospedar, servir e atender negros. Crime passivo de multa de Cinco Mil Cruzeiros ou prisão de quinze dias a três meses. Ou até o fechamento de estabelecimentos que desrespeitassem negros. Lei na íntegra no O Jornal Quilombo, Junho e Julho de 1950, Ano II, nº10, p.09.

E foi justamente este *aspecto social*, ligado às dificuldades cotidianas enfrentadas pelas populações negras, e as suas demandas jurídicas os maiores interesses delineados nas Convenções e na **Conferência Nacional do Negro** organizada pelo **Teatro Experimental**, e que gerou, conforme veremos mais adiante, um debate importante entre *intelectuais tradicionais*, motivados pela difusão da ideologia da “democracia racial brasileira”, tendo como principais expoentes os organizadores e participantes das atividades do Primeiro e Segundo Congresso Afro-Brasileiro, e os *intelectuais orgânicos negros*, ligados ao **TEN**, motivados pela difusão da “ideologia da negritude”, teorizada por Guerreiro Ramos, em conjunto com os organizadores e participantes das Convenções Nacionais, Conferência do Negro e de outro Congresso que analisaremos em nosso próximo item, intitulado de **Primeiro Congresso do Negro Brasileiro**.

2.4 PRIMEIRO CONGRESSO DO NEGRO BRASILEIRO: ASSUNTOS SOCIAIS, CULTURAIS OU POLÍTICOS.

O **Primeiro Congresso do Negro Brasileiro** foi realizado em 1950, na então Capital Federal, a cidade do Rio de Janeiro.¹⁴⁶ Também organizado pelo **TEN**, este conclave teve entre seus temas: a necessidade da regulamentação e organização das empregadas domésticas, campanhas de alfabetização e teses sobre manifestações de racismo.

A idéia de sua realização surgiu após as atividades da Conferência Nacional do Negro, conforme vimos anteriormente, e pretendia aprofundar os estudos sociais sobre a vida prática do negro. Guerreiro Ramos, Abdias do Nascimento e Edison Carneiro, passaram a organizar o Primeiro Congresso do Negro Brasileiro após o encerramento da Conferência realizada em 1949, expedindo cartas para participantes e organizações de outros Estados brasileiros, além de definir o temário do encontro, que continha os seguintes pontos: História, Vida Social, Sobrevivências Religiosas, Sobrevivências Folclóricas, Línguas e Estética.¹⁴⁷

Com data marcada para os dias entre 26 de agosto e 4 de setembro do ano de 1950, no Distrito Federal, na época a cidade do Rio de Janeiro, meses antes, mais especificadamente entre janeiro e fevereiro, iniciou a organização e a montagem de Comissões Regionais para confirmar a ampla participação de representantes de todo o Brasil nas atividades do Congresso.

Conforme anunciou o *Jornal Quilombo* de fevereiro de 1950:

O certame não tem ligações, sinão (sic) muito remotas com os Congressos Afro-Brasileiros do Recife (1934) e da Bahia (1937). Esses Congressos formam, em certo sentido, acadêmicos, mais ou menos distantes da cooperação e da participação popular. O Congresso de 1950 reconhece a existência de uma população de cor no país, consciente da sua importância como fator do progresso nacional e tenta, por um lado, suprir as deficiências de estudo do passado da gente negra e, por outro encontrar modos e maneiras de prover o bem estar social dos treze milhões de negros e mulatos do Brasil. Assim, o Congresso realizará dois objetivos,

¹⁴⁶ A cidade do Rio de Janeiro tornou-se a capital do Brasil em 1763, título que manteve até 1960, quando foi inaugurada Brasília. Para saber mais do Rio de Janeiro e as suas funções administrativas desde o século XVI até o início do XX, Ver: CARVALHO, José Murilo. *Os bestializados e a República que não foi*. São Paulo: Cia das Letras, 1999, p.152-154.

¹⁴⁷ Para saber o temário e o início da organização do Primeiro Congresso do Negro Brasileiro, ver o *Jornal Quilombo*, 1949, ano I, Janeiro e Junho, nº3, p.5.

um passivo e outro ativo, um acadêmico e outro popular, um técnico e outro prático. (QUILOMBO, Rio de Janeiro fevereiro de 1950, p.03).

As Comissões Regionais formadas foram: a do Distrito Federal, que era a cidade do Rio de Janeiro, composta na grande maioria por representantes do **TEN**, a de São Paulo, que entre os representantes tinha Florestan Fernandes, Roger Bastide e o *ex-frentenegrino* José Correia Leite, a Comissão da Bahia, que contava com Tales de Azevedo e José Valadares, que também participou em 1934 do **Primeiro Congresso Afro-Brasileiro**, realizado no Recife apresentando a comunicação intitulada: “A República dos Palmares”, a comissão de Pernambuco, composta por Ascenso Ferreira, que esteve no Congresso do Recife, 16 anos antes apresentando, “O que eu devo à influência negra”, além de Vicente Lima, um dos fundadores da **Frente Negra Pernambucana**, de 1936. A Comissão do Rio Grande do Norte, que tinha como um dos líderes Luiz Câmara Cascudo e Veríssimo Melo, do Pará, Nunes Pereira, do Estado do Rio de Janeiro, Solano Trindade¹⁴⁸, também um dos fundadores da **Frente Negra de Pernambuco**, do Estado de Minas Gerais, teve Aires da Mata Machado Filho e Onofre Francisco Eva e do Estado do Rio Grande do Sul, tivemos a Comissão Regional formada novamente por Dante Laytano, pelo representante da **Sociedade Floresta Aurora**, Heitor Nunes Fraga e por uma terceira pessoa chamada José Pedrosa.¹⁴⁹ Conforme Abdias do Nascimento, um dos líderes do encontro:

O I Congresso Negro pretende dar uma ênfase toda especial aos problemas práticos e atuais da vida da nossa gente de cor. Sempre que se estudou o negro foi com o propósito evidente ou a intenção mal disfarçada de considerá-lo um ser distante, quase morto, ou já mesmo empalhado como peça de museu. Por isso mesmo o Congresso dará uma importância secundária, por exemplo, às questões etnológicas, e menos palpitantes, interessando menos saber qual seja o índice cefálico do negro, ou se Zumbi suicidou-se realmente ou não, do que indagar quais os meios de que poderemos lançar mão para organizar associações e instituições que

¹⁴⁸ Entre os anos de 1950 e 1954 surgiu, na cidade do Rio de Janeiro e de São Paulo, o Teatro Popular Brasileiro. Organizado pelo *ex-frentenegrino* Solano Trindade, essa iniciativa visou aprofundar as pesquisas sobre macumba e candomblé, escolas de samba, folias de reis e teatro alegórico, além de manter uma cozinha de pratos típicos afro-brasileiros. O TPB contribuiu para a cultura e o cinema brasileiro além de apresentar obras afro-brasileiras no exterior, em Portugal, França e Espanha. Para saber mais ver: Ver LUNA, L. O Negro na luta contra a escravidão. Rio de Janeiro: Editora Cátedra, 1976, p.313.

¹⁴⁹ Informações das Comissões Regionais localizadas no Jornal Quilombo, Rio de Janeiro fevereiro de 1950, p.03 com continuação na página 10.

possam oferecer oportunidades para a gente de cor se elevar na sociedade. Deseja o Congresso encontrar medidas eficientes para aumentar o poder aquisitivo do negro, tomando-o assim um membro efetivo e ativo da comunidade nacional (...) (QUILOMBO / Rio de Janeiro/ 1950/ Editorial).

Para Abdias, este Congresso visou afirmar o que já existia em nosso país, uma “elite de cor” capaz de infundir confiança às classes dominantes, sendo que o movimento não é diversionista, visou ir além dos “objetivos pitorescos” caracterizado por aquelas iniciativas que, segundo ele, eram “irresponsáveis porque prejudicavam a maioria das iniciativas dos negros do Brasil”. (NASCIMENTO, maio de 1950, Editorial do Jornal Quilombo).

Mas para Edison Carneiro, organizador do encontro, que estivera no comando de um dos Congressos anteriores, o da Bahia de 1937, e da Conferência, de 1949, passaria a ter atitudes contrárias às idéias de Abdias do Nascimento e de sua organização, o **Teatro Experimental do Negro**.

Sobre as atividades do **Primeiro Congresso do Negro Brasileiro**, este encontro contou com a participação de inúmeras organizações negras e também com a presença de intelectuais que organizaram os **Congressos Afro-Brasileiros** de 1934 e 1937. Teve uma postura acadêmica, diferente destes Congressos, pois visou pesquisar o negro não como objeto, mas sim os problemas de sua vida. Segundo o sociólogo carioca L.C. Pinto:

Foi de extraordinário valor científico e humano a participação, como observador, nos trabalhos do 1º Congresso do Negro Brasileiro, reunido no Rio de Janeiro em agosto-setembro de 1950. O conclave nada teve de comum com os anteriores congressos “afro-brasileiros” e representou, na verdade, o papel de uma grande “mesa redonda” em que uma elite negra expôs e discutiu seus problemas, alguns problemas do negro-massa e do povo brasileiro em geral. (...) Experiências como aquelas e fonte de documentação tão rica e tão direta, substituem, para o estudioso, coleções inteiras de documentação secundária... (L.C. PINTO, 1953, p.39).

Conforme L.C. Pinto (1953, p.299), o **1º Congresso Brasileiro do Negro** pretendeu também criar uma progressiva identificação dos objetivos comuns entre os negros brasileiros, pois chegou a discutir a criação de uma **Confederação Nacional de Entidades Negras**, idéia improdutiva em consequência de duas oposições, uma de intelectuais brancos, que julgavam prematura e perigosa tal iniciativa, pois podia insuflar a segregação racial, e outra, promovida por

intelectuais negros, como José Bernardo da Silva, líder da **UHC – União dos Homens de Cor** da cidade do Rio de Janeiro, que foi contra o Congresso, pois disse que era um encontro realizado para as “intenções pessoais de Abdias”.¹⁵⁰

O **Primeiro Congresso do Negro**, realizado pelo **TEN**, contou com a apresentação de treze trabalhos entre os dias 26 de agosto e 04 de setembro de 1950. As comunicações apresentadas foram: “A criminalidade entre os negros” e “Análise de sonhos de negros”; por Roger Bastide, “Princesas africanas no Brasil”, comunicada pelo organizador do **Primeiro Congresso Afro-Brasileiro** realizado no Recife, Gilberto Freyre, “Aspectos periódicos da discriminação racial”, de Afonso Arinos de Melo Franco, “A regulamentação da profissão de domésticas”, trabalho apresentado por Guiomar Ferreira de Matos, “A escravidão e a emancipação no município de São Paulo”, de Oraci Nogueira, “O Negro e as artes plásticas”, de Mário Barata, “O negro e a arte moderna” de Mario Pedrosa, “O negro no Folclore nordestino”, de Luis Câmara Cascudo, “A estética da negritude”, de Ironildes Rodrigues, que explicou que “o negro, em consequência de atributos específicos de raça, tem uma sensibilidade hiperdesenvolvida, que o predestina à música, à poesia, à literatura, à dança, ao canto, em sua, às artes”. (*apud* L.C PINTO, 1953, p.296).

Também tivemos trabalhos sobre: “O negro e o folclore”, de Edison Carneiro, “O negro na Amazônia” de Charles Wagley, “A UNESCO e a questão racial” e “A grupoterapia e as relações da raça”, ambas apresentadas por Guerreiro Ramos.¹⁵¹

¹⁵⁰ A UHC era uma organização assistencialista negra, preocupa-se mais diretamente com ela e aponta como solução para o problema do negro a assistência social, como meio de atender aos seus problemas imediatos de miséria econômica e social... organizou caravanas que visitavam bairros e cidades vizinhas promovendo a distribuição de roupas, calçados, alimentos, medicamentos, etc..., às populações pobres. (L.C PINTO, 1954, p.302). No ano de 1943, em plena ‘ditadura do estado novo’ surge a UHC, **União dos Homens de Cor**. Fundada em Porto Alegre, pelo farmacêutico João Cabral Alves, a **UAGACÊ** existiu nos estados do Rio de Janeiro, Minas Gerais, Santa Catarina, Bahia, Maranhão, Ceará, São Paulo, Espírito Santo, Piauí e Paraná. As suas reivindicações eram muito próximas das idéias de inserção político-sociais, propostas pela **Frente Negra Brasileira**, pois pretendiam, conforme os seus estatutos: “elevar o nível econômico e intelectual das pessoas de cor em todo o território nacional, para torná-las aptas a ingressarem na vida social e administrativa do país, em todos os setores de suas atividades”, principalmente através da assistência social. A diferença está neste último item: a assistência social¹⁰. A UHC encerra as suas atividades em meados da década de 1960. Para saber mais ver: Joselina Silva: A União dos Homens de Cor – Aspectos do Movimento Negro dos anos 40 e 50. Estudos Afro-Asiáticos, ano 25, nº2. 2003, p.215-235.

¹⁵¹ Ver Antonia Lana de Alencastre Ceva. O negro em cena: A proposta pedagógica do Teatro Experimental do Negro. Dissertação de Mestrado, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2006. p.56-68.

Para José Correa Leite (1900-1989), militante, socialista e ex-integrante da **Frente Negra Brasileira**, e participante do encontro, em depoimento concedido para Márcio Barbosa, falou o seguinte:

O Abdias fez em 50 o Congresso Negro Brasileiro; esse foi diferente daqueles que fizeram no norte e nem dizem respeito a nós, né? Foi lá um Congresso que os brancos fizeram... Foi o Gilberto Freyre, o Edison Carneiro, não sei quem mais, pra discutir folclore, comidas, mas não o interesse propriamente negro. Agora o Congresso que pretendeu discutir esse problema nosso foi o Congresso que o Abdias fez em 50. (*apud* BARBOSA, 1998, p.80).

No entanto, conforme Ceva (2006, p.66), “correntes divergentes surgiram no interior do Congresso ilustrando a complexidade do tema, entre academia e militância”. Uma delas foi coordenada por Edison Carneiro, Darcy Ribeiro e Costa Pinto. Elisa Larkin do Nascimento (2003, p.267) explica que esse grupo afirmava que a idéia de organização política da comunidade negra significava impor uma solução norte-americana a noção de cultura negra e africana no Brasil Moderno, o que constituía um saudosismo ilusório.

Por outro lado Ceva (2006, p.66), identificou na corrente de intelectuais ligados ao **TEN**, que era formada por Aguinaldo Camargo, Abdias do Nascimento, Ironildes Rodrigues, entre outros, propunham tratar das necessidades específicas, sociais, políticas e culturais da população negra. Segundo a autora, até o encerramento do Congresso estas divergências, entre acadêmicos e militantes, se mantiveram na pauta das discussões.

Após intensos debates os participantes chegaram às seguintes conclusões em sua Declaração de Princípios:

Como resultado o congresso sugere a criação de associações e instituições que beneficiem a comunidade negra nos aspectos econômicos, cultural e social. Ao convocar a participação da sociedade, lideranças e acadêmicos no congresso, o TEN buscou mais uma vez tornar pública a questão racial e lançar ações concretas, visando uma transformação na estrutura social... o congresso recomenda a formação de institutos de pesquisa, públicas e particulares, tendo em vista o estudo das reminiscências africanas no país, no entanto, condena que estas instituições se pautem num exclusivismo racial, o que levaria a um separatismo racial da sociedade. (CEVA, 2006, p.66-67).

Edison Carneiro desaprovou o teor das recomendações acima e elaborou uma segunda declaração, que foi rejeitada pela assembléia.

Quanto a L.C. Pinto, ligado às idéias de Edison Carneiro, e que constantemente recorremos nesta dissertação, o mesmo foi acusado de plágio e denunciado por Guerreiro Ramos, junto à UNESCO por ter se utilizado dos trabalhos e das comunicações apresentadas por ocasião deste Congresso pelos participantes, para produzir as suas pesquisas sob patrocínio da própria UNESCO, e que viriam a ser publicadas três anos depois sem a autorização prévia dos organizadores do encontro. (Elisa Larkin do Nascimento 2003, p.274).

Quanto a utilizarmos o livro de L.C. Pinto em nossa dissertação, entendemos o mesmo como uma pesquisa rigorosa e passível de ser consultada, no que tange às populações negras da cidade do Rio de Janeiro e as suas questões sociais, pensando que estas divergências, entre ele e Guerreiro Ramos, foram influências deste embate de idéias que aconteceu com os intelectuais acadêmicos e militantes, fruto do período, divergências que inclusive notamos na sua narrativa, pois sentimos imparcialidade nos dados quantitativos demonstrados por L.C. Pinto, quando demonstra a demografia da cidade carioca. Em contrapartida quando o autor descreve sobre a ideologia da negritude ou sobre a existência de uma possível “elite negra”, a sua narrativa torna-se mais parcial, inclusive, crítica e negativa contra os adeptos desta ideologia, tida por ele como: “uma idéia branca, é o reflexo invertido, na cabeça de negros, da idéia que os brancos fazem sobre ele, é o resultado da tomada de consciência (também em termos falsos à ascensão social do negro). É, em suma, um racismo às avessas”. (L.C PINTO, 1953, p.333).

Sobre a Declaração final e os interesses definidos no Congresso. Segundo Guerreiro Ramos (1954, p. 217-218), “a declaração final do **I Congresso do Negro Brasileiro**, publicada na imprensa brasileira em 4 de setembro de 1950, continua sendo até agora a súmula mais inteligente de um programa de tratamento objetivo das relações étnicas no país”.

O documento formula, entre outras, as seguintes recomendações: a) a defesa vigilante da sadia tradição nacional de igualdade entre os grupos que constituem a nossa população; b) a utilização de meios indiretos de reeducação e desrecalcamento em massa e de transformação de atitudes, tais como o teatro, o cinema, a literatura e outras artes, os concursos de beleza, e as técnicas de sociatria; c) a realização periódica de congressos culturais e científicos de âmbito internacional, nacional e regional; d) a inclusão de homens de cor nas listas de candidatos de

agregações partidárias, a fim de desenvolver a sua capacidade política e formar líderes esclarecidos, que possam traduzir em formas ajustadas às tradições nacionais, as reivindicações das massas de cor; e) a cooperação do governo, através de medidas eficazes, contra os restos de discriminação de cor ainda existentes em algumas repartições oficiais.

Para Guerreiro Ramos:

as posições teóricas e práticas assumidas no meio brasileiro, pelos representantes da nova fase (tendo como representantes os intelectuais negros), não podem ser consideradas definitivas. Nelas há muito o que discutir e já se discernem algumas incorreções, contradições e até erros de tática e estratégia a serem evitados daqui por diante. Mas a autocrítica deste movimento, já iniciada, é outro assunto”. (RAMOS, 1954, p.218).

Para L.C. Pinto, avesso a idéias dos “problemas específicos da ideologia da negritude”, estas pensamentos poderiam ser a de qualquer grupo excluído, pois:

a “Declaração Final”, aprovada na última sessão do Congresso entre outras recomendações e afirmações, declara que os problemas do negro brasileiro são uma parte dos problemas do povo brasileiro em geral e que só assim podem ser encarados e resolvidos. Com esta afirmação, apresentada assim; em termos muito gerais, e única possível, aliás, num documento daquela ordem, coincidem os resultados de qualquer análise séria e honesta da situação racial no Brasil; de outro lado parece não haver dúvida, que, uma formulação tão geral como aquela é aplicável ao problema de qualquer grupo étnico historicamente colocado em situação desfavorável em qualquer sociedade nacional existente no mundo. (PINTO, 1953, p299).

Edison Carneiro, organizador do Segundo **Congresso Afro-Brasileiro** e um dos organizadores da **Conferência Nacional do Negro**, passou, após este Congresso, a ser contrário às idéias de Abdias do Nascimento e de Guerreiro Ramos, conforme citado anteriormente. Para Edison Carneiro a situação social do negro e os estudos afro-brasileiros desde o século XIX seguiam em nosso país, apesar das dificuldades e de sua fase inicial, obtendo avanços significativos, mas conforme afirmou sobre a postura do **TEN**, a partir deste momento passou a ser equivocada, pois a situação do negro brasileiro era muito diferente da dos negros dos Estados

Unidos.¹⁵² Carneiro também acreditava que essa nova posição negra em nosso país era uma ideologia sustentada por uma minoria, influenciada pelos políticos profissionais:

Parece incrível que os estudos do negro, tentados, na melhor das hipóteses, com o objetivo de lhes fazer justiça, fossem repercutir com um tom de exaltação que a sua precariedade não justifica. Mas foi o que aconteceu. O negro, que por essas alturas do século já era um velho cidadão brasileiro, identificado com as vicissitudes da nossa gente, se fez mais ainda, para os estudiosos e para os elementos negros de elite, um estrangeiro... os males dessa fase afro-brasileira talvez se tenham revelado melhor anos mais tarde, em 1950, quando da realização do **Congresso do Negro Brasileiro**, na Guanabara. A experiência das **Frentes Negras**, exploradas pelos políticos profissionais, já era uma advertência. Com o Congresso, um avultado grupo de pequeno-burgueses e burgueses intelectuais de cor tentou dar voz a manifestações racistas, de supremacia emocional do negro... a fórmula norte-americana...esta americanização forçada do problema, que felizmente atinge apenas um segmento insignificante da população de cor...(Grifo Nosso) (CARNEIRO, 1953, p.115-116).

Após analisarmos e atualizarmos as atividades propostas no **Primeiro Congresso do Negro Brasileiro** e o embate de idéias em torno de suas definições, ratificamos o pensamento de Ceva (2006, p.68), que explicou que o **TEN** propôs uma *identidade negra* em uma sociedade onde a mestiçagem era uma ideologia fortemente enraizada. Neste sentido, ao afirmar a construção de uma ideologia da negritude, os intelectuais ligados a ela poderiam, certamente, levar o nosso país a um separatismo racial, algo que tanto negros quanto brancos eram contrários, pois realmente se criou um embrião nacional, e que deveria ser moldado. Em contrapartida, o **TEN** teve um pioneirismo dentro do contexto de uma nacionalidade brasileira em formação, até então celebrada como mestiça e principalmente harmoniosa. A partir desses interesses surgem novas formas de se pensar na construção da nação, agora em forma política denominada de *nacionalismo*, se imperfeita diante de suas complexidades, quiçá mais justa, o que vai ecoar oito

¹⁵² Segundo Schilling: “Na década de 1950 os negros norte-americanos reagiram contra a situação de inferioridade e exclusão que as leis dos brancos o condenaram. Ergueram-se contra a discriminação e a segregação racial que sofriam no país... que o impediam-nos de votar e de freqüentar uma escola pública como os demais brancos. Negavam-lhes hospedagem nos hotéis e nem em lanchonetes eram atendidos”. Neste contexto foi que surgiu o *Civil Reights Movement* que teve como um de seus maiores expoentes o reverendo Martin Luther King. Para saber mais Ver: SCHILLING, Voltaire. A Luta pelos direitos civis: de Abraham Lincoln a Martin Luther King – América: 1863-1963.

anos depois no **Primeiro Congresso Nacional do Negro**, realizado na cidade de Porto Alegre. Se no Primeiro e no Segundo Congressos Afro-Brasileiros, sobressaíram-se, em ambos, os *aspectos culturais* da identidade negra em nossa formação nacional, e se nas Convenções, Conferência e Congresso do Negro, realizado pelo **TEN**, surgiram e se destacaram os *aspectos sociais*, visando atenuar os problemas cotidianos enfrentados pelas populações negras, a partir de agora, são os *aspectos políticos* que mais se sobressaem.

Entendemos que, embora existissem interesses de políticos profissionais brancos nestas iniciativas, devemos ter a percepção de que passaram a existir, também, interesses políticos nitidamente negros neste período, pois como o contexto era de (re) abertura democrática¹⁵³, a ideologia da negritude estava sendo elaborada para além da auto-estima da identidade negra, já visando o pleito democrático que se aproximava e ao qual poderiam concorrer os políticos negros.

Passou a existir por parte dos *intelectuais negros*, em nosso entendimento, a tentativa de lutar no campo eleitoral, através do voto, em torno da eleição de políticos negros, nesse sentido era fazer valer o uso do direito político. “Por direito político entende-se o direito de participar direta ou indiretamente da formação das leis, ou seja, ser eleitores ou eleitos”. (BOBBIO, 2000, p.229). Devido a isto: “As eleições nacionais de 1950 representariam um teste decisivo” para o grupo que representava no campo social e queria representar na disputa político-partidária as questões negras. (L.C PINTO, 1953, p.284). Por isso o TEN passou a estimular o “desenvolvimento da capacidade política do homem de cor brasileiro”. (QUILOMBO, 1950, p.5).

Ao analisarmos a participação de políticos negros nas eleições de 1950, repetimos que já em 1934, a direção da **Frente Negra** paulista, decidiu registrá-la como partido político atuando pela busca de votos para conquistar o eleitorado negro.¹⁵⁴ O que se tornou impossível devido ao

¹⁵³ Em fevereiro de 1945 com o chamado Ato Adicional à carta de 1937, Getúlio Vargas fixou um prazo de noventa dias para a marcação de eleições gerais em nosso país, era a abertura democrática iniciada com o final da II Guerra e do Estado Novo. Com o novo código eleitoral passou a ser aberta a eleição para Presidente além de uma Assembléia Constituinte, sendo que a data escolhida para a realização de eleições estaduais era o dia 06 de maio de 1946. Ver FAUSTO, 2002, p.212.

¹⁵⁴ Lucrécio *apud* Barbosa, 1998, p.63. Sobre a FNB como partido político Ver: Para saber mais sobre a origem e reivindicações da Frente Negra Brasileira em diversas regiões do país ler: Florestan F.(1978) Integração do Negro na Sociedade de Classes, Márcio Barbosa (1998) em Frente Negra Brasileira, depoimentos, Jéferson Bacelar (2001), A

encerramento das atividades políticas em nosso país, preconizadas pela instauração do Estado Novo em 1937. Neste momento de (re) abertura democrática, pós Estado-Novo, surgiu a possibilidade, através dos políticos negros ligados ao TEN e de outros, conforme veremos mais adiante, novamente a oportunidade de a comunidade negra votar e disputar através do jogo político, as eleições nacionais, tendo como meta eleger os representantes de seu grupo social que, segundo os *intelectuais negros*, entendiam melhor a sua situação social enfrentada pelos mesmos.

É importante salientar que esta disputa continua sendo identificada, em nosso entendimento, no *espaço de cidadania*¹⁵⁵ que é constituído pelas relações sociais da esfera pública entre cidadãos e o Estado, pois o pleito eleitoral também é entendido como um campo de ação e luta pelo poder, o que ocorre, através das urnas, dentro do Estado de Direito.

Segundo Kant:

O direito é a forma universal de coexistência dos arbítrios dos simples. Enquanto tal é a condição ou o conjunto das condições segundo as quais os homens podem conviver entre si, ou o limite da liberdade de cada um, de maneira que todas as liberdades externas possam coexistir segundo uma lei universal. Finalmente, o direito é o que possibilita a livre coexistência dos homens, a coexistência em nome da liberdade... cada um pode usufruir da liberdade que lhe é concedida pelo direito de todos os outros usufruir de uma liberdade igual à dele. (KANT *apud* BOBBIO, 2000, p.114).

Se o Direito prima pela liberdade e igualdade universal entre todos e, se as nossas Constituições brasileiras sempre preconizaram, ao longo das décadas: em 1891 “Todos são iguais perante a lei”, em 1934: “Todos são iguais perante a lei e não haverá privilégios, nem distinções, por motivos de nascimento, sexo, raça, profissões próprias ou dos pais, classe social, riqueza, crenças religiosas ou idéias políticas” (art.113, alínea I) e em 1946, o artigo 141 ofereceu as bases dos direitos individuais à “vida, liberdade, segurança e propriedade pessoal”, enquanto

Hierarquia das Raças, Negros e Brancos em Salvador, Laiana Lannes (2002) em “A Frente Negra Brasileira: Política e Questão Racial nos anos 1930”, Kabengele Munanga (2004), Rediscutindo a mestiçagem no Brasil – identidade nacional *versus* identidade negra, Flávio Gomes (2005) em Negros e Política (1888-1937), Petronio José Domingues (2005) em A insurgência do Ébano: A História da Frente Negra Brasileira (1931-1937), e Pe Gedeon José de Oliveira (2006): A resistência de ébano: Uma abordagem da Frente Negra Brasileira a partir do simbólico (1930).

¹⁵⁵ Ver SANTOS, 2001, p.126. “E o espaço de cidadania”.

estabelecia novamente: “todos são iguais perante a lei” (Davis, 2000, p.39), por que nas relações sociais concretas, em plena década de 1950 os negros brasileiros eram impedidos de entrar em hotéis? Por que na década de 1930 eram impedidos de sentar em bancos de praças? Por que somente após a discriminação sofrida pelos negros, e pelas negras norte-americanas, no “deserto” criado pelo preconceito racial em São Paulo, se criou a Lei Afonso Arinos? Para entender essas situações somente concordando com Emília Viotti que disse: “A elite branca brasileira aprendeu desde o período colonial a ver os negros como inferiores”. (COSTA, 1998, p.378). Por isso, se viam estes “desertos” preferiam dar as costas.¹⁵⁶

Portanto, embora muitos acreditassem que o preconceito era ínfimo ou inexistente em nossa sociedade, já que a miscigenação era forte ideologia no período, os negros brasileiros, cotidianamente, o sentiam. Eis que a luta envereda agora para a disputa político-partidária, sendo encabeçada pelo líder do **TEN**, Sr. Abdias do Nascimento.

Edison Carneiro tinha razão quando delatou que as atividades negras foram do interesse de políticos profissionais, conforme o ocorrido nas atividades do **Congresso do Negro Brasileiro** realizado naquela cidade e organizado pelos *intelectuais negros* ligados ao **TEN**, pois, em outubro de 1950, um mês após a realização do mesmo, ocorreram as eleições nacionais daquele ano. Conforme L.C Pinto:

A situação racial brasileira, cujas barreiras o **T.E.N.** quis inicialmente desbordar por vias laterais, obrigou-o, na prática, a superar a limitação deliberada de seus objetivos artísticos originais, frustração que forçou a transformar-se de um grupo teatral em um movimento social, que atingiu seu período de maior vigor aparente quando, por assim dizer, deixou de “representar” e passou a funcionar no quadro das tensões raciais como um “grupo de pressão”, a desempenhar o seu papel de elite militante, terminando por indicar um candidato às eleições municipais de 1950 – que foi, aliás, o próprio Abdias... O período áureo do **T.E.N.**, não foi pura e originalmente artístico – foi pré-eleitoral (1949-50), quando o entusiasmo de seus dirigentes e a generosidade interessada de candidatos brancos a postos eletivos forneceu os meios psicológicos e financeiros para o **T.E.N.**, ter uma sede própria, editar um jornal e melhorar sua apresentação, realizar seus bailes elegantes, concursos de beleza,

¹⁵⁶ Para Abdias do Nascimento somente depois que a antropóloga negra Irene Diggs foi barrada no Hotel Serrador, no Rio, a coreógrafa negra norte americana Katherine Dunham e a cantora Marian Anderson foram discriminadas no Hotel Esplanada, em São Paulo foi que os políticos brasileiros passaram a perceber os exemplos concretos do preconceito em nosso país. Ver NASCIMENTO, Abdias. Reflexões sobre o movimento negro no Brasil, 1938-1997. In: GUIMARÃES, Sérgio Antônio. Tirando a máscara. São Paulo, Paz e Terra, 2000, p.212.

congressos e conferências, a reivindicar auxílio governamental – concedido, mais não recebido – a aumentar sua envergadura, seus propósitos, sua influência aos olhos dos negros, dos brancos e, principalmente, aos seus próprios olhos...(L.C. PINTO, 1953, p.282-283).

Abdias do Nascimento escreveu no editorial do *Jornal Quilombo* dos meses de março-abril, de 1950.

Amigos meus, colaboradores e simpatizantes do movimento que fundamos visando à elevação cultural e econômica do negro brasileiro, resolveram lançar minha candidatura à assembléia legislativa do Distrito Federal. Justificaram seu gesto com argumento de ser minha eleição a vereador uma etapa lógica e natural no desenvolvimento desse programa de busca de meios que acelerem o processo de integração de brancos e negros no Brasil, assegurando assim, à tática por nós usada, armas mais efetivas e poderosas na luta pela conquista desse padrão de existência ideal que libere os brasileiros de cor de complexos emocionais e das atuais desvantagens sócio-econômicas... é necessário e imprescindível, portanto, que apareçam outros candidatos mulatos, negros ou brancos, identificados com esse importante problema brasileiro. Porque somente num grande e árduo trabalho coletivo, presidido pelo alto espírito de fraternidade racial que orientou a nossa formação histórica, conseguiremos realizar a obra dessa valorização do negro, fundamental para o desenvolvimento e o futuro de nossa estremecida pátria. Os homens de cor, ontem como hoje, se confundem com os destinos da nacionalidade, e não há força capaz de induzi-los atrás sua vocação de maiores construtores materiais e espirituais da nossa grandeza, da grandeza do Brasil. (FAC-SÍMILE QUILOMBO, MINHA CANDIDATURA, 1950, p.83).

Nesse sentido o *Jornal “Quilombo”*, liderado e dirigido por Abdias do Nascimento, tendo como colaborador Guerreiro Ramos, Edison Carneiro, além do próprio Gilberto Freyre que escreviam colunas no periódico, passou a solicitar a relação de candidatos negros dos principais partidos brasileiros, a fim de fazer propaganda gratuita para os mesmos.¹⁵⁷

Localizamos os anúncios das seguintes candidaturas de políticos negros, que participariam do pleito do dia 03 de outubro de 1950: José Bernardo da Silva, candidato a deputado pelo **PTB – Partido Trabalhista Brasileiro**, era diretor da **União dos Homens de Cor**, da cidade do Rio de Janeiro, Jael de Oliveira Lima, candidato a deputado pelo **PSD –**

¹⁵⁷ Para saber mais ler o *Jornal Quilombo*, março-abril, 1950, p.05, artigo com o seguinte título: O TEN dirige-se aos Partidos Políticos.

Partido Social Democrático e Isaltino Veiga dos Santos, candidato a vereador pelo **PDC – Partido Democrata Cristão**. Isaltino foi um dos presidentes da **Frente Negra Brasileira**, como vimos no primeiro capítulo deste trabalho. No jornal dizia o seguinte sobre a sua candidatura:

Desde moço dedicado ao jornalismo e à luta pelo soerguimento do negro brasileiro, Isaltino Veiga dos Santos entre outras atividades, tomou parte na **Frente Negra Brasileira**, um dos movimentos mais trepidantes que já houve nesta segunda cruzada da abolição...apresentando-se como candidato a vereador, na chapa do Partido Democrata Cristão, merece o sufrágio dos que desejam ver o negro ocupar o seu lugar ao sol da democracia. (QUILOMBO, JUNHO-JULHO, 1950, p.05-FAC-SÍMILE, p.111).

Outro político negro apontado nas páginas do Jornal “Quilombo” foi José Alcides, candidato para a vereança do Rio de Janeiro pelo **PSD**, considerado o “Homem do Povo”, “sem espírito agressivo ou solucionista, que propugna a integração de todos os elementos que compõe a nossa etnia”.

Abdias do Nascimento também saiu nas páginas de seu jornal como candidato. Ele iria disputar a vereança no Rio de Janeiro, pelo **PSD – Partido Social Democrático**; inclusive notamos que este partido foi o que mais saiu nas páginas do jornal, sinalizando para os interesses políticos eleitorais do intelectual negro, e fundador do **TEN**.

Conforme L.C. Pinto (1953, P.301) José Bernardo, orientador da **UHC**, candidato pelo **PTB** conforme vimos acima, depois de participar do **1º Congresso do Negro**, organizado pelo **T.E.N** escreveu em seu jornal o artigo: “O Congresso do Negro Abdias”, ele foi fortemente crítico à pessoa, o passado, às atitudes e às intenções do dirigente do **TEN**.

Mesmo com estas acusações parece que tudo ia de vento em popa para os interesses de Abdias do Nascimento até que, Segundo L.C. Pinto, Abdias sequer concorreu de fato, pois “foi golpeado por uma manobra eleitoral do próprio partido que lhe patrocinou a candidatura, o PSD. Na véspera da eleição concorria para vereador, mas durante os preparativos para o pleito alteraram a sua candidatura para deputado, o que necessitaria de uma maior quantidade de votos para eleger-se”. Conforme L.C. Pinto: “Abdias desistiu e foi traído”. (L.C PINTO, 1953, p.284).

O Jornal “Quilombo”, principal periódico do **TEN** circulou entre dezembro de 1948 até julho de 1950, portanto fechou sem publicar as informações sobre os resultados das eleições

nacionais e os resultados para os políticos negros do centro do país. No momento estamos sem estas repercussões, mas quanto ao resultado para o líder do grupo Abdias do Nascimento foi desastroso, em um primeiro momento devido à “traição” a que foi sujeitado pelo **PSD**, mas em um segundo momento, as suas iniciativas colocaram de vez o negro como agente político em nosso país, algo que foi tentado na década de trinta com a **Frente Negra** e solidificado com o **TEN**. Com o advento do Estado autoritário brasileiro nos anos sessenta, o **TEN** encerrou as suas atividades, o que culminou com o exílio de Abdias do Nascimento.

Após disso, segundo Nascimento:

Em 1968, o TEN abriu outra frente de ação, quando lançou em exposição no Museu da Imagem e do Som a primeira coleção de seu Museu de Arte Negra. Interrompido o projeto em razão da perseguição política do regime militar, o teatro continuou em cena, já em termos internacionais, através da atuação de seu fundador, exilado, denunciando o racismo brasileiro em vários fóruns do mundo africano, da Europa, das Américas e dos Estados Unidos. Mas isto é outra história. (NASCIMENTO, 2004, p.16).

Retornando aos *aspectos políticos* dos Congressos, Edison Carneiro dizia que “a experiência das **Frentes Negras**, exploradas pelos políticos profissionais, já era uma advertência para os intelectuais negros ligados ao **TEN**”. Mas perguntamos: quando passaram a existir interesses políticos partidários nas realizações dos Congressos, somente os políticos profissionais se beneficiaram, ou existiriam interesses de intelectuais negros em tirar proveito de suas realizações a favor de suas intenções e de sua comunidade? Será que os grupos negros compostos por suas organizações, seus jornais e seus semanários não iniciariam a sua pressão na disputa política também como um Partido? É o que passaremos a descortinar por ocasião do Primeiro Congresso Nacional do Negro de Porto Alegre.

CAPÍTULO - III

3. A FORMAÇÃO DO OÁSIS PORTO-ALEGRENSE.

Ao entendermos estes locais também como espaços políticos, retornamos ao conceito de política de ARENDT (2006, p.21-22), que diz: “A política baseia-se na pluralidade de homens e trata da convivência entre diferentes”. Neste sentido, ao pensarmos estes *lugares* como *sociais*, lembramos que nos fundamentamos no conceito de Certeau (2006, p.66-67) que explica que nestes locais se “delineia uma topografia de interesses, e os documentos e as questões que lhes serão propostas, se organizam”. Ou seja, neles conservam-se elementos *políticos* e interesses ideológicos e *sociais* que passam a se organizar antes, durante e após as suas realizações, visando o benefício de determinados grupos sociais.

Embora sendo considerados “oásis” que buscassem primar pela conciliação, neste caso, a aceitação das diferenças entre negros e brancos para a formação de nossa nacionalidade, a aceitação dos grupos através da equidade social ou que se combatesse o preconceito existente em nossa sociedade através de leis para superá-lo; embora existindo uma Constituição vigente, os mesmos eram organizados com interesses e finalidades diferentes, sendo que os elementos desta disputa se alternavam conforme os seus organizadores.

Ao se analisar o próximo Congresso de nosso trabalho, o **Primeiro Congresso Nacional do Negro** realizado na cidade de Porto Alegre no ano de 1958, passaremos a dissertar sobre algo pouco conhecido na historiografia, muito original. Pretendemos contribuir para a história sobre os Congressos de *caráter nacional* sobre a temática negra e afro-brasileira, jamais pretendendo limitar a discussão e sim procurando motivá-la.

Neste próximo Congresso passaremos a abordar elementos de interesse em torno da questão *político-partidária*. É muito importante lembrar que, por excelência, todos os Congressos foram *políticos*¹⁵⁸ mas nem todos tiveram interesses políticos partidários.

¹⁵⁸ Antes de iniciarmos este capítulo convém informar como percebemos os *lugares sociais* que estamos dissertando, seja ele um Congresso ou uma organização negra. Entendemos estes locais como espaços *políticos*, acontecimentos propícios para que seus organizadores e participantes procurassem entender e agir, através das pesquisas e das propostas efetuadas; melhor a sociedade em que viviam; para com isso tentar interpretá-la e conseqüentemente melhorá-la. Seja buscando respostas nos aspectos culturais para formar uma nação; ou seja: procurando aprofundar os conhecimentos dos problemas enfrentados cotidianamente pelos negros em nos período, com isso visando atenuar o preconceito e os problemas sociais que sofria este grupo.

Os *Partidos Políticos* são os protagonistas de uma ação social que representa a função de equilíbrio entre os seus interesses e os interesses de outros grupos. (GRAMSCI, 1980, p.22).

Edison Carneiro acusou as **Frentes Negras** de terem sido utilizadas por políticos profissionais. Entendemos que ele criticou a sujeição da organização às propostas tuteladas pelo, então, Presidente Getúlio Vargas.

Para Carneiro, os políticos profissionais usaram esta organização nos anos trinta e continuaram a utilizar as organizações negras de *caráter nacional* ao longo dos anos cinquenta, para fim de seus interesses políticos e, neste caso, teriam tido interesse também nas atividades do **Teatro Experimental do Negro**.¹⁵⁹

Ao analisarmos o **Primeiro Congresso Nacional do Negro**, organizado pela **Sociedade Beneficente Floresta Aurora**, realizado no ano de 1958 na cidade de Porto Alegre, e as influências *político-partidárias* sentidas neste encontro, evidenciaremos que existiram interesses também de representantes da comunidade negra na formação deste tipo de oásis.

¹⁵⁹ Para CARNEIRO, dois problemas atingiam a iniciativa do TEN nos anos 50. Primeiro: “A experiência das Frentes Negras, exploradas pelos políticos profissionais, já era uma advertência...” para que os líderes desta organização percebessem que estavam sendo explorados, e a segunda é que o TEN através de seus Congressos fazia, segundo Carneiro, iniciativas “a fórmula norte-americana de reivindicação”, como se em nosso país existisse uma sociedade segregada o que para ele era errado. Essas eram as justificativas de Carneiro para ser contrário as iniciativas do TEN nos anos 50. CARNEIRO, Edison. Ladinos e Crioulos. Rio de Janeiro, Ed. Civilização Brasileira, 1964, p.115-116.

3.1 PRIMEIRO CONGRESSO NACIONAL DO NEGRO: ORGANIZAÇÃO, PROGRAMAÇÃO, PARTICIPANTES, TEMAS E INTERESSES.

Ao iniciarmos a análise deste Primeiro Congresso Nacional do Negro, devemos dar a devida atenção à mudança sofrida na nomenclatura do último encontro, ocorrido na década de 1950. **Primeiro Congresso do Negro** de 1950, que como vimos, foi organizado pelo **Teatro Experimental do Negro** sob a liderança de Abdias do Nascimento e realizado na capital do Rio de Janeiro. O **Primeiro Congresso Nacional do Negro** de 1958, cuja criação descortinaremos pela sua organização, através da **Sociedade Beneficente Floresta Aurora**, sob a liderança de Valter Santos, foi realizado no estado do Rio Grande do Sul, na cidade de Porto Alegre. Notaremos que o termo “nacional”, além de ser o diferenciador da terminologia entre as duas atividades denota, ainda, uma transformação importante nos interesses de seus organizadores, já que existiu uma forte influência do Partido Trabalhista Brasileiro em sua composição.¹⁶⁰

Esse importante acontecimento na capital gaúcha recebeu delegações dos estados do Paraná, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Santa Catarina, São Paulo, Distrito Federal e interior gaúcho, contando também com a presença de estudiosos, pesquisadores, intelectuais brancos e negros e a comunidade. Durante o *encontro* foram debatidos três temas centrais:

- 1) A necessidade de alfabetização frente à situação atual do Brasil;
- 2) A situação do homem de cor na sociedade;
- 3) O papel histórico do negro no Brasil e em outros países.

Esses temas foram distribuídos em seis dias, do dia 14 de setembro ao 19, do respectivo mês.

Nossos objetivos passam a ser, a) a análise da história da Sociedade organizadora do encontro; b) como ocorreu a organização do Congresso; c) a programação, bem como os participantes e os temas e d) identificar os principais interesses dos líderes da entidade **Floresta Aurora** na realização do mesmo.

¹⁶⁰ Sobre a organização do Primeiro Congresso Nacional do Negro de Porto Alegre encontramos, através de pesquisas realizadas em Atas de reuniões da SBFA e em consultas em periódicos do período, nomes como os de Leonel Brizola, Armando Temperani Pereira, J.P Coelho de Souza, todos políticos tradicionais vinculados ao PTB.

Utilizaremos como fontes documentais principais: as ATAS de reuniões da Sociedade Floresta Aurora do ano de 1958 localizadas em seu acervo, cartas enviadas para os membros dessa entidade, matérias jornalísticas dos Jornais Folha da Tarde, Correio do Povo, A Hora, Diário de Notícias e Revista do Globo, todas publicadas no decorrer do mês de setembro de 1958 e documentos arquivados em um acervo particular pelo Sr. José Domingos Alves da Silveira¹⁶¹, além de consulta bibliográfica.

A iniciativa de organizar o **Primeiro Congresso Nacional do Negro** coube à **Sociedade Beneficente Floresta Aurora**. Fundada na cidade de Porto Alegre no dia 31 de dezembro de 1872, essa agremiação é considerada a sociedade negra mais antiga do Brasil. Seu fundador foi o negro forro Polydorio Antonio de Oliveira. O principal objetivo da organização era zelar pela comunidade afro-gaúcha materialmente e socialmente, auxiliando, inclusive, na realização de enterros dignos para os negros da capital. (MÜLLER, 1999, p.116-134).

A historiadora Lúcia Regina Brito Pereira complementa esses dados informando que, a **Sociedade Cultural Floresta Aurora** foi criada em 1872, com o objetivo de gerar pecúlio para custear as despesas de enterros de escravizados e libertos, sendo que as suas primeiras ações foram realizadas nas esquinas das Ruas Aurora (atual Dr. Barros Cassal) e a Rua Floresta (atual Cristóvão Colombo). (PEREIRA, 2008, p.125).

Valter Santos, Presidente da Sociedade no ano de realização do Congresso, 1958, no discurso de abertura do Conclave falou o seguinte sobre a sua fundação:

No distante ano de 1872, quando não existia nenhuma sociedade de negros em nossa capital, um grupo de homens residentes na então Rua Floresta, e mais alguns elementos femininos discutiam a necessidade da formação de uma sociedade que congregasse o elemento negro. Era dia 31 de dezembro. O grupo estava reunido exatamente à espera da entrada do ano novo. Como a discussão realizava-se numa rua de nome Floresta e como a aurora neste dia despontou muito linda!!!...O grupo resolveu denominar a sociedade com o nome que hoje é conhecida em todo o Estado e em muitos recantos do Brasil – Sociedade Beneficente Floresta Aurora. (*s.n/ Primeiro Congresso Nacional do Negro Instalou-se Ontem em Porto Alegre. A HORA/ Porto Alegre/ 13/09/1958/ p.05*).

¹⁶¹ Sobre o seu José Ver: PEREIRA, Lúcia Regina Brito Pereira. Estratégias Negras e Educação. Porto Alegre: VI Congresso Internacional de Estudos Ibero-Americanos – PUCRS, 2006.

A pesquisadora Liane Susan Müller (1999, p.109-134) destacou, através de pesquisas realizadas no **Jornal O Exemplo**, entre 1889 e 1920, e nos arquivos da própria organização, dados quanto a sua origem, evidenciando que, entre as suas atividades, havia diversas ações sociais. Localizando que a **Sociedade Floresta Aurora** além de ser beneficente social, cultural e recreativa ela era também política, tendo como exemplo as suas atitudes por ocasião da diplomação de Monteiro Lopes e com a realização de seminários da Aliança dos Operários.¹⁶²

No marco cronológico, que propomos nosso trabalho (1931-1958), a Sociedade teve, como seus principais líderes, quinze Presidentes:

TABELA 4 - Lista dos Presidentes da Sociedade Beneficente Floresta Aurora entre os anos 1932-1959.

Nome	Período
Armando Hipólito dos Santos	1932-1934
Manoel Ferreira dos Santos	1935-1936
Izaque Marçal Cunha	1937-1937
João Rufino de Magalhães	1938-1938
Conrado Alves Guimarães	1939-1940
Bernardino Fraga	1941-1941
Dalmiro Rufino Lemos	1942-1945
Henrique Lucena	1946-1946
Álvaro Moura	1947-1948
Eurico de Souza Silva	1949-1950
Dilon Alves	1951-1951
Mario Inácio dos Santos	1952-1953
Julio Soares	1954-1955
Heitor Nunes Fraga	1956-1957
Valter Santos	1958-1959

Fonte: Dados retirados da Galeria de Fotos dos Presidentes da Entidade, localizadas no 2ª andar da Sede Social da Sociedade Beneficente Floresta Aurora no dia 08 de novembro de 2007.

¹⁶² “Monteiro Lopes, eleito deputado em 1909, para a Assembléia do Rio de Janeiro, havia sido impedido de receber seu diploma em função da cor da pele. Tão logo a notícia circulou pelo país, os negros organizados em estados como o Rio Grande do Sul, São Paulo e Rio de Janeiro, deram início a uma intensa campanha para efetivar sua diplomação. Alcançado o objetivo, Monteiro Lopes visitou Porto Alegre no ano seguinte, sendo recebido com festa, especialmente na Sociedade Floresta Aurora”. (MÜLLER, 1999, p.130) Para saber mais das atividades políticas da SBFA, neste período, ler Liane Muller em sua dissertação de Mestrado intitulada: As Contas do meu Rosário são balas de artilharia, Jornal e Sociedade negras em Porto Alegre 1889-1920.

Para o desenvolvimento de nossa pesquisa, é importante contextualizar brevemente em nível internacional, o que estava acontecendo com as populações africanas devido ao período de independências daqueles países, bem como o quadro político nacional com as ideologias da época, e também as influências territoriais para a comunidade negra de porto-alegrense, devido ao desenvolvimentismo, e a situação política interna da **Sociedade Floresta Aurora**, que empossou em 1958 o Presidente Valter Santos.

No plano internacional, a década de 1950 é marcada pelos movimentos iniciais de descolonização de territórios africanos sob jugo europeu e em torno dos debates de integração racial.

Guiné tornou-se independente em 1958; em 1959 os países africanos movimentavam-se em seus processos de autonomia. Na Conferência de Bamako, o Senegal e o Sudão Francês formavam a Federação do Mali, independentes. Daomé, Níger, Alto da Volta, Costa do Marfim e Togo tornam-se independentes em 1960. “Os novos países surgidos da divisão administrativa colonial do pós-guerra eram uma realidade”. (RIBEIRO, 1998, p.55).¹⁶³

TABELA 5 - LISTA DE PAÍSES AFRICANOS INDEPENDENTES ENTRE 1956 E 1966.

Pais	Ano	Presidente
Argélia	1962	Ben Bella
Benin	1960	Maga
Botsuana	1966	Seretse Khama
Burkina	1960	Maurice Yameogo
Burundi	1962	Reinado/ Muabtusa IV Rei tutsi
Costa do Marfim	1960	Houphouët Boigny
Camarões	1960	Ahmadu Ahidjo
Chade	1960	François Tombalbaye
Congo	1958	Yulu
Gabão	1960	M'ba
Gana (Costa do Ouro)	1957	N'Krumah
Guiné	1958	Sekou Tourê
Lesoto	1966	Reinado/ Moshoeshoe II

¹⁶³ Entre 1956 e 1966, cerca de 30 países africanos tornaram-se independentes. Para saber mais ver MELO, José Ernesto. Cronologia sobre a História da África Contemporânea (1945-1998). Revista Ciências e Letras FAPA 21/22, África Contemporânea. Porto Alegre: Ed. Ponto e Vírgula. Novembro de 1998, p.329-367 e RIBEIRO, Luiz Dario. Descolonização africana. Revista Ciências e Letras FAPA 21/22, África Contemporânea. Porto Alegre: Ed. Ponto e Vírgula. Novembro de 1998, p.51-72.

Madagascar	1960	Philibert Tsiranana
Malavi	1966	Banda
Mali	1960	Modibo Keita
Marrocos	1956	Reinado/ Sidi Mohamed V
Mauritânia	1960	Moktar Uld Dada
Niger	1960	Hamani Diori
Nigéria/ independente dentro da Comunidade Britânica	1960	Ditadura do tenente-coronel Johnson Aguiye-Ironsi
Quênia/ Independente da Comunidade Britânica	1964	Kenyatta
Republica Centro Africana	1960	David Dacko
Senegal	1960	Leópolo Senghor
Serra Leoa	1961	Siaka Stevens
Sudão	1957	Abud
Tanganica (Tanzania)/ Independente dentro da Comunidade Britânica	1962	Nyerere
Togo	1960	Olympio
Tunísia	1956	Burguiba
Uganda	1962	Apollo Milton Obote/ Primeiro Ministro
Zaire / Congo Belga	1960	Moise Tshombe/ Primeiro Ministro
Zâmbia	1964	Kenneth Kaunda

Fonte consultada: MELO J.E. Cronologia sobre a História da África Contemporânea (1945-1998). Revista Ciências e Letras FAPA 21/22, África Contemporânea. Porto Alegre: Ed. Ponto e Virgula. Novembro de 1998, p.329-367.

Para se ter uma noção da repercussão, em Porto Alegre, das intensas agitações internacionais do período, vejamos o que publica o Jornal Correio do Povo do dia 16 de setembro de 1958 na sua Capa de Abertura anunciava: “Africanos feriram o ministro de informação francês”. Conforme o Jornal:

PARIS – O ministro de informações Jacques Soustelle foi atacado a tiros próximo ao arco do triunfo quando dirigia o seu automóvel pelo Movimento Nacionalista Argelino.(CORREIO DO POVO, PORTO ALEGRE, 16/09/1958, p.01).

O mesmo jornal anunciou um dia depois a seguinte matéria: “Prossegue sem solução o caso de integração escolar de Little Rock”, segundo o Jornal:

O Governador de Arkansas Orval Faubris antecipou a data para realizar uma reunião nesta cidade, sobre a questão da Integração Racial nas escolas, para 27 de setembro até o dia 07 de outubro. O supremo tribunal decidiu que fosse adiada a integração racial, com os estudantes negros matriculados na Escola secundária de Little Rock. (CORREIO DO POVO, PORTO ALEGRE, 17/09/1958, p.01).

Já no dia 20 de setembro de 1958, nas páginas do Jornal Correio do Povo, era anunciada a seguinte manchete: “Proclamada a República Argelina e Formado um governo no Exílio”. Conforme o periódico:

Os rebeldes argelinos proclamaram hoje a República Argelina. O novo governo recebeu o reconhecimento de três nações árabes e a denúncia de Paris, que tachou como “organização artificial” a Frente de Libertação Nacional Argelina (FLC)... o Governo francês considera hostil o reconhecimento do governo argelino por alguma de suas nações amigas....Líbia, Tunísia e Marrocos reconhecem o regime argelino... prejudicadas as relações entre França e países árabes com a formação do governo da Argélia.(CORREIO DO POVO, PORTO ALEGRE, 20/09/1958, p.01).

No quadro econômico nacional, as cidades do Rio de Janeiro e de São Paulo, por contarem com um maior volume de capital e um mercado consumidor crescente, tornam-se líderes de lucros e de empreendimentos, com a posição de frente no processo cultural e político do período desenvolvimentista. Na política, o governo de Juscelino Kubitschek (1956-1961) lança o arrojado Plano de Metas¹⁶⁴ expressando o desejo de modernizar o país nos aspectos sócio-econômico-cultural. (BRUM, 1984, p.72).

Porto Alegre também passou a se destacar em caráter nacional e a rivalizar com as capitais mencionadas, principalmente no âmbito político, já que a mesma havia sido laureada com o Prêmio de Maior Progresso, concedido pelo Palácio do Catete através do IBAM – Instituto Brasileiro de Administração Municipal.¹⁶⁵

¹⁶⁴ O Plano de Metas do governo JK visou intensificar o ritmo de industrialização do país além da construção da nova capital federal, Brasília, no Planalto Central. A aceleração do ritmo de industrialização se deu através da implementação da indústria de bens de consumo duráveis (automóveis, eletrodomésticos), e de bens intermediários (combustíveis líquidos, siderurgia, alumínio, papel e celulose, etc.). A construção de Brasília implicou, também, a construção de uma rede de transportes que interligou a cidade com os principais centros do país. Para saber mais ler BRUM, Argemiro J. em O Desenvolvimento econômico brasileiro, 1984.

¹⁶⁵ Ver Correio do Povo, Porto Alegre ganhou prêmio de maior progresso. Porto Alegre, 24/09/1958, p.22.

Convém analisarmos uma reportagem que saiu no periódico porto-alegrense **Zero-Hora**, datado do dia 13 de fevereiro de 2008. Nesta data Porto Alegre realizava um importante evento, intitulado: “Conferência Mundial sobre o desenvolvimento das cidades”, com a presença de 267 representantes de prefeituras gaúchas e 230 representantes de prefeituras de outros estados e países. O título da matéria era: “Como Porto Alegre se tornou um palco”, e dizia o seguinte:

Desde 2001, a circulação de pessoas por Porto Alegre discutindo grandes temas, como política, religião e educação, não é surpresa para os gaúchos. Foi o Fórum Social Mundial que ajudou a tornar a Capital uma espécie de centro de debates. (ZERO-HORA, PORTO ALEGRE, REPORTAGEM ESPECIAL, 13/02/2008, p.05).

Com relação a este fato é importante demonstrar que muito antes destes acontecimentos, Fórum Social Mundial ou Encontro das Cidades de 2008, para ser mais exato, foi cinquenta anos atrás que Porto Alegre buscou se constituir como um centro nacional e internacional de debates, sendo que localizamos, através da imprensa porto-alegrense, muitos Congressos de *caráter nacional e internacional*, realizados na cidade nos anos 50. Identificamos outras temáticas importantes nestes episódios, além da negra, que merecem destaque e que fizeram da capital gaúcha, a principal do país e, quiçá, da América do Sul no período, em torno dos debates respeitáveis. Em nossas pesquisas, tendo como fonte o jornal Correio do Povo, encontramos vários acontecimentos realizados na capital gaúcha, no mês de setembro de 1950. Entretanto, nenhum destes atingiu tanta repercussão quanto o **Primeiro Congresso Nacional do Negro**.¹⁶⁶

Em nosso país, no campo ideológico deste período, o nacionalismo difundia-se entre amplos grupos sociais, surgindo a consolidação de um “sistema ideológico” com múltiplas vertentes interligadas: neocapitalista, liberal, nacionalista, trabalhista, sindicalista, desenvolvimentista, marxista, etc. (MOTA, 1980, p.156).

Em Porto Alegre, nos anos 50, a cidade vivenciava um período de transformações, com destaque da comunidade negra, iniciavam-se as obras de urbanização decorrentes das políticas

¹⁶⁶ Correio do Povo, Porto Alegre, 02/09/1958, p.11, 02/09/1958, p.12, 09/09/1958, s, Correio do Povo, 21/09/1958, *sp.*, localizamos os seguintes Congressos: V Congresso Brasileiro de Estudantes de Agronomia, Primeiro Congresso Nacional de Dialectologia e Etnografia, Congresso Rural, Congresso Tradicionalista, Primeiro Seminário Brasileiro sobre as indústrias de alimentos, Primeiro Seminário Estudantil Latino-Americano de Psicologia Médica, sendo este último realizado na Faculdade de Medicina de Porto Alegre.

desenvolvimentistas do período, bairros tradicionais negros são desterritorializados entre eles o Areal da Baronesa e a Colônia Africana¹⁶⁷, espaços simbólicos para os negros porto-alegrenses que, após este período, tornam-se espaços valorizados do ponto de vista imobiliário; na falta destes territórios habituais a Rua dos Andradas passou a ser o referencial simbólico e identitário para a comunidade negra. (CAMPOS, 2006, p.26-44).

No Rio Grande do Sul, a população de descendência africana representava 11, 27% da população nos anos quarenta (BASTIDE, 1979, p.68) e, segundo Laudelino Medeiros - professor da UFRGS na época e um dos palestrantes do Primeiro Congresso Nacional do Negro realizado em 1958 -, “quando do último censo a população negra no Estado era de 440.000 almas”, num total de 4.164.821 pessoas.¹⁶⁸

A Sede social da Sociedade Floresta Aurora era localizada na Rua General Lima e Silva nº 316. Entre 1956 e 1957, a coordenação tinha como presidente Heitor Nunes Fraga, que participou da Conferência e Congresso do Negro Brasileiro, ambos realizados no Rio de Janeiro

¹⁶⁷ Sobre o Areal da Baronesa Ver: MATTOS, Jane Rocha de. “Que arraial que nada, aquilo lá é um areal”: O Areal da Baronesa: Imaginário e História (1879-1921). Mestrado em história. PPGH-PUCRS, Porto Alegre, 2000. Segundo a autora: “havia em Porto Alegre, desde os primórdios de sua ocupação, uma cisão entre cidade alta e cidade baixa, sendo a primeira local de moradia das elites e setores abastados da sociedade, e a outra ocupada por habitantes pobres, ex-escravos e escravos de ganho (...) os afro-descendentes ocuparam em Porto Alegre as áreas periféricas, preferencialmente as várzeas (Areal da Baronesa). Que foi descrito por cronistas e memorialistas como um território perigoso e ameaçador...ainda conforme Mattos, 2000, p.28-29: “Com o crescimento econômico e espacial do núcleo inicial da cidade, na ponta da península, houve a retirada contínua dos segmentos empobrecidos da população, dentro da política de higienização e (re)ordenamento espacial, que na sua maioria ocupava os porões e cortiços. Assim, as áreas mais baixas e de terrenos irregulares (como as várzeas), que constituíam a periferia, seriam espaços para a construção de moradias, transformando-se em cortiços ou avenidas...”. Sobre o Areal Ver também: MARQUES, Olavo Ramalho: Etnografia da Avenida Luís Guaranha: Memória, Territorialidade e Identidade Étnica na cidade de Porto Alegre no Rio Grande do Sul. Revista URBANITAS, Ano 2, Vol 2, 03 de dezembro de 2005. Revista de Antropologia Urbana. <http://www.aguaforte.com/osurbanitas3/olavomarques.html/> Acesso em 16/06/2008. Sobre a Colônia Africana, segundo SILVA, 2005, p.19: “A Colônia Africana era povoada por escravos libertos e pelos descendentes. Filhos, netos e bisnetos e assim por diante. Com a construção da Paróquia da Piedade, o bairro começou a evoluir. Foram fundadas sociedades bailantes e futebolísticas, como a Sociedade Rui Barbosa que era dos descendentes de italianos. Naquele tempo, estas sociedades não aceitavam negros. Por esse motivo eles criaram as suas sociedades e suas sedes ou cavernas, nas quais se realizavam seus encontros festivos...no futebol, a Colônia Africana foi um celeiro de craques existindo a liga da canela preta”. Ver SILVA, Jayme Moreira Colônia Africana – Nossa Senhora da Piedade. Porto Alegre, 2005. (Prelo).

¹⁶⁸ Ver Medeiros, Porto Alegre: Diário de Notícias, 18/09/1958, p.11. Sobre os dados demográficos Ver JARDIM, Maria de Lourdes Teixeira, Evolução da População do RS. FEE. www.fee.rs.gov.br/sitefee/download/eeg/1/mesa_6_jardim.pdf Acesso em 02 de junho de 2008.

sob organização do **Teatro Experimental do Negro**.¹⁶⁹ Em 1958, Valter Santos assumia o lugar de Heitor Fraga. A SBFA deixava muitas dívidas para Santos, entre elas 54.000,00 cruzeiros em débitos hipotecários; 18.000,00 cruzeiros no quadro social, além de 1.806,00 cruzeiros de dívidas da copa, geradas por bailes e festas realizados pela entidade.

Heitor Nunes Fraga (1918-x), embora com uma gestão irregular, devido às pendências, merece atenção especial em nossa dissertação, já que era o intelectual *florestino* mais envolvido com as Sociedades de Porto Alegre, do Rio Grande do Sul e do Brasil, uma vez que foi membro do conselho fiscal da **Federação Atlética Rio-Grandense** e da **Federação de Basquete**. Na Federação de Voleibol, foi diretor tesoureiro, tendo sido convidado de honra na delegação da Confederação Brasileira de Voleibol para um torneio no Chile. Tinha um currículo respeitável, também sendo um dos fundadores do **Clube Náutico Marcílio Dias** de Porto Alegre e o seu primeiro Presidente.¹⁷⁰

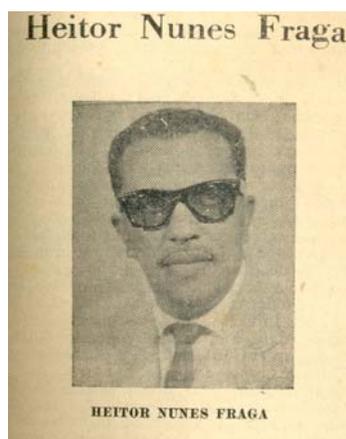


Imagem 8 – Registro Jornal AURORA, órgão oficial da SBFA. Ano 2, nº2- Mensal, junho de 1968, *sp.*

¹⁶⁹ Ver as suas participações nas Convenções e Congressos, analisados anteriormente neste trabalho. Inclusive na Conferência realizada no Rio ele foi acompanhado do também gaúcho Prof. Dante de Laytano.

¹⁷⁰ Maiores informações sobre Heitor Nunes Fraga ver Jornal AURORA, órgão oficial da SBFA. Ano 2, nº2- Mensal, junho de 1968, *sp.* Sobre o Clube Náutico Marcílio Dias, foi fundado em 04 de julho de 1949, na cidade de Porto Alegre. Era uma organização negra criada com finalidade esportiva. Em sua sede praticava-se o remo, natação e atletismo. Para saber mais desta organização ler: Lucia Regina Brito Pereira, em sua tese de Doutorado intitulada: Cultura e Afrodescendência: organizações negras e suas estratégias educacionais em Porto Alegre (1872-2002), p.138-150.

Ao assumir a Presidência da Floresta Aurora, Valter Santos passou a criar laços com a Sociedade negra porto-alegrense **Satélite Prontidão**.¹⁷¹ Em conjunto, realizaram importantes bailes de debutantes para meninas moças da comunidade negra porto-alegrense. Parte das quantias arrecadadas com as danças era utilizada como forma de adquirir recursos para a manutenção da Sociedade, sendo naquele momento também empregada para o pagamento dos credores.¹⁷²

“As atividades sociais como os Bailes de Debutantes eram acontecimentos importantes nesta Sociedade negra”, segundo Júlio Soares¹⁷³, que exerceu a presidência da entidade por cinco vezes - o eleito como o Presidente que mais tempo exerceu esta função na organização - nos biênios de 1954-1955, 1960-1961, 1962-1963, 1964-1965 e 1968-1969, para ele, estas atividades eram de importante grandeza.

Conforme reportagem localizada na Revista do Globo do dia 12 de janeiro de 1957, sob o seguinte título, “Debutantes de Ébano” a SBFA foi pioneira no Brasil neste tipo de atividades:

Quando findava o ano de 1956, a Sociedade Floresta Aurora, (fundada antes da Abolição da Escravatura) lançou as suas debutantes numa festa inédita entre a gente de cor de nosso país. Pela primeira vez na história do Brasil, realizou-se um baile de debutantes da gente de cor. O gril-room da boite “Mil e Uma Noites” apresentou-se em grande gala na noite em que a nossa mais tradicional (e uma das mais antigas do Brasil) sociedade *colored*, a Sociedade Floresta Aurora, lançava os seus brotos para este ano. Com 84 anos de existência fundada pois, antes da Abolição da Escravatura, a colônia afro-brasileira deu a reconhecer os progressos alcançados nestes últimos anos e a esperança da remissão total do elemento negro...foi o maior acontecimento social de gente de cor jamais acontecido no Estado.¹⁷⁴

¹⁷¹ A Sociedade Cultural Beneficente Satélite Prontidão provém da fusão das Sociedades Negras Satélite Porto-Alegrense, fundada em 1902, com a Sociedade Cultural Carnavalesca Prontidão, fundada em 1925. No ano de 1956, com a fusão das duas organizações, tornou-se a atual Sociedade Cultural Beneficente Satélite Prontidão Para saber mais sobre esta organização Ver: Lucia Regina Brito Pereira, em sua tese de Doutorado intitulada: Cultura e Afrodescendência: organizações negras e suas estratégias educacionais em Porto Alegre (1872-2002), p.132-137.

¹⁷² As fontes consultadas são as ATAS de reuniões da Sociedade Floresta Aurora, de número 234 a 243, de janeiro a abril de 1958.

¹⁷³ Correspondência enviada por ele para o quadro administrativo e associados da entidade; 30/10/1965. Acervo José Domingos.

¹⁷⁴ Ver REVISTA DO GLOBO, 1957, p.46-49. Na revista são localizadas oito fotografias que demonstram o *glamour* daquela noite. Fotos registradas pelo meu amigo, Sr. Léo Guerreiro, que muito me ensina em sua juventude aos 78 anos. A reportagem foi escrita por Nélcio Macedo.

Temos uma contribuição em nossas pesquisas utilizando as fontes de “escrita de si”¹⁷⁵, ou seja, correspondências de Júlio Soares, no acervo particular do Sr. José Domingos Silveira Alves¹⁷⁶, sobre as atividades sociais da entidade. Nessas cartas foi possível localizar convites, chamadas de reuniões, demonstrativos e prestações de contas, redigidos pelos presidentes e pela diretoria em exercício da entidade entre os anos de 1960 e 1970.

No total foram encontrados neste acervo particular 23 documentos, divididos da seguinte forma: 10 convites para festas, 5 convocações para reuniões, 4 circulares e 4 correspondências relatórios de ex-presidentes informando aos associados sobre suas gestões.

A correspondência, que será utilizada por nós como fonte das diligências sociais da entidade, foi escrita por Júlio Soares no dia 30 de outubro de 1965, onde ficou evidenciada a intensidade das ações desta organização negra porto-alegrense. Conforme palavras de Julio Soares:

Socialmente falando, destacou-se a Floresta Aurora com a realização de seis bailes de debutantes, todos eles num crescente de magnitude e beleza. Não esquecemos dos 25 casamentos, todos pertencentes ao quadro social, 8 aniversários de 15 anos; 2 bodas de pratas, e finalizando não podemos deixar de lembrar o coquetel oferecido a Miss Guanabara – Sra. Vera Lúcia, que contou com a presença do Exmo Sr. Governador do Estado, na pessoa de seu representante- Chefe da Casa Civil, e demais autoridades, tais como: Presidente da Assembléia Legislativa do Estado, Prefeito Municipal de Porto Alegre, Presidente da Câmara de Vereadores e, também, a Srta. Tânia Lupo – Miss Rio Grande do Sul e representantes das co-irmãs... (JÚLIO SOARES, 30/10/1965).

Retornando para o ano de 1958, empossado Valter Santos, a sua administração passou a intensificar os contatos em outras esferas da sociedade gaúcha e do eixo Rio-São Paulo. A

¹⁷⁵ GOMES, Ângela de Castro (org). Escrita de si, escrita da História. Rio de Janeiro: FGV, 2004, p.11.

¹⁷⁶ O senhor José Domingos Silveira Alves tem 74 anos de idade e é casado com a Dona Sema. Conhecido como o “catador de papéis”. Reside em Viamão, onde mantém um acervo com mais de 50.000 recortes de jornais. O seu José é associado da Sociedade Floresta Aurora desde a década de 1950. A partir do momento que eu o conheci, em uma atividade organizada pelo grupo de pesquisa ao qual pertencço, o GT Negros-ANPUHRs, a minha vida e as minhas pesquisas ganharam um grande incentivo sentimental e profissional. Para saber mais do seu José e de seu importante acervo Ver: Pereira, Lúcia Regina Brito Pereira. Estratégias Negras e Educação. Porto Alegre: VI Congresso Internacional de Estudos Ibero-Americanos – PUCRS, 2006.

entidade teve as suas relações alargadas o que possibilitou a sua contribuição na situação político-social e cultural, além da comunidade negra porto-alegrense, também para os negros gaúchos e brasileiros.

A partir deste momento acreditamos que a Sociedade Floresta Aurora, em nossa análise, à luz do pensamento de Gramsci, tornou-se um *partido orgânico*, pois passa a representar os interesses de seu grupo social, o que veio resultar na busca de um consentimento com outros grupos visando os seus interesses e o de seus pares.¹⁷⁷

Pensamos nesta hipótese a partir da admiração que as Sociedades Negras do Rio Grande do Sul e do Brasil tinham pela Sociedade Floresta Aurora. Por isso ela tornou-se um exemplo a ser seguido pelas coirmãs. Mas jamais queremos afirmar que nos quadros administrativos desta Sociedade todos pensavam da mesma maneira, visto que as visões antagônicas permeiam qualquer agremiação, o que ficou nítido no seio da Sociedade por ocasião de um acontecimento publicado “A PEDIDO” quatro vezes no jornal Folha da Tarde, entre os dias 01, 02, 03 e 04 de outubro de 1962, em que Valter Santos defende Fernando Ferrari, político do PTB, sobre a acusação de racismo que ele estava sendo acusado pelos outros membros da Sociedade; José da Silva Conceição, Eurico Silva e Júlio Soares. Segundo estes três integrantes da SBFA e que participaram da organização do “Oásis” de Porto Alegre, quando a associação foi buscar apoio de Ferrari no Rio de Janeiro para a realização do Congresso, Fernando Ferrari então líder da Bancada do PTB no Rio de Janeiro, e próximo ao vice Presidente João Goulart, teria dito para a delegação da Floresta Aurora: “O que quer esta negrada atrás de mim”.¹⁷⁸

Valter Santos contava, nos quadros administrativos da sociedade, com os conselheiros Júlio Soares, ex-presidente por cinco vezes da Sociedade, Rio Grandino Machado, Dalmiro Lemos, ex-presidente da sociedade entre os anos de 1942 a 1945, Rui Santos, Eurico Souza, também ex-presidente da sociedade no biênio de 1949-1950, além dos conselheiros: Flávio Silva,

¹⁷⁷ Um Partido orgânico fazem abstração da ação política imediata: constituído por uma elite de homens de cultura, que tem a função de dirigir do ponto de vista da cultura as massas. Para saber ver GRAMSCI, 1980, p.23

¹⁷⁸ Ver colunas “A Pedido” dos dias 01, 02, 03 e 04 de outubro de 1962, Porto Alegre, Folha da Tarde. Fernando Ferrari (1921-1963) foi Deputado Federal e Senador pelo PTB. Faleceu em um acidente aéreo no alto do Morro do Chimarrão em Torres-RS. Na ocasião, além dele, morreram Airton Braga, piloto do avião, e Juan Macedo Coelho, também político vinculado ao PTB. Ver Correio do Povo, ECHENQUE, Silvio da Cunha, 27/05/1963.

Edson Couto e Armando Temperani, sendo este último deputado estadual pelo **PTB** e Presidente da Comissão de Justiça da Assembléia Legislativa do Estado.¹⁷⁹

Eles iniciam uma nova etapa *florestina*¹⁸⁰ tendo como principal meta o ressurgimento¹⁸¹ material, social e político da então octogenária Sociedade (1872-1958), na época. Antes e após a posse, a nova diretoria encontrava uma sociedade em crise, mas ainda com prestígio.

Sob a liderança de Valter Santos, o grupo dirigente da Sociedade passou a delinear dois interesses considerados fundamentais para o soerguimento da entidade:

- 1) Coletivo: a alfabetização e integração da comunidade negra, e que ia ao encontro da realização do **Primeiro Congresso Nacional do Negro**;
- 2) Individual da organização: a reforma de sua Sede Social, considerada pequena pelos seus conselheiros para as suas atividades sociais.

O primeiro interesse; de nível coletivo, visava à melhoria na condição social da comunidade negra que ainda sofria com a falta de educação o que dificultava a sua integração na sociedade brasileira.¹⁸² E o segundo interesse foi notado através das atas de reuniões da entidade que visava a reforma de sua sede social.¹⁸³

¹⁷⁹ As datas referentes à legislatura de cada presidente, conforme citado anteriormente, são localizadas na atual sede da Sociedade Floresta Aurora, situada na Av. Cel. Marcos nº527, na cidade de Porto Alegre. Na entidade existe uma galeria de fotos com os respectivos presidentes e os anos dos mandatos, desde 1932 até os dias atuais. Já as informações sobre o Deputado Armando Temperani encontramos no Arquivo da Assembléia Legislativa do Rio Grande do Sul.

¹⁸⁰ Este termo (florestina) foi achado no Jornal Folha da Tarde, datado de Janeiro de 1969. Em uma matéria intitulada: “Floresta Aurora espera os 100 anos”. Nesta matéria estava sendo noticiada a construção de uma nova sede para a entidade, que estava prestes a completar o seu Centenário. Na matéria dizia: “que a direção *florestina* pretendia construir em sua sede nova piscina, canchas para jogos e ginásio...”. Ler matéria completa no Jornal Folha da Tarde, Porto Alegre, 13 de janeiro de 1969, p.central.

¹⁸¹ Ressurgimento aqui é utilizado como forma de demonstrar a elevação material e social proposta pela nova direção da entidade, a reestruturação da organização depois de um momento de crise. Ascensão, elevação e integração são termos utilizados pelas Sociedades Negras para demonstrar que os seus objetivos principais visam as melhoras nas condições materiais e sociais do grupo. Ver estatutos da Frente Negra Brasileira. BARBOSA, 1998, p.110-111.

¹⁸² Demonstrados nos três objetivos do Congresso: A necessidade de alfabetização frente à situação atual do Brasil; A situação do homem de cor na sociedade; O papel histórico do negro no Brasil e em outros países.

¹⁸³ Na ATA de reuniões nº 236, datada do dia 14 de janeiro de 1958, o conselheiro da Sociedade Sr. Dalmiro Lemos, ex-presidente no biênio 1942-1945, propunha o seguinte projeto para os *florestinos*: a ampliação da sede social.

Atualizaremos nesta pesquisa o primeiro interesse coletivo da organização, a realização do Primeiro Congresso Nacional do Negro, através da reunião de informações originais sobre este episódio.

Como realizar um evento dessa envergadura sem dinheiro? Nas ATAS das reuniões localizadas no acervo da Sociedade tornou-se possível detectar os indícios de como surgiram as possibilidades do conclave.

Através dos relacionamentos políticos, empresariais, com setores da imprensa local e nacional, e entidades negras do Estado e do Brasil, além de uma ampla campanha arrecadatória entre os membros da entidade, lideradas pelos conselheiros: Julio Soares, Dalmiro Lemos, Edson Couto e Flavio Silva, a entidade passou a buscar alternativas para viabilizar a realização do Congresso.

Na ata nº 234, datada do dia 05 de janeiro de 1958, o conselheiro Rui Santos propunha um projeto visando uma ampla campanha para buscar sócios, além do aumento da mensalidade dos sócios efetivos; já o conselheiro Edson Couto (ATA, 235, 07/01/1958) confirmou que “seriam concedidas maiores facilidades aos novos associados”.

Consta em ATA que o conselheiro Eurico Souza sugeriu que fosse oferecido, por parte da entidade, um coquetel ao Prefeito de Porto Alegre, Leonel Brizola (1922-2004) e a sua esposa, além da realização de um torneio de futebol entre as organizações negras do Estado do Rio Grande do Sul como forma de manter entrosadas as associações negras regionais.¹⁸⁴

Após os possíveis contatos com o Prefeito da capital gaúcha, no mês de junho, o Presidente da **SBFA**, Sr. Valter Santos e o conselheiro Eurico Souza viajaram para o Rio de Janeiro com o objetivo de conseguir apoio do Presidente da República Sr. Juscelino Kubitschek.¹⁸⁵

Quanto ao auxílio financeiro, como vimos, um dos maiores problemas para a realização do evento, foi combinado patrocínio através dos apoios dos Governos estadual e municipal, que assinaram decretos para a liberação de verbas para a SBFA em virtude da preparação das atividades do Primeiro Congresso Nacional do Negro.

¹⁸⁴ Ata 248, 20 de maio de 1958.

¹⁸⁵ Informações localizadas na ATA 251, de 08 de junho de 1958.

O apoio do Governo do Estado do Rio Grande do Sul ocorreu mediante o Decreto nº 9267, datado de 19 de agosto de 1958, assinado pelo então Governador do Estado Ildo Meneghetti (1895-1980), no qual autorizou a liberação de 60.000 cruzeiros para a entidade.¹⁸⁶

DECRETO Nº 9297, DE 19 DE AGOSTO DE 1958	
Concede auxílios	
GOVERNADOR DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL no uso de que lhe confere o art.37, inciso XVI, da Constituição do	
DECRETA:	
São concedidos, nos termos do art. 1º, item I letra b, de 27 de dezembro de 1957, os seguintes auxílios:	
	Cr\$
Sociedade Recreativa e Beneficente Floresta Aurora	60.000,00
Sociedade Recreativa e Beneficente do Morro de Santa	10.000,00
Porto Alegre	
Sociedade São Luiz, de Porto Alegre	10.000,00
Sociedade Nossa Senhora da Piedade, Porto Alegre	10.000,00
Sociedade Nossa Sra.Imaculada Porto Alegre	10.000,00
	100.000,00
A despesa ocorrerá à conta do crédito aberto pelo decreto de 02 de dezembro de 1957.	
Revogam-se as disposições em contrário.	
PIRATINI, em Porto Alegre, 19 de agosto de 1958.	
	ILDO MENEGETTI
Governador do Estado	Adroaldo Mesquita da Costa
Secretário de Educação e Cultura	Galeno Verissimo da Fonseca
Secretário da Fazenda	

Diário Oficial do Estado do Rio Grande do Sul nº327, do dia 20 de agosto de 1958.

É importante observar, no Decreto apresentado acima, que a SBFA recebeu do Estado seis vezes mais dinheiro do que as Sociedades São Luiz, Nossa Senhora da Piedade e Nossa Sra. Imaculada. Isto demonstra que o “oásis” de Porto Alegre foi formado por um amplo conjunto de apoios formados pelos poderes públicos constituídos.

Outra fonte sobre a liberação de recursos, além desse decreto, localiza-se na ata de nº 262 encontrada no acervo da Sociedade Floresta Aurora, no documento consta à captação de 70.000,00 cruzeiros doados da Prefeitura Municipal de Porto Alegre, para a organização.

Nas ATAS pesquisadas também foi possível encontrar a adesão de empresas privadas ao Congresso dos quais citam-se: Rede Mineira de Aviação, Rádio Farroupilha, Indústria de Refrigerantes Pepsi Cola.¹⁸⁷

¹⁸⁶ Ver Diário Oficial do Estado do Rio Grande do Sul, nº 327, 20 de agosto de 1958.s.p. Ildo Meneguetti foi Governador do RS em duas oportunidades, nos biênios 1955-1959 e 1962-1966.

¹⁸⁷ ATAS de reuniões da SBFA de números 255 e 263, datadas de 06 de julho e 12 de outubro de 1958.

Em reuniões realizadas na sede da Sociedade ficou firmado o apoio entre a **Empresa Jornalística Caldas Júnior** e os organizadores do **Primeiro Congresso Nacional do Negro**. Como consta em ATAS registradas e localizadas no acervo da entidade. (ATA nº 252 / Porto Alegre/ Julho de 1958/ sp).¹⁸⁸

Portanto, através do apoio dos jornais **Correio do Povo** e **Folha da Tarde** - ambos em 1958 faziam parte da **Empresa Jornalística Caldas Júnior** -, a **Sociedade Floresta Aurora** conseguiria repercussão nacional para o Congresso, já que essa empresa tinha escritórios nas duas principais cidades brasileiras do período, São Paulo e Rio de Janeiro.

As Sociedades de Porto Alegre Satélite Prontidão e o Clube Náutico Marcílio Dias, a Sociedade Renascença Clube, da cidade do Rio de Janeiro, a Sociedade Laços de Ouro, de Uruguaiana, Associação José do Patrocínio, de Belo Horizonte, a Sociedade Estrela do Oriente, de Rio Grande e a Sociedade Sírio Libanesa, receberem agradecimentos pela adesão prestada à realização do Primeiro Congresso Nacional do Negro.¹⁸⁹

Contando com o apoio político e financeiro do Governo Federal, Estadual e Municipal, contatos políticos com o **PTB**, de empresas privadas de porte, a Empresa Jornalística Caldas Júnior, com o apoio de organizações negras do interior do estado e de outras sociedades do Brasil, estavam definidas as condições para a execução do encontro de Porto Alegre.

Conforme o Jornal **Folha da Tarde** de Porto Alegre “Contando com a adesão das sociedades que reúnem os negros de todo o Brasil, o Congresso reuniu representantes de São Paulo, Rio de Janeiro, Paraná, Santa Catarina e vários outros, cujas delegações já estão chegando a Porto Alegre. Na sua instalação contou com grande afluência de público”. (FOLHA DA TARDE, 13/09/1958, p.5).

O Congresso de Porto Alegre pode ser considerado como um oásis da maior relevância para a melhor compreensão de como vinham se estabelecendo as relações entre os *intelectuais*

¹⁸⁸ O relacionamento entre as Empresas Jornalísticas Caldas Jr e a comunidade negra existia desde a fundação da empresa datada de 1º de outubro de 1895, por Caldas Júnior. Na ocasião, o jornalista negro José Paulino de Azurenha (1861-1909), era um dos principais redatores do **Correio do Povo**, “tendo chegado a participar da fundação do jornal junto com Caldas Júnior em 1895”.(LAZZARI, 1998). Ver: GOMES, Arilson dos Santos. Visibilidade negra: informações e imagens em três jornais de Porto Alegre sobre o Primeiro Congresso Nacional do Negro no ano de 1958. V Mostra APERS. Porto Alegre, CORAG, 2007, p.195-209.

¹⁸⁹ ATAS 263, 12 de outubro de 1958. Localizam-se essas entidades devido à relação de correspondências que deveriam ser enviadas, em forma de agradecimentos, as sociedades presentes ao Congresso de Porto Alegre.

negros e brancos em torno da temática negra e afro-brasileira, pois, a partir deste momento, a elas se agrega um ingrediente: “os interesses de grupos políticos e partidários” em prol de sua realização. Os Congressos analisados se delinearam da seguinte forma:

- 1) Primeiro Congresso Afro-Brasileiro, efetivado em Recife – aspecto cultural;
- 2) Segundo Congresso Afro-Brasileiro, realizado em Salvador – aspecto cultural;
- 3) Convenções e Conferencia Nacional do Negro; realizadas no Rio de Janeiro e em São Paulo – aspecto social;
- 4) Primeiro Congresso do Negro Brasileiro, concretizado no Rio de Janeiro – aspecto social.

Quais os locais e quem foram os palestrantes convidados para apresentar pesquisas no **Primeiro Congresso Nacional do Negro** de Porto Alegre? Conforme informações localizadas em ATAS, os conselheiros da **SBFA** acertavam diretamente, a partir de visitas e por correspondências, a vinda de palestrantes para apresentar suas teses nas atividades do encontro.

Nelas são citados o Embaixador do Haiti, “o Dr. Ralfh Bunch, ilustre negro norte-americano delegado dos E.U.A junto à ONU”, Prof. Dr. Dante Laytano e o Prof. Dr. Dario Bitencourt, ambos da UFRGS.



IMAGEM - 9

Ralph Johnson Bunche (1904-1971)

Fonte: <http://en.wikipedia.org/wiki/image:bunche.jpg>

O Dr. Ralph Johnson Bunche (1904-1971), era muito citado no *Jornal Quilombo*, periódico oficial do **TEN**. No tablóide localizamos a seguinte matéria sobre ele:

Doutor em Filosofia e neto de escravos, o Doutor Ralph Bunche acaba de ser condecorado, em New York, pelo êxito que obteve como mediador da ONU na Guerra entre árabes e judeus, na Palestina. (QUILOMBO, RIO DE JANEIRO, 1949, ANO 1, Nº2, p.03).¹⁹⁰

Embora não citados nas ATAS, localizamos em registros da imprensa porto-alegrense os seguintes palestrantes deste *congresso*: Dr. Luiz Lesseigner de Faria, Dr. Darci Conde Salgado, Dr. Manoel Luiz Leão, Presidente da SBFA, Valter Santos, Bacharel Armando Hipólito dos Santos, Sr. Divino Ferreira, Professor Gilberto Jorge Gonçalves da Silva, Dr. Laudelino Medeiros, Manoelito Ferreira, Professora Vera Bandeira Marques, Professor Dr. Justimiano Espírito Santo, Radialista Abel Gonçalves, Deputado e Professor Armando Temperani Pereira, Dr. J.P. Coelho de Souza, Dr. Hélio Carlomagno, Professor José Maria Rodrigues, Jornalista Arquymedes Fortini e o conselheiro da SBFA, Sr. Edson Couto.¹⁹¹ Quanto à presença de Ralph Bunche no evento nada foi de fato localizado, embora sua vinda tenha sido anunciada nas reuniões preparatórias do encontro.

Na realidade, podem-se construir cinco perfis de palestrantes representados nas atividades do Congresso de Porto Alegre, principalmente se prestarmos atenção quanto às instituições dos convidados.

- 1) O perfil do palestrante vinculado à Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como Laudelino Medeiros, Dario Bittencourt e Dante Laytano;
- 2) O do palestrante vinculado à UFRGS, especificamente ao Curso de Engenharia da Universidade, o mesmo Curso em que se formou Leonel de Moura Brizola, como Manoel Luiz Leão, Luiz Lesseigner de Faria e Darci Conde Salgado;
- 3) O do palestrante vinculado à organização negra líder do encontro, a Sociedade Floresta Aurora, sendo os mesmos localizados como palestrantes e mediadores como Edson Couto e Manoelito Ferreira;

¹⁹⁰ São localizadas matérias no Jornal Quilombo, sobre Ralph Bunche nos números, 3, p.03 e 07, nº4, p.1 e 11, nº5, p.9, nº7, p.3 e nº9, p.3.

¹⁹¹ Estes nomes foram coletados através de pesquisas realizadas no Museu de Comunicação social Hipólito José da Costa, Arquivo Particular do Sr. José Domingos Alves da Silveira, e no Centro de Pesquisas Correio do Povo. Foram consultados os seguintes jornais: A Hora, Porto Alegre, dia 15, 18 e 19/09/1958, Correio do Povo, Porto Alegre, dia 16, 18 e 20/09/1958, Diário de Notícias, Porto Alegre, dia 18 de setembro de 1958, Folha da Tarde, Porto Alegre, dia 15, 18 e 19 setembro de 1958, Revista do Globo número 727, outubro de 1958.

- 4) O político partidário, em sua grande maioria filiado ao PTB, sendo, estes participantes localizados, praticamente, em todos os dias do encontro, como Armando Temparani Pereira.
- 5) O quinto e último perfil localizado foi a do palestrante jornalista, este representando a Imprensa gaúcha e brasileira, como Arquymedis Fortini e Abel Gonçalves.

Quanto aos participantes de outras localidades, localizamos evidências de que os mesmos participaram como ouvintes. Ou seja, este Congresso, embora sendo de *caráter nacional*, teve uma organização nitidamente regional, gaúcha, porto-alegrense.

Quais os intelectuais negros que participaram como conferencistas nas atividades? Além do Prof. Dr. Dario Bittencourt¹⁹², Edson Couto e Valter Santos, outros dois intelectuais negros de destaque na sociedade porto-alegrense estiveram no encontro, o Prof. da UFRGS José Maria Rodrigues (1918-1970) e o Bacharel e advogado Armando Hipólito dos Santos, que foi Presidente da SBFA entre 1932 e 1934.



IMAGEM - 10

Professor José Maria Rodrigues.

Fonte: Irene Santos, Negro em Preto e Branco, Acervo Oliveira Silveira, Porto Alegre, Fumproarte, 2005, p.65.
Falou sobre os pontos importantes do congresso.



IMAGEM - 11

Bacharel e Advogado Armando Hipólito dos Santos

Fonte: Irene Santos, Negro em Preto e Branco, Acervo Oliveira Silveira, Porto Alegre, Fumproarte, 2005, p.64.
Conferenciou sobre: Objetivos do Congresso Nacional do Negro.

Que pesquisas e trabalhos foram apresentados nos seis dias de *encontro*? Na ata nº 260, de agosto de 1958, encontramos as seguintes sugestões de trabalhos: “A integração biológica no Brasil e a Alma não tem cor”.

¹⁹² Dario Bittencourt (1901-1974) foi intelectual católico, advogado trabalhista e militante integralista. Segundo BARRERAS (1998, p.14) Dario Bittencourt representava duas vertentes da cultura gaúcha: o castilhismo positivista e a Igreja Católica, além de um desdobramento “peculiar”, o integralismo. Para a autora a matriz geral do castilhismo positivista, do integralismo e do discurso católico é a mesma: a busca incessante da ordem. Dario era neto de Aurélio Vírissimo Bittencourt, secretário particular de Julio de Castilhos, chefe do PRR no início do século XX.

A programação diária do **Primeiro Congresso Nacional do Negro** pode ser visualizada através de imagens feitas pela imprensa porto-alegrense, sobre as atividades, os espaços físicos, os participantes e temas que foram apresentados, entre os dias 14 a 19 de setembro de 1958.

No dia 14 de setembro, Valter Santos apresentou o trabalho intitulado: “Historiando a Fundação da Sociedade Floresta Aurora”. No mesmo dia, Armando Hipólito dos Santos, que foi presidente nos anos de 1932-1934 da entidade, falou sobre “os objetivos do Congresso Nacional do Negro”, Já Divino Ferreira explicou o papel importante do homem negro não só nas letras, como nas artes e na atividade política e trabalho. Dante de Laytano, que realizou uma viagem ao continente africano dois meses antes do congresso, proferiu duas palestras, uma nesse mesmo dia 14, relatando “o modo de vida e aspectos sociais e geográficos de determinadas regiões africanas” e outra, no dia 18 de setembro, sobre “os negros ilustres que viveram no Brasil nos séculos XVIII e XIX”. As atividades de abertura do congresso ocorreram na Câmara de Vereadores da cidade de Porto Alegre.



IMAGEM - 12

Da esquerda para a direita. Em pé Valter Santos palestrando sobre a História da Floresta Aurora, na seqüência Dr. Legsiner de Farias, Dr. Darcy Conde Salgado e Manoel Luis Leão. Imagem Revista do Globo 2ªquinz.OUT.1958, p.86-87.



IMAGEM - 13

Prof. Dr. Dante Laytano palestrando sobre o continente africano. Fotografia Folha da Tarde do dia 15/09/1958, p.14.

No dia 15 de setembro, já com as diligências sendo realizadas no salão de festas da sociedade, palestrou Laudelino Medeiros, abordando o tema “Governo, Educação e Cultura”.



IMAGEM - 14

Manoel Ferreira, Prof. Vera Bandeira Marques, o Presidente da Floresta Aurora e líder Anfitrião do Congresso Sr. Valter Santos, Dr. Conde Salgado, de cabeça baixa o palestrante Prof. Laudelino Medeiros, que conferenciou sobre Governo, Educação e Cultura, e de braços cruzados, na ponta direita, o Coronel Théófilo de Barros
Registro da Revista do Globo página 86.2ª quinz.Out.1958, p.86-87.

Dia 16 de setembro palestraram a Professora Vera Bandeira Marques, única mulher¹⁹³ a falar no encontro, Justimiano Espírito Santo e o radialista Abel Gonçalves. Já em 17 de setembro, ainda com as atividades ocorrendo nos salões de festas da sociedade, palestraram Doutor Darcy Conde Salgado, o Professor Dario Bittencourt e o político e conselheiro da sociedade, Armando Temperani Pereira. Também nesta mesa estava presente Manoel Ferreira, que foi presidente da Sociedade no biênio de 1935-1936.

As atividades realizadas no dia 18 de setembro ocorreram na parte da tarde, na sociedade Floresta Aurora e, à noite, retornaram para a Câmara de Vereadores de Porto Alegre. Nesse dia palestraram, nos salões de festa da sociedade, o político Coelho de Souza, que era Secretário de

¹⁹³ Localizamos Vera Bandeira Marques como a única mulher a participar das palestras do Congresso Nacional do Negro de 1958, de Porto Alegre. Mas, anteriormente, as mulheres já estavam nos encontros. Nos outros localizamos: em 1934, no primeiro congresso afro-brasileiro, a viúva Augusta Moreira. O trabalho apresentado era: “Juliano Moreira e o problema do negro e do mestiço no Brasil”; nesta pesquisa a “autora” procurou abordar as diversas pesquisas realizadas pelo médico falecido e seu ex-marido, Juliano Moreira (PAZ, 2006, p.55). Neste congresso a comunicação: “Receitas de quitutes afro-brasileiros” foi apresentada pela Ialorixá Santa. No congresso afro-brasileiro de 1937, Mãe Aninha foi destaque; participou das atividades apresentando “um pequeno trabalho sobre quitutes afro-baianos”. Foi uma das articuladoras e fundadoras da União das Seitas Afro-Brasileiras da Bahia. Na Conferência do negro de 1949, participaram Ironildes Rodrigues, falou da “alfabetização de Machado de Assis e de Lima Barreto”. Elza Soares Ribeiro, chefe do setor trabalhista da Rádio Mauá e da Seção de empregos do SESI, falou sobre: “Os preconceitos de cor nos contratos de trabalho”. Dra Guiomar de Matos relatou sobre “os problemas femininos” e Nilza Conceição, sobre “a situação do estudante secundário de cor”. (Jornal “Quilombo”, datado de Junho de 1949, p.07), no Primeiro Congresso do Negro Brasileiro de 1950, tivemos a participação de Ironildes Rodrigues, atriz do TEN, que explicou que “o negro, em consequência de atributos específicos de raça, tem uma sensibilidade hiper-desenvolvida, que o predestina à música, à poesia, à literatura, à dança, ao canto, em sua, às artes”. (apud L.C PINTO, 1953, p.296).

Educação do Estado do RS, novamente Armando Temperani Pereira, Darcy Conde Salgado, Doutor Hélio Carlomagno e o Professor Dante Laytano, realizando sua segunda participação no encontro agora falando sobre os negros ilustres do Brasil.

Aliás, Dante Laytano foi o gaúcho mais envolvido nas atividades de *caráter nacional* sobre a temática negra, sendo evidenciada a sua presença nas atividades do Segundo Congresso Afro-Brasileiro, da Conferência do Negro e no Primeiro Congresso do Negro Brasileiro. Outro gaúcho foi Dario Bittencourt, que além da presença em sua cidade natal, Porto Alegre também participou com Laytano do Segundo Congresso Afro-Brasileiro, realizado em Salvador, na Bahia. Quanto a Heitor Nunes Fraga, importante representante da Sociedade Floresta Aurora, foi localizada a sua participação na Conferência e no Primeiro Congresso do Negro Brasileiro, ambos no Rio de Janeiro.

Antes de continuarmos na atualização das atividades diárias deste encontro, destacaremos dois palestrantes: J.P Coelho de Souza e Hélio Carlomagno, que eram de Partidos Políticos opositores ao Estado, PTB e PSD, e estiveram nas ações do Congresso, o que demonstra a importância deste conclave para o Estado do Rio Grande do Sul.

J.P. Coelho de Souza era, na época, o Secretário de Educação do Município de Porto Alegre, e também um tradicional político vinculado ao PTB, pois, conforme Suelen de Lima e Eleomar Tambara, que pesquisaram este político e a nacionalização do ensino no Rio Grande do Sul:

No ano de 1937, tendo como Secretário de Educação e Cultura J. P. Coelho de Souza, o Rio Grande do Sul procurou instalar a campanha de nacionalização do ensino, objetivando a unidade cultural pelo uso da língua pátria, pelo ensino da geografia e história brasileiras e pela instrução moral e cívica. A partir de abril de 1938, foi decretado o registro e a nacionalização das escolas particulares na Secretaria de Educação, sendo que o número de registros obtidos foi de 2.418 instituições. Segundo J. P. Coelho de Souza em sua obra *Denúncia*, a campanha de nacionalização do ensino no Rio Grande do Sul se deu através de medidas preventivas e medidas repressivas. As medidas preventivas envolveram a ação escolar e extra-escolar. (BACH, SUELEN DE LIMA; TAMBARA, ELOMAR, 2006, p.3).

J. P. Coelho de Souza foi o responsável pela nacionalização do ensino no Rio Grande do Sul na época do Estado Novo, sendo, inclusive, o responsável pelo fechamento de escolas alemãs

no RS, por ocasião da II Guerra Mundial. A sua participação e a de seu Partido no Congresso evidenciou a ideologia nacionalista no encontro.¹⁹⁴

Segundo Bach e Tambara:

O movimento político-social nacionalista associava-se a uma veemente preocupação com a educação, a qual se refletia em um esforço de combater o analfabetismo da população e de difundir a escola primária “integral”. Entretanto, essa ação visava transformar a escola, basicamente o ensino primário, em um instrumento difusor dos objetivos nacionalistas. A partir de 1930, com a política do Estado Novo, radicalizou-se a ação nacionalista e o âmbito educacional foi visto, mais do que nunca, como via de entrada para a construção da nacionalidade brasileira. No projeto do governo ditatorial, o Ministério de Educação buscava valorizar e resgatar a cultura e os valores nacionais, através de diversas medidas que objetivavam a integração das comunidades étnicas à Nação. (BACH, SUELEN DE LIMA; TAMBARA, ELOMAR, 2006, p.3).

Hélio Carlomagno era Deputado Estadual pelo PSD, na legislatura de 1955 até 1959, mas na época do Congresso foi nomeado Secretário do Interior e Justiça do Rio Grande do Sul, pelo governador do mesmo partido, Ildo Meneguetti. Obviamente, destaca-se uma forte presença do PTB no Congresso, mas houve esta participação singela, mas muito considerável do PSD, pois ela caracterizou o tom do encontro como oásis democrático, embora mais sintonizado com os interesses petebistas.¹⁹⁵ O Decreto nº9297, de 19/08/1958, liberando 60.000 cruzeiros para a realização do evento também deve ser ressaltado como outra contribuição importante que demonstrou a participação ativa do PSD na formação deste “oásis”, pois quem liberou a verba foi o Governador da sigla.

Voltando ao Congresso de Porto Alegre, é possível notar, nas imagens a seguir, devido à decoração e aos objetos enquadrados nas fotografias, que as atividades se realizavam nos espaços

¹⁹⁴ Para saber mais da perseguição a escolas alemãs no RS, ver: GERTZ, René. Cidadania e Nacionalidade: história e conceitos de uma época. In: MÜLLER, Telmo Lauro (org.). Nacionalização e Imigração Alemã. -. São Leopoldo: Ed. UNISINOS, 1994. p. 13-26.

¹⁹⁵ No Rio Grande do Sul, o PTB e o PSD, entre 1947 e 1966 revezavam-se no poder do Estado e da Prefeitura de Porto Alegre. No Governo do Estado no biênio de 1946-47, governou Pompilio Fernandes, PSD; em 1947-51, Walter Sá Jobim, também do PSD passou a exercer a função. Em 1951-55, o Governo do Estado foi exercido por Ernesto Dorneles do PTB. Em 1955-1959, o Governador foi Ildo Meneghetti, do PSD. Entre 1959 a 1963, Leonel de Moura Brizola, vinculado ao PTB exerce o cargo, retornando Ildo Meneghetti, entre 1963-1966. Na Prefeitura de Porto Alegre, Ildo Meneghetti foi eleito nos biênios de 1948-51 e 1952-54. Leonel Brizola foi Prefeito da Capital gaúcha entre os anos de 1956 a 1958.

físicos da Floresta Aurora. Na fotografia da esquerda visualizamos o palestrante Coelho de Souza, que era filiado ao PTB e na época exercia a função de Secretário de Educação de Porto Alegre, conforme visto anteriormente.



IMAGEM - 15
Conferência do Doutor J.P Coelho de Souza.
Fotografia Folha da Tarde 18/09/1958, p.40.



IMAGEM - 16
Público presente na SBFA
Fotografia Folha da Tarde 18/09/1958, p.40.

Na noite de 19 de setembro, agora com as atividades sendo realizadas na Câmara de Vereadores, local onde teve início, no dia 14 de setembro a programação do encontro, palestrou o Professor José Maria Rodrigues e Archymedis Fortini, um dos homens mais importantes da Empresa Jornalística Caldas Jr., conforme salientou Breno Caldas, dono da empresa, em artigo produzido no mês de outubro do ano de 1975, por ocasião dos oitenta anos do Jornal Correio do Povo. (CALDAS, 1975, p.20).

Como nas imagens anteriores, nota-se através do formato da mesa e da estrutura do local, que o encerramento do congresso está sendo realizado na Câmara de Vereadores da capital gaúcha.



IMAGEM - 17
Conferência de encerramento do congresso proferida pelo jornalista Arquimedes Fortini, de pé. O terceiro homem sentado, da esquerda para a direita, é o professor Jose Maria Rodrigues.
Jornal Folha da Tarde dia 19/09/1958, p.35.



IMAGEM - 18
Público presente na Câmara de Vereadores no encerramento do Congresso.
Fotografia Folha da Tarde do dia 19/09/1958, p.35.

No dia 19 de setembro, sábado, ocorreu por ocasião do encerramento, um grande baile de debutantes, organizado pela Sociedade Floresta Aurora em conjunto com a Sociedade Libanesa,

que emprestou o seu salão de festas para as festividades. Com o patrocínio da empresa de refrigerantes Pepsi-Cola, os participantes do congresso confraternizaram saboreando salgados e bebidas. no coquetel de ‘fechamento’ do encontro.



IMAGEM – 19

Baile de Debutantes ocorrido, no salão de festas da Sociedade Libanesa, por ocasião do encerramento do Congresso. Revista do Globo número 727, outubro de 1958, p.86-87.

O primeiro interesse da organização negra, a Sociedade Beneficente Floresta Aurora, foi realizado. A partir dos esforços de seus quadros administrativos realizou com sucesso um de seus maiores interesses a favor da comunidade negra, o **Primeiro Congresso Nacional do Negro**.

Além desta proposta, integrar os negros brasileiros, o contexto deve ser analisado para uma reflexão mais coerente, pois não devemos deixar passar despercebido o apoio petebista, que governava em âmbito municipal e que a nível federal tinha a vice-presidência, o que, neste sentido, tornou possível que as atividades do Congresso tenham sido realizadas na Câmara de Vereadores da capital gaúcha, liderada pelo PTB e “conduzido” por Brizola, que se licenciou da Prefeitura um mês antes para concorrer a Governador do Estado do Rio Grande do Sul.

Quanto à produção escrita deste *lugar social*, até o momento nada específico foi encontrado, entretanto a *topografia de interesses* nas atividades deste “oásis” e a quantidade de informações que localizamos em jornais e documentos possibilitaram, a princípio, identificar o que motivou tal iniciativa.

Outra situação a ser pensada é quanto aos demais apoiadores, oriundos de empresas privadas, organizações negras, entidades sociais e da imprensa porto-alegrense. Pensamos ser pretensão demais acreditar que todos os apoiadores visassem apoiar a candidatura petebista, sob liderança de Leonel Brizola ao governo do Rio Grande do Sul, já que a empresa de refrigerantes

Pepsi-Cola é de origem americana, algo distante das intenções nacionalistas de Brizola e de seus correligionários. Mas, certamente, as intenções eleitoreiras do **PTB** foram confirmadas em nossas pesquisas, conforme verificaremos mais adiante.

Percebe-se, por outro lado, que o contexto possibilitou à comunidade negra, representada pela SBFA, a proposição de melhorias em suas condições socioeconômicas, ainda debilitadas pela falta de políticas públicas específicas que contemplavam os problemas enfrentados pelos mesmos, como a falta de educação, confirmada pelos altos índices de analfabetismo deste grupo.¹⁹⁶

Retornando ao debate sobre *a democracia racial brasileira* iniciada neste trabalho por ocasião dos Primeiros Congressos Afro-Brasileiros, o encontro de Porto Alegre também propõe sugestões para discussão. Os congressos de 1934 e 1937, respectivamente, colaboraram à legitimação dessa ideologia, tendo como foco a contribuição cultural da comunidade negra na formação do país, inclusive tendo Gilberto Freyre como primeiro organizador dessas atividades. Já nos encontros propostos pelo **TEN – Teatro Experimental do Negro**, datados de 1944, 1947, 1949 e 1950, se propõe uma revisão dos estudos afro-brasileiros, buscando que os encontros se voltassem para o estudo das condições sociais da comunidade negra. Deveriam ser práticos e buscar a transformação da situação vivenciada cotidianamente por este grupo, pleiteando oportunidades de participação de políticos negros para motivar a inserção de fato da comunidade negra na sociedade brasileira, em todos os âmbitos de disputa. Também evidenciamos a consolidação de outra ideologia através dos intelectuais negros, a ideologia da negritude.

No **Primeiro Congresso Nacional do Negro**, realizado na cidade de Porto Alegre, em 1958, apresentaram-se novas propostas em torno das iniciativas negras para a inserção político-social e o que podemos “descortinar” através dos temas discutidos naquela ocasião é: “Primeiro a necessidade de alfabetização frente à situação atual do Brasil; segundo, a situação do homem de cor na sociedade; e em terceiro, o papel histórico do negro no Brasil e demais nações”.¹⁹⁷

¹⁹⁶ Ver estatísticas no Jornal A Hora, Porto Alegre, 18/09/1958/ p.5. Mais de 70 % do negro brasileiro era analfabeto. Ver PEREIRA, Lúcia Regina Brito Pereira. Cultura e Afro-descendência: Organizações Negras e suas estratégias educacionais em Porto Alegre (1872-2002). Tese de Doutorado defendida no Programa de Pós-graduação em História da PUCRS, 2008.

¹⁹⁷ Ver os temas do Congresso no Jornal Folha da Tarde, Porto Alegre, 15/09/1958, p.15.

Esses assuntos “desvendam” que, além das preocupações cotidianas do negro brasileiro, como a educação e a situação social, agregou-se a preocupação com os processos de independência dos países africanos, ou seja, além das questões internas, discutem-se os acontecimentos externos, estes relacionados ao continente africano.¹⁹⁸

O evento de Porto Alegre obteve resultados que evidenciaram a presença do *mito da democracia racial brasileira* no encontro, já que demonstraram, mais uma vez, que o negro deveria iniciar, através de seus próprios esforços, a mudança em sua condição de atraso, mas neste momento, mantendo alianças com grupos políticos.

Em síntese, o Congresso realizado na capital gaúcha traz como maior contribuição a idéia de novas alternativas *políticas* para a criação dos movimentos negros. A proposta surgiu da comunidade negra, representada como partido político pela **SBFA**, para com o poder público em lugar de partir das iniciativas do estado e *intelectuais brancos* preocupados com as causas culturais negras, como ocorreu nos congressos de 1934 e 1937, e nem como uma iniciativa do *intelectual negro* em debater os seus “problemas” com a participação de outros intelectuais, como as iniciativas do **TEN**, propostas nas Convenções de 1944 e 1947, da Conferência de 1949 e no Primeiro Congresso do Negro Brasileiro de 1950, que denunciou que o maior inimigo era o racismo e o objetivo era combatê-lo através da educação e de medidas jurídicas, o que gerou, devido à participação de políticos partidários, um desgaste considerável entre intelectuais brancos e negros.

Portanto, estes Congressos, embora muitas vezes reforçassem a democracia racial brasileira, acabaram por colocá-la como *mito* ao demonstrar que se existiram reivindicações por parte da comunidade negra e de seus grupos foi porque a situação política social era insatisfatória para essa parcela da população brasileira. Na prática existia a discriminação e o preconceito racial em nosso país, como demonstrado nos atos discriminatórios sofridos pelos artistas negros em São Paulo e ratificado por conta do Congresso de Porto Alegre realizado no final dos anos 50, pois facilmente observamos que, naquele momento, as oportunidades estavam longe de serem iguais entre negros e brancos. Como demonstram, abaixo, os dados sobre a quantidade de negros analfabetos em nosso país:

¹⁹⁸ Entre 1956 e 1966, 30 países africanos tornam-se independentes do jugo colonial. Para saber mais ver José Ernesto Mello em Cronologia sobre a História da África Contemporânea (1945-1998) Novembro de 1998, p.329-367.

Dados estatísticos manejados pelos congressistas apresentam um quadro relativamente favorável ao grau de alfabetização do negro no sul do país, enquanto no norte a situação é bastante mais grave.

SITUAÇÃO NO SUL	SITUAÇÃO NO NORTE
Analfabetos.....70%	Analfabetos.....75%
Cultura média.....20%	Cultura média.....15%
Cultura superior.....10%	Cultura superior.....10%

(S.N/ALFABETIZAÇÃO INTENSIVA DO HOMEM NEGRO BRASILEIRO/A HORA/ PORTO ALEGRE/ 18/09/1958/ P.5)

As estatísticas demonstram que o negro da região sul do país era mais alfabetizado do que o da região norte. Deve-se ressaltar que, embora existisse uma ligeira melhora no sul, o Congresso propunha a alfabetização e a elevação cultural do negro em todo o país.¹⁹⁹

O **Primeiro Congresso Nacional do Negro** de 1958 foi proposto pela **Sociedade Beneficente Floresta Aurora** com o objetivo de demonstrar que “problema do negro” não era somente dele e, sim, de toda a sociedade brasileira, sendo que essa situação somente poderia ser transformada a partir de uma construção coletiva e recíproca entre cidadãos e o poder público constituído, o que se evidencia com a participação de políticos entre os participantes do conclave.

Os participantes chegaram à seguinte conclusão e sintetizaram a situação afirmando que: para os organizadores do Congresso o maior problema do negro brasileiro era o seu baixo nível educacional, sendo por isso necessário um plano de alfabetização. Nesse sentido como principal resolução surgiu a ‘**Campanha de Alfabetização Intensiva dos Negros Brasileiros**’ a ser realizada a partir das organizações recreativas, culturais e beneficentes que congregavam a comunidade negra em conjunto com o poder público municipal, estadual e federal. Conforme anunciou o Jornal A HORA:

Alfabetização intensiva do homem negro brasileiro é o caminho para a sua total integração na sociedade. Esta a principal conclusão a que levou o Primeiro Congresso do Negro, que se realiza nesta capital desde o dia 14 do corrente e que hoje chega ao seu final. (S.N. ALFABETIZAÇÃO

¹⁹⁹ Em específico no caso do Rio Grande do Sul, a política e a organização da educação foram estruturadas pelos dirigentes republicanos sob orientação positivista. Neste sentido, o esforço educacional era importante para a organização da ordem e como instrumento de controle social. A tarefa moralizadora da educação, além de modelar a condutas dos cidadãos, tinha a função de resolver os possíveis antagonismos sociais decorrentes das desigualdades inerentes ao próprio sistema que era legitimado pelos positivistas. Isto pode ser um indicativo de alfabetização do negro da região sul, ser melhor. Ver CORSETTI, Berenice. Política e organização da educação sob o castilhismo In Julio de Castilhos e o paradoxo republicano. Porto Alegre: Nova Prova, 2005.p.203-216.

INTENSIVA DO HOMEM NEGRO BRASILEIRO. PORTO ALEGRE: A HORA, 18/09/1958. P.5).

Conforme o Presidente da SBFA, Sr. Valter Santos explicou no encerramento do conclave: (...) será criado um Grande Plano de Trabalho incluindo palestras, seminários, endereçados principalmente aos homens de cor (...) além de medidas a serem tomadas pelos poderes constituídos. (Santos, Valter/Encerrados os trabalhos do Primeiro Congresso Nacional do Negro/Correio do Povo/ Porto Alegre/ 20/09/1958/ p.07).²⁰⁰

Como constou no Editorial do Jornal A Hora da cidade de Porto Alegre do dia 24 de setembro de 1958, e reproduzido por nós na íntegra:

Êxito do Primeiro Congresso do Negro.

Encerrou-se em Porto Alegre, com êxito invulgar, o “Primeiro Congresso do Negro”. O êxito do conclave manifesta-se não no número de congressistas, no volume de teses e conferências apresentadas, ou, ainda, na veemência eventual dos debates, mas sim na conclusão a que chegou. Só a alfabetização intensiva do homem negro brasileiro constitui um caminho seguro e verdadeiro para a sua completa integração social. Aproximadamente nestes termos concretizou o referido congresso seu pensamento. A acuidade e amplitude de visão daqueles que o elaboraram não ficou desmerecida, todavia, por uma falha que, como já assinalamos destas colunas, constitui um verdadeiro vício de congressos: a inconseqüência. De nada valeria a constatação do elevado índice de analfabetismo e a afirmativa de que o mesmo deve ser erradicado, se nada fosse feito ou sugerido a respeito. Assim não agiu o Primeiro Congresso do Negro. Como corolário imediato de sua principal conclusão decidiu que seja encetada uma campanha, na qual tomarão parte todas as entidades que congregam o homem negro do Brasil, para a fundação de escolas e cursos de alfabetização nessas mesmas entidades. A iniciativa alia, a outros méritos, o da praticabilidade quase imediata, ainda que exija grande esforço e desprendimento de seus autores. Tal esforço, contudo, será um exemplo magnífico a ser seguido e, paralelamente, um incentivo a todos aqueles que hoje se batem pela alfabetização de nosso povo. É ocioso repisar, aqui, na nocividade de nosso subdesenvolvimento cultural e na urgência de que se faça alguma coisa para dar cultura ao povo. Ninguém desconhece esta realidade ou nega que se possa dar a um homem consciência de si mesmo e do papel que lhe é atribuído na sociedade, sem dar-lhe, ao mesmo tempo, educação e cultura. É lícito afirmar, por tudo isso, que o Primeiro Congresso do Negro obteve,

²⁰⁰ Sobre o Floresta Aurora e educação Ver PEREIRA, Lucia Regina Brito, em sua tese de Doutorado intitulada: Cultura e Afrodescendência: organizações negras e suas estratégias educacionais em Porto Alegre (1872-2002).p.124-131.

realmente, êxito e atingiu excelentes resultados. (Êxito do Primeiro Congresso do Negro, Porto Alegre: A Hora, 24/09/1958, Editorial).

Acreditamos que a **Sociedade Beneficente Floresta Aurora** atingiu plenamente um dos seus primeiros interesses por ocasião deste evento, pois o **Primeiro Congresso Nacional do Negro** repercutiu de maneira satisfatória na imprensa local e nacional, evidenciando a necessidade de uma melhor integração do negro em nossa sociedade.

Quanto ao segundo interesse delineado pelos quadros administrativos *florestinos* organizados sob a liderança de Valter Santos, estava a reforma de sua sede social, localizada na Rua General Lima e Silva nº 316, e que passaremos a demonstrar neste momento.

Na ATA de reuniões, nº 236, datada do dia 14 de janeiro de 1958, o conselheiro da Sociedade Sr. Dalmiro Lemos, ex-presidente no biênio 1942-1945, propunha um projeto para os *florestinos*: a ampliação da sede social.

A sede social da entidade após o Congresso de 1958, segundo os seus administradores, estava ficando pequena. Mas, ao invés da reforma proposta por Delmiro Lemos, os dirigentes da Sociedade, por ocasião dos noventa anos de existência da organização que estava se aproximando, optaram por lutar pela mudança de local, com vistas à construção de uma sede social, nova, maior e mais confortável para atender a expansão de seu quadro social. Apesar de estarmos sem as informações de quantas pessoas eram associadas antes do Congresso de 1958, conforme dados abaixo, passaram, em 1962, de “meio milhar de associados”.

Segundo matéria localizada em um jornal Porto Alegrense, de autoria do jornalista José Monserrat Filho, intitulada: “Floresta Aurora espera apagar noventa velhinhas em nova sede”, completar seus noventa anos de casa nova era a meta de seus líderes, conforme matéria:

Contando com meio milhar de associados, Floresta Aurora defronta-se, atualmente, com um sério obstáculo para dar pleno desenvolvimento ao seu programa de ação. O progresso social da sociedade clama, em brados cada vez mais altos, por melhores instalações. A sede da Rua Lima e Silva mostra-se acanhada para servir de chão aos ideais do tradicional clube. A construção de uma sede, mais ampla, mais completa, à medida que o tempo passa, toma o caráter inadiável. Sentindo este fato, a diretoria do Floresta Aurora vem de lançar, neste momento, uma grande campanha, tendo em vista angariar fundos para a construção da nova sede, cuja planta já esta projetada, prevê instalações para um jardim de infância, Curso

Primário e uma enorme biblioteca. A obra, de que consta ainda um salão de bailes de grandes dimensões, uma piscina e canchas de vôlei, tênis e bolão, esta orçada em alguns milhões de cruzeiros. Os membros da diretoria não ignoram que estão iniciando uma empresa difícil. Entretanto, não deixam também de manifestar sua confiança no espírito de solidariedade do povo e dos poderes públicos, com o auxílio dos quais esperam ver sua sociedade, no dia 31 de dezembro de 1962, comemorando o nonagésimo aniversário na nova casa. E certamente, hão de consegui-lo!(FOLHA DA TARDE, 1962, *sp.*).

Abaixo, planta oficial da nova sede almejada:



Imagem 20 – Registro da Planta da Nova Sede da Sociedade Beneficente Floresta Aurora
Jornal Folha da Tarde, 1962, *sp.*

A Sociedade continuou a realizar por mais de uma década suas atividades sociais na acanhada Sede, conforme o baile de debutantes localizado no Jornal Folha da Tarde do dia 21 de dezembro de 1965. Nele estiveram presentes o Deputado Carlos Santos, acompanhado de sua família, acadêmicos da Faculdade de Engenharia da UFRGS, dirigentes da organização negra Satélite Prontidão, além de inúmeras personalidades. A festa foi embalada ao som do Conjunto Rivoli “animando as danças até alta madrugada”.²⁰¹

Mas no Jornal **Folha da Tarde** do dia 13 de janeiro de 1969, localizamos informações sobre a compra do terreno onde seria construída a nova sede social. Conforme a matéria:

²⁰¹ Jornal Folha da Tarde, Porto Alegre, 21/12/1965, p.48.

A Sociedade Beneficente e Cultural Floresta Aurora, tradicional Sociedade de Porto Alegre, que será centenária em 1972, está aumentando o seu patrimônio com duas áreas que adquiriu no bairro Cristal na semana passada. Situam-se defronte ao Hipódromo. A Comissão de Obras eleita em Assembléia Geral do ultimo dia 04, trata agora de proceder ao relançamento dos títulos patrimoniais, a fim de que sejam efetuados os melhoramentos necessários nas áreas. Na maior de todas, onde existe um palacete, com dimensões 48x110, será construída moderna sede, cuja frente ficará para o Hipódromo. É, portanto, um terreno com duas frentes, situando-se entre a avenida Icaraí, que é a faixa da Curupaiti. Na esquina desta com a Itapitocaí há um outro terreno com 26x56, pretendendo a direção 'florestina' construir piscina, canchas para jogos de diferentes modalidades esportivas. Do projeto de construção vai constar também um ginásio. (FLORESTA AURORA ESPERA OS 100 ANOS/FOLHA DA TARDE, PORTO ALEGRE, 13/01/1969, *sp*).

A Comissão de Obras da SBFA era constituída por João Nelson Pinto, Adeverbal da Silva Bastos, Darci Freitas, Feliciano Fontoura Bastos e César Silva. Júlio Soares e Eurico de Souza, ambos Conselheiros da entidade na época do Congresso também estavam entre os membros desta comissão, além de Carlos Santos e Alceu Colares, ambos políticos negros ligados ao **PTB**. Na imagem constatamos a imponência da Sede nova, que se tornou uma realidade.



Imagem 21 – Registro da Imagem da nova sede social da Sociedade Floresta Aurora
Jornal Folha da Tarde, Porto Alegre, 13/01/1969, *sp*.

Conforme a circular nº04/72/P, assinada por Adherbal Bastos da Silva – Vice-Presidente de Finanças e que estava exercendo a Presidência temporária -, enviada para os associados da entidade no dia 20 de outubro de 1972, temos a dimensão do custo para a conclusão da nova sede

bem como das melhorias alcançadas para o ano do centenário, que acreditamos terem iniciadas com o projeto de Delmiro Lemos e com a projeção política nacional obtida pela entidade após a realização do **Primeiro Congresso Nacional do Negro**.

Na circular constava a seguinte informação:

Prezado amigo

...Todos nós, tanto os que aqui estão desde o início da jornada, quanto os que chegaram em meio ao caminho, sabíamos das dificuldades que encontraríamos para dirigir nossa Sociedade; entretanto, buscamos os meios que julgávamos os únicos para superarmos as dificuldades. Onde? Nos poderes públicos, onde haviam solicitações de auxílios. Fomos felizes, posto que, da Prefeitura, recebemos CR\$ 40.000,00 e do Governo Estadual recebemos 240.000,00 dum Global de CR\$ 300.000,00.

Com o que recebemos, levantamos a hipoteca da sede social (CR\$ 86.000,00); quitamos nossa dívida com a construção da boíte (sic) e benfeitorias de adaptação da sede e terreno (CR\$ 61.500,00); colocamos-nos em dia junto ao INPS, através de confissão de dívida (CR\$ 2.200,00); alcançamos a normalidade junto à CRT (CR\$ 2.000,00) e hoje possuímos um telefone ao seu dispor; levantamos diversas ações executivas que passaram pela Justiça Estadual (CR\$ 20.500,00); pagamos ação de despejo movida pelos locadores do escritório que a Sociedade ocupou no centro da cidade (CR\$ 1.200,00); devolvemos empréstimos efetuados junto a associados (CR\$ 5.200,00). Isto foi parte que nos aguardava. Superamos a isto e muito mais.

A par de recuperar o crédito de nossa Centenária no comércio local, a batalha administrativa não foi menor, pois inúmeras eram as dificuldades de organizarmos os nossos arquivos, dado que as simultâneas vendas de títulos trouxeram o tumulto no setor. Tudo isto foi solucionado, graças ao empenho de todos aqueles que se propuseram a ajudar a Floresta Aurora. (Of. Circular nº 04/72/P, Porto Alegre, 20 de outubro de 1972).

Portanto, o segundo interesse dos dirigentes florestinos, com origem após a posse do Presidente da entidade Sr. Valter Santos, foi conquistado com sucesso. Demorou um pouco, pois após o Congresso de 1958 a intenção era que a nova sede fosse inaugurada quatro anos depois, em meio às comemorações dos noventa anos de vida da entidade, previstas para o mês de dezembro do ano de 1962.

Somente no centenário da organização negra, em 1972, foi concretizado o objetivo da sede nova, localizada no endereço Rua Curupaiti nº 1221, no Bairro Cristal, em Porto Alegre, em frente ao Hipódromo da cidade, identificado como zona nobre. Assim, as atividades sociais da Sociedade Negra mais antiga do Brasil realizadas a partir da década de 1970, nos salões de sua nova sede social, passariam a ser mais *glamourosas*.

A Sociedade Floresta Aurora, entre 1958 e 1972, através de uma eficiente e competente administração, demonstrou equilíbrio em negociar os seus interesses com os de grupos políticos, conseguindo estabelecer uma relação entre os seus quadros, com o poder público, o que beneficiou a comunidade negra e, principalmente, a entidade, que atingiu projeção local e nacional, com isso ganhando prestígio e aumentando o número de sócios, inclusive mudando de endereço para uma sede imponente e “pomposa”.

Mas como se estabeleceram os interesses de políticos profissionais com os interesses dos representantes da Sociedade Floresta Aurora por ocasião do Congresso? Como os interesses políticos se delinearão nestas atividades? Qual foi a relação do PTB – Partido Trabalhista Brasileiro, em 1958, com a Sociedade Negra mais antiga do Brasil? Poderiam existir interesses comuns entre a comunidade negra, representada pela Floresta Aurora e o PTB, representado no Congresso por seus políticos? É o que desenvolveremos a seguir.

3.1.2 O CONGRESSO E A PARTICIPAÇÃO POLÍTICO PARTIDÁRIA.

Neste subcapítulo narramos como as atividades do **Primeiro Congresso Nacional do Negro**, realizado em Porto Alegre no ano de 1958, relacionaram-se com os interesses políticos partidários oriundos, principalmente, do **PTB – Partido Trabalhista Brasileiro**. Obviamente que para chegarmos a estas relações, devemos, em primeiro lugar, entender como passaram a ocorrer as relações entre este Partido e a comunidade negra e, também, a sua relação com a associação organizadora deste conclave, a **Sociedade Floresta Aurora**.

Para analisarmos tais relações utilizaremos entrevistas realizadas com pessoas que conviveram e sofreram a influência petebista²⁰² na comunidade negra porto-alegrense na década de 1950, consulta aos ANAIS da Assembléia Legislativa do Estado do RS, o Diário Oficial do Estado do RS, ANAIS da Câmara Municipal de Porto Alegre, o periódico Correio do Povo, as ATAS de reuniões da Sociedade Floresta Aurora, correspondências enviadas e recebidas entre os representantes da Sociedade e de pessoas envolvidas com questões políticas, além de uma bibliografia pertinente.

Por Partido Político entendemos:

... uma elite de homens de cultura, que tem a função de dirigir do ponto de vista da cultura, da ideologia geral, um grande movimento de partidos afins (na realidade, frações de um mesmo partido orgânico); e no período mais recente, o partido de não elite, mas de massas, que como massas não tem outra função política que a de uma fidelidade genérica, de tipo militar, a um centro visível ou invisível (freqüentemente o centro visível é o mecanismo de comando das forças que não desejam mostrar-se a plena luz, mas apenas operar indiretamente por interposta pessoa e por ‘interposta ideologia). A Massa é simplesmente de “manobra” e é “conquistada” com pregações morais, estímulos sentimentais, mitos messiânicos de expectativa de idades fabulosas nas quais todas as contradições e misérias do presente serão automaticamente resolvidas e sanada”. (GRAMSCI, p.1980, p.24).

²⁰² Nossos três entrevistados citaram o Partido Trabalhista Brasileiro como sendo a referência política para a comunidade negra porto-alegrense.

O PTB seria o centro das massas, formadas pelos trabalhadores nacionais, e passaria a exercer a função ideológica de partido orgânico das mesmas, pois passa a representá-las, manobrando-as.²⁰³

Antes de nos aprofundarmos na participação petebista nas atividades do Congresso e as relações citadas, convém demonstrarmos o contexto de fundação do **PTB** e também como surgiu a sua influência na comunidade negra.

Em fevereiro de 1945, com o chamado Ato Adicional à carta de 1937, Getúlio Vargas fixou um prazo de noventa dias para a realização de eleições gerais em nosso país. Era a abertura democrática iniciada no final da II Guerra e do Estado Novo. Com o novo código eleitoral estavam dadas as condições para as eleições para Presidente, além de uma Assembléia Constituinte, sendo que a data escolhida para a realização dos pleitos estaduais era o dia 06 de maio de 1946. (FAUSTO, 2002, p.212).

Neste contexto de abertura política foi que surgiram os três principais partidos que iriam vigorar no período entre 1945-1964: a UDN, o PTB e o PSD. A antiga oposição liberal, herdeira da tradição dos partidos democráticos estaduais, adversária do Estado Novo, formou, em abril o primeiro, a **União Democrática Nacional**. Gilberto Freyre, organizador do **Primeiro Congresso Afro-Brasileiro**, foi eleito Deputado Federal por esta sigla em 1946.²⁰⁴

Segundo Boris Fausto (2002, p.213), a partir da máquina do Estado montada no seio do próprio Estado Novo surgiu, o segundo, em junho de 1945 o **PSD - Partido Social Democrático**. Em setembro do mesmo ano foi fundado o terceiro, o **PTB -Partido Trabalhista Brasileiro**. Existiam outros partidos de menos expressão no período, como o **PSB** e o próprio ressurgimento do **Partido Comunista**.²⁰⁵

Para Ivair Augusto Alves dos Santos (2002, p.58) no período entre 1945 a 1964, viveu-se de modo singular, com a existência de um sistema multipartidário. A partir dessa fase

²⁰³ Ver FORTES, Alexandre. Nós do Quarto Distrito: A classe trabalhadora porto-alegrense e a Era Vargas, 2004.

²⁰⁴ Em 1946 Gilberto Freyre iniciou a sua carreira como político ligado a UDN, permanecendo como Deputado pelo Estado de Pernambuco até 1950. Foi vice-presidente da Comissão de Educação e Cultura da Câmara. Ver Casa Grande e Senzala 21ª edição (1981). Editada pela editora José Olímpio, p.12.

²⁰⁵ Ver FAUSTO, Boris. A Revolução de 1930 – Historiografia e História. São Paulo: Brasiliense, 1994.

democrática passaram também a existir em alguns partidos políticos a preocupação sobre a questão racial. Conforme Alves dos Santos:

Ao analisar os programas partidários, encontramos referências sobre a questão racial nos seguintes partidos políticos: **Partido Trabalhista Brasileiro (PTB)**, Partido Socialista Brasileiro (PSB) e Partido Democrata Cristão. Nos maiores partidos deste período, o **Partido Social Democrático (PSD)** e a **União Democrática Nacional (UDN)**, partidos conservadores, não constava nenhuma menção ou citação em seus programas sobre a questão racial. Entretanto, foram os parlamentares da UDN os autores da lei que dispunha sobre os atos de discriminação e preconceito racial e de cor que, durante décadas, permaneceu como o único recurso legal, a Lei Afonso Arinos. (Grifo nosso). (SANTOS, 2001, p.59).

Portanto, o **PTB** contemplava as questões raciais em suas diretrizes, enquanto o **PSD**, mais conservador, mantinha-se neutro quanto a este assunto. Retornando, brevemente, à suposta mais importante “traição”, sofrida por Abdias do Nascimento nas eleições de 1950 por políticos ligados ao **PSD – Partido Social Democrático**, conforme denunciou L.C. Pinto (1953, p.284), localizamos o que influenciou esta “traição” ao termos ciência das informações acima.²⁰⁶

Notamos que a estratégia de inserção política do **TEN – Teatro Experimental do Negro**, sob a liderança de seu fundador foi equivocada²⁰⁷, pois como Abdias do Nascimento poderia concorrer por um partido que nem sequer contemplava em seu programa a questão racial? A **Sociedade Floresta Aurora**, sob a liderança de Valter Santos, estrategicamente evitou este erro, pois realizou aliança com um dos três partidos que, no período, segundo Alves dos Santos (2001, p.59), contemplavam em suas diretrizes a questão racial.

Inclusive, a **Sociedade Floresta Aurora**, diferentemente do **Teatro Experimental do Negro**, manteve distância da disputa eleitoral, já que em seus estatutos tal situação era

²⁰⁶ Abdias era candidato do PSD ao cargo de vereador pela cidade do Rio de Janeiro nas eleições de 1950, mas não chegou a concorrer, pois Conforme L.C Pinto: “foi golpeado por uma manobra eleitoral do próprio partido que lhe patrocinou a candidatura. Na véspera da eleição concorria para vereador, mas durante os preparativos para o pleito alteraram a sua candidatura para deputado, o que necessitaria de uma maior quantidade de votos para eleger-se”: “Abdias desistiu e foi traído”. Ver PINTO. Luiz Antonio Costa. O Negro no Rio de Janeiro. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1953, p.284.

²⁰⁷ Para saber mais desta traição política ver o início deste capítulo.

proibida.²⁰⁸ Mas notamos que ela se manteve distante do pleito, mas próxima das relações mútuas com homens ligados a partidos políticos, neste caso, vinculados ao **Partido Trabalhista Brasileiro**.²⁰⁸

É importante salientar que o **PTB** era um partido que representava o trabalhismo independente da origem étnica deste trabalhador, sendo localizadas suas influências em sociedades polonesas, ucranianas, alemãs e russas de Porto Alegre.²⁰⁹ Mas essa relação era limitada quanto à influência destas sociedades no seio do Partido trabalhista, fossem elas sociedades étnicas, beneficentes ou até Sindicatos de classe, porque suas participações eram tuteladas e controladas, pois conforme Ângela de Castro Gomes existiu um “pluralismo limitado”:

O **PTB**, assim como os sindicatos no Brasil; nasceu sob a chancela de um estado autoritário, para atuar em um regime não mais autoritário, mas certamente ainda conservador. Projetos de participação política mais mobilizadores e instrumentos de representação mais autônomos não tinham espaço nesta espécie de “pluralismo limitado” do pós-45. (GOMES *apud* FORTES, 2004, p.437).

²⁰⁸ Quanto a SBFA ser apartidária, localizamos estes indícios em Júlio Soares por ocasião do fato que envolveu o político Fernando Ferrari, então líder do PTB e próximo a Jango, com a delegação da Floresta Aurora que foi ao Rio de Janeiro buscar apoio para a realização do Congresso. Segundo informações localizadas no Jornal Folha da Tarde Ferrari teria dito: “O que quer esta negrada atrás de mim”. No dia 03 de outubro de 1962, Júlio Soares escrevia uma carta ao então presidente da Sociedade naquele ano, Eurico Silva, na qual ele disse: “Nossa sociedade não quer nada do senhor, nossa sociedade por força de seus estatutos é APOLITICA”. Ver estas discussões no Jornal Folha da Tarde, de Porto Alegre do dia 01, 02, 03 e 04 de outubro de 1962, Colunas “Apedido”. Sobre a Sociedade ser APARTIDÁRIA também localizamos esta informação na ata nº 243, datada de 20/03/1958, na qual Júlio Soares foi convidado a fazer parte da campanha de Temperani Pereira, conforme escrito em ata: “Júlio Soares foi convidado a participar do comitê pró-candidatura de Armando Temperani, e foi questionado já que a sociedade não pode ter facção política”. Fonte: ata nº 243, Acervo SBFA.

²⁰⁸ Temperani Pereira era conselheiro da SBFA. Ver ata nº 251 de 08/06/1958, Acervo da SBFA.

²⁰⁹ Segundo Fortes (2004, p.440) : “A invenção do trabalhismo deu uma contribuição fundamental. Apesar de todas as suas limitações, o espaço institucional permitia agora a expressão da diversidade...” Entendemos que, esta expressão da diversidade foi étnica, classista, política e racial, pois embora Fortes cite o contato do PTB com as Sociedades porto-alegrenses de alemães, russos e polacos, acrescentamos por conta de nossas pesquisas a comunidade negra nesta relação. Para saber mais das relações entre o Partido Trabalhista Brasileiro e as Sociedades étnicas e de classe ver: Alexandre Fortes em Nós do Quarto Distrito: A classe trabalhadora porto-alegrense e a Era Vargas, 2004, p.117 a 177. No livro de Fortes localizamos imagens de Armando Temperani Pereira, que também era conselheiro da SBFA, em campanha política nas Sociedades Gondoleiros e Ginástica, todas localizadas no 4º Distrito de Porto Alegre, ou seja: Temperani formava uma rede de relações políticas através das Sociedades.

O **PTB**, a partir da ideologia do trabalhismo buscou, através de um consenso com outros grupos subordinados, difundir o seu projeto político, mantendo sua hegemonia através de uma liderança perante estes grupos. Eis que surge uma questão relacional, em nossa opinião, entre este partido e as Sociedades étnicas porto-alegrenses e gaúchas, com isso mantendo um “equilíbrio instável”, tendo que ceder, em determinados momentos, algumas condições para exigir outras, com isso elaborando estratégias para concretizar os seus interesses e objetivos imediatos, que era ter sucesso no pleito do Estado do Rio Grande do Sul, neste momento. Esta situação também foi analisada por nós para entendermos e identificarmos os interesses do grupo negro representado, na ocasião, pela Sociedade Floresta Aurora na realização do Congresso.²¹⁰

O **PTB** mantinha o controle destas relações, exercendo a hegemonia, pois de um lado passou a representar como liderança política a vontade coletiva deste e dos outros grupos que passara a tutelar e de outro, a própria ideologia nacionalista serviu como um ingrediente aglutinador entre o Partido e os grupos étnicos que vieram para o Brasil entre os anos 30, 40 e 50, como polacos, russos, alemães e ucranianos, além dos próprios negros que, como vimos, a partir da **Frente Negra Brasileira**, exigia o reconhecimento de suas raízes como formadora do Brasil, na década de 30. O que o **PTB** porto-alegrense utilizou em última análise, à estratégia iniciada por Getúlio em 1933 ao receber os líderes da Frente Negra no Palácio do Governo, com intuito de formar uma aliança em torno de um projeto nacional, que culminou com o decreto do Estado Novo. O que temos que entender é se esta estratégia foi utilizada por ele e pelo próprio **PTB**, partido criado por ele, através da relação com outras etnias e classes que viviam em nosso país. O partido passa a exercer a vontade coletiva das massas trabalhadoras. A Hegemonia pode ser pensada através do Bloco Histórico que abrange a estrutura, campo econômico e a superestrutura, campo das ideologias, a partir destes dois domínios temos caracterizada a Hegemonia. Localizada no **PTB** através do Nacionalismo econômico, visando as estatizações e a produção, sendo controlada pelo intervencionismo direto do estado, seja na difusão da ideologia nacionalista através dos órgãos culturais, políticos e educativos, como a bandeira da nacionalização do ensino, em que a língua nas escolas devia ser a portuguesa.

Conforme Gramsci:

²¹⁰ Toda esta passagem do texto foi inspirada através de uma atenta leitura de Gramsci em Maquiavel, a política e o Estado Moderno, 1980, p.09-25, e de Stuart Hall, em seu artigo intitulado: A relevância da Gramsci para o estado de raça e etnicidade, 2003, p.295-334.

Embora cada partido seja a expressão de um grupo social e de um só grupo social, ocorre que, em determinadas condições, determinados partidos representam um grupo social na medida em que exercem uma função de equilíbrio e de arbitragem entre os interesses do seu grupo e os outros grupos, e na medida em que buscam fazer com que o desenvolvimento do grupo representado se processe com o consentimento e com a ajuda dos grupos aliados... (GRAMSCI, 1980, p.22).

Em nossa pesquisa, optamos por questionar a gestão entre o partido PTB e a comunidade negra, através da relação entre a agremiação e a **Sociedade Floresta Aurora**, Sociedade negra porto-alegrense e gaúcha, de maior prestígio no período no Estado do Rio Grande do Sul, por sua antiguidade e pela sua influência nacional. Ela, como vimos, além de enviar representantes para os Congressos e Convenções Nacionais do Negro de São Paulo e do Rio de Janeiro, ainda teve como ex-presidente Heitor Fraga, homem conhecido por sua influência em Confederações regional e nacional de esportes. Por isso, a aliança entre o **PTB** e a **SBFA** poderia ser tão profícua, para ambas as partes.

Devemos informar que o governo do Estado do Rio Grande do Sul, na época, era exercido por Ildo Meneghetti, político vinculado ao conservador **PSD**, que mandou um representante para este importante acontecimento, o Secretário do Interior e Justiça, Sr. Hélio Carlomagno, que inclusive palestrou no conclave.

Retornando as relações, PTB e SBFA, outro fator que devemos ressaltar sobre o sucesso da mesma, está no fato de que o partido teve como uma de suas principais diretrizes a educação, o que também muito interessava às Sociedades Negras em sua meta de integração e inserção do negro à sociedade, conforme vimos com as Frentes Negras e a **Floresta Aurora**. Portanto, através deste denominador comum poderia surgir uma estabilidade de interesses entre os dois grupos: o “equilíbrio”.

O **PTB**, neste período, tinha como principal interesse fazer com que seu projeto político conquistasse o poder no Estado do Rio Grande do Sul através da eleição de seus representantes ao Governo Executivo e à Assembléia deste Estado. Já a **Sociedade Beneficente Floresta Aurora** tinha como principais interesses a sua (re) construção social e material devido às dívidas adquiridas pela administração anterior, com isto queria superar a sua crise financeira aumentando

o seu quadro social em um primeiro momento e, em um segundo, também alargar, através de reformas, a sua sede social.

Mas ambos de fato entre as agremiações tinham um interesse em comum: a educação do povo. Seja ela pensada como programa político nacionalizador, neste caso vinculado à ideologia do **PTB**, seja como estratégia de inserção e de integração social de grande parcela da comunidade negra ainda marginalizada neste estado, representada pela **SBFA**, que entendia profundamente o sofrimento de seus pares com o analfabetismo existente. Eis, em síntese, que entendemos como o principal elo de “estabilidade” entre os projetos destas duas organizações sociais, a educação. Sob esta hegemonia tivemos, pelo intermédio da educação, a principal força geradora para a formação do “oásis” porto-alegrense.

Segundo Hélio Fontoura, conhecido como “Fontourinha” pelos colegas políticos, que foi secretário particular de Leonel de Moura Brizola por mais de quarenta anos, na eleição estadual para o Governo do Estado do RS, realizada em outubro de 1958, a campanha de Brizola candidato petebista tinha o binômio: “Educação Popular e Desenvolvimento Econômico”. (FONTOURA, 2005, p.23).

Em entrevista realizada com o senhor Hélio Fontoura, que também era petebista inclusive sendo eleito vereador pelo partido nos anos de 1960, ele explicou a seguinte situação quanto à educação:

A verdade é o seguinte o país o Brasil, não tem solução se não cuidar de suas crianças, se não educar o seu povo. Não só durante os governos do Dr. Brizola tanto na Prefeitura de Porto Alegre quanto no Estado do Rio Grande do Sul, especialmente no governo do Rio de Janeiro quando ele criou os CIEPS – Os Centros Integrados de Educação Popular que colocava as crianças os dias inteiros na escola e nos fim de semana abriam as escolas e contavam com oficinas, com quadras poli esportivas colocava este conjunto junto à disposição da sociedade a educação é fundamental, e para isso ele sempre lutou, não só, insistia na educação do negro, e do índio e das minorias, mas todo o povo brasileiro. Ele dizia que o povo alfabetizado e esclarecido não aceita injustiças.²¹¹

Lembramos de uma estatística apontada na sessão de palestras realizadas no Congresso no dia 15 de setembro de 1958, nos Salões de Festa da **Sociedade Floresta Aurora**, na ocasião

²¹¹ Entrevista com Hélio Fontoura realizada no dia 18 de dezembro de 2006.

dados apresentados pelo palestrante Professor da UFRGS, Sr. Laudelino Medeiros. Na ocasião ele denunciou que mais de 70% dos negros brasileiros eram analfabetos.²¹²

Segundo Boris Fausto (2001, p.246) no plano dos direitos políticos, o **PTB**, no período, sustentava a necessidade de estender o direito de voto a dois setores diversos: os analfabetos e os inferiores das forças armadas, de sargento para baixo, no caso do Exército. Ou seja, era dada atenção às diretrizes do partido, além da questão racial e da luta a favor do direito político dos analfabetos e também contemplava a educação como um todo. Enquanto isto era criticado abertamente pelos partidos mais conservadores, entendemos que uma das formas estratégicas de o **PTB** conquistar apoio desta parcela da população era incentivando a educação.

A **Sociedade Floresta Aurora**, bem como a **Associação Satélite Prontidão**, mantinham em suas dependências bibliotecas e davam cursos de alfabetização.²¹³ Aliás, a luta por educação sempre foi uma constante nas organizações negras, como pudemos acompanhar nas quatro **Frentes Negras** analisadas no primeiro capítulo de nossa dissertação. Desde São Paulo, passando por Salvador, Pelotas e Pernambuco, todas elas mantinham cursos de alfabetização e de instrução técnica.

Carlos da Silva Santos (1904-1989)²¹⁴, que foi o primeiro Governador negro em exercício e Deputado Estadual pelo **PTB** nos anos 60, também integrante da **Sociedade Floresta Aurora** no mesmo período, respeitava muito enquanto negro e político a educação. Por ocasião da fundação do “**Centro Cultural Marcílio Dias**”²¹⁵, notamos esta situação.

²¹² Ver MEDEIROS, Porto Alegre: Jornal Diário de Notícias, 18/09/1958, p.11.

²¹³ Para saber mais sobre a educação nestas organizações negras ler: Lucia Regina Brito Pereira, em sua tese de Doutorado intitulada: *Cultura e Afrodescendência: organizações negras e suas estratégias educacionais em Porto Alegre (1872-2002)*.

²¹⁴ Para saber mais sobre a vida política e familiar de Carlos Santos ver: CLEMENTE, Elvo e BARBOSA, Eni. *Carlos Santos, uma biografia*. Porto Alegre, PUCRS, 1995. *PARLAMENTARES GAÚCHOS – Carlos Santos, trajetória Biográfica*. Porto Alegre: CORAG, 2004, GOMES, Arilson dos Santos. *Laços de família, laços em sociedade: Carlos Santos e a questão negra*, 2007 (prelo) e José Antônio dos Santos. *Raiou “A Alvorada”*: *Intelectuais negros e imprensa, Pelotas -1907-1957*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal Fluminense, 2000. p.93.

²¹⁵ Organização Negra fundada por Carlos Santos na cidade de Rio Grande em 11 de junho de 1936. Tinha como principal objetivo a alfabetização e educação da comunidade negra daquela região. Ver SANTOS, Carlos. *Sucata*. Porto Alegre: GLOBO, 1937.



Imagem 22 - Carlos da Silva Santos (1904-1989)
 Fonte: <http://www.deputadocarlossantos.blogspot.com>

Na fundação da organização negra, datada do dia 11 de junho de 1936, ele, através de um pronunciamento, dignificou a educação. A instalação oficial do Centro ocorreu no Teatro 7 de setembro, na cidade de Rio Grande. Naquela noite, o então deputado classista, encerrou o seu discurso da seguinte maneira:

Salve, instrução, deusa da felicidade, vida, doçura e esperança nossa, salve. Bradam por ti os filhos das trevas. Por ti suspiram e gemem milhões de criaturas que se enlodaram nos paués do analfabetismo. Eia, pois, advogada dos fortes e dos valorosos, estes olhos luminosos a nós volvei e depois deste desterro de ignorância e de todo maligno cortejo de que se acerca o analfabetismo, mostrai-nos o livro, o saber, a educação, a felicidade, o patriotismo e a liberdade, frutos benditos do teu ventre. Para a glória do Brasil, deusa da instrução. Assim seja. (SANTOS, 1937, p.99).

Segundo a sua filha Sra. Neiva dos Santos:

Ele sempre aconselhava a estudar e a lutar, sempre aconselhava que o negro devia pelo estudo, ele sempre incentivava a lutar e se igualar, tinham condições, não estudou por que não quis, porque condições a pessoa vai à luta e consegue. Até hoje é assim, não estudei porque não pude, não vem! Não estudou porque não quis... porque querendo mesmo a pessoa consegue. Não vê aí um juiz negro que foi engraxate (...) passou por tudo e quis vencer, se as pessoas se acomodam e não adianta (...).²¹⁶

²¹⁶ Entrevista com Neiva Santos realizada no dia 26 de outubro de 2007.

Apesar desta relação localizada entre os grupos, nenhum integrante da Floresta Aurora, pelo menos nas eleições de 1958, concorreu através da sigla do **PTB** a cargos eletivos, pois consta na ATA de Reuniões nº 243 da Sociedade Floresta Aurora, localizada em seu acervo, que Júlio Soares, convidado a participar do comitê pró-candidatura de Armando Temperani, foi questionado e repreendido, já que era “expressamente proibido a qualquer pessoa vinculada à Sociedade, integrante de seu quadro administrativo, ter facção política”, o que viria a se modificar com a eleição de Carlos Santos eleito na década de 1960. Mas é importante lembrar que embora Carlos Santos tenha se tornado político partidário, ele era apenas associado da entidade, permanecendo distante do quadro administrativo.

Já Júlio Soares, um dos *florestinos* mais experientes, eleito cinco vezes Presidente da SBFA, foi quem os petebistas convidaram para integrar a campanha de Temperani. Mas quem era Armando Temperani Pereira?

Temperani Pereira (1910-1991), era natural de Curitiba-PR. Foi professor Universitário e político vinculado ao PTB. No dia 31 de janeiro do ano de 1955, foi empossado Deputado. Em fevereiro do mesmo ano foi eleito Presidente da Comissão de Constituição e Justiça da Assembléia Legislativa, cargo que iria ocupar até dezembro do ano de 1958. Em agosto de 1955 assumiu interinamente a Presidência da Assembléia.

Hélio Fontoura conheceu Armando Temperani, segundo ele:

Eu conheci o Dr. Armando Temperani Pereira, muito antes de ele entrar para a política, ainda na minha juventude. Ele morava na vila Assunção e o meu pai que era amigo dele nós morávamos na Tristeza, então seguidamente havia esta convivência e participei de várias conversas de meu pai com o Temperani. O Dr. Temperani Pereira era uma brilhante figura, uma cabeça espetacular, foi vereador de Porto Alegre, foi deputado federal, deputado estadual e sempre preocupado com as minorias, especialmente com o movimento negro, que hoje no Brasil nós temos que ter presença, todos nós temos um pouco de sangue negro e a mistura de raças é que fez o brasileiro ser como ele é, uma pessoa trabalhadora, pessoa que é, a cada vez mais esta tentando diminuir o preconceito com as minorias, a favor dos índios, a favor do pessoal que precisa ter apoio do governo para melhorar de vida. Temperani, na realidade, **foi um dos organizadores deste Congresso que teve frutos muito importantes**, porque a partir deste Congresso, que foi um Congresso nacional onde

participou gente de todos os estados, e a partir daí começou o movimento da diminuição do racismo existente em nosso país.²¹⁷ (Grifo nosso).

Neste depoimento encontramos importantes informações sobre o relacionamento deste político com a Sociedade Floresta Aurora. Conforme Adair Barcelos, que freqüentou os bailes da agremiação nos anos 50, em entrevista realizada no ano de 2007: “Armando Temperani Pereira foi um batalhador na organização negra, foi uma pessoa que batalhou muito e auxiliou muito a **Sociedade Beneficente Floresta Aurora**”.²¹⁸

O senhor Adair Barcelos, embora freqüentador dos bailes da SBFA, era membro de outra Sociedade Negra, a Marcílio Dias neste período, sendo que nesta organização ele praticava esportes. Perguntamos sobre as relações políticas partidárias entre esta Sociedade e o **PTB**, ele nos respondeu:

O pessoal da nossa raça era quase que todos petebistas, dificilmente alguma pessoa de cor não era petebista. Não sei a razão mais atraía muito o Brizola, talvez pelas lembranças com Getúlio Vargas, de Leonel Brizola tenha nos chamado atenção para isso, mas não se falava muito de política abertamente dentro das sociedades, não se falava, até se dizia que era proibido de falar-se em política dentro da sociedade...²¹⁹

Em outra entrevista realizada com o Sr. Nilo Feijó, antigo militante do movimento negro de Porto Alegre, com mais de setenta anos de idade, e atualmente Presidente da **Sociedade Negra Associação Satélite Prontidão**, foi possível constatarmos que o relacionamento entre a comunidade negra e o PTB era tão profundo, que neste período vinha praticamente de berço, inclusive se fundindo em uma bandeira comum, conforme ele respondeu minha pergunta quanto ao seu início como militante negro:

lembro de meu pai, que ele era muito voltado às questões políticas ele tinha um partido de sua preferência na época, nós negros pendíamos muito para o lado do Partido dos Trabalhadores, porque nós éramos a

²¹⁷ Entrevista com Hélio Fontoura realizada no dia 18 de dezembro de 2006.

²¹⁸ Entrevista com Adair Barcelos realizada no dia 08 de outubro de 2007.

²¹⁹ Ibidem.

grande massa trabalhadora, era o PTB na época, então o meu pai era muito voltado às questões políticas, tinha lá as suas predileções, mas ele era uma cara muito atento às questões da sociedade negra.²²⁰

A partir destes depoimentos temos indícios de que o **Partido Trabalhista Brasileiro** realmente passou a representar os interesses políticos da comunidade negra porto-alegrense e a sua vontade coletiva. Inclusive, era representado dentro da entidade diretamente pelo político Armando Temperani Pereira que, além de ter participado em praticamente todos os dias das atividades do Congresso, era conselheiro ativo da Sociedade.



Imagem 23 – Armando Temperani Pereira (1910-1991)
Fonte: Arquivo de Dep. da Assembléia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul.

Este contato entre a comunidade negra e o PTB existiu também em São Paulo, pois segundo Souza, militante negro paulista que fora entrevistado por Ivair Augusto Alves dos Santos:

A imagem de Getúlio Vargas, fundador do PTB, sempre mereceu, por parte da população negra, uma forte identificação, havendo um sentimento de gratidão pelas reformas realizadas durante o período do Estado Novo. No depoimento de militantes da Frente Negra, são valorizados alguns episódios como o atendimento às reivindicações de romper com o tabu da patinação (era vedada aos negros a entrada em ringues), o acesso à Guarda Civil do Estado de São Paulo, também proibido para negros... nos depoimentos registrados de militantes negros, todos de alguma forma, fizeram referência à legislação trabalhista que o PTB se propunha a defender, considerada uma conquista significativa para a população negra. (Souza, *Apud* IVAIR SANTOS, 2001, p.59-60).

²²⁰ Entrevista realizada com Nilo Feijó realizada no dia 22 de maio de 2007.

Prova dos contatos políticos estreitos entre a Sociedade Negra e o PTB, na cidade de Porto Alegre, além da presença de um representante da sigla no seio da organização negra, foi a visita do principal líder do partido no Rio Grande do Sul. Em entrevista realizada com o Sr. Hélio Fontoura²²¹, advogado de Leonel Brizola, Prefeito de Porto Alegre na época do **Primeiro Congresso Nacional do Negro**, tornaram-se evidente estas relações. Segundo Seu Hélio Fontoura:

Eu como morador da Tristeza passava sempre de ônibus de frente à sede e via o progresso da Sociedade Floresta Aurora, que foi se organizando por a sua diretoria, foram construindo os seus prédios, e as comemorações existentes no Floresta Aurora eram cada vez mais importantes e faziam reuniões, faziam congressos, faziam bailes, na realidade o Floresta Aurora era uma sociedade muito respeitada. E eu tive a oportunidade, uma ou duas vezes em companhia do governador Leonel Brizola, de participar de eventos nesta Sociedade.²²²

Mas antes de acontecerem as visitas de Brizola e Hélio Fontoura a **Sociedade Floresta Aurora**, demonstramos que o relacionamento entre políticos e a SBFA tornou-se possível a partir de contatos realizados na Portaria do **Curso de Engenharia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul**.

Um dos maiores desafios de minhas pesquisas foi localizar pessoas vivas que participaram como palestrantes das atividades do **Primeiro Congresso Nacional do Negro** realizado na cidade de Porto Alegre no mês de setembro de 1958. Embora eu tenha conseguido entrevistar três pessoas que viviam na época e que até ouviram falar deste Congresso, localizar uma pessoa que participou presencialmente das atividades, sempre foi para mim o maior obstáculo.²²³

²²¹ Para saber mais da relação de Hélio Fontoura e Leonel Brizola ler: 40 anos ao lado de Brizola, livro de autoria de Hélio Fontoura.

²²² Entrevista realizada no dia 18 de dezembro de 2006.

²²³ Os entrevistados que localizei e que eram pessoas atuantes e participativas em atividades sociais e políticas nos anos 50 foram: Sr. Hélio Fontoura, que foi a algumas reuniões com o Brizola na Sociedade Floresta Aurora, Sr. Adair Barcelos, que embora indo a bailes nos anos 50 na Sociedade Floresta Aurora e participante da Organização Negra Marcílio Dias, conheceu o Congresso através de minhas informações, o Sr. Nilo Feijó, que também conheceu o Congresso através de mim e a senhora Terezinha Regina, praticante de vôlei no Clube Náutico Marcílio Dias, que ouviu falar do Congresso mas, devido à idade, se distanciou das atividades do mesmo.

Até que, com muita satisfação, consegui, através da internet, achar um palestrante que participou da mesa inaugural do Congresso. É o senhor Manoel Luis Leão, Professor da Faculdade de Engenharia na época. A seguir, vemos a mesa de abertura do Congresso, sendo o senhor Manoel Luis Leão o primeiro homem sentado da direita para a esquerda.



IMAGEM - 24

Da esquerda para a direita. Em pé Valter Santos palestrando sobre a História da Floresta Aurora, na seqüência Dr. Legsiner de Farias, Dr. Darcy Conde Salgado e Manoel Luis Leão. Imagem Revista do Globo 2ªquinz.OUT.1958, p.86-87.

Ao localizar o seu Manoel na imagem e a instituição, que ele pertencia, passei a procurar vestígios de sua vida e consegui encontrá-la através de um *site* vinculado aos funcionários antigos da UFRGS. Entrando em contato com a Associação de Informática da UFRGS obtive o telefone residencial do Sr. Manoel, com quem consegui falar.²²⁴

Tentei agendar uma visita a sua residência, obtendo uma resposta inusitada de sua parte, pois o mesmo disse que jamais ouvira falar desse Congresso. Solicitei o seu e-mail pessoal e ele me forneceu, enviei a foto visualizada anteriormente em que ele aparece, e fiquei no aguardo de uma resposta. Passada uma semana me respondeu e confirmou que era ele o homem sentado à

²²⁴ As minhas buscas por pessoas que participaram do Congresso de Porto Alegre tiveram início no ano de 2006. Nestes dois últimos anos tenho entrado em arquivos, visito pessoas e continuo participando de reuniões em Sociedades Negras antigas de Porto Alegre e do interior do Rio Grande do Sul a procura de homens e mulheres mais velhos que ouviram falar do oásis de Porto Alegre. Felizmente localizei duas pessoas que sentiram o evento. Uma foi o senhor Manoel e a outra foi a senhora Terezinha Regina Evangelista, a qual tive a honra e a sorte de entrevistar, e que em 1958, ano de realização do encontro, tinha 22 anos de idade. Esta senhora, hoje com 73 anos, freqüentava festas realizadas na Sociedade Floresta Aurora e praticava esportes assiduamente na organização negra Marcílio Dias. Segundo ela, embora conhecendo os organizadores, sequer foi convidada a participar do Primeiro Congresso Nacional do Negro de Porto Alegre. Para saber mais sobre a senhora Terezinha ver o capítulo 3 desta pesquisa. Esperamos que tenhamos a oportunidade de continuar investigando este acontecimento, e de principalmente localizar mais pessoas que tiveram conhecimento ou participaram deste congresso.

direita da mesa, algo que a minha intuição já havia confirmado. Enviei algumas questões para ele, que gentilmente retornou-me.



IMAGEM – 25

Registro atual do Sr. Manoel Luiz Leão.

Localizado em uma reportagem do site do Instituto de Informática da UFRGS, sob título:
“Uma década formando Talentos”.

<http://si.inf.ufrgs.br/informa/edicao3/memoria.html/> Acesso em 10 maio de 2008.

Elaborei uma lista de itens para tentar obter algumas respostas suas, e destas destacamos duas, justamente as que evidenciam as relações entre o **PTB** e a **SBFA**. A primeira questão era se ele conhecia Leonel de Moura Brizola. A resposta foi positiva, inclusive, segundo ele, foram colegas de turma. Outro item era saber como ele foi convidado para participar do Congresso. Ele respondeu que um homem, funcionário da Portaria da Escola de Engenharia chamado Eurico, do qual esquecera o sobrenome, e que segundo as suas informações, detinha uma posição destacada na Sociedade Floresta Aurora, o convidou, tanto a ele quanto aos outros Professores do Curso de Engenharia, para a abertura do Congresso, sendo que, segundo ele, a sua participação devia ter-se limitado à cerimônia inaugural, pois recordava pouco desta atividade.

Passaremos a identificar brevemente, a partir do contato com o Sr. Manoel Luiz Leão, quem foram estes dois homens, Leonel de Moura Brizola e Eurico, de sobrenome Silva.

Leonel de Moura Brizola, ou simplesmente Brizola (1922-2004), nasceu em Cruzadinha, hoje Carazinho, no interior do RS. De família humilde, Brizola, foi alfabetizado pela mãe, Dona Oniva e mais tarde se matriculou no 2º ano na Escola Municipal Fagundes dos Reis, em Passo Fundo. Aos 14 anos veio para Porto Alegre. Matriculou-se aos 17 anos na Escola Agrícola de Viamão-RS e aos 18 anos fez concurso para o Ministério da Agricultura como Técnico Rural. Era piloto de avião e chegou a presidir o Aero clube do Rio Grande do Sul. Concluiu os estudos em 1943, na escola Estadual Júlio de Castilhos. E em 1944 fez o vestibular para o curso de Engenharia, ficando em 11º lugar.²²⁵

Conforme Fontoura, que escreveu sobre a sua relação com Brizola:

Na efervescência da vida universitária e nas lutas do Centro Acadêmico começou a desenvolver seu gosto pela política. Ainda em 1945 organiza, com operários de diversas categorias, o 1º núcleo gaúcho do Partido Trabalhista Brasileiro (PTB) percorrendo o interior do Estado, com outras lideranças, visando difundir os ideais do Partido... sua primeira aparição pública de destaque foi em 1946, num comício em Porto Alegre, onde estava presente o Dr. Getúlio Vargas, fazendo um aplaudido e vibrante discurso, de improviso, representando a Ala Moça do PTB, onde era dirigente... Em 1947, ainda estudante de engenharia, elegeu-se deputado para a Assembléia Legislativa, com 3.839 votos. (FONTOURA, 2005, p.7).

Em 1950, Brizola se reelege Deputado Estadual, agora já formado em Engenharia, sendo o Deputado mais votado do PTB com 16.691 votos. Em 1953 foi convidado pelo então Governador do Estado, Gen. Ernesto Dorneles, também filiado ao PTB, para ocupar a Secretaria de Obras Públicas, já que era engenheiro de profissão. Com o *slogan*: “Idealiza, Planeja e Constrói”, Brizola foi eleito, em novembro de 1955, Prefeito da cidade de Porto Alegre. Porém, Brizola queria mais. No final de 1957, inicia a campanha para o Governo do Estado do Rio Grande do Sul. Os resultados deste pleito, veremos mais adiante.

“E quem foi o Eurico?”²²⁶ Eurico de Souza Silva foi Presidente da **Sociedade Beneficente Floresta Aurora** nos biênios de 1949-1950. Embora tivesse muito prestígio nesta

²²⁵ Para saber mais sobre a vida política e familiar de Leonel de Moura Brizola ler: Hélio Fontoura: 40 anos ao lado de Brizola, 2005. E para uma leitura histórica mais aprofundada das intenções de Brizola ver BEMFICA, Flavia Cristina Maggi. Dissertação de Mestrado, intitulada: Governo Leonel Brizola no Rio Grande do Sul: desconstruindo mitos. PPGH-PUCRS, Porto Alegre, 2007.

²²⁶ Conforme escreveu o Sr. Manoel Luiz Leão e que se esquecera do sobrenome dele.

organização negra, conforme informou Manoel Luiz Leão, Eurico era o zelador da entrada principal do **Curso de Engenharia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul**, da cidade de Porto Alegre, o que foi confirmado em um depoimento de Terezinha Regina Evangelista, que o conheceu na década de 1950. Segundo ela: “ele trabalhava na portaria da Faculdade de Engenharia da UFRGS, pai de amigas minhas com as quais eu me dou até hoje”.²²⁷



IMAGEM – 26

Fonte: Jornal Folha da Tarde, dia 19/09/1958 p.35.

Imagens, da esquerda para a direita, de Valters Santos Presidente da Sociedade Floresta Aurora no ano de realização do Congresso, 1958 e Eurico Souza, conselheiro.

Para o Senhor Nilo Feijó, que também o conheceu: “O Eurico foi uma grande liderança do Floresta Aurora... foi um líder nato, uma pessoa que trabalhou muito pela comunidade e principalmente pelo Floresta Aurora...”.²²⁸

Notadamente tivemos, conforme visto, a participação de representantes do curso de Engenharia da UFRGS nas atividades do Congresso, escola superior no qual se formou Leonel Brizola e onde ele aprendeu, além das técnicas edificativas, a fazer o jogo político. Provavelmente, foi lá também que conheceu e manteve contato com Eurico Silva que, por sua vez, devia avistar muitos homens deste curso, já que cuidava da portaria do prédio. Portanto, o Curso de Engenharia, o Partido Trabalhista Brasileiro e a Sociedade Floresta Aurora, construíram, em conjunto, o **Primeiro Congresso Nacional do Negro**.

²²⁷ Entrevista realizada com Terezinha Regina Evangelista no dia 01 de maio de 2008.

²²⁸ Entrevista realizada com Nilo Feijó realizada no dia 22 de maio de 2007.

Podemos certamente enfatizar que a realização do Congresso foi fundamental para as eleições estaduais e teve uma importante contribuição para as pretensões eleitorais do **PTB**, pois, segundo o Jornal Correio do Povo, do dia 17 de setembro de 1958, em sua página 01, sobre o eleitorado brasileiro:

TABELA 6 – Quantidade de eleitores brasileiros

Estado	Quantidade de eleitores
Rio Grande do Sul	1.274.344
São Paulo	2.855.751
Rio de Janeiro	790.762
Bahia	920.249
Minas Gerais	2.034.771

Fonte: Correio do Povo do dia 17 de setembro de 1958, página 01.

Através desta tabela visualizamos que no Estado do Rio Grande do Sul estavam aptos a votar 1.274.344 eleitores. A população negra conforme informado no discurso de Laudelino Medeiros era de 440.000 pessoas. Como os analfabetos eram impedidos de votar e no RS o número de negros analfabetos girava em torno de 70%, significava que somente 132.000 negros, ou seja, 30% poderiam votar e isto se os mesmos tivessem a idade prevista em lei, isto é, maiores de 18 anos.²²⁹ Mas prosseguindo este raciocínio, se diminuirmos este número pela metade e nos concentrarmos em um número de 66.000 mil eleitores, ou seja: 15% dos negros sendo eleitores, mesmo assim devemos considerar esta quantidade como razoável e notar como foi importante a relação entre o **PTB** e a comunidade negra gaúcha, por ocasião desta disputa eleitoral, pois os resultados das eleições para o Governo do Estado do Rio Grande do Sul foram os seguintes:

²²⁹ Segundo informações localizadas no Jornal Correio do Povo do dia 27 de setembro de 1958, na página 18: "São eleitores os brasileiros de mais de 18 anos de idade, diz a revista Desenvolvimento e Conjuntura. Apreciando a composição do eleitorado nacional e, prosseguindo: Mas o código eleitoral vigente impede o alistamento dos analfabetos, dentro deste grupo e ainda dos que não saibam exprimir-se na língua nacional, dos que estejam privados temporária ou definitivamente dos direitos políticos, e dos praças, salvo aspirantes e oficiais, suboficiais, sargentos e alunos das escolas militares de ensino superiores. Estão desobrigados os inválidos e maiores de 70 anos (...)"

TABELA 7 – Resultado das Eleições para Governador do Estado do RS.

Candidato	Partidos	Número de votos	% de votos válidos
Leonel de Moura Brizola	PTB	670 mil	55%
Walter Perachi Barcelos	PSD, PL e UDN	500 mil	45%

Fonte: Hélio Fontoura: 40 anos ao lado de Brizola, 2005, p.23 e BEMFICA, 2007, p.18-21.

Nesta tabela constamos uma diferença de 170 mil votos a favor de Brizola. Pois bem, proporcionalmente, através destes números, temos os indícios necessários para valorizar a importância da comunidade negra para a realização dos interesses de Brizola e seu partido, o **PTB**. O Primeiro Congresso Nacional do Negro foi concretizado entre os dias 14 a 19 de setembro do ano de 1958 e no dia 10 de outubro de 1958, os resultados das eleições para o Governo do Estado do Rio Grande do Sul confirmaram, por meio das urnas, a vitória do Partido Trabalhista Brasileiro, com a escolha de Leonel Brizola como governador deste Estado. Através de uma estrutura de campanha alicerçada em grupos étnicos e classistas, o PTB alcançou seu maior objetivo, a vitória nas urnas. Lembremos do binômio no *slogan* da campanha de Brizola neste pleito: “Educação Popular e Desenvolvimento Econômico”.

Conforme registro da fala de Valter Santos, Presidente da Sociedade Beneficente Floresta Aurora e anfitrião do Primeiro Congresso Nacional do Negro de 1958, notamos certa coesão quanto a este binômio, pois localizamos a educação, anteriormente, como o mote principal do Congresso, que possibilitaria o desenvolvimento do negro, rumo à integração racial. Transcrevemos, abaixo, o discurso de encerramento do Congresso:

É com grata satisfação que declamo que os resultados foram bastante animadores e nos levam a prosseguir na luta em prol do elevamento do nível de vida de nossos irmãos de cor. Esse Congresso é o início de uma grande campanha objetivando a integração racial do homem de cor na sociedade brasileira e o primeiro passo já foi dado. Valter Santos ressaltou a colaboração prestimosa que os organizadores do Congresso receberam do governo federal, estadual, municipal bem como de nossa imprensa, em especial do Correio do Povo e da Folha da Tarde. (ENCERRADOS OS TRABALHOS DO 1º CONGRESSO BRASILEIRO DO NEGRO, JORNAL CORREIO DO POVO, 20 DE SETEMBRO DE 1958, p.07.

Assim os interesses de Leonel Brizola, em 1958, e de seu Partido foram alcançados com o apoio da comunidade negra, pois através de uma diretriz que contemplou a questão racial e uma campanha, que frisava como meta a educação popular, o **Partido Trabalhista Brasileiro** conseguiu arregimentar esta parcela da população, tendo como representante nada mais nada menos do que a agremiação negra mais antiga do Brasil **Sociedade Beneficente Floresta Aurora** em torno de seu projeto.²³⁰ Por menor que possa parecer a parcela do eleitorado negro apto a votar, diante da pequena margem que Brizola obteve sobre Walter Perachi Barcelos, devemos considerar como significativa a participação deste grupo fazendo a diferença a favor de Brizola, considerado como o representante político da comunidade negra neste pleito, já que o Partido opositor **PSD**, mantinha-se isento sobre a questão racial, embora tenha tido uma participação mínima no Congresso através do Secretário do Interior e Justiça: Hélio Carlomagno.²³¹

Convém destacar que a eleição de Brizola como governador do Estado do Rio Grande do Sul manteve relações com diversos grupos sociais, mas como estamos destacando a sua relação e a de seu Partido com a comunidade negra, salientamos que o projeto vitorioso orquestrado em conjunto com a comunidade negra serviu de inspiração para outros negros brasileiros atingirem seus objetivos, conforme as fontes de “escritas de si” expedidas pelo Sr Archanjo Martins Santos, Chefe da Estação da Rede Mineira de Viação, da cidade de Barra Mansa estado do Rio de Janeiro, que foi uma das empresas apoiadoras do Congresso, conforme a ATA nº263. Analisaremos duas correspondências de Archanjo enviadas para dois Governadores eleitos, o do Rio de Janeiro e para Leonel Brizola, do Rio Grande do Sul.

²³⁰ Nas palavras de Luiz Luna (1976, p.311): “O Rio Grande do Sul sempre foi um Estado onde os negros se destacaram por suas atividades reivindicatórias. É tradicional ali o clube Aurora, sociedade de negros e mulatos, cuja fundação data dos tempos de cativo e até hoje existe, ou pelo menos, até, poucos anos atrás estava funcionando”. Passado-se 32 anos deste livro de Luna, a Sociedade Floresta Aurora hoje, com 135 anos, continua existindo e funcionando. O que demonstra o vigor e a longevidade desta organização negra em nossa sociedade. Em uma publicação comemorativa pela passagem dos 130 anos da entidade, realizado em 2002, Nereidy Rosa, integrante da SBFA escreveu o seguinte sobre a existência da entidade: “tempo que atravessa duas guerras mundiais e inúmeros momentos históricos do Brasil, inclusive a abolição da escravatura, o movimento pelas diretas e o impeachment do primeiro presidente eleito pelo voto direto depois da década de 60, entre outros fatos de suma importância na história política deste país”. Ver ALVES, Nereidy Rosa, Projeto Povo Negro no Sul, 2002: ARI, Porto Alegre, 2002.p.08.

²³¹ Para saber mais sobre Hélio Carlomagno Ver: www.al.gov.br/biblioteca/pdf/1955-1959.pdf. Acesso em 15 de maio de 2008.

Na correspondência, enviada por ele para o então Governador do Rio de Janeiro Roberto Silveira, logo depois de sua participação nas atividades do Primeiro Congresso Nacional do Negro:

Barra Mansa, 15 de dezembro de 1958.
Dr. Roberto Silveira
D.D Vice Governador do Estado do Rio de Janeiro.

É com a mais súbita honra que venho a presença de V. Excia enviar-vos os meus sinceros parabéns pela Vossa eleição a Governador do Rio de Janeiro. Como membro da União Mineira Pró-Homens de Cor do Estado de Minas Gerais, da União Mineira Pró-Homens de cor do Distrito Federal, sócia da Sociedade Beneficente Cultural Floresta Aurora de Porto Alegre do Estado do Rio Grande do Sul, Associação Cultural Beneficente e Recreativa José do Patrocínio de Belo Horizonte, filiado a Liga Mundial Pró direitos dos Negros e como intransigente lutador pela eleição de V. Excia (sic), ao Posto de Governador da Terra Fluminense, animo-me e tomo a liberdade de sugerir a V. Excia que é uma nova mentalidade política e Governativa para que aproveite também como auxiliares do Governo de V. Excia, Homens de Cor, de reconhecida capacidade administrativa, política e social como é o caso de nosso grande Orientador Deputado José Bernardo da Silva²³² e outros mais, que venham engrandecer a posição dos Homens de Cor no Brasil e fortalecer a nossa Democracia. **Segundo informação tal medida será tomada pelo Exmo Snr. Engenheiro Leonel de Moura Brizola, Prefeito de Porto Alegre e eleito Governador do Estado do Rio Grande do Sul, e que num gesto democrático nos ofereceu no dia 21 de setembro do corrente ano, um grande churrasco por motivo da realização naquela capital do 1º Congresso Nacional do Negro no Brasil.** Finalmente, confiante no Espírito Magnânimo de V. Excia, como Governador do Povo Fluminense sem distinção de cor ou raça, é que tomo a liberdade para tal apelo. Certo de ser atendido aproveito para apresentar a V. Excia os meus altos protestos de grande estima e distinção. (GRIFO NOSSO).

Que Deus guarde V. Excia, “AD MULTOS ANNOS”.
Cordialmente

Archajo Martins dos Santos.

Na correspondência enviada para o Governador do Rio de Janeiro, Archanjo destaca a sua participação no **Primeiro Congresso Nacional do Negro** de Porto Alegre e ressalta o espírito

²³² Citado na página 140 de nossa dissertação, José Bernardo da Silva, líder da UHC – **União dos Homens de Cor** da cidade do Rio de Janeiro, foi contra o Congresso do Negro realizado em 1950 no Rio de Janeiro, pois disse que foi um encontro realizado para as “intenções pessoais de Abdias”. Através desta carta de Archanjo comprovamos que ele era Deputado no Rio de Janeiro, cargo que Abdias do Nascimento almejou, porém sem sucesso.

democrático de Brizola ao convidar um representante da comunidade negra, Alexandre Moreira, para ser o oficial de seu Gabinete, além de ter oferecido aos participantes do Congresso um churrasco. Sentindo aquela coesão de interesses Archanjo vislumbra tal aliança democrática no Rio de Janeiro e um exemplo a ser seguido pelo Governador do Estado.

Em nossa próxima carta analisada, Archanjo confirma a sua admiração pela política de Brizola. Segundo consta na carta, agora enviada diretamente para o Governador do Estado do RS.

Leonel de Moura Brizola
D.D Governador do Estado do Rio Grande do Sul
Exmo. Snr. Governador.

As grandes obras tendem a ser compreendidas, somente, por um círculo restrito da opinião pública, só depois de exaustivos trabalhos, é que a idéia vinga, floresce e frutifica. Conhecendo esse fenômeno, é que venho a presença de Vossa Excia (sic) levar os meus sinceros parabéns pela tão acertada escolha do cidadão Sr. Alexandre Moreira para oficial de Gabinete de V. Excia. Trata-se de um dos atos mais simpáticos e democráticos do governo de V. Excia, que veio repercutir em todo o Brasil, numa demonstração de que V. Excia deseja governar o grande estado, com a colaboração de brancos, pretos, sem a distinção de raça ou credo, e com todos os Riograndenses que desejam o progresso do grande estado sulino. Deixo aqui as minhas sinceras felicitações, apresentando V. Excia os meus protestos de grande estima e distinta consideração.

Que Deus guarde V. Excia “AD MULTOS ANNOS”.
Cordialmente

Archanjo Martins dos Santos
B.Mansa, 30/06/59

Em síntese, a partir destas correspondências²³³ evidenciamos que o **Primeiro Congresso Nacional do Negro** efetivado na cidade de Porto Alegre no ano de 1958 foi um evento voltado para as alianças entre os grupos políticos e étnico-sociais - neste caso representados pela **Sociedade Beneficente Floresta Aurora** -, visando a eleição Estadual no Rio Grande do Sul, algo que favoreceu e muito o **PTB**, mas também a comunidade negra, pois a partir deste momento ela passa a se beneficiar diretamente com essas alianças, fazendo parte diretamente do

²³³ Sobre fontes como correspondências e a sua aplicação nas pesquisas históricas, empregaremos a partir de nosso próximo item a fonte “Escritas de si” proposta originada de Ângela Castro Gomes, que aprendemos no Seminário realizado no Programa de Pós-Graduação em História da PUCRS no segundo semestre de 2007, sob coordenação da Prof. Dra. Margaret Marchiori Bakos, a quem de coração agradeço os ensinamentos.

poder político do Estado gaúcho. Embora o PTB tenha conseguido “manobrar as massas”, as mesmas tiveram alguns interesses contemplados.

Outra questão a ser ressaltada, neste fato é que, através de Archajo Martins dos Santos, as idéias negras continuavam a se “movimentar” por este Brasil afora, porém, agora com o viés político partidário, pois como ele esteve na realização do Congresso de Porto Alegre, pôde pessoalmente observar a aliança realizada entre a comunidade negra, representada pela Sociedade Floresta Aurora e o PTB, representado por Brizola. A partir disto leva este exemplo que deu certo no Rio Grande do Sul, para o Governo do Rio de Janeiro, ou seja: formar alianças entre os homens que representassem os interesses da comunidade negra em conjunto com o Poder Político.

Mas e as Sociedades Negras participaram das atividades deste Congresso? Como foi este relacionamento entre a Sociedade Floresta Aurora e as suas coirmãs porto-alegrenses por ocasião desta atividade? É o que passaremos a analisar neste momento.

3.1.3 O ENCONTRO, AS SOCIEDADES NEGRAS E O BRANQUEAMENTO.

Antes de aprofundarmos nossa pesquisa sobre a participação das Sociedades Negras no Congresso de Porto Alegre, investigaremos como eram feitas as comunicações entre a SBFA e as suas coirmãs por ocasião de atividades sociais e quais os conteúdos destas informações, para, depois demonstrarmos como as sociedades negras porto-alegrenses, rio-grandenses e do Brasil, participaram deste encontro e qual foi a intensidade destas participações.

Para atingirmos nossos objetivos utilizaremos onze correspondências localizadas no Acervo da SBFA, bem como entrevistas orais realizadas com pessoas que participavam de organizações negras na cidade de Porto Alegre no final da década de 1950.²³⁴

Em primeiro lugar, analisaremos o local em que foram escritas as correspondências, como um *lugar social*, já que essas cartas eram enviadas de acordo com as atividades de interesse do grupo emissor. Neste caso utilizaremos as cartas redigidas no interior da SBFA, as enviadas por pessoas e pelas organizações negras identificadas nas mesmas.

A exemplo de como fizemos no início de nossas pesquisas, ao analisar **FNB**, faremos agora com estas organizações negras que, embora sendo diferente de um Congresso propriamente dito, produziam nas suas sedes, documentos que versavam sobre assuntos pertinentes as suas necessidades. Portanto, este *lugar social*, que foi a Sede da SBFA ou de outra organização negra, organizou os seus documentos de acordo a emitir as suas correspondências como forma de distribuir suas comunicações para as entidades com as quais se relacionava informando-as de seus interesses e também com isso formando em seu Acervo as possibilidades de manter esta história viva.

Utilizaremos onze correspondências, dez passivas e uma ativa, de cunho privado e de caráter íntimo, que circularam entre os integrantes das Sociedades Negras entre 1958 e 1959, tendo como principal interesse, de nossa parte, localizar os assuntos relacionados com a Sociedade organizadora do Primeiro Congresso Nacional do Negro, embora nestas cartas sejam encontrados outros assuntos, o que enriquece nossa proposta, pois o que queremos demonstrar, em última análise, é também como eram trocadas as informações entre essas organizações.

²³⁴ Agradecemos de coração a Leiriane Barbosa, Coordenadora Cultural da SBFA no biênio 2006-2008, e que gentilmente nos disponibilizou as correspondências, localizadas no Acervo da entidade, na Av. Cel Marcos, 527. Também agradeço a Senhora Terezinha Regina Evangelista, Senhor Nilo Feijó e Senhor Adair Barcelos por gentilmente me receberem em suas residências para realizarmos as entrevistas.

As fontes documentais, como as que utilizamos são denominadas de “escritas de si”, pois conforme explica Ângela de Castro Gomes:

a *escrita de si* engloba autobiografias, diários, cartões postais e documentos de caráter íntimo. É um espaço que dá crescente destaque à guarda de registros privados e públicos que passam a ser um “teatro da memória”. Em todos os exemplos os indivíduos e os grupos evidenciam a relevância de dotar o mundo que os rodeia de significados especiais, relacionando com suas próprias vidas. (GOMES, 2004, p.11).

Além dessas fontes, utilizaremos o conceito de *organizações negras*, que podem ser identificadas como sociedades, clubes e/ou associações Negras.

As *organizações negras* são núcleos de reencontro para a comunidade reivindicar sua inserção social que a afaste de vez da marginalização, de certa forma imposta após o dia 13 de maio de 1888. Conforme Singer (1980, p.143) “o negro brasileiro sempre foi um organizador”. Nesse sentido os quilombos, as insurreições, as fugas, etc., podem ser considerados como organizações negras, já que eram maneiras pensadas de lutar contra a condição adversa e desumana.

Mas as *organizações negras*, a que nos referimos neste trabalho são as de caráter: associativo, político e/ou social, tais como blocos carnavalescos, sociedades de auxílio mútuo e sociedades políticas ou dançantes. Reconhecendo nos quilombos, nas fugas e em toda e qualquer forma de resistência, uma forma de resistência organizada.²³⁵

Conforme Muller (1999, p.14), estas organizações, surgiram em Porto Alegre após a criação da Irmandade do Rosário, fundada em 1786. Para a autora “a partir dela é que se criou na cidade um espaço burocrático e simbólico, podendo este grupo criar uma “comunidade de destino” ou comunidade emocional”.²³⁶ Com o passar do tempo surgiu a preocupação sobre a defesa de seus interesses e a busca pela ascensão social.

²³⁵ É importante ressaltar a participação ativa da comunidade negra como agente de sua história. Desde os quilombos, ataque a engenhos, irmandades, candomblés, passando pelas sociedades abolicionistas, e o surgimento da imprensa negra, confirmamos a capacidade de organização do negro. Ver BAKOS, 1988. p.118-138 e SINGER, Paul.; BRANT, V.C. (org) São Paulo: o povo em movimento. Petrópolis: Vozes, 1980.

²³⁶ Conforme Maffesoli. Entre outras considerações, explica o autor que “o costume, nesse sentido, é o não-dito, o “resíduo” que fundamenta o “estar junto”. Maffesoli propõe chamar isso de centralidade subterrânea ou potência social em oposição ao poder oficial. MALFFESOLI *apud* MÜLLER, 1999, p.14-15. (rodapé).

Temos uma importante contribuição do historiador José Antonio dos Santos quanto a origem das sociedades negras na cidade de Pelotas. Segundo ele, um dos motivos delas existirem na cidade, entre os anos de 1920 e 1950, foi devido ao preconceito sofrido pelos negros em associações dançantes operárias. Para este autor:

Consideramos de qualquer forma, que por mais tênue a possibilidade de um indivíduo se sentir constrangido, no sentido de passar o vexame de ser barrado no baile ou não sentir-se à vontade para se divertir entre aqueles que ele pensa serem iguais, já os afasta muitas vezes daqueles ambientes. A possibilidade real ou imaginária de sentir-se constrangido no direito de ir e vir, já limita as opções dos indivíduos e delimita fronteiras entre as pessoas, resignando-as aos limites definidos na relação para a buscar o reconhecimento entre os seus. (SANTOS, 2000, p.155-156).

A partir destas questões entendemos que estas sociedades negras permearam vários aspectos das atividades sociais da comunidade negra, como a busca por diversão por meio de sociedades dançantes, por ascensão social, através das associações políticas, e até a prática de esportes, como nas Associações esportivas. Neste último caso, o Clube Náutico Marcílio Dias foi criado em Porto Alegre nos anos 50 com este objetivo, o da prática esportiva. Todas estas atividades estão representadas nas cartas que analisaremos.

Mas existiam também associações que eram mais versáteis, possuindo muitas características ao longo de sua existência, como a própria SBFA de Porto Alegre, que segundo Muller:

A Floresta Aurora não foi, entretanto, uma sociedade com preocupações apenas recreativas e beneficentes. Dando provas de seu empenho no sentido de contribuir para a elevação social do negro, a associação, mais de uma vez, colocou suas dependências e prestígio à disposição de eventos de caráter político. (MÜLLER, 1999, p.129).

Ainda encontramos 46 clubes dançantes, 7 sociedades instrutivas e 1 instrutiva e beneficente na pesquisa de Liane Muller que coletou informações sobre as associações negras porto-alegrenses, entre os anos de 1889 e 1920. (MÜLLER, 1999, p.144).

Damos ênfase, ainda, às trocas de correspondências entre as sociedades negras, realçando as relações existentes entre elas, tendo como parâmetro as cartas enviadas para a SBFA de Porto

Alegre por suas Coirmãs do Estado do Rio Grande do Sul, entre 1958 e 1959, período próximo ao nosso principal objeto de pesquisa, o Congresso de Porto Alegre.

Para analisarmos com competência as informações sobre a troca epistolar entre essas organizações, utilizaremos o método básico de análise de conteúdo para uma melhor interpretação dos dados que dispomos.

O nosso *corpus* escolhido para a operação de análise de conteúdo são onze cartas localizadas no Acervo da SBFA. Conforme Ciro Flamarion Cardoso (2006), certos critérios devem ser satisfeitos para que possa ser aplicado o método.

- 1- *O corpus* em questão deve ser completo no sentido exigido pela natureza do tema e das hipóteses.
- 2- Deve ser uma documentação que, em seus conteúdos e em suas dimensões, justifique ser pertinente o uso da análise de conteúdo;
- 3- Deve ser homogênea segundo os princípios que se definam.

Através destas missivas formulamos a seguinte hipótese: que as correspondências localizadas no Acervo da SBFA são indícios que comprovam, entre os anos cinquenta e sessenta, a troca epistolar foi - além das viagens realizadas por delegações e pessoas -, também um importante instrumento de difusão e movimentos de idéias, contatos e relacionamentos entre as administrações das Sociedades Negras do Rio Grande do Sul e, quiçá, do país, independentemente das distâncias de suas cidades. Neste sentido, contemplamos o primeiro item, proposto por Ciro Flamarion Cardoso, pois estes documentos complementam plenamente os temas de nossa proposta, que são duas:

1 - Identificar como eram feitas as comunicações entre a **SBFA** e as suas co-irmãs porto-alegrenses, rio-grandenses e do país, por ocasião de atividades sociais.

2 - Através deste *corpus* queremos analisar se as sociedades negras porto-alegrenses, rio-grandenses e brasileiras participaram ou tiveram conhecimento do Primeiro Congresso Nacional do Negro de Porto Alegre.

Segundo o historiador Ciro Flamarion Cardoso, devemos atentar para outro item relacionado à análise do *corpus documental*: se os conteúdos e as dimensões dos documentos justificam serem os mesmos pertinentes à pesquisa.

Acreditamos que por dispormos de onze cartas, datadas entre 1958 e 1959, que demonstram em um total de treze páginas dados como: emissores, destinatários, cidade dos envolvidos, assuntos, etc., referentes ao “universo” de relacionamentos entre as Sociedades Negras, que existe uma documentação pertinente, pois elas perpassam o objeto principal de nossa pesquisa, que é o Primeiro Congresso Nacional do Negro de Porto Alegre.

E por fim, temos uma documentação homogênea, já que se trata de um conjunto de onze correspondências que tiveram como principal motivação o estabelecimento de uma rede de contatos entre as organizações negras do interior do Rio Grande do Sul e do Brasil com a Sociedade Beneficente Floresta Aurora.²³⁷

Deste *corpus* identificaremos através do “esquema de Lasswell” a definição destes documentos. Portanto, conforme o esquema proposto, caracterizaremos estas cartas a partir de seis questões: Quem fala? Para dizer o quê? A quem? De que modo? Com que finalidade? E com que resultados? Para facilitar a nossa compreensão das informações utilizaremos a tabela abaixo.

TABELA 8 – ANÁLISE DE CONTEÚDO DAS CORRESPONDÊNCIAS LOCALIZADAS NO ACERVO DA SBFA (1958-1959)

Nº	1-Quem fala	2-Para dizer o quê?	3- A quem?	De que modo?	Com que finalidade?	Com que resultados
1	Antonio V. Marques/ Presidente e Oswaldo Machado/ Secretário da Sociedade Cordão C. Estrela do Oriente, da cidade de Rio Grande/ RS. 1 de setembro de 1958	Resposta a convite para participar do Congresso do Negro de Porto Alegre. Recusava o convite porque iriam realizar no dia 15 a 21 de setembro de 1958, o seu tradicional baile de debutantes.	Ao Presidente da SBFA, Sr. Valter Santos e demais dirigentes.	Honrado pelo convite, mas preocupado em realizar o seu tradicional baile de Debutantes de sua Sociedade.	Recusa de convite.	Essa carta demonstra que o Congresso de Porto Alegre era menos importante do que um baile de debutantes? É o que parece, ao menos para os administradores da Sociedade de Rio Grande. Inclusive na carta é anunciado que o que iria acontecer em Porto Alegre, entre 15 a 21 de setembro, em Porto Alegre, era uma grande festa.
2	Noé de Jesus/ Secretário. Sociedade	Convidar a diretoria da SBFA para a posse da nova	Ao Presidente da SBFA, Sr. Valter Santos e demais	Formal.	Convite.	Consideração de respeito a SBFA informar a diretoria

²³⁷ A Sociedade Beneficente Floresta Aurora neste período tinha a sua Sede localizada na Rua Gen. Lima e Silva nº 316, na cidade de Porto Alegre-RS.

	Espírita Beneficente Amor e Caridade da cidade de Porto Alegre. 16 de maio de 1959.	direção da Sociedade.	dirigentes.			da SBFA que a Sociedade Espírita Beneficente Amor e Caridade teria nova diretoria.
3	Antão Lopes/ Presidente. Da Sociedade Recreativa Ferroviária 13 de Maio, da cidade de Santa Maria. 15 de junho de 1959.	Relação com os nomes dos membros da nova diretoria da Sociedade.	A diretoria da SBFA.	Relatório relacionando 25 nomes que estavam sendo empossados naquele ano. Desde o Presidente até o Bibliotecário da Sociedade.	Informativo Administrativo.	Como a carta anterior, consideração de respeito a SBFA ao informar a diretoria da SBFA que a Sociedade Recreativa Ferroviária 13 de Maio teria nova diretoria.
4	Breno Silva/ Secretário. Garibaldi Futebol Club, da cidade de Porto Alegre. 22 de julho de 1959.	Sobre a realização de um torneio de pingue-pongue entre as Sociedades.	A diretoria da SBFA e demais membros.	Planejamento da competição. Primeiro uma reunião, após as inscrições e a presença de atletas competentes.	Convite	Demonstra a formalidade no relacionamento até em correspondências que têm por interesse torneios esportivos.
5	Antonio V. Marques, da cidade de Rio Grande/ Presidente da Sociedade Cordão C. Estrela do Oriente, da cidade de Rio Grande/ RS. 08 de novembro de 1959.	Acusou o recebimento de carta enviada pela SBFA, cumprimentando-o pela sua formatura de Bacharel em Ciências Políticas e Sociais.	Ao Presidente da SBFA, Sr. Valter Santos.	Honrado e orgulhoso por ter recebido um agradecimento de uma Sociedade de nível nacional.	Resposta às considerações enviadas pela SBFA por tão importante mérito.	A importância dispensada pela SBFA a uma conquista individual de um membro da comunidade negra que acabara de se formar em um curso superior. Ovacionavam o mérito.
6	Maciel Acosta e Paulo Freire. Músicos do Grupo da GUARDA VELHA de Porto Alegre. 16 de novembro de 1959.	Solicitar espaço físico na SBFA, como uma sala, para a realização de ensaios do Grupo. Composto por 10 músicos.	Ao Presidente da SBFA, Sr. Valter Santos.	Solicitação de um espaço na tradicional veterana, valiosa, gloriosa, etc. Sociedade. Bajula ao máximo a SBFA para conseguir seu objetivo.	Solicitação.	Para fazer tal pedido pensamos que neste período a SBFA tinha um importante contato com orquestras e grupos musicais.
7	Jorge da Silveira Sá. 29 de dezembro de 1959.	Agradecendo o convite, que a SBFA o enviou e dizendo que iria se associar.	A Diretoria e suas respectivas famílias	Honrado e satisfeito.	Resposta a convite efetuado pela SBFA.	A Sociedade desenvolveu uma competente forma de atrair sócios, pois muitos destes eram conquistados através do envio de convites.
8	De Valter Santos, Presidente da SBFA, da cidade de Porto Alegre. Entre o final de 1958 e início de 1959, ano de sua gestão.	Como a administração da sociedade poderia ser mais eficiente nos relacionamentos com as Coirmãs através da antecedência dos convites enviados para as mesmas.	Aos Conselheiros e membros da administração da SBFA.	Preocupado e procurando a eficiência das ações da entidade no trato com as outras Sociedades Negras	Interno Administrativo.	Demonstra a preocupação da SBFA em manter a sua liderança através da qualificação de suas ações, pois a sugestão do Presidente Valter Santos, escrita nesta carta, era para que as correspondências convidando as

						Coirmãs para as atividades realizadas em Porto Alegre fossem enviadas com três ou quatro meses de antecedência.
9	De Archanjo Martins dos Santos, Chefe da Estação da R.M. Viação, de Barra Mansa-RS. 30 de junho de 1959.	Informe sobre o envio, que ele realizou, de cartas ao Governador do Rio Grande do Sul, Leonel Brizola e para o Governador do Rio de Janeiro, Sr. Roberto Silveira.	Ao Presidente da SBFA, Sr. Valter Santos.	Com satisfação e respeito pela SBFA, identificando-a como legítima representante nacional da integração da comunidade negra à pátria, política, social e administrativamente.	Política eleitoral. Demonstrar que a população negra deve apoiar o candidato que melhor representá-la politicamente no próximo pleito.	Esta correspondência evidencia a participação política efetiva da SBFA diante das possibilidades que o jogo político podia oferecer de benéfico para a comunidade negra, local e nacional.
10	De Archanjo Martins dos Santos, Chefe da Estação da R.M. Viação, de Barra Mansa-RS. 15 de dezembro de 1958.	Solicitar a inclusão de homens negros, de reconhecida capacidade administrativa, política e social, como José Bernardo da Silva, líder da UHC – União dos Homens de Cor do Rio de Janeiro, para os quadros do Governo de Estado, a exemplo do que fez Brizola após a realização do Congresso de Porto Alegre.	Ao Governador do Rio de Janeiro, Sr. Roberto Silveira.	Solicitação com liberdade já que foi apoiador e “lutador” da eleição de Roberto Silveira.	Participação política no Governo do RJ de homens negros que representassem os interesses da comunidade negra, com isso fortalecendo a democracia.	Demonstra a participação efetiva de intelectuais negros na disputa eletiva. Em um primeiro momento como apoiador e em um segundo, como possível administrador.
11	De Archanjo Martins dos Santos, Chefe da Estação da R.M. Viação, de Barra Mansa-RJ. 30 de junho de 1959.	Parabenizar o Governador eleito do Estado do Rio pela atitude de escolher como Oficial de Gabinete Sr. Alexandre Moreira, um homem negro.	Ao Governador Leonel Brizola.	Admirado com o ato, como sendo simpático e democrático para o progresso do RS.	Demonstração de afinidade política.	Evidência o resultado positivo para a comunidade negra do apoio político dado ao PTB pela SBFA, além da repercussão nacional deste apoio.

Fonte: Correspondências localizadas no Acervo da Sociedade Beneficente Floresta Aurora.
Seu conteúdo integral encontra-se no anexo desta pesquisa.

Através do conteúdo destas onze cartas, confirmamos a nossa primeira hipótese quanto à importância das trocas epistolares entre as organizações negras para identificarmos como eram mantidas as relações da **SBFA** e as suas coirmãs porto-alegrenses, rio-grandenses e brasileiras, por ocasião de suas atividades políticas, sociais e culturais.

Nestas onze cartas localizamos as seguintes cidades das organizações negras envolvidas com as escritas: Porto Alegre, Rio Grande, Santa Maria e Rio de Janeiro. Foi possível encontrar cinco tipos de organizações mantendo contatos nestas missivas:

1 – Sociedade Carnavalesca: representada pelo Cordão Carnavalesco Estrela do Oriente.

- 2 – Sociedade Recreativa: Sociedade Recreativa Ferroviária 13 de Maio.
- 3 – Sociedade Beneficente: Sociedade Espírita Beneficente Amor e Caridade.
- 4 – Sociedade Esportiva: Garibaldi Futebol Club.
- 5 – Empresa Pública: Rede Mineira de Viação.

A Sociedade número cinco, acima relacionada, que na realidade é uma empresa pública de estradas e rodagem, com sede no Estado de Minas Gerais, foi assinada por Archanjo Martins dos Santos²³⁸, que além de chefe da empresa escreveu também que era membro das seguintes organizações negras:

- 1 – União Mineira Pró-Homens de Cor de Minas Gerais;
- 2 – Sociedade Beneficente Floresta Aurora de Porto Alegre, RS;
- 3 – Associação Cultural Beneficente e Recreativa José do Patrocínio de Belo Horizonte;
- 4 – Liga Mundial Pró-direitos dos Negros;

Neste sentido acreditamos que as organizações negras, através das missivas, tinham a possibilidade de manter uma rede de contatos competente para a difusão de idéias, conforme demonstramos acima, tendo por mentores intelectuais negros que escreviam, trocavam experiências e organizavam suas propostas, sem exageros a nível mundial.

Também localizamos, representadas nelas, as seguintes atividades sociais envolvendo a comunidade negra: convite para posses administrativas, baile de debutantes, torneios esportivos como o de pingue-pongue, solicitação de empréstimos de salas para ensaios musicais, méritos por um representante ter se formado em curso superior e atividades que evidenciaram questões políticas eleitorais.

Nos indícios mostrados anteriormente demonstramos a importância das correspondências para o relacionamento local, regional e mundial entre as organizações negras, mas continuando a proposta de análise de conteúdo, queremos verificar como foi notado pelas organizações negras, tendo por suporte as informações localizadas nas correspondências, o Primeiro Congresso Nacional do Negro de 1958. Para isso, distribuiremos as onze cartas que dispomos por categorias

²³⁸ Localizamos três cartas assinadas por Archanjo Martins dos Santos. Uma para a SBFA, uma para o Governador Leonel Brizola e outra para o Governador do Rio de Janeiro, Roberto Silveira. Nelas foi possível verificar duas situações. A primeira foi a sua influência política no Governo do Rio de Janeiro, já que indicou que o Governador Roberto Silveira deveria ter como membro de seu Governo *Intelectuais negros* em sua administração e a segunda situação, diz respeito à consideração de Archajo para com importância da SBFA para a comunidade negra nacional, já que ela conseguiu através da aliança com o PTB colocar um homem negro no Governo, Sr. Alexandre Moreira era o Chefe de Gabinete do Governador do Estado do Rio Grande do Sul.

temáticas, conforme os resultados obtidos na tabela utilizando o “Esquema Lasswell”. No quadro abaixo colocaremos o tema das cartas e a sua ordem, conforme exposto na tabela anterior, fazendo referência a sua numeração e a seus resultados.²³⁹

TABELA 9 - TIPOLOGIA DAS CORRESPONDÊNCIAS

Nº das Cartas	Quantidade	Temática
1, 2, 4 e 7	4	Convites sociais
9, 10 e 11	3	Interesses políticos
3 e 8	2	Internos administrativos
5	1	Elogio ao mérito
6	1	Solicitação de espaço físico

Fonte: Correspondências localizadas no Acervo da Sociedade Beneficente Floresta Aurora, coletadas da tabela anterior. Seu conteúdo integral encontra-se no anexo desta pesquisa.

Esta categorização foi realizada de maneira atenta, mas devido à quantidade de correspondências que dispomos, foi rápido definir um recorte quanto a sua pertinência, exaustividades, exclusividade e objetividade para concluir as quatro categorias acima.²⁴⁰

Passamos ao nosso segundo objetivo nesta análise, que é saber se as sociedades negras porto-alegrenses, rio-grandenses e brasileiras participaram ou tiveram conhecimento do Primeiro Congresso Nacional do Negro de Porto Alegre. Para este fim utilizaremos a unidade de registro proposta por Bardin (1977, p.104). Neste sentido serão analisadas somente três das onze cartas, pois nestas foi localizada o termo Congresso sendo que o contexto de sua produção, 1958 e 1959, evidencia que o evento citado foi o realizado em Porto Alegre. Portanto, a nossa Unidade de Registro para a análise foi a palavra Congresso.

²³⁹ Para chegar a nossa categorização Ver tabela anterior e relacionar a primeira coluna, nº, com a sétima, resultados.

²⁴⁰ Ver CARDOSO, Ciro Flamarion. Análise de conteúdo: método básico, 10/04/2006. (prelo) e BARDIN, 1977. BARDIN, Laurence. Análise de conteúdo. Rio de Janeiro: Edições 70, 1977.

TABELA 10 - UNIDADE DE REGISTRO DAS CORRESPONDÊNCIAS
LOCALIZADAS NO ACERVO DA SBFA

Nº da Carta	Temática	Unidade do Registro
1	Convites sociais	Acusamos o recebimento do ofício dessa Sociedade em que teve a nimia (sic) gentileza de nos convidar a nos fazer representar nas festas (Congresso) que levarão a efeito nas noites de 15 à 21 do mês em curso e posteriormente o telegrama em que colocavam as passagens a nossa disposição , deferência esta que muito nos honra, e agradecemos. O Cordão Carnavalesco Estrela do Oriente sente-se ufano por tão honroso convite...lamentavelmente... na data de 20 de setembro realizaremos o já nosso tradicional Baile de Debutantes e por este motivo desde já estamos preocupados com a elaboração do Programa. Entretanto o Cordão Carnavalesco Estrela do Oriente agradece a distinção, almejando a digna Diretoria da Coirmã tenha pleno êxito em suas noitadas .
8	Interno administrativo	Em segundo plano vem quanto à questão das representações que por compromisso em viagem que a Sociedade se fez representar em caravana em Sociedades co-irmãs no interior do Estado como seja nas cidades de Santa Maria e Rio Grande e conforme desjo (sic) também de Sociedade do Rio de Janeiro de participar desta baile, ouve quem argumentasse que tanto a cidade de Santa Maria como a de Rio Grande não poderiam censurar as nossas instalações, porque as mesmas não apresentam um aspecto arquitetônico dos melhores mas convenhamos e atentamos para os fatos, que nós uma Sociedade que pela a sua tradição tornou-se líder das demais do gênero em nosso Estado não ter argumentos tão fracos como os apresentados, nós isto sim devemos por uma questão de liderança de tradição nos agarramos nestes argumentos. Outra coisa é de que em outras oportunidades não compareceu ninguém do interior do Estado e aqui nós abrimos um parênteses, por uma mera questão de administração, por que se nós decidirmos com a devida antecedência isto com 3 ou 4 meses de antecipação, nós poderemos contar até com mais cidades que se farão representar, então alguém dirá que na época do Congresso também dizia-se que viriam dezena de pessoas e que entanto o número foi exíguo, mas não poderemos tomar isso por base jamais alguém se fará desde que não receba o convite com a devida antecedência, aí virá o outro argumentando a falta de material humano mas este não será o problema (sic) por se for decidido que a realização em vista deva contar com representação do interior do Estado, nós providenciaremos quanto a expedição dos respectivos ofícios, porque a nossa Secretária nunca falhou o que faltou isto sim o que sempre faltou foi o devido tempo para que as correspondências fossem confeccionadas e que as mesmas chegassem aos seus destinos em época em que os convidados pudessem providenciar em seu Guarda-roupas e as suas locomoções... (Grifo nosso).
11	Interesses políticos	É com a mais súbita honra que venho a presença de V. Excia enviar-vos os meus sinceros parabéns pela Vossa eleição a Governador do Rio de Janeiro. Como membro da União Mineira Pró-Homens de Cor do Estado de Minas Gerais, da União Mineira Pró-Homens de cor do Distrito Federal, sócia da Sociedade Beneficente Cultural Floresta Aurora de Porto Alegre do Estado do Rio Grande do Sul, Associação Cultural Beneficente e Recreativa José do Patrocínio de Belo Horizonte, filiado a Liga Mundial Pró direitos dos Negros e como intransigente lutador pela eleição de V. Excia, ao Posto de Governador da Terra Fluminense, animo-me e tomo a liberdade de sugerir a V. Excia que é uma nova mentalidade política e Governativa para que aproveite também como auxiliares do Governo de V. Excia, Homens de Cor, de reconhecida capacidade administrativa, política e social como é o caso de nosso grande Orientador Deputado José Bernardo da Silva ²⁴¹ e outros mais, que venham engrandecer a posição dos Homens de Cor no Brasil e fortalecer a nossa Democracia. Segundo informação tal medida será tomada pelo Exmo Snr. Engenheiro Leonel de Moura Brizola, Prefeito de Porto Alegre e eleito Governador do Estado do Rio Grande do Sul, e que num gesto democrático nos ofereceu no dia 21 de setembro do corrente ano, um grande churrasco por motivo da realização naquela capital do 1º Congresso Nacional do Negro no Brasil. (Grifo nosso).

Tendo por unidade de registro a palavra Congresso chegamos às seguintes conclusões sobre a participação das Sociedades Negras nas atividades e como as mesmas sentiram o acontecimento.

²⁴¹ Citado nas páginas 140 e 148 de nossa dissertação, José Bernardo da Silva, líder da UHC – **União dos Homens de Cor** da cidade do Rio de Janeiro, foi contra o Congresso do Negro realizado em 1950 na cidade, pois disse que foi um encontro realizado para as “intenções pessoais de Abdias”. Através desta carta de Archanjo comprovamos que ele era Deputado no Rio de Janeiro, cargo que Abdias do Nascimento almejou, porém sem sucesso.

A carta de número 1 foi escrita da cidade de Rio Grande –RS por Antonio V. Marques/ Presidente e Oswaldo Machado/ Secretário da Sociedade Cordão Carnavalesca Estrela do Oriente. Nesta correspondência evidenciamos que a SBFA convidou a Sociedade Carnavalesca Estrela do Oriente, da cidade de Rio Grande, interior do estado do Rio Grande do Sul, para participar do Congresso. Mas notamos que o convite fora feito, devido à resposta acima, para a organização vir a Porto Alegre participar de uma semana festiva, pois no conteúdo da réplica em nenhum momento foi escrito sobre o Congresso ser de cunho político, inclusive sendo localizada, no final, a seguinte frase, emitida por seus remetentes: “pleno êxito nas noitadas”.²⁴²

A segunda correspondência analisada, tendo por UR a palavra Congresso, é a de número 8, de temática administrativa. Nesta missiva o Presidente da SBFA, no biênio de 1958-1959, Valter Santos, escreveu para os conselheiros da entidade, e nela, destacamos duas questões. A primeira foi quanto à convicção do Presidente sobre a liderança e tradição assumida pela Sociedade neste período, o que conforme ele, colocou-a como a número um do Estado, e a segunda, foi quanto a sua preocupação em manter a eficiência na emissão dos convites através de um planejamento de 3 a 4 meses antes do evento, possibilitando com isso a vinda de outras organizações negras do interior nas atividades realizadas na capital do Rio Grande do Sul. A partir disto acreditamos que a participação de organizações negras do interior foi limitada a um número reduzido, pois passou a existir, por parte da Presidência, um planejamento melhor visando a melhoria para a emissão de convites.²⁴³

E, por fim, a nossa terceira carta analisada é a de número onze, tendo por temática os interesses políticos. Escrita por Archanjo Martins dos Santos, da cidade do Rio de Janeiro em 15 de dezembro de 1958, para o Governador do Estado Sr. Roberto de Silveira. A missiva demonstra que a aliança política, tida por Archanjo como democrática, realizada entre SBFA e o PTB para as eleições estaduais no estado do Rio Grande do Sul, deveria servir de exemplo para a composição no Estado do Rio de Janeiro, pois através da mesma, poderiam ser contemplados os interesses da comunidade negra e do Governo.

²⁴² Ver carta na íntegra em anexo. Correspondência escrita em 01/09/1958.

²⁴³ Ver carta na íntegra em anexo. Correspondência escrita em 1958 ou 1958. *sd.* Como está assinada por Valter Santos, provavelmente tenha sido entre estes anos, pois o mesmo foi presidente da entidade somente no biênio de 1958-1959. Ver nesta pesquisa a tabela de Presidentes da SBFA entre 1932 e 1960, p.155.

No Rio Grande do Sul, Leonel Brizola colocou como chefe de seu gabinete Alexandre Moreira, um *intelectual negro* para compor a administração. Archanjo Martins dos Santos²⁴⁴, que também era membro da Sociedade Beneficente Floresta Aurora indicou, através desta correspondência, que o Governador do Rio de Janeiro, Roberto de Silveira, colocasse em sua administração o *intelectual negro* José Bernardo da Silva, líder da **UHC – União dos Homens de Cor**, da cidade do Rio de Janeiro e também filiado ao PTB do Estado.²⁴⁵

Concluímos através da análise de conteúdo, distribuída pelas temáticas, que localizamos nestas correspondências, que o Primeiro Congresso Nacional do Negro de Porto Alegre foi um acontecimento que embora tenha se sobressaído às questões políticas eleitorais, inclusive influenciando os intelectuais negros do Rio de Janeiro, como Archanjo, que vislumbrou este tipo de atitude no Rio de Janeiro, existiram, também na realização do Congresso de Porto Alegre aspectos socioculturais e administrativos. Como notamos nas correspondências enviadas pelo Presidente da Sociedade Cordão Carnavalesca Estrela do Oriente, que “desejou boas festas e noitadas” para os integrantes da SBFA ao responderem o convite realizado pela entidade organizadora do Congresso e a administrativa, aonde o Presidente da SBFA Sr. Valter Santos explicou que o fato de haver poucos participantes do interior do Estado foi devido a problemas internos, conforme ele:

²⁴⁴ Além de membro-sócio da SBFA, Archanjo era membro das seguintes organizações negras: União Mineira Pró-Homens de Cor de Minas Gerais, Associação Cultural Beneficente e Recreativa José do Patrocínio de Belo Horizonte e Liga Mundial Pró-direitos dos Negros. Ver correspondência em anexo, de 15/10/1958.

²⁴⁵ A UHC era uma organização assistencialista negra, preocupa-se mais diretamente com ela e aponta como solução para o problema do negro a assistência social, como meio de atender aos seus problemas imediatos de miséria econômica e social... organizou caravanas que visitavam bairros e cidades vizinhas promovendo a distribuição de roupas, calçados, alimentos, medicamentos, etc..., às populações pobres. (L.C PINTO, 1954, p.302). No ano de 1943, em plena ditadura do estado novo surge a UHC, **União dos Homens de Cor**. Fundada em Porto Alegre, pelo farmacêutico João Cabral Alves, a **UAGACÊ** existiu nos estados do Rio de Janeiro, Minas Gerais, Santa Catarina, Bahia, Maranhão, Ceará, São Paulo, Espírito Santo, Piauí e Paraná. As suas reivindicações eram muito próximas das idéias de inserção político-sociais, propostas pela **Frente Negra Brasileira**, pois pretendiam conforme os seus estatutos: "elevar o nível econômico, e intelectual das pessoas de cor em todo o território nacional, para torná-las aptas a ingressarem na vida social e administrativa do país, em todos os setores de suas atividades", principalmente através da assistência social. A diferença, esta neste último item a assistência social¹⁰. A UHC encerra as suas atividades em meados da década de 1960. Para saber mais ver: Joselina Silva: A União dos Homens de Cor – Aspectos do Movimento Negro dos anos 40 e 50. Estudos Afro-Asiáticos, ano 25, nº2. 2003, p.215-235. José Bernardo Silva foi candidato estadual pelo PTB do Rio de Janeiro. Ver Jornal Quilombo, março-abril, 1950, p.05, artigo com o seguinte título: O TEN dirige-se aos Partidos Políticos.

Outra coisa é de que em outras oportunidades não compareceu ninguém do interior do Estado e aqui nós abrimos um parêntese, por uma mera questão de administração, por que se nós decidirmos com a devida antecedência isto com 3 ou 4 meses de antecipação, nós poderemos contar até com mais cidades que se farão representar, então alguém dirá que na época do Congresso também dizia-se que viriam dezena de pessoas e que entanto o número foi exíguo, mas não poderemos tomar isso por base jamais alguém se fará desde que não receba o convite com a devida antecedência...

Embora tenhamos fontes limitadas para a análise de conteúdo mais exaustiva ou quantitativa, percebemos que de uma maneira qualitativa as mesmas se mostraram ricas para termos indícios das repercussões deste Congresso, e que nos mostrou que realmente este evento foi sentido em nível local, da cidade de Porto Alegre, para um nível estadual, através das informações emitidas da uma organização negra do interior do RS e a nível nacional, como demonstrou o conteúdo da correspondência de Archanjo Martins dos Santos, da cidade do Rio de Janeiro.

Passaremos a demonstrar, através do cotejamento de entrevistas com pessoas que freqüentavam as sociedades negras porto-alegrenses no final dos anos 50, como se achegaram e passaram a surgir as suas participações nas sociedades negras porto-alegrenses e se os mesmos tiveram conhecimento do Congresso de Porto Alegre.

Os nossos entrevistados são:

- 1- Sr. Adair Barcelos
- 2- Sr. Nilo Feijó
- 3- Sra. Terezinha Regina Evangelista

Das muitas questões que construímos em nosso roteiro para a realização das entrevistas, destacamos três para analisar e que, brevemente, configuram o “universo” das sociedades negras no final da década de 1950.

O roteiro selecionado buscou: saber qual era a sociedade negra que eles freqüentavam em 1958, qual o sentido das organizações negras existirem naquele período e se eles tiveram conhecimento ou participaram do Primeiro Congresso Nacional do Negro, organizado pela Floresta Aurora.

Pretende-se iniciar uma breve, mais importante contribuição sobre como foi sentido o Congresso pelas pessoas que viveram aquele período. Iniciaremos com a fala do Sr. Adair Barcelos.

O Sr. Adair Barcelos nasceu em Porto Alegre no ano de 1933, atualmente está com 74 anos de idade. Na época do Primeiro Congresso Nacional do Negro de 1958, ele tinha 25 anos de idade e era freqüentador do Clube Náutico Marcílio Dias. Conforme Sr. Adair:

eu pertencia a direção do Marcílio Dias e freqüentava lá por que eu era metido a esportista, praticava esportes então me atraia mais o Marcílio Dias devido ao esporte que eles ofereciam e sendo que o meu pai foi o primeiro presidente eleito do clube, sr Armando Porto Barcellos.²⁴⁶

Perguntado se ele freqüentou a Sociedade Floresta Aurora, ele respondeu:

Me lembro do Floresta Aurora no tempo em que eu era solteiro a gente freqüentava as matines dançantes, o suerê, o suerê era das 8 as 9 horas da noite até a 1 hora da madrugada dos domingos... Suere é uma palavra francesa, eu fazia suerê. É que sábado tinha os bailes, domingos de tarde, as matines dançantes e no domingo pela noite tinha o suerê. Para quem gostava de dançar como eu freqüentava os três, (risos) Se tivesse mais uma eu ia também (risos). Então eu freqüentava a Floresta Aurora por uma questão de festa eu era um freqüentador...²⁴⁷

Antes de perguntar-lhe se soube ou participou das atividades do Primeiro Congresso Nacional do Negro, interrogamos qual o sentido das organizações negras existirem, e ele nos respondeu o seguinte:

Existiam na década de 50 porque o negro se sentia isolado, por exemplo, nos clubes de remo e de esportes da cancha as sociedades que tinham não tinham negros, negro não participava e nem entrava nesse esportes de cancha e esportes náuticos, o negro não entrava nas sociedades porque não era admitido...²⁴⁸

²⁴⁶ Entrevista com Adair Barcelos realizada no dia 08 de outubro de 2007.

²⁴⁷ Ibidem.

²⁴⁸ Ibidem.

Após estas questões, apresentei para ele as imagens que eu tinha sobre o Congresso organizado pela SBFA e questioneei se alguma pessoa da Diretoria do Marcílio Dias tinha sido convidada, esta pergunta foi realizada porque na época ele fazia parte do quadro administrativo desta organização, e ele emocionado, após ver imagem por imagem e depois de alguns minutos falou:

Não sei, se houve esse convite eu não tenho conhecimento e não foi tão falado como devia ser um Congresso dessa magnitude. Não tive conhecimento, vim tomar conhecimento através do senhor Arilson, nessas palestras que eu tenho tido com ele. Não tive conhecimento, não tenho não posso falar mais nada sobre esse Congresso porque não tenho conhecimento nenhum do Congresso da SBFA.²⁴⁹

Na realidade Sr. Adair Barcelos respondeu-me com um tom de lamentação e tristeza, pois somente após quarenta e nove anos da realização deste grandioso encontro ele, que era freqüentador assíduo das sociedades negras, teve conhecimento do Congresso de Porto Alegre, o que fez com que ele sentisse o Congresso como algo “deles”, antes de “nosso”, ou seja: para ele este evento foi restrito aos membros da SBFA.

O outro entrevistado nosso foi o Sr. Nilo Feijó, atual Presidente da Sociedade Satélite Prontidão. O Sr. Nilo Alberto Feijó nasceu em 1933, portanto assim como o Sr. Adair Barcelos ele esta atualmente com 75 anos de idade. Segundo Sr. Nilo Feijó “as Sociedades Negras do período eram menos contestadoras do que as atuais”. Seu Nilo, como é conhecido, iniciou a sua participação em Sociedades do gênero por intermédio de seu pai, conforme ele:

Eu notava que meu pai era muito atento às questões da Sociedade Negra tanto que eu me recorde, lá por volta de cinquenta e poucos quando eu acho, se eu não estou enganado, por ai mais ou menos, quando era inaugurado o Clube Náutico Marcílio Dias, ele nem perguntou para mim se eu queria ou não, chegou em casa e disse: tu é sócio do Clube Náutico Marcílio Dias.

Isso ai, hoje é que eu posso entender, ele sabia que aquele grupo de pessoas que estavam fundando, por incrível que pareça eu acho que foi uma das idéias brilhantes que a comunidade negra já teve no passado, e que infelizmente não conseguiu segurar, quem sabe iremos em uma outra oportunidade.

²⁴⁹ Ibidem, 2007.

Mas essa foi uma oportunidade, assim grande, enorme expressiva, que a gente deixou passar. O Clube Náutico Marcílio Dias era uma referência, era formado por negros, por grandes lideranças, negros militantes que queriam realmente trabalhar esta questão da ascensão da comunidade negra...

Quando comecei a trabalhar, em cinquenta e poucos uma das primeiras coisas que eu fiz foi me associar a Associação Satélite Prontidão e a Sociedade Floresta Aurora, porque eu sabia que eu estaria com a minha família e com os meus companheiros, com quem eu realmente conseguia me entender...

Possivelmente tenha sido, mesmo que eu não tivesse me dado conta tivesse sido realmente uma herança, meu pai tinha esta questão muito fechada em nossa família, isso aí foi muito bom para mim...²⁵⁰

Encontramos uma aproximação neste relato quanto ao início da vida social do Sr. Nilo, com o relato do entrevistado anterior, Sr Adair Barcelos, pois ambos passaram a freqüentar estas Organizações devido à participação de seus pais nas atividades do Marcílio Dias.

Seu Nilo Feijó atualmente é o Presidente da Associação Satélite Prontidão, Sociedade a qual pertence desde o ano de 1956, ano de sua fundação, como sócio. Sobre a Sociedade Floresta Aurora, nosso entrevistado explicou que:

Eu vejo assim na SBFA, uma espécie de história um baluarte histórico que tá aí viva com todos os problemas que hoje ela possui, mas que tá aí 1872, trinta de dezembro de 1872, é uma loucura... é tempo! Antes da Abolição que foi em 1888.²⁵¹

Sobre alguma recordação do Primeiro Congresso Nacional do Negro realizado em Porto Alegre o seu Nilo explica que pouco ouviu falar:

Pois é...isso aí que é interessante, eu sempre fui um cara ligado a essas coisas, tanto é que eu já falei quando eu entrei para o Marcílio Dias quando eu entrei para o Floresta Aurora, quando entrei para o Satélite Prontidão, antes eu era muito ligado ao carnaval, eu sempre fui muito ligado ao carnaval, aos 18 anos eu já estava participando do primeiro Bloco de garotos que existia ali na antiga Colônia Africana, eu nasci na Mariante e desde lá eu sempre fui um cara muito estudioso dessa parte do carnaval...de repente eu não consigo lembrar...eu me lembro que na época

²⁵⁰ Entrevista realizada com Nilo Feijó realizada no dia 22 de maio de 2007.

²⁵¹ Ibidem.

se falou alguma coisa mais eu não consigo me lembrar do evento propriamente dito, eu tenho certeza que eu não participei.²⁵²

Assim como o entrevistado anterior, seu Nilo pouco sabia a respeito do Congresso organizado pela Sociedade Floresta Aurora. Sobre o sentido das Organizações Negras existirem, nosso entrevistado falou:

Eu sempre entendi que até que fosse de forma instintiva eram frentes de resistências porque o que acontecia com a comunidade negra, a comunidade negra quando ela começou a se formar, porque tinha a necessidade de uma série de coisas de avanços na parte de formação educacional, e um outro fato que acho eu que pesou muito na questão da comunidade negra é que ela não tinha entradas nas sociedades não negras o negro não podia participar de outras sociedades...então ele começou a chegar a conclusão de que bom, “se eu não posso entrar lá eu vou ter que construir a minha”. Eu eu acho que foi com grande sabedoria...

Acho que em quase todos os recantos do Rio Grande do Sul, aqueles municípios mais antigos, porque hoje tem uma série de municípios novos a gente vai encontrar uma Sociedade, por que evidentemente havia um racismo um preconceito muito violento e o negro era obrigado a buscar os seus espaços, né, se “eu não posso pertencer e freqüentar a do outro eu vou fazer a minha”...eu acho que com grande sabedoria, porque isso ai também deu ao negro o poder de trabalhar com todas as suas questões, não só as questões culturais, como as questões políticas, eu acho que isso ai no momento que a gente esta em família a gente ta melhor né, a gente consegue desenvolver com mais facilidade eu acho que isso foi um ganho para a comunidade negra.²⁵³

A última entrevistada a ser citada, em nossa pesquisa foi a Senhora Terezinha Regina Evangelista, que ao me receber em sua casa sempre me atendeu com muita satisfação e saborosos doces e salgadinhos. Conheci uma amiga nestas andanças atrás da História de uma comunidade que sofreu, mas que através de pessoas como a Sra Terezinha Regina Evangelista, demonstraram garra e prazer em lutar, constantemente, para conquistar os seus sonhos, de seu espaço.

Terezinha Regina Evangelista nasceu em Porto Alegre no ano de 1936, na época do Congresso de 1958, ela tinha 22 anos. Neste momento, Terezinha Regina nos fala um pouco de sua vida:

²⁵² Ibidem.

²⁵³ Ibidem, 22 de maio de 2007.

Pobre, negra, mulher, e bastante batalhadora. Não tinha nada, não tenho muita coisa, mas o que eu tenho eu consegui com o meu esforço, busquei, busquei através do estudo do meu aperfeiçoamento adquirir tudo que eu queria. Sou uma mulher realizada, uma mulher feliz e no momento estou muito feliz de estar aqui na frente com esse menino...sou formada em economia na UFRGS e antes cursei o Secundário em Nível de Técnico em Administração, Formação de Professores a Nível de 2º Grau para específico em estatística e Curso de Inglês completo pelo Cultural e vários Cursinho de aperfeiçoamento em Português e Datilografia, todo aquele material que eu precisava para ser uma boa profissional...também cursei Direito para o meu uso, mas cheguei até pela insistência de tantos amigos e tantas causas que vieram parar em minhas mãos cheguei a advogar um pouco. Agora sou aposentada e curto a vida...e curto mesmo...Porque eu acho que eu mereço isso aí.²⁵⁴

Terezinha conforme os outros entrevistados; iniciou a sua vida nas Sociedades Negras na década de 1950, no Clube Náutico Marcílio Dias, conforme ela:

Eu tive uma educação aonde na época não tinha como, porque a minha mãe não deixava freqüentar as Sociedades, quando eu completei 18 anos eu solicitei a ela que eu queria iniciar as minhas festas. E então através de um primo que freqüentava com a esposa o Marcílio Dias eu fui ao meu primeiro baile, eu tinha 18 anos, sou de 1936, isso foi em...1954. Adorei, foi uma festa muito bonita e depois fui convidada a comparecer no clube, e como no colégio eu praticava esportes, para a praticar de esportes. Então me enganchei no Marcilio Dias, pratiquei vôlei, atletismo, mas meu forte mesmo era vôlei.²⁵⁵

Através do relato da Sra. Tereza Regina Evangelista, que tem atualmente 72 anos de idade, o Clube Náutico Marcílio Dias além de ser uma sociedade negra voltado para a pratica esportiva, também realizava suas festas. Antes de prosseguir com a entrevista de Terezinha, novamente utilizaremos um pouco o relato do Sr. Adair Barcelos para confirmar as atividades do Marcilio Dias. Conforme Sr. Adair:

²⁵⁴ Entrevista realizada com Terezinha Regina Evangelista no dia 01 de maio de 2008.

²⁵⁵ Ibidem.

Eu fazia festa aonde tivesse né! Aonde o Floresta Aurora fazia parte das festas. O Floresta Aurora não tinha esportes, mas dava mais festas, mas festas que eu digo são festas dançantes...²⁵⁶

Conforme seu Adair Barcelos, embora o Clube Náutico Marcilio Dias também organizasse festas, o seu forte era o esporte, já a SBFA tinha como pratica assídua a realização de festas dançantes e atividades sociais.

Retornando a Sra. Terezinha Regina Evangelista, através do esporte as sociedades passam a manter uma interação com outras Sociedades étnico-sociais, pois segundo seus relatos:

Os campeonatos existiam e participamos do Campeonato da cidade e inclusive nós fomos campeãs, uma pena que não tivesse divulgação, vencemos Sogipa o União, eu tenho as medalhas, mas isso ai não era comum que se divulgasse tanto, remava, aprendi a remar e praticava também basquete, mas basquete eu achava muito ... comecei no basquete aconteceu que eu achava muito bruto. Tudo dentro do Marcilio Dias...a parte da negritude que gostava de esportes se reunia lá...os rapazes também tiraram muitos campeonatos, é uma pena que isso não tenha sido dada a importância necessária...²⁵⁷

Sobre as festas ele falou:

No Marcilio tinham as festinhas, festinhas de aniversário, de colegas, tínhamos um baile por ano, geralmente no primeiro sábado de julho, aonde era festejado o aniversário do Clube ele era realizado nos Gaúchos, em salões grandes, eram bailes bonitos, mas o Floresta Aurora era uma parte mais recreativa, como também tinha a parte cultural como o teatro, que eu fiz parte de mas se tu quisesse uma festa bonita com muito atrativo, então isso era realizado no Floresta, o Floresta dava geralmente bailes de fim de ano, baile de debutantes, davam reuniões dançantes, traziam personalidades, mas tudo em festas, festas boas, festas bonitas...²⁵⁸

²⁵⁶ Entrevista com Adair Barcelos realizada no dia 08 de outubro de 2007.

²⁵⁷ Entrevista realizada com Terezinha Regina Evangelista no dia 01 de maio de 2008.

²⁵⁸ Ibidem.

Conforme ela nos relatou, foi no final dos anos de 1950 e início dos 60, que surgiu a conscientização racial nestas organizações, tendo por vanguarda a organizadora do Congresso, a SBFA.²⁵⁹ Conforme Terezinha:

ali no Floresta também eu me lembro, por esta época um pouco mais, seis anos mais, falei em 1954, 55, 1960, 61, iniciou ...então um movimento negro...para o qual eu fui convidada...Só que neste movimento eu notei que havia uma discriminação, foram chamadas pessoas que estavam estudando que tinham determinado nível social dentro do nosso meio mais elevado, e eu não concordava, eu concordava que todos pudessem participar, então por isso eu não gostei desse início deles, do movimento, mas foi a primeira vez que se ouviu falar e que o pessoal começou foi isso, lá no Floresta Aurora, no Marcilio era esporte, esporte e esporte.²⁶⁰

Essa situação relatada por Terezinha Regina Evangelista, sobre os participantes do movimento negro na organização, que para serem convidados deviam ser pessoas destacadas socialmente, e que ela era contra, demonstra que existiu por parte da SBFA uma seleção entre os seus sócios para fazer parte de seu *movimento político negro* organizado.

A partir desta constatação voltamos a falar sobre o Primeiro Congresso Nacional do Negro, organizado pela SBFA em Porto Alegre. Segundo Terezinha:

Infelizmente, provavelmente por causa da idade, deslumbramento da idade eu realmente não registrei é bem provável...e como eu também achava que o movimento era muito elitista, se bem que este Congresso não foi realizado pela turma que eram estudantes de Faculdade que pensavam no movimento negro lá no Floresta, as pessoas que deles estavam participando eram senhores, pais de amigos e amigas, então minha participação foi nula, eu não participei...se foi falado, sabia que estava sendo realizado, mas nós não tínhamos assim o amadurecimento para querer participar, mesmo que não houve grande interesse parte deles de misturarem a parte mais jovem...²⁶¹

Evidenciamos duas condições, a partir destes últimos relatos, sobre a condição *sine qua non* em participar do movimento negro da SBFA e provavelmente das atividades do **Primeiro**

²⁵⁹ Notamos os esforços da SBFA na formação de um “oásis” porto-alegrense.

²⁶⁰ Ibidem.

²⁶¹ Ibidem, 01 de maio de 2008.

Congresso Nacional do Negro organizado em 1958, pela mesma entidade: ser uma pessoa de destaque social e ter uma idade mais madura, já que os jovens ficaram a parte.

Nossos entrevistados pouco souberam dizer sobre as atividades ocorridas na Câmara de Vereadores de Porto Alegre e nas dependências sociais da Sede da Sociedade Beneficente Floresta Aurora entre os dias 14, 15, 16, 17, 18 e 19 de setembro do ano de 1958. Na época os senhores Adair Barcelos e Nilo Feijó, tinham ambos 25 anos de idade e Terezinha Regina Evangelista tinha 22, idades tidas por nós como pouca para participarem daquela atividade política, que conforme citado no início de nossos trabalhos era para pessoas específicas, ou seja, para um público pensado como interessante para as pretensões de seus organizadores, e nestes os jovens e as pessoas menos destacadas eram colocadas à parte. Já que os nossos três entrevistados, embora sendo moços e moças, participavam ativamente no final da década de 1950, das atividades sociais realizadas nas organizações negras porto-alegrenses, e todos freqüentavam as atividades sociais da SBFA. Tanto que todos os três conheceram pessoalmente o Presidente da Sociedade Floresta Aurora do período, Sr. Valter Santos e alguns conselheiros da organização que participaram como palestrantes do Congresso, conforme o Sr. Adair Barcelos:

o Eurico eu conheci, foi meu vizinho na Marcilio Dias (sic), eu era um menino quando conheci o senhor Eurico e o sr. Valter, mais ou menos da minha idade conheci de bailes, mas não tinha uma contingência mais aproximada da pessoa dele.²⁶²

Sobre Armando Hipólito dos Santos, que palestrou na atividade do Congresso ele, relatou:

Armando Hipólito...uma figura inesquecível, o que ele fez? Trabalhou. Conhecidíssimo em Porto Alegre, mais ainda no meio jurídico, ele é um orgulho de nossa raça. Freqüentava sociedades, não só uma sociedade. Bastava convidar que ele estava presente em todas as sociedades de negros.²⁶³

Segundo Terezinha Regina, que conheceu alguns dos responsáveis pelo Congresso:

²⁶² Entrevista com Adair Barcelos realizada no dia 08 de outubro de 2007.

²⁶³ Ibidem.

O Eurico ele trabalhava na portaria da Faculdade de Engenharia, pai de amigas minhas com as quais eu me dou até hoje, o Professor José Maria eu freqüentava a casa, tem uma filha que é professora, a professora Julieta, eu me dava bem com eles...a maior parte de nossos negros nessa época eles tinham destaques como contínuos de banco...eles eram contínuos e eram muitos satisfeitos e acomodados...²⁶⁴

Neste momento nossa entrevistada colocou um novo ingrediente em nosso trabalho ao fazer comparações existentes entre homens e mulheres negras no período. Continuando o relato:

Os homens achavam que tinham atingido o máximo como contínuos de Banco, era o pessoal que mais nos dávamos, tinham um ou outro que se sobressaía, o seu Heitor Fraga eu conheci, conheci os familiares foi muito meu amigo, era atuante, foi Presidente do Marcilio Dias e cuidava da gente como cuidava da própria filha, que ficava junto ali com a gente e era nossa amiga...²⁶⁵

Heitor Fraga, conforme vimos anteriormente, foi o Presidente da SBFA no ano de 1957, depois seria sucedido por Valter Santos, o anfitrião do Congresso.

Perguntamos para nossa entrevistada, assim como havíamos conversado com os nossos outros dois informantes, qual era o sentido das organizações negras existirem ou o sentido deste Congresso ter acontecido. Para ela:

A partir do Congresso as nossas vozes iniciaram a ser ouvidas junto com outros grupos...²⁶⁶

Perguntada sobre os relacionamentos entre as organizações porto-alegrenses e ainda quanto a diferença entre homens e mulheres, Terezinha surpreendeu-nos pelas colocações, já que os homens entrevistados pouco falaram das rivalidades existentes entre as sociedades negras. Segundo Terezinha:

A gente conhecia em Porto Alegre uma população bem menor, mas nos conhecíamos muito porque freqüentávamos os mesmos lugares, porque o

²⁶⁴ Entrevista realizada com Terezinha Regina Evangelista no dia 01 de maio de 2008.

²⁶⁵ Ibidem.

²⁶⁶ Ibidem.

pessoal do Floresta, do Marcílio não diferenciava muito um do outro e também tinha o Prontidão né, que como Sociedade rivalizava de verdade com o Floresta Aurora, o que acontece é que naquela época as mulheres que eram professoras tinham um destaque quase como as doutoras de hoje e os homens como eu já falei trabalhando como contínuos de Bancos e bem acomodados. As mulheres começaram a se destacar ao iniciarem a ingressar em grande massa nas faculdades, então o que se viu era assim, nós éramos muitas, um número bem significativo cursando faculdades de uma maneira ou de outra sempre procurando aperfeiçoarmos e os nossos negros homens acomodados...até que aos poucos a conscientização chegou, felizmente e agora temos uma geração linda e parelha...²⁶⁷

Após estas três importantes entrevistas, nos propomos, mesmo que brevemente, a debater o conceito de “branqueamento”, em sua vertente ideológica, que explica sobre a imitação dos valores brancos pelos negros.²⁶⁸ Neste sentido perguntamos o seguinte: as iniciativas negras como a organização em Sociedades ou a realização de Congressos, eram formas de imitar a iniciativa dos brancos? Ideologicamente, o negro queria ser branco?

Na historiografia, analisaremos duas dissertações de mestrado de historiadores porto-alegrenses que trabalharam sobre organizações negras da cidade e de certa forma citaram o conceito em questão, (branqueamento social e/ou moral) identificado por nós como qualitativo, Liane Susan Muller e Deivison Campos. Adiantamos que pretendemos incentivar este debate, longe de querer esgotar o tema e sim trazer elementos que contribuam para futuras pesquisas na área.²⁶⁹

Liane Suzan Muller em sua dissertação intitulada: **As contas do meu rosário são balas de artilharia”– Irmandade, Jornal e Sociedades negras em Porto Alegre (1889-1920)**, defendida em 1999. no Programa de Pós-Graduação em História da PUCRS, pesquisou a Irmandade do Rosário de Porto Alegre, as confrarias e associações negras, entre elas a Sociedade

²⁶⁷ Ibidem.

²⁶⁸ O conceito de “branqueamento” pode ser pensado de duas formas: como aspecto populacional e/ou ideológico. Tanto o ‘branqueamento’ populacional, quantitativo, quanto o ideológico, qualitativo, se relacionam com os aspectos que envolvem a transformação ou adequação do grupo negro a um determinado período histórico brasileiro, que se estabelece entre os finais do século XIX e meados do século XX. Neste caso estamos analisando o branqueamento ideológico.

²⁶⁹ Para aprofundar nas leituras sobre o conceito de branqueamento Ver: DOMINGUES, Petrónio José. Negros de almas brancas? A ideologia do branqueamento no interior da comunidade negra em São Paulo, 1915-1930. *Estud. afro-asiát.* vol.24 no.3 Rio de Janeiro 2002. http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-546X2002000300006&lng=en&nrm=iso, Acesso em janeiro de 2008.

Floresta Aurora e a Laço de Ouro. Através de pesquisas em fontes primárias das próprias entidades e de jornais, a autora examinou as estratégias de afirmação social da comunidade negra.

A historiadora utilizou o conceito de “branqueamento” em sua investigação, mas não o restringiu a um simples imitar ou assimilar os valores brancos e sim apontou para as utilizações estratégicas e cotidianas desse conceito, entre “nuances” e situações que fizeram os negros resistissem às dificuldades enfrentadas no pós-abolição. Conforme Muller:

Essa luta travada, na maioria das vezes silenciosamente, entre uma “elite” negra e a sociedade branca, não se estabeleceu por via de um processo dicotômico que somente oferece duas possibilidades manter íntegra a herança africana, ou assimilar completamente os valores brancos. (...) Cheia de nuances, com avanços e recuos estratégicos essa luta que iniciou nos tempos de fundação da Irmandade do Rosário e que continua ainda em nossos dias, reflete um feixe variado de tensões e uma pluralidade de experiências sociais. Se foram estes negros integracionistas ou assimilacionistas, como querem alguns, isso é o que menos importa. Na medida em que a necessidade de sobrevivência é bem possível que alguns tenham se posicionado assim. Contudo, os negros fundadores da devoção do Rosário de Porto Alegre e, mais tarde, de suas associações, sempre que possível, se organizavam tendo por objetivo o reencontro com suas origens étnicas, a revalorização do seu passado e a construção de uma nova identidade livre do estigma da escravidão. (MULLER, 1999. p 201).

Embora longa esta citação, foi importante, colocá-la na íntegra, para entendermos como a historiadora pensou na questão de inserção social da comunidade negra naquele momento, conforme Muller (1999, p201) “foi uma estratégia negra de sobrevivência interagir com a sociedade branca, mas o que não apaga as suas origens constituindo uma nova identidade influenciada pelas condições histórico-sociais”.

Deivison Campos em sua dissertação de mestrado sob o seguinte título: **O Grupo Palmares (1971-1978): Um movimento negro de subversão e resistência pela construção de um novo espaço social e simbólico**, defendido no mesmo Programa de Pós-graduação, sete anos depois de Muller, em 2006, pesquisou o movimento negro brasileiro desenvolvendo os motivos que originaram a criação simbólica do dia vinte de novembro como data de referência para a comunidade negra brasileira.

Através desse grupo composto por jovens negros porto-alegrenses, Deivison Campos analisou como foi possível em pleno contexto da ditadura militar, aqueles jovens negros ligados a

organização negra denominada de Grupo Palmares; conseguiram propor um novo símbolo para a identidade dos negros brasileiros. Representado por Zumbi dos Palmares e a (re) construção da História do Negro e da África, tendo como marco a data do dia 20 de novembro, dia da morte de Zumbi, como uma data conquistada ao invés do 13 de maio, dia da Abolição da Escravatura, tida para eles como uma data concedida, já que foi um ato concretizado pela assinatura da Lei Áurea efetuada pela Princesa Isabel.

Deivison assim como Muller utiliza-se do conceito em questão. Segundo Deivison Campos:

O movimento negro moderno, iniciado em meio à ditadura, redirecionou o processo de integração do negro na sociedade brasileira, buscada desde a abolição. Rompendo com uma tradição, forjada pelos grupos hegemônicos, de integração pela assimilação (branqueamento), propõe um viés negro para negociar sua inclusão e o acesso à cidadania, através da construção de uma identidade étnica afro-referenciada. (CAMPOS, 2006, p.157).

Para Deivison existiu uma ruptura no movimento negro brasileiro a partir dos anos 1970, como um ‘marco divisório’ entre os *movimentos* antes do Grupo Palmares e os pós - Grupo Palmares como o MNU – Movimento Negro Unificado, que passam a se caracterizar pela referência da África e do afro-brasileiro. Diferente dos movimentos anteriores que para o historiador tinham o caráter “embranqueador” e assimilacionista.

Localizamos dois processos em questão. O primeiro é o conceito que denominamos de ‘branqueamento quantitativo’ demográfico ocorrido a partir de meados do século XIX e o segundo denominado de ‘branqueamento qualitativo’, iniciado a partir do século XX, influenciado pelos aspectos morais e/ou sociais. Ambos ‘ligados’ a comunidade negra e a sua adequação em determinado momento histórico da sociedade brasileira. Conforme Figueiredo:

O embranquecimento não deve ser entendido como um dado imutável, mas sim como o resultado de uma interpretação histórica(...) o embranquecimento não deve ser considerado uma ferramenta de análise, mas ele próprio um objeto de pesquisa. O conceito de embranquecimento e o de identidade negra devem ser lidos como modos de interpretação opostos. (FIGUEIREDO, 2002 p.115-116).

O embranquecimento social para esta autora significa o negro entrar “no mundo dos brancos” principalmente pela escolaridade. Mas Figueiredo revela que se ampliarmos as noções de cultura e identidade negra constatamos que é no processo ascensional que muitos negros incorporam os símbolos da cultura negra (FIGUEIREDO, 2002, p.116), o que passa a significar mais complexidade neste conceito.

Portanto, perguntamos para dois entrevistados se achavam que o negro, ao avançar na escolaridade, queria entrar no mundo dos brancos, que responderam:

Para o senhor Adair Barcelos que hoje tem 75 anos:

Não, eu acho que não. Por que o negro estudava para crescer na vida, não para ser branco, eu nunca notei isso em negro nenhum...Agora, conviviam muito com brancos porque ele viviam nos meios dos brancos, estudavam no meio do branco, mas nunca ouvi falar que desprezasse a nossa raça porque era inferior. Ele tinha que viver no meio do branco porque era muito pouco os negros que freqüentavam as escolas, então eles tinham que viver no meio dos brancos que se dava, mas não que fizesse de tudo para querer ser branco. Isso eu nunca notei.²⁷⁰

Já na visão da senhora Terezinha Regina Evangelista, hoje com 72 anos de idade:

É muito difícil saber o que se passava na cabeça de cada um, eu acredito que ele queria ter seu lugar ao sol, porque todos nós merecemos, não queremos ser melhores que ninguém mais queremos ser iguais a todos, e isso aí, mesmo que se tu chegares a pesquisar profundamente, essa liderança deste Congresso, eles, como é que eu vou te explicar...eles se achavam o máximo, e eram, dentro daquele contexto com muito pouca cultura.²⁷¹

Terezinha Evangelista enfatizou que todos merecem lugar ao sol, independente de sua etnia. Quanto ao pouco estudo dos proponentes do Congresso que ela relatou, acreditamos que os organizadores tinham a consciência da pouca cultura que os prejudicava, pois um dos destaques deste acontecimento foi a parceria firmada entre esta agremiação com os poderes públicos constituídos, e que acabou dando certo, por ocasião do evento.

²⁷⁰ Entrevista com Adair Barcelos realizada no dia 08 de outubro de 2007.

²⁷¹ Entrevista realizada com Terezinha Regina Evangelista no dia 01 de maio de 2008.

Sobre a acomodação dos homens negros, apontada pela Sra. Terezinha, isto merece um maior aprofundamento, que em virtude do tempo e de nossa proposta deixaremos para outro momento, mas vemos como um problema a ser desenvolvido.

Retornando à questão do “branqueamento” notamos o mesmo como uma ideologia assim como a “democracia racial”, criada pelos *intelectuais tradicionais*, assim como a da “negritude” criada pelos *intelectuais orgânicos negros*, tendo no conceito de “branqueamento” um elemento original, pois o mesmo é usado por grupos negros e brancos como forma de rotular os negros que ascendem, o que acreditamos ser uma incoerência.²⁷²

Pois entrevistando, mesmo que brevemente estes homens e esta mulher mais velhos, o que localizamos foram negros e negras querendo evoluir, querendo melhorar a sua situação, independente de ideologias construídas ao longo destas décadas, já que ambos queriam em última análise viver e competir com igualdade. Neste sentido podemos notar o “embranquecimento” como estratégia social, conforme Munanga (2004, p.105), mas vamos além, acreditamos que no âmbito da História estes homens e mulheres eram sujeitos de seu tempo influenciado pelas situações que viviam, sofrendo com o forte preconceito da década de 1950, o que fez com que a sua busca pela integração e ascensão perpassasse estas ideologias. Acreditamos que independente de “branquear-se” o que eles queriam eram melhorar de vida, e isso da maneira mais habitual, através do estudo, neste sentido concordamos com a historiadora Liane Muller que ao nosso ver sintetiza o que pensamos e o que os nossos entrevistados relataram: “a necessidade de sobrevivência”.(MULLER, 1999. p 201).

Sobre o Congresso e as organizações negras, acreditamos que devido as fortes relações existentes entre a sociedade organizadora e as demais Coirmãs, seria impossível as mesmas terem sido afastadas de tão importante acontecimento, já que nas ATAS localizamos informações de que foram enviados ofícios agradecendo a presença de algumas organizações negras porto-alegrenses em terem participado do encontro. Inclusive, conforme a ATA nº 236, datada do dia

²⁷² A ideologia do “Branqueamento” foi formulada primeiramente pelos pesquisadores da USP da década de 1950 e ainda hoje é utilizada por pesquisadores, como vimos em nosso trabalho. Mas devemos estar atento para as reproduções de tal conceito. Pois os pesquisadores da USP simplesmente acreditam que o negro ao ascender perde os seus valores como negro. Para Kabengele Munanga aponta para a ambigüidade formada pela cor/classe social e enfatiza que o embranquecimento foi a estratégia utilizada pelos grupos negros para ascender socialmente. Sendo que antes da Frente Negra Brasileira, isto acontecia individualmente. Com a criação da Frente Negra, esta estratégia passa a ser coletiva. Para o autor este movimento racial é o primeiro reivindicativo após a abolição da escravatura, mas que insistia que quem deveria se transformar era o próprio negro para merecer a aceitação dos brancos (MUNANGA, 2004 p.105).

12 de outubro de 1958, as seguintes organizações negras foram localizadas: Associação Satélite Prontidão, de Porto Alegre, Clube Náutico Marcilio Dias, também de Porto Alegre, a Sociedade Renascença Club do Rio de Janeiro, Sociedade Laços de Ouro de Uruguaiana, Associação José do Patrocínio de Belo Horizonte e a Sociedade Estrela do Oriente, da cidade de Rio Grande, sendo que desta última localizamos uma resposta enviada no dia 1º de setembro de 1958, para a SBFA explicando o motivo de sua ausência no encontro, e que analisamos anteriormente.

Mas sobre a presença de depoimentos de pessoas que freqüentaram as sociedades negras no período e que participaram de fato das atividades do Congresso, ainda temos como desafio localizá-las, pois embora tenhamos pessoas que viveram as experiências e convivências no seio das organizações negras porto-alegrenses no período, e que hoje tem mais de setenta anos de idade poucas respostas tivemos.

Mas de uma coisa tivemos indícios, que os mais jovens que na época tinham entre 22 e 25 anos e que participavam como sócios e freqüentadores das organizações negras e estavam fora dos quadros administrativos de suas organizações, para estes o Congresso foi algo distante já que somente os mais velhos e, preferencialmente mais destacados, participaram. Podemos pensar: e o seu Adair Barcelos que era dirigente do Clube Náutico Marcilio Dias, por que ficou sem saber do Congresso? A resposta é simples, ele tinha apenas 25 anos. Lembrando que embora muitos cite estes negros “mais destacados” como sendo uma possível “elite negra”; muitos negros do período eram contínuos de Banco, e contínuo significa “funcionários humildes do serviço público”, então eles poderiam ser destacados entre os seus pares, mais socialmente ainda teria muito que avançar este grupo étnico para realmente fazer parte de uma elite, participante e destacada em todos os campos da vida social porto-alegrense, o que vem acontecendo gradualmente.²⁷³

²⁷³ Liane Muller (1999, p.201) identificou como de “elite negra” os negros que comandavam determinadas organizações e ascendiam socialmente, já Lúcia Regina Brito Pereira (2008, p.170-174) diz que o termo elite se torna complexo neste caso, pois o grupo negro no período ainda mantinha muita carência em aspectos básicos sociais como trabalho assalariado e educação. Para esta autora muitos negros se destacaram, sendo possível para melhor identificá-los utilizar o conceito de “intelectual orgânico”, de Gramsci. Nós preferimos utilizar o termo, cunhado pela Sra. Terezinha Evangelista ao identificar de “negros mais destacados” os negros que ascendiam socialmente e coordenavam as organizações porto-alegrenses na década de 1950.

3.1.4 A SBFA, O CONGRESSO E A IMPRENSA.

Conforme registro no jornal Correio do Povo, após a realização do Primeiro Congresso Nacional do Negro de Porto Alegre: “Valter Santos ressaltou a colaboração prestimosa que os organizadores do Congresso receberam do governo federal, estadual e municipal bem como de nossa imprensa, em especial do Correio do Povo e da Folha da Tarde”.²⁷⁴

Passaremos a questionar, em um primeiro momento, como foi possível o estabelecimento dessa relação entre a comunidade negra, representada neste evento pela Sociedade Beneficente Floresta Aurora, e a imprensa porto-alegrense - em específico, entre os organizadores do Congresso e os jornais Correio do Povo e Folha da Tarde -, a ponto de merecerem um agradecimento especial do Presidente da Sociedade no encerramento do Congresso. E demonstraremos também como as matérias deste encontro foram registradas por outros veículos de comunicação do Estado do Rio Grande do Sul e do Brasil. E, por fim, em um segundo momento, faremos uma análise de conteúdo das informações que circularam nos dias em que ocorreu o Congresso.

Para atingir os nossos objetivos utilizaremos os periódicos: “Diário de Notícias”, “A Hora” e o jornal “Correio do Povo”, além de ATAS de reuniões, localizadas no Acervo da Sociedade Floresta Aurora, em Porto Alegre. Os jornais utilizados foram encontrados no **Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa e Centro de Pesquisas do Correio do Povo**.

Na intenção de apontar algumas questões norteadoras deste item, levantamos os seguintes questionamentos para respondermos e, conseqüentemente, localizarmos informações de como o **Congresso Nacional do Negro** conseguiu atingir repercussão na mídia local e nacional.

Portanto, perguntamos: como se estabeleceu a relação entre o Jornal **Correio do Povo** e a comunidade negra? Houve contatos anteriores à realização do Congresso entre a Sociedade Floresta Aurora e este jornal? Qual o sentido dos organizadores do Congresso buscarem apoio na mídia jornalística? Como os jornais: **Diário de Notícias**, **A Hora** e o **Correio do Povo** acompanharam o encontro e como eles divulgaram as atividades? Quais matérias/informações tiveram maior destaque nesses jornais? Como esse congresso repercutiu na imprensa local e nacional?

²⁷⁴ Ver notícia CORREIO DO POVO, 20 DE SETEMBRO DE 1958, p.07.

Passemos a demonstrar a origem do jornal *Correio do Povo* e a ligação estreita entre este periódico e a comunidade negra, que teve início em sua fundação.

O jornal *Correio do Povo* foi fundado em 1º de outubro de 1895, por Caldas Júnior. Breno Caldas, diretor em 1975, em um artigo publicado por ocasião das comemorações dos 80 anos de fundação do jornal, nos explica as dificuldades enfrentadas por Caldas Júnior para fundar e manter o jornal. Segundo Breno Caldas: “O *Correio do Povo* nascera em prédio alugado, pobre de recursos e desprovido da sofisticação técnica de que dispunham, na época, os grandes jornais”.²⁷⁵

Com o pseudônimo de “Léo Pardo”, o jornalista negro José Paulino de Azureña (1861-1909), era um dos principais redatores do **Correio do Povo**, “tendo chegado a participar da fundação do jornal junto com Caldas Júnior em 1895”.

Conforme o historiador Alexandre Lazzari, que pesquisou o carnaval em Porto Alegre entre 1870 e 1915:

José Paulino de Azureña (1861-1909), à época um dos principais redatores do *Correio do Povo*, tendo chegado a participar da fundação do jornal junto com Caldas Júnior em 1895. Azureña assinava o folhetim que o *Correio* publicava todos os domingos sob o título de “Semanário”, onde exercia um estilo literário que exprimia “seu torturado culto da forma”, segundo a opinião de outro destacado jornalista da época, Aquiles Porto Alegre, que também chegou a considerá-lo “o melhor cronista literário rio-grandense” (...) Negro e “homem de jornal”, José Paulino de Azureña conquistou o respeito dos meios intelectuais e literários porto-alegrenses do seu tempo, apesar de não possuir obra exclusivamente sua publicada em vida. Em 1881 já teria sido co-fundador de uma *Revista Literária*, junto com Aurélio Viríssimo de Bittencourt²⁷⁶, outro negro que se destacou nas rodas literárias e jornalísticas, inclusive como alto funcionário público, sendo secretário de presidentes do Estado.(LAZZARI, 1998, p.40-41).

²⁷⁵ CALDAS, Breno. Uma vida dentro da outra. Porto Alegre. *Correio do Povo* – Caderno Especial - 1º seção. 01/10/1975, p.20.

²⁷⁶ Aurélio Viríssimo Bittencourt (1849-1919), avô de Dario Bittencourt, manteve relações com Júlio de Castilhos e Borges de Medeiros, ambos Presidentes do Estado do Rio Grande do Sul. Funcionário Público, foi secretário do PRR por várias décadas sendo considerado peça-chave nas administrações deste Partido no Estado. Ver MOREIRA, Paulo Roberto Staudt, CARVALHO, Daniela Vallandro, VARGAS, Jonas Moreira e SANTOS, Sherol em: *Entre irmandades e Palácios: a trajetória de um Negro Devoto e Burocrata (o caso Aurélio Viríssimo de Bittencourt – 1848-1919)*. V Mostra de Pesquisa APERS – Produzindo História a partir de fontes primárias. Porto Alegre: CORAG, 2007, p.169-180.

A partir de Alexandre Lazzari (1998) foram observados “laços” entre o fundador do **Correio do Povo** e Paulino Azurenha, um homem negro. Porém, podemos destacar outro acontecimento que envolveu diretamente o jornal **Correio do Povo** com a comunidade negra: o Primeiro Congresso Nacional do Negro de 1958.²⁷⁷

A **Sociedade Floresta Aurora** representa, por ser organizadora desse encontro, a possibilidade de um coletivo negro desenvolver, planejadamente, alternativas para a organização política da comunidade negra porto-alegrense e, como vimos, gaúcha.

Neste período, a SBFA tinha como presidente Valter Santos. Em ATAS pesquisadas, encontramos nomes das seguintes empresas e órgãos apoiadores do “oásis” porto-alegrense: Rede Mineira de Aviação, Rádio Farroupilha, indústria de refrigerantes Pepsi Cola e os poderes públicos como o Governo Federal, a Assembléia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul e a Prefeitura de Porto Alegre.²⁷⁸

A ligação existente entre a SBFA e o “Correio do Povo”, destacou-se pela legitimação do Congresso através da divulgação impressa. Os intelectuais dirigentes da SBFA, diferentemente dos intelectuais negros que faziam ações a favor da comunidade negra pelotense e fundaram o **Jornal Alvorada** visto em nosso primeiro capítulo²⁷⁹, careciam de um jornal próprio para divulgar o evento. Como divulgar e fazer com que o Congresso se legitimasse? Como difundi-lo e fazer com que amplos setores da sociedade tivessem conhecimento do mesmo? Que jornal apoiaria o encontro?²⁸⁰

Em reuniões na sede da SBFA, ficou firmado o apoio entre as empresa jornalística Caldas Júnior e os organizadores do Primeiro Congresso Nacional do Negro. Como consta em ATAS registradas e localizadas no acervo da entidade.

²⁷⁷ Para saber mais ver GOMES, Arilson dos Santos em: Primeiro Congresso Nacional do Negro Brasileiro realizado em Porto Alegre no ano de 1958. ANAIS do VI Congresso Internacional de Estudos Ibero-Americanos – PUCRS, Porto Alegre Out.2006.

²⁷⁸ ATAS de reuniões da SBFA de números 255 e 263. Porto Alegre, 06 de julho e 12 de outubro de 1958, [sp].

²⁷⁹ Ver página 58 a 74 desta dissertação.

²⁸⁰ “O Jornal A Alvorada, provavelmente, seja o periódico de maior longevidade desta fase denominada de imprensa negra”. Para saber mais ler José Antônio dos Santos. Raiou “A Alvorada”: Intelectuais negros e imprensa, Pelotas - 1907-1957. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal Fluminense, 2000, p.61.

(...) O Sr. Presidente (Valter Santos) falou sobre o apoio do vespertino Folha da Tarde. Júlio Soares fala do apoio dos jornais Correio do Povo, Folha da Tarde e sucursais do Rio de Janeiro no **Congresso do Negro** a ser realizado por iniciativa desta sociedade o jornalista Adil Silva, dará apoio e cobertura no Rio de Janeiro.²⁸¹

Portanto, através do apoio dos jornais Correio do Povo e Folha da Tarde, ambos em 1958 faziam parte da Empresa Jornalística Caldas Júnior, a Sociedade Floresta Aurora conseguiu fazer com que o evento obtivesse repercussão nacional, já que essa empresa tinha escritórios nas duas principais cidades brasileiras do período, São Paulo e Rio de Janeiro.

Conforme o discurso proferido por Valter Santos, Presidente da SBFA no ano de 1958, na abertura do Primeiro Congresso Nacional do Negro, a ligação entre o Correio do Povo e a SBFA teve início no ano de fundação do Jornal em 1895 quando, através de um convite feito por Caldas Júnior, a banda da sociedade tocou na inauguração da empresa. Naquela época, a sociedade ainda era banda musical e, posteriormente, tornar-se-ia entidade social. As palavras de Valter Santos, impressas no Jornal Folha da Tarde evidenciam essas informações e a relação existente entre a Sociedade e o Jornal:

A banda que se celebrizou – frisou o orador – ao ser especialmente convidada pelo Jornalista Caldas Júnior para abrilhantar os festejos de fundação do Correio do Povo, a 1º de outubro de 1895. Desse dia em diante, até ser extinta, a lira da Sociedade Floresta Aurora, anualmente, comparecia ao “Róseo”, para levar-lhe a sua homenagem na data de sua fundação. Vem daí a amizade existente entre os jornais da Empresa Jornalística Caldas Júnior e a nossa sociedade.²⁸²

Nota-se uma questão a ser investigada após constatar-se a ligação entre a individualidade e comunidade negra com as origens do Correio do Povo. Será que Paulino Azurena, além de co-fundador do jornal também era integrante ou membro da sociedade Floresta Aurora? Ele tinha relação ou conhecia os fundadores da entidade lá no distante ano de 1872?

²⁸¹ As informações sobre o apoio das Empresas Jornalísticas Caldas Jr. constam na ATA de reunião número 252. Porto Alegre, Julho de 1958. [sp].

²⁸² [s.n.]. Homens de cor de vários Estados no I Congresso Nacional do Negro. Porto Alegre: Folha da Tarde, 15/09/1958, p.14.

Voltando à participação do Correio do Povo e a sua parceira com a SBFA, por ocasião do Congresso, um dos palestrantes foi o jornalista Archymedes Fortini (1887-1973), conferencistas de encerramento do encontro.²⁸³

Quando iniciei as pesquisas sobre o Primeiro Congresso Nacional do Negro já tinha localizado Archymedes Fortini, sabia inclusive que ele era jornalista. Mas descobri, há poucos meses, que ele não era um jornalista distante ou de fora do Estado, era um dos homens mais importantes da Empresa Jornalística Caldas Júnior, conforme escreveu Breno Caldas no encerramento de seu artigo elaborado por ocasião dos 80 anos de fundação do jornal Correio do Povo, datado de 1975. Segundo Breno Caldas:

Por hoje, a título de resumo de uma vivência quase cinquentenária, direi apenas que o Correio do Povo aqui está presente, atuante – uma tradição viva do Rio Grande do Sul – pela força impulsora de três razões dinâmicas fundamentais, que eu desejo simbolizar em três nomes: Caldas Júnior – o programa, o exemplo de independência e coragem. Dolores Alcaraz Caldas – a tenacidade, o espírito de luta. Archymedes Fortini – a operosidade, o afã e dever.²⁸⁴

Esta passagem de um artigo escrito por Breno Caldas, alusivo aos 80 anos do jornal, foi revelador quanto à importância de Archymedes Fortini para o Correio do Povo. Nota-se que o primeiro agradecimento de Breno foi ao seu pai, e fundador do jornal Caldas Júnior. O segundo agradecimento foi para a Senhora Dolores Alcaraz Caldas, viúva de Caldas e a pessoa que assumiu as dívidas da empresa após a morte do marido. Por último - pensamos que não menos importante - foi o agradecimento a Archymedes Fortini. Ou seja, o apoio além dos registros nas páginas do Jornal Correio do Povo e dos veículos da Empresa Caldas Júnior ao Primeiro Congresso do Negro era humano, ativo e de “corpo presente”.

Nesse sentido, a visibilidade negra proporcionada através da Empresa Jornalística Caldas Júnior foi diária. Em especial, no jornal Correio do Povo, a divulgação foi emblemática. As duas

²⁸³ Segundo COPSTEIN, Jayme, jornalista porto-alegrense que conheceu Fortini: “Em 1945, ao comemorar o cinquentenário do Correio do Povo, Breno Caldas achou que devia recompensá-lo pelos serviços prestados. As relações de Fortini com os banqueiros da época tinham sido decisivas para angariar o financiamento que preservou o jornal da falência, quando Caldas Júnior, o pai de Breno, morreu em 1913”. Para saber mais ver: http://www.palegre.com/edicao_001.htm/ Acesso em 14 de maio de 2008. Para ver Archymedes Fortini no Congresso do Negro ver imagem 17 - nesta dissertação p, 177.

²⁸⁴ Caldas, Breno. Uma vida dentro da outra. Porto Alegre: Correio do Povo – Caderno Especial - 1º seção, 01/10/1975, p.20.

reportagens que saíram foram a da abertura do encontro e a de encerramento. O evento foi registrado em matérias de praticamente uma página inteira, o que contribuiu de maneira eficaz para os organizadores do congresso, que conseguiram atingir amplas camadas da sociedade. As informações diárias do encontro saíram no outro veículo da empresa.²⁸⁵

Passaremos a abordar as informações registradas e levantadas em outros dois periódicos com circulação diária na cidade de Porto Alegre em 1958, o jornal A Hora e o Diário de Notícias. Como esses tablóides acompanharam o encontro e como eles divulgaram as atividades?²⁸⁶

O jornal A Hora, fundado em 30 de novembro de 1954, era regional, sem sucursais em outros estados brasileiros, diferentemente dos periódicos da Empresa Jornalística Caldas Júnior. Em contrapartida, o diário A Hora, dirigido por Nelson Dias, ostentava na sua “folha de rosto” a frase: “vespertino de maior penetração no interior”, ou seja: a matéria que ganhava as páginas desse jornal teria uma forte repercussão no interior do estado do Rio Grande do Sul.

Depois dos jornais vinculados à Empresa Caldas Júnior, notamos que a gazeta que mais divulgou o encontro foi A Hora. Localizam-se, em suas páginas, quatro matérias sobre o Congresso Nacional do Negro, todas no centro do jornal. A primeira matéria foi encontrada na página 5, do dia 15 de setembro; a segunda, na página 5, do dia 18 de setembro; a terceira localizada na página 6, do dia 19 de setembro; e a última foi um editorial localizado na página 4, também no dia 19, com o seguinte título: “Êxito do Primeiro Congresso do Negro.” As quatro matérias totalizam 285 linhas impressas com duas fotos.

Este jornal é o único que traz dados estatísticos sobre o nível de estudo do negro brasileiro, dando um destaque especial para um dos temas do congresso, a alfabetização. Além dos elogios destinados aos “excelentes resultados produzidos pelo congresso.”²⁸⁷

²⁸⁵ As informações no Jornal Correio do Povo são localizadas no dia 16 de setembro de 1958, na página 13 e 20 de setembro de 1958, na página 07. Já as informações diárias do Congresso são encontradas no Jornal Folha da Tarde dos dias 11, 13, 15, 17, 18 e 19 de setembro de 1958. Ambos os jornais são localizados no MCSHJC.

²⁸⁶ Ver GOMES, Arilson dos Santos. Assuntos Levantados e registrados: Informações em três jornais sobre o Primeiro Congresso Nacional do Negro realizado em Porto Alegre no ano de 1958. Revista OPSIS. Disponível no site: www.catalão.ufg.br/historia/revistaopsis/sumario/OPIS2007.2/357_opsis2007_2pdf/ Acesso em 08 de junho de 2008.

²⁸⁷ [s.n]. Alfabetização intensiva do homem negro brasileiro. Porto Alegre: A HORA, 18/09/1958, p.5.

As estatísticas demonstram que o negro sulino era mais alfabetizado do que o negro da região norte do Brasil. Deve-se ressaltar que, embora existisse uma ligeira melhora na região sul, o evento propunha a alfabetização e a elevação cultural do negro em todo o país, conforme matéria registrada:

Alfabetização intensiva do homem negro brasileiro é o caminho para a sua total integração na sociedade. Esta a principal conclusão a que levou o Primeiro Congresso do Negro, que se realiza nesta capital desde o dia 14 do corrente e que hoje chega ao seu final.²⁸⁸

O terceiro e último jornal pesquisado foi o Diário de Notícias, no qual saiu uma matéria sobre o Congresso, no dia 18 de setembro de 1958. Localizada na página 11 e distribuída em 56 linhas, a matéria destaca-se pelas informações sobre a educação. O jornal enfatiza trechos de um dos palestrantes da noite, do dia 15 de setembro, Sr. Laudelino Medeiros, que disse:

Em 1950, crianças de menos de dez anos atingem 65% de alfabetizados. Quanto aos elementos de cor, apresentam no momento um bom sintoma de alfabetizados. Quando do último censo, a população negra no Estado era de 440.000 almas. De cada cem alunos, nas escolas primárias 11% eram elementos de cor que alcançavam concluir o curso(...)²⁸⁹

A utilização da fonte jornalística possibilitou dar visibilidade aos acontecimentos do Primeiro Congresso Nacional do Negro. Acredita-se que os assuntos registrados e levantados sobre esse acontecimento nos jornais contribuem como “indícios” importantes para reconstruir uma melhor compreensão e entendimento desse acontecimento.

As relações existentes entre as Empresas Jornalísticas Caldas Júnior e a comunidade negra merecem um maior aprofundamento, já que a visibilidade negra foi maior nos veículos ligados à agência, inclusive com a participação do jornalista Archymedes Fortini, um dos homens mais importantes deste “veículo jornalístico”, conforme Breno Caldas salientou, em uma das mesas de conferência do conclave. Mas esse relacionamento, como foi observado, não foi somente no congresso, e sim desde a fundação do primeiro jornal do grupo, o Correio do Povo, sendo a

²⁸⁸ [s.n]. Alfabetização intensiva do homem negro brasileiro. Porto Alegre: A HORA, 18/09/1958, p.5.

²⁸⁹ MEDEIROS, Laudelino. Trabalhos do 1º Congresso Nacional do Negro seguem com grande entusiasmo. Porto Alegre: Diário de Notícias, 18/09/1958, p.11.

comunidade negra representada naquela ocasião individualmente por Paulino Azurenha e coletivamente pela Banda Floresta Aurora.

Através desse relacionamento antigo foi possível a parceria entre os organizadores do “Oásis” porto-alegrense e os veículos ligados à Empresa Jornalística Caldas Júnior, o que legitimou por intermédio da mídia o encontro, sendo importante lembrar que essa companhia tinha sucursais em São Paulo e no Rio de Janeiro. Nesse sentido, como as demais empresas jornalísticas não anunciariam um evento que contava, além desse apoio, também com a parceria dos governos estadual, municipal e empresas privadas de alto porte? Eis que a visibilidade se difunde pelos outros jornais e periódicos porto-alegrenses como o **A Hora e Diário de Notícias**, além de jornal do centro do país, como o periódico **Correio da Manhã**, da cidade do Rio de Janeiro.

No periódico carioca, que circulou no dia 1º de outubro do ano de 1958, na página 03, foi publicado editorial de seguinte título: “Preconceitos”. Na ocasião, foi dado destaque ao resultado proposto pelos participantes do Primeiro Congresso Nacional do Negro: “Alfabetização intensiva do homem negro brasileiro”. O periódico enfatiza que o preconceito no Brasil não é racial e sim cultural. Conforme registrado no jornal:

A ausência de conflitos raciais no Brasil inspira certa preocupação em face de uma iniciativa como o I Congresso Nacional do Negro, em Porto Alegre (...) Encarado assim, aquele congresso impõe atitude de reserva. Mas também há outra perspectiva, mais positiva: o Congresso Nacional do Negro pode contribuir para despertar a consciência moral dos brancos (...) A cultura é, para o indivíduo, meio de aperfeiçoamento espiritual e profissional. Ou deveria ser. Mas em nosso ambiente a cultura é, muitas vezes, rebaixada a meio de ascensão social. O diploma de bacharel ou outro, equivalente, é o bilhete de ingresso para aquilo que se chama, com algum exagêro, a elite do país. É um ídolo falso; às vezes o diploma é mesmo falso. Não serve para distinguir o portador. Mas serve para fazê-lo, como se diz, distinto. Esse preconceito de cultura é ruinoso, no Brasil, para quase todos os pretos; mas também para muitos brancos.²⁹⁰

Passaremos a tratar do segundo objeto de análise neste item, as informações veiculadas em periódicos porto-alegrenses sobre o Primeiro Congresso Nacional do Negro.

²⁹⁰ Editorial. Preconceitos. Rio de Janeiro: Correio da Manhã, 01/10/1958.[sp]. Acervo particular do Sr. José Domingos Alves da Silveira.

Analisaremos os temas sobre o Congresso tratados no Jornal Correio do Povo e Folha da Tarde, já analisados pelo relacionamento mantido com a Sociedade Floresta Aurora, e acrescentaremos mais um periódico a Revista do Globo.

Por isso propomos entender se as informações trazidas pela mídia sobre este Congresso podem ser condicionadas através de mecanismos internos de uma redação jornalística, neste caso, das redações dos periódicos citados, todos oriundos da cidade de Porto Alegre/RS. Diante da questão perguntamos Como as informações sobre o Congresso chegaram até as redações destes jornais e da Revista? Antes de anunciadas, como localizamos indícios das atividades do encontro? Quais são as informações que aparecem alteradas entre as localizadas nos documentos da **Sociedade Floresta Aurora** e as mensagens anunciadas na imprensa? Quais foram os comentários sobre os resultados deste congresso, emitidos pelos periódicos pesquisados?

Para responder estes problemas, desenvolverei a abordagem de análise de conteúdo proposta por Albert Kientz²⁹¹ que, através da finalidade a que se propõem os jornais, coloca a redação das empresas jornalísticas como elemento central na produção e condicionamento das mensagens, que pretendem atingir o grande público a grande massa.

Kientz (1973) desenvolveu o seu método da seguinte forma: primeiro deu ênfase ao “tratamento da informação”, segundo, explicou como ocorrem as “alterações das mensagens” e em um terceiro momento, desenvolveu as suas “fases de tratamento”. Tentaremos, através deste “norte”, atingir o objetivo desta análise, que não pretende encerrar as possibilidades e as variações que cada pesquisador pode localizar, tendo por metodologia o estudo do autor.

Para Kientz, as informações somente chegam às redações através dos coletores das mesmas, que são receptores de mensagens. As notícias podem chegar à redação através de despachos das agências de notícias, telegrafadas pelos jornalistas, através de celulares, etc., e depois, são reformuladas. O autor denomina esta reformulação de *rewriting*, feita pelo escritor/redator. Pessoas responsáveis para tornar as informações atraentes e acessíveis à massa.

Seguindo a metodologia formulada pelo autor, mais adiante, encontramos características diferentes de cada “veículo” analisado, já que os redatores são diferentes, o público-alvo diverso e a periodicidade dos mesmos variada.

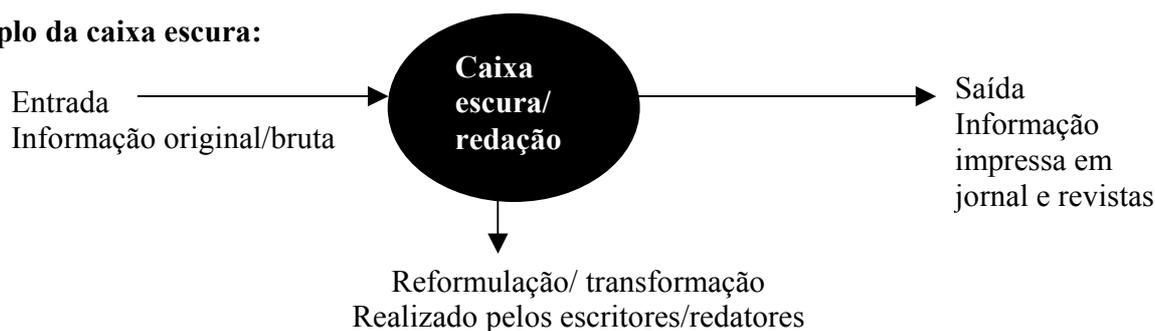
²⁹¹ KIENTZ, Albert. Comunicação de massa – Análise de conteúdo. Rio de Janeiro: Editora Eldorado, 1973. Agradeço a Professora Sandra Brancato pelas aulas das Disciplinas Imprensa e História em que surgiu-me a inspiração desta análise.

Para atingir os objetivos deste artigo, vamos seguir a metodologia proposta. Em primeiro lugar, veremos como ocorre o “tratamento das informações”.

Todo órgão de imprensa é, simultaneamente, receptor de mensagens, que chegam através das agências de notícias, por internet, celulares e de pessoas. No intervalo de tempo que separa a recepção da emissão, a informação é tratada, acondicionada. O “tratamento” é dado pelos escritores/redatores. Kientz, explica que o jornal é uma espécie de caixa escura, onde a informação é recebida e no interior das redações ocorrem transformações e reformulações das matérias, diferente de como entrou, o que não significa, necessariamente, que as mensagens sejam falsas. O que acontece são variações de sentidos das informações, segundo Kientz:

A caixa escura dos cibernéticos é um sistema fechado cuja estrutura interna não é diretamente observável. Somente pelo estudo das reações aos impulsos que ele lhe comunica é que o observador poderá reconstituir, por vias dedutivas, o que se passa nessa estrutura escondida. O problema da “caixa escura” foi primeiramente formulada em eletricidade; dá-se a um engenheiro um caixa selada que apresenta a tomada de entrada, à qual ele pode aplicar os choques, tensões e perturbações que lhe apeteçam, e a tomada de saída, onde ele pode observar o que se produziu, pergunta-se então o que o engenheiro poderá ter deduzido sobre o conteúdo da caixa.” (KIENTZ, 1973, p. 78)

Exemplo da caixa escura:



As notícias que entram na “caixa escura” são as informações originais, recebidas pelos órgãos de imprensa. Na outra extremidade, teremos o que sai sob a forma impressa nos artigos, produto já condicionado.

Em seu livro, Kientz pesquisou o **Encontro Nacional dos padres do grupo *Échanges et dialogue***, realizado em Paris nos dias 11 e 12 de janeiro de 1969. A informação original foi

emitida em uma comunicação realizada pelos próprios organizadores do encontro, os padres, à imprensa francesa. O autor, de posse das informações, o *corpus* retido, comparou as mensagens comunicadas pelos padres com as impressas nos jornais *Le Monde*, *Lê Nouvel Observateur*, *L'Express*, *Lê figaro Littéraire* e *France Diamanche*, o que compreende semanários e diários.

Neste momento analisaremos o **Primeiro Congresso Nacional do Negro Brasileiro**, realizado em Porto Alegre nos dias 15, 16, 17, 18 e 19 de setembro de 1958. O nosso *corpus* retido não será um documento de caráter oficial, emitido pelos organizadores do encontro, mas as **ATAS** de reuniões da **SBFA**, três meses antes do encontro e um mês após o seu encerramento, sendo as informações impressas consultadas nos Jornais **Correio do Povo** (dias 16 a 20/09/1958), **Folha da Tarde** (dias 13, 15, 17, 18 e 19/09/1958), ambos com circulações diárias, e a **Revista do Globo** (2ª quinzena de outubro de 1958), com edição quinzenal.

Tentarei utilizar as **ATAS** tendo como exemplo o comunicado realizado pelos padres, na pesquisa de Kientz. Acredito que as **ATAS** podem ser utilizadas como documentos originais antes de serem passados pela “caixa escura”, já que as mesmas tratam de informações organizativas e originais do evento, não conclusivas como as mensagens do comunicado dos padres, mas são informações comparáveis com as informações impressas pelos periódicos antes, durante e após o conclave. Acreditamos que as informações nas **ATAS**, guardadas as proporções, podem ser utilizadas através do esquema proposto por Kientz. A diferença é que, ao invés de os organizadores do congresso terem emitido comunicados para imprensa, em 1958, a exemplo dos padres franceses em 1969, eu serei o responsável em trazer as mensagens das **ATAS** até a “caixa escura” e analisá-las para formular o segundo passo da metodologia, que é como ocorrem as “alterações das mensagens”.

Para esclarecer as alterações sofridas pela mensagem durante sua passagem pela ‘caixa escura’, procedemos a uma análise de conteúdo comparativo do comunicado original e dos artigos retidos (...) como em toda análise de conteúdo começamos por decompor a mensagem analisada, dividindo-a em menores unidades de informação.(KIENZ, 1973, p.80).

Começamos esta análise, conforme citado acima, dividindo-a em menores unidades de informação. As **ATAS** podem ser consideradas através de elementos isoláveis e enunciáveis a que chamaremos “itens”. Estes “itens” foram retirados das **ATAS** devido a serem assuntos

recorrentes nas mesmas. Entre os elementos isoláveis retive: O nome do Congresso, o objetivo do encontro, os palestrantes citados, quantidade de participantes e os locais de onde vieram, os apoiadores e o resultado do evento.

Nesta análise “de alterações das mensagens”, ao invés de examinar como Kientz, quantitativamente as mensagens comunicadas em seus itens, analisarei qualitativamente as informações, visto que sentimos e observamos tendências e alterações entre as informações constadas nas ATAS, e as impressas nos periódicos.

Este é um quadro comparativo e não abrange a totalidade das ATAS pesquisadas nem as informações impressas em todos os jornais, locais e nacionais, que acompanharam o encontro. É sim um quadro comparativo das alterações que ocorrem na origem e no final de conteúdos comparados tendo como procedência ATAS e destino os artigos impressos nos jornais **Correio do Povo** e **Folha da Tarde** e na **Revista do Globo**.

TABELA 11 - COMPARAÇÃO DE CONTEÚDOS SOBRE O PRIMEIRO CNN

Itens	Informações das ATAS de reuniões da Sociedade Beneficente Floresta Aurora	Correio do Povo	Folha da Tarde	Revista do Globo
1- Nome do congresso	Congresso do Negro	Primeiro Congresso Nacional do Negro	Primeiro Congresso Nacional do Negro	1º Congresso Brasileiro do Negro
2- O objetivo do encontro	Reunião dos negros mais ilustres do Brasil e do estrangeiro e debater temas como: A integração biológica no Brasil” e “A Alma não tem cor”.	Não tinha vistas nenhuma o preconceito racial e sim um estudo relativo à necessidade de maior adaptação do negro na sociedade brasileira através da elevação do nível cultural do negro.	A necessidade de alfabetização frente à situação atual do Brasil, Situação do homem de cor na sociedade e Papel Histórico do negro no Brasil e demais nações.	Levantamento da situação do negro no Brasil e, de modo especial no RS, estabelecer novo entrosamento do negro na sociedade, elevar o nível de alfabetização da classe m nosso estado.
3- Palestrantes citados	Ralfh Bunch, negro americano delegado da ONU, Embaixador do Haiti, Prof. Dante Laytano, Prof. Dario Bitencourt Jornalista Abel Gonçalves	Armando Temperani, Divino Teixeira, Manoel Luis Leão, Conde Salgado, Archymedes Fortini, Dante Laytano, José Maria Rodrigues, Justiniano Espírito Santo, Arilton Silva, Coelho de Souza, Walter Santos.	Prof. Gilberto Jorge Gonçalves- UFRGS, Laudelino Medeiros - UFRGS, Prof. Vera Bandeira Marques – UFRGS, Dr. Justiniano Espírito Santo, Radialista Abel Gonçalves, prof. Darci Conde Salgado- UFRGS, Prof. Dario Bitencourt - UFRGS,	Walter Santos, presidente da SBFA, Dr. Luís Legsiner de Farias, Diretor da Faculdade de Engenharia, Darcy Conde Salgado, Manoel Luis Leão, engenheiros, Prof. Vera Bandeira Marques, Prof. Laudelino de Medeiros e o Cel. Theófilo de Barros.

			Dr. Armando Temperani Pereira – UFRGS, Dr. Coelho Neto, Dr Hélio Carlomagno, Prof. José Maria Rodrigues, Dr. Armando Hipólito dos Santos e Prof. Dante Laytano.	
4- Quantidade de participantes e os locais que vieram	Contou com a presença de participantes Minas Gerais, Rio de Janeiro, interior do Rio Grande do Sul, Rio Grande e Uruguaiana, clubes negros de Porto Alegre, Marcílio Dias e Satélite Prontidão, Sociedade Estrela do Oriente de Rio Grande. Professores conhecidos do estado e do país.	Contou com a presença de elementos destacados em vários ramos de atividades de todo o Brasil. Apesar da torrencial chuva caída(sic), na ocasião de se instalar o congresso, o ato teve grande assistência.	Contando com a adesão das sociedades que reúnem os negros de todo o Brasil, o Congresso reunirá representantes de São Paulo, Rio de Janeiro, Paraná, Santa Catarina e vários outros, cujas delegações já estão chegando a Porto Alegre. Na sua instalação contou com grande afluência de público.	Contou com regular assistência, principalmente por parte dos associados do clube organizador e de alguns poucos visitantes de outros estados. O Congresso não chegou a atingir toda a classe desta capital, nem do Estado e muito menos do Brasil.
5- Organizadores e Apoiadores	Governo Municipal, Estadual e Federal, Pepsi-Cola, Radio Farrroupilha, Jornal Folha da Tarde e Correio do Povo e sucursais no Rio de Janeiro e em São Paulo.	Walter Santos ressaltou a colaboração prestimosa que os organizadores do Congresso receberam dos Governo Federal, Estadual, Municipal bem como de nossa imprensa, em especial do Correio do Povo e Folha da Tarde	Floresta Aurora	Floresta Aurora
6 - O resultado do encontro	Cumprimentos a clubes locais e nacionais negros, cumprimentos a empresas locais e de outros estados, cumprimentos a Assembléia Legislativa e a Prefeitura.	Resultados animadores, início de uma grande campanha objetivando a integração total do homem na sociedade brasileira. Agradecimentos do presidente da SBFA, Walter Santos ao Governo Federal, Estadual e Municipal bem como para a imprensa, em especial do Correio do Povo e Folha da Tarde.	O Congresso alcançou plenamente os seus objetivos coroando os esforços de seus organizadores. A situação do nosso homem de cor foi estudada em todos os seus aspectos, cultural e econômico, sendo tomada uma serie de providências visando a melhora-la. Será organizado um grande plano de educação e serão criados cursos de alfabetização que já se conta com professores de cor para auxiliar neste sentido.	Certamente serviu como uma preparação, talvez remota, para próximos conclaves que, segundo a opinião de muitos, se fazem necessários, para estudarem e debaterem o problema do negro em nosso país.

Fontes consultadas: Jornal Correio do Povo dos dias 16 e 20 de setembro de 1958, Jornal Folha da Tarde, dias 13, 15, 17, 18 e 19 de setembro e Revista do Globo, 2ª quinzena de outubro de 1958.

Kientz explica que as alterações das mensagens ocorrem de três maneiras: “perdas de informações, distorções e parasitagem”. Através destes níveis de alterações farei alguns comentários do quadro acima.

Kientz explica que as alterações das mensagens ocorrem de três maneiras: “perdas de informações, distorções e parasitagem”. Através destes níveis de alterações farei alguns comentários do quadro acima.

Referente à “perda de informações” o quadro a ser analisado difere quanto ao conteúdo utilizado por Kientz, mas não quanto à forma, já que ele analisou as mensagens do **Encontro Nacional dos padres do grupo *Échanges et dialogue***, através de um comunicado oficial emitido pelos padres para a imprensa francesa. Utilizaremos o seu método analisando as informações pesquisadas das ATAS de reuniões localizadas no acervo documental da **Sociedade Beneficente Floresta Aurora**. É importante salientar que, nestes documentos, foi possível encontrar as informações até três meses antes da realização do Congresso, mas durante e depois os dados são escassos, o que não ocorre nos jornais pesquisados. Ou seja, através das informações das ATAS, dos jornais e revistas foi possível ter um *corpus* razoável de subsídios sobre o **Primeiro Congresso Nacional do Negro Brasileiro** realizado em Porto Alegre, entre os dias 14 a 19 de setembro de 1958.

As “perdas de informações” variam de intensidade. Pelo fato de aplicarmos o método utilizando ATAS, entendemos que descobrir o que foi perdido das informações do ‘Congresso’ até passagem pela ‘caixa escura’, e após, sua impressão na mídia, não é tarefa simples, até porque as informações saíram com mais intensidade na imprensa, posteriormente, do que anteriormente nos documentos pesquisados. O que nos fica ‘latente’ é que as informações dos jornais **Correio do Povo** e **Folha da Tarde** são muito próximas, no quadro 3, que são os palestrantes citados, na **Revista do Globo**, faltam a maioria dos nomes, o que entendemos como “perdas de informações”.

Em compensação, podemos analisar em que medida existe “distorções” nas informações consultadas. Por exemplo: no item 1 são localizadas “distorções” quanto à nomenclatura do acontecimento. Nas ATAS da SBFA é citado o conclave como **Congresso do Negro**, nos jornais **Correio do Povo** e **Folha da Tarde**, é citado o evento como **Primeiro Congresso Nacional do**

Negro e na **Revista do Globo** o nome do encontro é anunciado como **Primeiro Congresso do Negro Brasileiro**. Devido a estas transformações podemos caracterizar a “distorção”.

Nos itens 4 e 5, respectivamente, denominado de participantes e resultados do encontro, é possível notar outra “distorção” na informação. Nas ATAS, que coloco o “grau” de original, notamos as evidências de que vieram para Porto Alegre delegações de outras regiões do estado e do país, assim como no quadro “resultados”. Através da relação de cumprimentos, também localizados em ATAS, evidenciamos que o Congresso atingiu números expressivos de participantes.

Nos Jornais **Correio do Povo** e **Folha da Tarde** são encontradas informações que respaldam as ATAS, tanto quanto aos participantes presentes e os resultados do encontro (ver quadro 1), o que não ocorre na **Revista do Globo**. Na realidade os jornais legitimam o encontro, pois vislumbram a iniciativa como algo necessário para a elevação social e cultural do negro. Já a **Revista do Globo** utilizou, em sua matéria,, a pouca participação de público e o resultado regular do encontro dando a entender que a iniciativa foi válida, mas não obteve êxito.

A “parasitagem” é o terceiro tipo de alterações das mensagens. Ocorre devido às multiplicações em torno do tema. No nosso caso, assim como ocorreu na perda de informações, temos as nossas análises diferenciadas. Kientz pôde realizar a análise do elemento “parasitagem”, comparando o tamanho do texto comunicado pelos padres e os que foram impressos no jornal.

Preferiremos notar a “parasitagem” da seguinte forma: quantas linhas os ‘veículos de comunicação’ pesquisados escreveram e quais as maiores ênfases dos conteúdos.

TABELA 12 - COMPARATIVO DE QTDE LINHAS IMPRESSAS SOBRE O 1ºCNN

Periódico	QTD linhas	Matérias	Média linhas
Correio do Povo	338	02	169 p/ dia
Folha da Tarde	353	05	70,6 p/ dia
Revista do Globo	61	01	61 p/ dia

Fontes consultadas: Jornal Correio do Povo dos dias 16 e 20 de setembro de 1958, Jornal Folha da Tarde, dias 13, 15, 17, 18 e 19 de setembro e Revista do Globo, 2ª quinzena de outubro de 1958.

No próximo quadro o número de linhas nos mostra a importância quantitativa acordada aos diferentes temas, pela imprensa, a partir dos itens por mim sugeridos que são: Objetivos do Encontro, Programação do Encontro e resultados e conclusões.

TABELA 13 - COMPARATIVO DE TEMAS

Periódicos	Objetivos do Encontro	Programação do Encontro	Resultados e Conclusões
Correio do Povo	11 linhas	61 linhas	31 linhas
Folha da Tarde	50 linhas	105 linhas	60 linhas
Revista do Globo	15 linhas	9 linhas	13 linhas

Fontes consultadas: Jornal Correio do Povo dos dias 16 e 20 de setembro de 1958, Jornal Folha da Tarde, dias 13, 15, 17, 18 e 19 e Revista do Globo, 2ª quinzena de outubro de 1958.

Através da quantidade de linhas publicadas fica configurada a “parasitagem” explicada por Kientz, que coloca como sendo um elemento de variações das mensagens, ou seja, a multiplicação de seu volume. Nas ATAS, por mais curioso que possa parecer, não é localizada a programação completa do evento. Portanto, para perceber e entender melhor este processo devemos notar a ênfase que a **Revista do Globo** dá para a programação do evento, em um total de 9 linhas; já a Folha da Tarde coloca 105 linhas de programação. Nitidamente notamos uma variação multiplicada em mais de onze vezes no conteúdo de um para outro “veículo”.

Agora passamos para a terceira e última parte da metodologia proposta, que são as principais “fases de tratamento da informação”. Para Kientz, facilmente observáveis se colocarmos em evidência as variáveis a que se associam as *perdas*, *distorções* e *parasitas* revelados pela análise de conteúdo e que nos possibilita propor um esquema interno da ‘caixa escura’. (KIENZ, 1973, p.85)

Filtragens em função da originalidade

Neste sentido, o que é informativo é o novo numa mensagem. A imprevisibilidade, que é fornecida pela mensagem. O caráter surpreendente, conforme Kientz, faz do evento uma notícia. Na proposta, devemos nos perguntar: o que o jornalista percebeu como inédito nesse acontecimento? A fórmula de Roland Barthes é utilizada por Kientz sobre os títulos e manchetes do encontro de padres. Por exemplo: **Encontro Nacional de Padres Contestadores**. Cabe a pergunta, padres contestam? Quando eles saíram da ordem?

Para Kientz não é original a associação padre contestador, mas a associação padres-contestadores. A contestação não é isolada ou individual e sim de um grupo organizado. Pensando na originalidade do **Primeiro Congresso Nacional do Negro**, destacaremos o evento listando como ocorreram os títulos das matérias nos periódicos pesquisados.

TABELA 14 – TÍTULOS NOTICIADOS SOBRE O PRIMEIRO CNN

Periódico	Data	Título
Correio do Povo	16 de setembro de 1958	Instalados os trabalhos do Congresso Nacional do Negro.p.13.
	20 de setembro de 1958	Encerrados os trabalhos do Primeiro Congresso Nacional do Negro.p 07.
Folha da Tarde	11 de setembro	Primeiro Congresso Nacional do Negro.p11.
	13 de setembro de 1958	Instala-se amanhã o Primeiro Congresso Nacional do Negro.p5.
	15 de setembro de 1958	Homens de cor de vários Estados no I Congresso Nacional do Negro.p14.
	17 de setembro de 1958	Encerra-se amanhã o Primeiro Congresso Nacional do Negro.p18.
	18 de setembro de 1958	Ultima reunião do Congresso Nacional do Negro.p40.
	19 de setembro de 1958	Encerrado ontem brilhantemente o I Congresso Brasileiro do Negro.p35.
Revista do Globo	2ª quinzena de Outubro de 1958.	Negros (em congresso) debatem seus problemas.p86.

Fontes consultadas: Jornal Correio do Povo dos dias 16 e 20 de setembro de 1958, Jornal Folha da Tarde, dias 13, 15, 17, 18 e 19 e Revista do Globo, 2ª quinzena de outubro de 1958.

Em todos os títulos das matérias o original é a realização do Congresso. Este evento é “fruto” da ação coletiva, como o encontro dos padres. Não é o negro individualmente discutindo a sua situação e sim os negros reunidos em um conclave, acompanhado por grande parte da imprensa porto-alegrense como sendo o primeiro, portanto, inédito a nível nacional. O que

colabora para o acontecimento ser incomum. A originalidade do evento possui duas variáveis: a quantidade de papel a preencher e as quantidades de mensagens originais provenientes do meio ambiente e seus índices de originalidade. “O órgão de imprensa desempenha o papel de uma espécie de gargalo de estrangulamento que se contrai ou dilata em função dessas duas variáveis”. (KIENZT, 1973, p.90).

Tratamento da informação em função da inteligibilidade

Filtragens

É quando a mensagem passa por uma peneira e que possibilita o leitor intelectual médio entender a publicação. É a facilitação pensada pelos escritores/redatores para o entendimento da população em geral sobre um determinado acontecimento. Quanto menor a frase maior a possibilidade de entendimento por parte dos leitores.

Outro fator de facilitação de entendimento é aplicado através das palavras-chave utilizadas pelos jornais. Esta palavra é repetida diversas vezes sendo a sua frequência provocada para que o leitor assimile a informação.

Na matéria publicada na **Revista do Globo**, as palavras mais citadas foram: **Congresso**, oito vezes, **negro**, com seis citações e **Floresta Aurora**, cinco vezes. Nas informações consultadas no **Jornal Folha da Tarde** as palavras mais freqüentes foram: **Primeiro Congresso Nacional do Negro**, citada 24 vezes, **Sociedade Floresta Aurora**, com 16 citações e **Walter Santos**, citado seis vezes.²⁹² Ou seja: as palavras que mais saíram relacionam-se ao nome do encontro, à entidade organizadora e ao presidente da entidade, “ingredientes” que facilitam ao público leitor a compreender plenamente a informação.

Embalagens

Neste item a redundância da informação auxilia o leitor a compreender a mensagem. Por exemplo: “o clero, esse corpo social que tem suas tradições, seus usos, suas regras” (clero=corpo social=grupo que tem tradições, usos e regras próprios). Quanto ao congresso temos a seguinte informação na **Revista do Globo**: “A Sociedade Floresta Aurora, sociedade organizadora do

²⁹² Informações localizadas no jornal Folha da Tarde, dias 13, 15, 17, 18 e 19 e Revista do Globo, 2ª quinzena de outubro de 1958.

conclave, agremiação de gente de cor...” (Sociedade Floresta Aurora=sociedade organizadora=agremiação de pessoas de cor).

Tratamento da informação em função do grau de implicação

Neste item é medido o grau de implicação de uma informação. Kientz retirou este método de A. Moles²⁹³, que propõe uma escala de 7 graus, do mais próximo ao mais distante grau de implicação.

Filtragens

As perdas sofridas pelas mensagens de origem podem ser relacionadas com esta variável: distância psicológica do indivíduo, que desempenha um papel preponderante na seleção das informações, tornando-se um “gargalo” de ‘estrangulamento “elástico” das matérias. Dependendo do público a que se direciona, o grau de implicação pode alternar de nível constantemente.

Embalagens

Neste item a empresa, o veículo da informação, em sua “caixa escura”, atribui polaridades ao valor da informação, que são positivas ou negativas, favoráveis ou desfavoráveis, o que influencia no juízo de valor do órgão emissor em determinada notícia. “Durante o tratamento a que as notícias em bruto têm de ser submetidas, o órgão de imprensa atribui a cada uma delas uma maior ou menor importância”. (KIENZ, 1973, p.99).

Nota-se esta importância através da página em que foi impressa a informação: se no início, no meio ou no final do jornal, na quantidade de linhas impressas sobre o evento, na ilustração, etc. Ou seja, as embalagens são elementos qualitativos, se atribuídos juízo de valor ou

²⁹³ MOLES, A. *Sociodynamique de La culture*, Paris e Haia: Mouton, 1967. Abaixo, os sete graus de implicação sobre o leitor. Quanto maior o grau, maior também se torna a distância entre a influência da matéria/ informação sobre a vida prática do indivíduo:

- 1 - Implica uma reação imediata e concreta do indivíduo (ex. mobilização).
- 2 - O leitor é diretamente envolvido (ex: aumento do custo de vida).
- 3 - O indivíduo pode se permitir ignorar essa informação; interessa-se por ela sem se sentir preocupado.
- 4 - Implicações distantes ou a longo prazo (ex.: modificações do meio ambiente).
- 5 - O item está ligado, de forma enunciável, a acontecimentos que afetam o indivíduo.
- 6 - Preocupa vagamente o indivíduo, sem que possa definir em quê.
- 7 - Nenhuma implicação: o caso passa-se num outro planeta.

quantitativo, dependendo da abundância de linhas impressas sobre o tema. É importante destacar que muitas matérias podem ser influenciadas por outros fatores, como espaço disponível para preencher do jornal e valores atribuídos por determinado evento “surpresa”.

Para sensibilizar o leitor a imprensa utiliza textos personalizados, ou, como explica Kientz, “humanos”. Através disto, a tendência de atrair leitores é maior. Abaixo, localizamos mensagens que nos auxiliam a entender como ocorre o “tratamento da informação” em função do grau de implicação.

O **Jornal Folha da Tarde** traz as seguintes mensagens: “A situação do nosso homem de cor foi estudada em todos os seus aspectos” e “Nossos irmãos, os negros, debatem o seu desenvolvimento cultural”.²⁹⁴ Acreditamos, que este é o Grau nº 2, a qual o leitor é diretamente envolvido. Já na **Revista do Globo** o título da matéria “Negros (em congresso) debatem seus problemas” e a frase: “Certamente serviu como uma preparação, talvez remota, para próximos conclaves que, segundo a opinião de muitos, se fazem necessários, para estudarem e debaterem o problema do negro em nosso país”²⁹⁵, distanciam as informações do indivíduo, para nós obtendo o Grau nº4, denominado de implicações distantes ou ao longo prazo.

Tratamento da informação em função da profundidade

Este tratamento é aplicado à imprensa sensacionalista, onde a principal meta da informação é atingir o subconsciente das pessoas. Através do impacto ocasionado pelas mensagens, o leitor acaba sendo influenciado em sua profundidade psicológica. Este item será deixado de lado tendo em vista o *corpus* utilizado como fonte deste artigo, caracterizados como ‘veículos de informação’ sem cunho, a princípio, sensacionalista.

Para concluir, acreditamos que a análise de conteúdo proposta para a realização de nosso objetivo, elaborada através da metodologia construída por Albert Kientz, pode ser aprofundada, pois apenas fizemos um breve e simples resumo, do que pode ser realizado através de diferentes

²⁹⁴ sn/Encerrado ontem Brilhantemente o Primeiro Congresso Nacional do Negro/ FOLHA DA TARDE/ Porto Alegre/ 19/09/1958/ p.35) e sn/Homens de Cor de vários estados no I Congresso Nacional do Negro/ FOLHA DA TARDE/ Porto Alegre/ 15/09/1958, p.15.

²⁹⁵ Negros (em congresso) debatem seus problemas. REVISTA DO GLOBO nº 727. Porto Alegre, out 18 a 31. 1958, p, 86.

composições de análise das informações advindas dos meios de comunicações, neste caso, da mídia impressa.²⁹⁶

Aplicamos esta metodologia utilizando como documentos as ATAS de reuniões da **Sociedade Beneficente Floresta Aurora**, escritas entre junho e setembro de 1958. Nestes documentos são localizadas as informações preparatórias do **Primeiro Congresso Nacional do Negro**, bem como os seus resultados, o que possibilita fazer comparativos entre as mensagens ali contidas e as que saíram como matérias nos periódicos: **Correio do Povo**, **Folha da Tarde** e **Revista do Globo**. Sabemos dos limites que enfrentamos em propor tal metodologia, avançando em determinadas etapas e recuando em outras, visando aplicar da melhor maneira a metodologia proposta, tendo consciência da dificuldade que foi buscar as informações contidas nas ATAS e “empurrá-las” para dentro das ‘caixas escuras’.²⁹⁷

Através deste exercício tivemos a sensação de um melhor entendimento de como uma informação pode ser reformulada e transformada de acordo com o “veículo” emissor. Ou seja: a ‘caixa escura’, denominada de redação, é constituída, conforme explicou Kientz, de ‘choques e tensões’ o que muitas vezes passa despercebido por nós, leitores.

O Primeiro Congresso Nacional do Negro Brasileiro foi organizado na sala de reunião da **Sociedade Beneficente Floresta Aurora**, que o realizou com o apoio da Prefeitura Municipal de Porto Alegre, do Governo do Estado do Rio Grande do Sul, Governo Federal, da imprensa local e nacional, de empresas gaúchas e de fora do Estado e do PTB. As informações sobre o congresso chegaram até as redações dos jornais **Correio do Povo** e **Folha da Tarde** devido a estes periódicos serem apoiadores do encontro, inclusive recebendo em suas redações o presidente da agremiação, Sr. Valter Santos e seus conselheiros Sr. Eurico Souza e Sr. Delmiro Lemos, ambos citados em ATAS.²⁹⁸

²⁹⁶ A proposta original desta metodologia foi construída tendo por referência um comunicado emitido pelos organizadores do Encontro Nacional dos padres do grupo *Échanges et dialogue*, realizado em Paris nos dias 11 e 12 de janeiro de 1969. Repassado para os jornais *Le Monde*, *L'Express*, *L'Économiste*, *L'Économiste* e *France Diamanch*. Através do comunicado oficial, Kientz pôde observar fielmente como ocorreram as etapas de sua teoria que são: “tratamento da informação, as alterações das mensagens e as suas fases de tratamento”.

²⁹⁷ As “caixas escuras” são consideradas as redações dos jornais, local onde ocorrem as tensões e conflitos para a impressão e conseqüente circulação dos jornais para o público leitor. As caixas escuras aqui analisadas foram: a redação do *Correio do Povo*, *Folha da Tarde* e *Revista do Globo*.

²⁹⁸ Informação localizada na ata 252, de junho de 1958.

Em contrapartida, nada foi localizado sobre a presença, visitas ou conversas entre os organizadores do Congresso com pessoas vinculadas à **Revista do Globo**. Este indício pode ser notado na composição dos conteúdos impressos nos periódicos pesquisados por nós. Neles foi visível a aproximação do **Grupo Jornalístico Caldas Junior**, dono dos jornais **Correio do Povo** e **Folha da Tarde**, com as intenções da **SBFA**, que era fazer deste encontro um sucesso de público e de difusão de idéias em torno das propostas para conhecer e melhorar a situação da comunidade negra na sociedade gaúcha e brasileira.

Ao mesmo tempo, foi notado por nós o distanciamento da redação da **Revista do Globo** na organização e nos resultados do congresso, fator também influenciado por se tratar de um veículo quinzenal, diferentemente dos jornais, com circulação diária. Itens comprovados e observáveis através do método proposto e aplicado por Kientz no **Encontro Nacional dos padres do grupo Échanges et dialogue** e utilizado por nós na análise de conteúdo das informações sobre o **Primeiro Congresso Nacional do Negro Brasileiro**, realizado em Porto Alegre, através dos condicionamentos das mensagens impressas nos periódicos **Correio do Povo**, **Folha da Tarde** e **Revista do Globo**.

Mas existiram relações entre o **Partido Trabalhista Brasileiro** e as **Empresas Jornalísticas Caldas Junior**? Provavelmente, mas estas relações mereceriam um maior aprofundamento, que devido a nossa proposta e o tempo disponível, deixaremos para outro momento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Esta pesquisa teve três objetivos principais. O primeiro foi o de demonstrar como aconteceu a participação ativa de intelectuais tradicionais e orgânicos negros identificados com a temática afro-brasileira e negra desde 1931, ano de fundação da Frente Negra Brasileira na cidade de São Paulo até 1958, ano de realização do Primeiro Congresso Nacional do Negro, organizado pela SBFA, ocorrido na cidade de Porto Alegre, enfocando os interesses destas propostas.

O segundo, tentar identificar como estas idéias se movimentaram pelo Brasil, difundindo as questões culturais, sociais e políticas sobre a participação da comunidade negra na história brasileira.

E o último, consiste em procurar entender como estas questões foram sendo gradativamente localizadas em Congressos nacionais em torno do tema, bem como se estes oásis delinearam, de fato, um rumo satisfatório à conscientização da comunidade negra no que tange as suas necessidades culturais, sociais e políticas, entre 1931 e 1958.

Quanto ao primeiro ponto, acreditamos tê-lo atingido com sucesso, já que conseguimos localizar uma grande gama de intelectuais tradicionais e intelectuais orgânicos negros envolvidos ativamente na formação de oásis sobre a temática afro-brasileira e negra em nosso país. Salientamos que identificamos como intelectuais tradicionais Gilberto Freyre e Edison Carneiro, pois os mesmos, embora organizando congressos que versassem sobre a participação africana na identidade nacional, percebiam esta influência através de aspectos culturais, influenciados pela visão tradicional oriunda de pensadores como Nina Rodrigues, Silvio Romero e Antônio Austragésilo, uma vez que sentiam e defendiam que a principal participação da comunidade negra foi a sua contribuição como formadora da nação brasileira sendo identidade integrante, sem mencionar uma preocupação maior com os problemas cotidianos sofridos por este grupo e sim a influência de seus costumes no dia-a-dia. Para eles, a identidade negra estava amalgamada com outros dois grupos - os brancos e os índios - que, desta forma, constituíam o brasileiro. Da mesma mistura surgiu o que muitos denominam de “democracia racial” e que outros a classificaram como mero “mito”. Percebemos esta construção ideológica também como mito, já que, de fato, existiam no dia-a-dia os desertos como preconceito, o racismo e a discriminação, nos anos trinta e finais do cinqüenta contra as populações afro-descendentes.

Por outro lado, identificamos, nos intelectuais orgânicos negros, os porta-vozes e representantes dos interesses dessa comunidade. Entre estes, localizamos: Arlindo Veiga dos Santos, Miguel Barros, Rodolfo Xavier, Solano Trindade, Abdias do Nascimento, Guerreiro Ramos, Heitor Nunes Fraga, Valter Santos e Archanjo Martins Santos.

Estes homens constituíram, em nossa opinião, um seletivo grupo de pensadores da causa negra. Ao reivindicar melhorias nas condições sociais de sua comunidade, assumiram como fator de resistência a força de sua identidade, a ponto de criar uma nova opção ideológica, em contraponto à ideologia da mestiçagem: a da negritude.

Devido à complexidade do tema, e tentando manter certo distanciamento destes atores históricos, percebemos que muitos intelectuais, brancos e negros, entre 1931 e 1958, se misturavam, ora parecendo orgânicos, ora tradicionais independentes de sua origem racial, já que o contexto em questão se torna ambíguo ao que poderia ser mais importante para as necessidades da comunidade negra, sendo que, a mesma continuou após a abolição da escravidão, imersa em desamparo, aprendendo na difícil tarefa diária no âmbito das relações sociais a superar as suas dificuldades. Nesse sentido: como dizer que era negativo compor, como comunidade, a formação da nação? Como deixar de ser brasileiro se a África era outra dimensão à realidade concreta/social? Ser mestiço foi muito importante para este grupo, pois a partir da identificação nacional ele passou a entender quais estratégias poderiam ser traçadas para se tornar um cidadão.

Verificamos muitas situações que merecem aprofundamentos, já que se estes intelectuais tradicionais fossem tão contraditórios quanto aos orgânicos, situações como estas seriam impossíveis, bem como por exemplo: Gilberto Freyre, organizador do Primeiro Congresso Afro-Brasileiro, sendo um dos principais colaboradores do Jornal “Quilombo”; do Teatro Experimental do Negro, escrevendo uma coluna denominada “Democracia Racial”, enfatizando na estréia do periódico que: “entre nós, os indivíduos de evidente origem africana não se sentem “africanos” ou “negros”, mas brasileiros: tão brasileiros quanto os mais puros descendentes de índios; tão brasileiros quanto os filhos de portugueses...”. (Jornal “Quilombo”, 1948, p.1, nº1, Ano 1). O pensamento de Freyre vai ao encontro do pensamento da Frente Negra Brasileira nos anos trinta, uma vez que a ideologia daquela organização era a reivindicação do negro como brasileiro, pois como cidadão brasileiro queria usufruir dos direitos que a constituição lhe concedia.

Outro exemplo é o de Edison Carneiro, que além de ter sido o organizador do segundo Congresso Afro-Brasileiro, também foi um dos líderes da Conferência Nacional do Negro, de 1949, e do Primeiro Congresso Nacional do Negro, ambos realizados no Rio de Janeiro, que contaram com a participação direta de Abdias do Nascimento e Guerreiro Ramos, nas diligências do encontro. Portanto, sentimos que estes intelectuais, naquele momento, eram unânimes em um único ideal: identificar a identidade negra como sendo uma das que contribuíram para a formação de nossa nação. Desta relação entre ambos se sobressaíam os aspectos culturais da identidade negra incorporada à nação.

Por isso, praticamente todos os intelectuais orgânicos negros entendiam e reivindicavam o negro como formador da nacionalidade brasileira. Mas mesmo entendendo isso, que esta condição elevava a comunidade culturalmente, eles queriam também a ascensão material, identificada por nós nos aspectos sociais. A partir daí, sentimos que passaram a se distanciar os interesses de intelectuais tradicionais e negros que entendiam a temática.

Mas se a questão social distanciava os intelectuais, ao mesmo tempo aproximava os interesses de outros grupos, como, por exemplo, os políticos, o que abriu espaço para outra relação: a de intelectuais negros com os políticos partidários.

E foi nessa relação, partindo de interesses em torno da necessidade social, o principal elo que identificamos entre os formadores do *movimento fretenegrino*, quando visitaram Getúlio Vargas, na década de 1930, e os coordenadores do Primeiro Congresso Nacional do Negro, sob organização da SBFA, que formaram aliança com Leonel Brizola no final da década de 1950. Ambas as associações negras, por trajetos muito próximos, queriam que seu grupo étnico fosse de fato inserido nas estruturas institucionais deste país. Já os políticos partidários pensavam em consolidar seus projetos, fossem de estilo mais autoritário, como os de Getúlio Vargas, ou mais democráticos, como os de Brizola, que com a ideologia do nacionalismo e do trabalhismo mantinham a hegemonia desta relação, proveitosa em alguns pontos com os interesses estratégicos da comunidade negra.

A partir do momento em que as reivindicações, por parte dos intelectuais negros, passam a surgir, visando a integração e a melhoria dos aspectos sociais de sua comunidade, através de relacionamentos com políticos partidários, começam a existir conflitos entre os intelectuais negros e os tradicionais, pois os últimos entendiam que a partir dos interesses de pessoas

vinculadas à questão política partidária, poderiam existir ameaças para as reivindicações da comunidade negra na construção de uma nação democrática etnicamente, o que notamos no final do Primeiro Congresso do Negro Brasileiro, realizado em 1950, na cidade do Rio de Janeiro.

Conforme Ceva (2006, p.66), “correntes divergentes surgiram no interior do Congresso realizado no Rio de Janeiro, ilustrando a complexidade do tema, entre academia e militância”. Uma delas foi coordenada por Edison Carneiro, Darcy Ribeiro e Costa Pinto. Elisa Larkin do Nascimento (2003, p.267) explica que esse grupo afirmava que, a idéia de organização política da comunidade negra significava impor uma solução norte-americana à noção de cultura negra e africana no Brasil Moderno constituindo um saudosismo ilusório. Os intelectuais negros independentemente das críticas continuaram a exigir e a reivindicar em outras esferas.

Após lutarem pelos aspectos sociais, estes intelectuais negros, passam a querer disputar no âmbito do voto, o que surgiu em 1934, quando a FNB se transformou em partido político e foi extinta pela ditadura do Estado Novo, melhorias nas condições da comunidade negra. O que também se configurou após o seu fechamento, pois os líderes deste grupo, representados por outras organizações e outros agentes continuam a construir alianças com políticos em prol de seus interesses e de sua identidade. Isso nos pareceu bem delineado por ocasião de três vitórias obtidas, em Porto Alegre, pela Sociedade Beneficente Floresta Aurora, sob liderança de Valter Santos, em 1958 após a realização do encontro.

A primeira foi conseguir a troca da sede social da entidade, pequena e acanhada devido ao crescimento de seu quadro social, para uma maior em uma zona nobre, o bairro Cristal, localizado em frente ao hipódromo da cidade. A segunda foi a de possibilitar que um representante da comunidade negra, Sr. Alexandre Moreira, participasse como chefe de gabinete do Governador do Estado do Rio Grande do Sul, Leonel Brizola, após eleições estaduais. E a terceira foi a comunidade negra, representada pela SBFA, propor, em conjunto com os poderes públicos constituídos: “A campanha nacional de alfabetização intensiva do homem negro brasileiro”, em virtude do alto índice de analfabetismo que assolava grande parcela desta população.

Estas três vitórias serviram de exemplo para os negros brasileiros de outros estados, como observamos nas correspondências de Archanjo Martins Santos, da cidade de Barra Mansa para o

Governador do Rio de Janeiro, que percebeu, nestas vitórias e na aliança de organizações negras com políticos, situações que serviam para a democracia.

Notamos, nas correspondências de Archanjo, que para os intelectuais negros somente poderia existir de fato uma “democracia racial”; se fossem contemplados, além dos aspectos culturais, os sociais e políticos, já que somente o aspecto cultural, embora notado como importante para eles, resolvia minimamente a integração do negro na sociedade. Com isso eles criaram uma outra ideologia afirmando a sua negritude.

Localizamos em nossa pesquisa duas propostas ideológicas: a da “democracia racial”, vinculada aos intelectuais tradicionais, e a “ideologia da negritude”, pensada por intelectuais negros. A primeira com o interesse de demonstrar a contribuição da identidade negra como formadora da nação, e a segunda, pensada por intelectuais negros, que enfatizavam que a integração somente ocorreria se os problemas sociais cotidianos, tais como falta de moradia, educação, combate ao racismo e a luta por direitos, fossem contemplados.

A partir das alianças políticas passam a surgir novos interesses e agentes nestes oásis, intelectuais políticos partidários, que mediam as necessidades da comunidade negra com as suas, de cunho eleitoral. Estes políticos foram: Getúlio Vargas, Leonel Brizola e Armando Temperani Pereira, todos vinculados ao trabalhismo e ao PTB. É importante salientar que a partir destas alianças aparecem as candidaturas dos representantes negros. Com base nestas evidências, notamos que os interesses políticos deram o tom dos congressos formados nos anos cinqüenta.

No Primeiro Congresso Nacional do Negro de Porto Alegre, intelectuais vinculados aos grupos políticos e à comunidade negra tinham um interesse bem definido: a educação. Seja ela pensada como programa político nacionalizador, neste caso ligado à ideologia do **PTB**, seja ela pensada como estratégia de inserção e de integração social, representada pela **SBFA**, que por ser uma sociedade negra antiga entendia o sofrimento de seus pares e o analfabetismo existente. Em síntese, entendemos que o principal elo de “estabilidade” entre os projetos destas duas organizações político-sociais foi a educação.

A partir daí surgiu um terceiro interesse nestas relações, as alianças políticas eleitorais como forma de equilibrar as coisas, fazendo, com isto, a comunidade negra atingir parte de seus objetivos, motivada pela alfabetização considerada como o meio termo desta negociação, e que

para muitos passou a ser identificado como elemento da “ideologia do branqueamento” ou a imitação do negro pelos valores brancos.

O conceito de branqueamento surgiu justamente nos anos cinqüenta, influenciado pelos intelectuais ligados à Sociologia da USP, que teorizavam a sociedade através do materialismo histórico, colocando o negro como proletário e o branco como burguês. Nomes como Florestan Fernandes, Fernando Henrique, Otávio Ianni e Bastide, analisavam o processo de branqueamento como um interesse social do negro em, negando-se a si próprio, ser aceito no mundo dos brancos, e conseqüentemente tornando-se um burguês.

Nós acreditamos, embasados nas entrevistas realizadas com pessoas que participaram de organizações negras porto-alegrenses, que o negro, ao querer se educar, ao se alfabetizar, ao estar envolvido com a política, com a imprensa, no relacionamento com outros grupos e através de contatos com os valores hegemônicos, antes de querer se branquear, o que achamos difícil, mais por uma questão social, que genética, ele fazia através de seus representantes estratégias de inserção, em um momento em que a circulação da informação e as alianças entre diversos intelectuais de ideologias e de variadas tendências passam a serem importantes meios de conseguir benefícios humanos e sociais para uma comunidade que queria se integrar. Todos estes fatores são um meio termo para uma sociedade mais democrática, pois nitidamente notamos que se os negros foram influenciados pelos demais grupos sociais, eles também os influenciaram, transformando o mundo em que viviam. E é por isto que se formavam os oásis, existindo esforços para construir uma sociedade melhor entre os grupos humanos por intermédio de seus representantes.

Além destas situações, lembramos o surgimento de um aspecto que estava distante de nossa pesquisa e que veio a somar em nossa construção: a participação das intelectuais femininas na apresentação de propostas e trabalhos nos congressos, situação que foi além de nossas expectativas.

Assim como localizamos as mulheres fretenegrinas paulistas e pelotenses, que escreviam nos periódicos destas organizações, educavam as suas famílias e realizavam atividades beneficentes, evidenciamos nas atividades dos congressos as seguintes intelectuais mulheres apresentando trabalhos: em 1934, no primeiro congresso afro-brasileiro, a viúva Augusta Moreira. O trabalho apresentado por ela foi: “Juliano Moreira e o problema do negro e do

mestiço no Brasil”, nesta comunicação a “autora”, procurou abordar pesquisas realizadas pelo médico falecido Juliano Moreira (PAZ, 2006, p.55). Neste congresso, a Ialorixá Santa relatou sobre: “Receitas de quitutes afro-brasileiros”.

No Segundo Congresso afro-brasileiro de 1937, Mãe Aninha, foi destaque, participando de duas atividades, a primeira, apresentando “um pequeno trabalho sobre quitutes afro-baianos”, e a segunda, foi como uma das articuladoras e fundadoras da União das Seitas Afro-Brasileiras da Bahia.

Na Conferência do Negro de 1949, registramos a participação de Ironildes Rodrigues, que falou da “alfabetização de Machado de Assis e de Lima Barreto”. Elza Soares Ribeiro, chefe do setor trabalhista da Rádio Mauá e da seção de empregos do SESI, palestrou sobre: “Os preconceitos de cor nos contratos de trabalho”. Dra Guiomar de Matos, explicou sobre “os problemas femininos” e Nilza Conceição, sobre “a situação do estudante secundário de cor”. (Jornal “Quilombo”, datado de Junho de 1949, p.07).

No Primeiro Congresso do Negro Brasileiro de 1950, tivemos novamente a participação de Ironildes Rodrigues, atriz do TEN, que explicou que “o negro, em consequência de atributos específicos de raça, tem uma sensibilidade hiper-desenvolvida, que o predestina à música, à poesia, à literatura, à dança, ao canto, em suma, às artes”. (*apud* L.C PINTO, 1953, p.296). E no Primeiro Congresso Nacional do Negro, de Porto Alegre, realizado em 1958, localizamos a professora Vera Bandeira Marques.

Encontramos além destas participações de intelectuais femininas, algo ainda mais relevante, a formação de um oásis feminino intitulado: **Conselho Nacional de Mulheres Negras**, fundado em 18 de maio de 1950, na cidade do Rio de Janeiro, sob direção do departamento feminino do TEN, com a seguinte proposta, segundo Maria do Nascimento, líder do Conselho: “o trabalho do Conselho será uma tarefa árdua a necessitar imperiosamente da colaboração de toda mulher, preta ou branca. Precisamos ser solidariamente unidas em torno desse objetivo de nos valorizarmos, de impor nossa capacidade de trabalhar e realizar algo em benefício geral”. Segundo suas organizadoras este lugar visava a integração da mulher negra na vida social. (Jornal “Quilombo”, 1950, mar/abri, p.04 – FAC SÍMILE, 2003, p.86).

Apesar de ficarmos satisfeitos em encontrar tantas participantes femininas em nossas pesquisas e de localizarmos este oásis intitulado: **Conselho Nacional das Mulheres Negras**,

sabemos que, iniciativas como esta, tendo a mulher como protagonista, merecem maior aprofundamento, e nisto encontramos limites, pois necessitaríamos de um prazo maior para valorizar estas evidências históricas das mulheres na formação dos oásis.

Nosso segundo objetivo era de tentar identificar como estas idéias se movimentaram pelo Brasil difundindo as questões culturais, sociais e políticas sobre a participação da comunidade negra na história brasileira.

No que tange à Frente Negra Brasileira, conforme salientamos na introdução deste trabalho, pensamos a seguinte hipótese quanto ao “movimento das idéias” sobre a temática negra nesta organização, pois para as mesmas se “movimentar” entre as regiões brasileiras necessitavam, obrigatoriamente, de mentalidades envolvidas com a questão.

Portanto, em um primeiro momento, *cabos distritais* arregimentavam filiados para os quadros da **Frente Negra** nos bairros da cidade de São Paulo. Em um segundo, os *delegados em trânsito* fundavam núcleos da organização em cidades portuárias pelo Brasil e em um terceiro momento, estas idéias passam a se movimentar através das *delegações e de participantes* de outros estados brasileiros, que viajaram pelo país para compartilhar dos *congressos nacionais* sobre a temática negra, o que de certa forma coloca essas pessoas, como *cabos distritais dos encontros*, pois as mesmas levam seus estudos e pesquisas para apresentar nesses eventos, e trazem informações sobre os temas que estiveram em pauta para os seus estados e cidades de origem, o que serve como forma de dar continuidade à difusão das idéias apresentadas nesses locais. Algo que retomaremos mais adiante e que incide no que denominamos de “idéias em movimento”.

Quanto aos cabos distritais, tivemos conhecimento de sua existência por intermédio da bibliografia que consultamos sobre a Frente Negra Brasileira; já pesquisada por historiadores, sociólogos, cientistas políticos e antropólogos, que explicaram como eram realizadas as suas arregimentações de pessoas pelas ruas de São Paulo e pelo interior paulista, em busca de novos associados para o quadro social da organização. Porém, sobre a possibilidade destas idéias terem viajado tendo por suporte os delegados em trânsito, pincelamos esta situação em dois trabalhos. Na pesquisa do antropólogo Jéferson Bacelar (2001) e na pesquisa do historiador de José Antonio dos Santos (2000).

Identificamos viagens destes homens, no trabalho de Bacelar, através do discurso de fundação da FNB em Salvador no ano de 1932, sendo que naquela ocasião o líder da entidade, Marcos Rodrigues dos Santos falou:

Gostava de ensinar a ler aos que não sabiam, chegando a reger a Escola noturna da Sociedade de São Vicente (...) fui alfabetizar em Segueiro do Espinho, Verruga, Encruzilhada, ahi (sic) iniciei a minha vida de judeu errante viajando para o norte de minas, sempre pregando contra o analfabetismo (...) fui para Santos, lecionando no mosteiro de São Bento. Ahi fundei a Frente Negra, conseguindo alistar quatro mil negros...”. (Diário da Bahia, 16/11/1932 apud Bacelar, 2001, p.146).

Na leitura do trabalho de José Antonio dos Santos, identificamos que Simeão M. da Silva, pelotense que foi convidado para ser “delegado em trânsito” da FNB em Santos, no ano de 1932, era um potencial difusor de idéias, pois viajando a bordo do cargueiro Mantiqueira poderia ter contatos com negros em várias cidades portuárias. Segundo o historiador, como Simeão viajava regularmente pelos portos brasileiros, poderia representar a FNB em outras cidades do país.²⁹⁹

Através destas evidências identificamos que o que existiu foi um “movimento fretenegrino”, pois ele esteve em diversas regiões do país, e conforme acompanhamos, teve núcleos em São Paulo, na Bahia, no Rio Grande do Sul e em Pernambuco, e nos quatro casos com ideologias diferentes, mas com um foco comum: a formação de oásis para a comunidade negra. As ideologias de cada núcleo da organização eram diferentes, pois em São Paulo ela era mais próxima de Getúlio, em Pelotas ela era mais sindicalista, em Salvador mais mestiça e em Recife, mais cultural. Neste sentido ela também movimentoLu os três aspectos que identificamos como mote de nossa pesquisa, os aspectos culturais, políticos e sociais.

As idéias destas organizações eram, na maioria das vezes, difundidas pela imprensa negra, como o Jornal A Voz da Raça da Frente Negra de São Paulo, ou no Jornal “A Alvorada”, órgão oficial da Frente Negra Pelotense, ou através de viagens de seus líderes, como foi o caso de Miguel Barros, que saiu da cidade de Pelotas-RS para participar do Primeiro Congresso Afro-Brasileiro do Recife-PE, percorrendo uma distância de mais de 4 mil quilômetros.³⁰⁰

²⁹⁹ Ver SANTOS, José Antônio dos. Raiou “A Alvorada”: Intelectuais negros e imprensa, Pelotas (1907-1957). Dissertação, 2000, p.132.

³⁰⁰ MIGUEL BARROS *apud* ANAIS do I Congresso Afro-Brasileiro, 1935, p.269.

No Recife, Miguel Barros conheceu Solano Trindade e Vicente Lima, e juntos fundaram, em 1934, a Frente Negra Pernambucana.

Solano Trindade, um dos fundadores do movimento no Recife foi poeta, escritor, teatrólogo, ator, pintor e pesquisador das tradições populares. Participou dos dois congressos afro-brasileiros, em 1934 no Recife e em 1937, na cidade de Salvador. Por isso tudo, acreditamos que o que existiu foi sim, em última análise, um “movimento fretenegrino”.

Mas também, pensamos em uma terceira forma destas idéias viajarem pelo país afora, divulgando a temática afro-brasileira e negra, conforme apontamos em nossa pesquisa, que foi a formação de congresso. Denominamos estas pessoas de *cabos distritais dos encontros*, pois as mesmas levam seus estudos e pesquisas para apresentar nesses eventos e trazem informações sobre os temas para os seus estados e cidades de origem, o que serve como formas de dar continuidade à difusão das idéias em torno da temática.

No Primeiro Congresso Afro-Brasileiro, realizado no Recife tivemos a participação dos seguintes estados e pessoas nas atividades: Pernambuco, representado por Gilberto Freyre, Solano Trindade, Pedro Cavalcanti entre outros, Alagoas, por Alfredo Brandão e José Lins do Rego, da Paraíba; tivemos a participação de Adhemar Vidal, da Bahia, Edison Carneiro e Jorge Amado, do Estado do Rio Grande do Sul, mais precisamente de Pelotas, o *fretenegrino* Miguel Barros. E representando o Rio de Janeiro: Nóbrega da Cunha, Robalinho Cavalcanti e Renato Mendonça.

No Segundo Congresso Afro-Brasileiro, Conforme Carneiro, registramos as seguintes participações:

Percy Martim, Robert Park, Fernando Ortiz, Maria Archer, do *International Commite* os African Affairs e da *All Africa Convention*, Artur Ramos, Donald Pierson...o Departamento de Cultura da Prefeitura de São Paulo...de Alagoas chegaram-nos duas comunicações, uma de Manoel Diegues Júnior, sobre as danças do nordeste, e outra sobre os negros de Palmares. Do Rio de Janeiro, Renato Mendonça, Robalinho Cavalcanti, Jacques Raimundo. João Calazans fês (sic) relato das insurreições de escravos no Espírito Santo. **Dante Laytano e Dario Bittencourt garantiram a representação do Rio Grande do Sul...** João de Mendonça médico e comissário fez observações sobre o criminoso negro. De todos os pontos do Brasil chegavam-nos os mais entusiásticos aplausos... As sessões do Congresso se realizaram no salão de leitura do Instituto Histórico... (CARNEIRO, 1940, p.100-101). (Grifo meu).

Quanto aos representantes do Rio Grande do Sul, Dante Laytano foi o mais envolvido nas atividades de *caráter nacional* sobre a temática negra, sendo evidenciada a sua presença nas atividades do Segundo Congresso Afro-Brasileiro da Bahia, Conferência do Negro e no Primeiro Congresso do Negro Brasileiro, ambos realizados na cidade do Rio de Janeiro. Outro gaúcho localizado em nossas pesquisas como participante de congressos negros foi Dario Bittencourt, que além da presença em sua cidade natal, Porto Alegre também esteve com Laytano do Segundo Congresso Afro-Brasileiro. Quanto a Heitor Nunes Fraga, importante representante da Sociedade Floresta Aurora, foi localizada a sua presença na Conferência, de 1949 e no Primeiro Congresso do Negro Brasileiro de 1950, ambos na cidade do Rio de Janeiro.

Falando especificadamente na Conferência Nacional do Negro, realizado em 1949 na cidade do Rio de Janeiro, a sua realização foi, além de uma reivindicação dos problemas sociais da comunidade negra, um encontro preparatório para o Primeiro Congresso do Negro Brasileiro, também concretizado no Rio de Janeiro. Na Conferência, foram formadas as seguintes comissões regionais, que participariam do Primeiro Congresso do Negro Brasileiro: a do Distrito Federal, que era a cidade do Rio de Janeiro, composta na grande maioria por representantes do **TEN**, a de São Paulo, que entre seus representantes tinha Florestan Fernandes, Roger Bastide e o ex-frentenegrino José Correia Leite, a Comissão da Bahia, que contava com Tales de Azevedo e José Valadares, que também participou em 1934 do **Primeiro Congresso Afro-Brasileiro**, sediado no Recife apresentando a comunicação intitulada: “A República dos Palmares”, a comissão de Pernambuco, composta por Ascenso Ferreira, que esteve no Congresso do Recife, 16 anos antes apresentando, “O que eu devo à influência negra”, além de Vicente Lima, um dos fundadores da **Frente Negra Pernambucana**, de 1936. A Comissão do Rio Grande do Norte, que tinha como um dos líderes Luiz Câmara Cascudo e Veríssimo Melo, do Pará, Nunes Pereira, do Estado do Rio de Janeiro, Solano Trindade, também um dos fundadores da **Frente Negra de Pernambuco**, do Estado de Minas Gerais, teve Aires da Mata Machado Filho e Onofre Francisco Eva e do Estado do Rio Grande do Sul, tivemos a Comissão Regional formada novamente por Dante Laytano, pelo representante da **Sociedade Floresta Aurora**, Heitor Nunes Fraga e por mais uma terceira pessoa chamada José Pedrosa.

É importante salientar que Miguel Barros, Abdias do Nascimento e Solano Trindade, foram membros da Frente Negra Brasileira, e foram localizados seus nomes em seis dos sete

encontros de caráter nacional que analisamos. No **Primeiro Congresso Afro-Brasileiro**, de Pernambuco, no **Segundo Congresso-Afro Brasileiro**, realizado na Bahia, nas **Convenções nacionais do Negro**, sediadas em São Paulo e no Rio de Janeiro; na **Conferência Nacional do Negro**, no **Primeiro Congresso do Negro Brasileiro**, efetivado também no Rio de Janeiro. E Heitor Fraga, por sua vez, membro da Sociedade Beneficente Floresta Aurora, foi localizado por nós nos dois últimos encontros. Neste sentido, certamente houve contato entre os líderes da SBFA com os líderes da FNB.

No Primeiro Congresso Nacional do Negro de Porto Alegre, sob a organização da Sociedade Beneficente Floresta Aurora, tivemos as seguintes delegações participantes nas atividades: estados do Paraná, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Santa Catarina, São Paulo, Distrito Federal e interior gaúcho, contando também com a presença de estudiosos, pesquisadores, políticos do PTB, intelectuais brancos e negros.

Ficamos surpresos com a correspondência assinada por Archanjo Martins Santos, da cidade do Rio de Janeiro relatando interesses políticos após este congresso, pois segundo a carta ele era membro das seguintes organizações negras: União Mineira Pró-Homens de Cor do Estado de Minas Gerais, da União Mineira Pró-Homens de cor do Distrito Federal, sócia da Sociedade Beneficente Cultural Floresta Aurora de Porto Alegre do Estado do Rio Grande do Sul, Associação Cultural Beneficente e Recreativa José do Patrocínio de Belo Horizonte, além de filiado à Liga Mundial Pró-direitos dos Negros.³⁰¹

Com todas estas pessoas envolvidas nestas atividades, de muitas cidades e estados acreditamos que, podemos denominar estes agentes de *cabos distritais dos encontros*, pois através de suas viagens tivemos um incessante “movimento idéias” que dava continuidade na difusão da temática afro-brasileira e negra em diversas regiões de nosso país, o que deve ser mais aprofundado.

Nosso terceiro objetivo era entender como as questões culturais, sociais e políticas foram sendo gradativamente localizadas em Congressos nacionais em torno do tema, bem como se estes oásis delinearam de fato um rumo satisfatório à conscientização da comunidade negra no que tange as suas necessidades, entre 1931 e 1958.

³⁰¹ Ver correspondência em anexo, de 15/10/1958.

Em um primeiro momento, a partir do Primeiro e Segundo Congresso Afro-Brasileiros, a identidade negra passou a ser valorizada neste país, já que tornou a ser motivo de pesquisas entre os intelectuais brasileiros. Neste primeiro momento os aspectos culturais sobressaíram sobre o social e o político, sendo importante à percepção, por parte daqueles estudiosos, que algo de positivo o negro tinha legado à nação, seu jeito de andar, de sentir, de comer, de amar, em síntese, de ser humano, o que anteriormente era renegado. Isso deve ser considerado, pois passa a ser reconhecida a sua história neste país. Até as religiões afro-brasileiras, então perseguidas pelos policiais a mando do governo, recebem atenção e foram defendidas pelos intelectuais mais tradicionais. Estes aspectos foram percebidos nos Primeiros Congressos, organizados por Gilberto Freyre e Edison Carneiro, nos anos trinta.

Em um segundo momento, as convenções nacionais, conferência e congresso organizados pelo Teatro Experimental do Negro, nos anos quarenta e cinqüenta, mesmo respeitando os encontros anteriores, forçaram mudanças em seus aspectos, pois através dos intelectuais negros os interesses dos encontros representam os interesses do grupo negro socialmente identificado, o que os distanciavam dos interesses dos congressos anteriores, que visaram a construção de uma nação sem conflitos e mediada, uma vez que o que tinha que ser resolvido, era, segundo seus organizadores, as diferenças herdadas da escravidão no cotidiano, e o que estava sendo resolvido com a “democracia étnica” era a diferença cultural transformada em “igualdade cultural”. Mas e a igualdade social? Esta é que passa a ditar o tom dos encontros propostos pelo TEN. E é também no Primeiro Congresso Brasileiro, organizado por esta organização na qual notamos os aspectos políticos surgindo, já que Abdias do Nascimento se torna candidato político à vereança da cidade do Rio de Janeiro, sem sucesso.

Em um terceiro momento, constatamos que no Primeiro Congresso Nacional do Negro, realizado em Porto Alegre, no ano de 1958, constitui a grande estratégia dos intelectuais negros como representantes de seu grupo, pois os mesmos construíram alianças políticas para resolver as situações de carência social e política. Notamos que passam a ser equilibradas as suas necessidades com as dos partidos políticos, o que acaba mediando interesses e desejos em busca da ascensão social de dois grupos. O da Sociedade Beneficente Floresta Aurora e de sua comunidade e o do Partido Trabalhista Brasileiro e de seus correligionários. Esta parceria deu certo para o PTB, que acabou elegendo o governador do Estado do Rio Grande do Sul, Leonel

Brizola, e, também, para a comunidade negra, que instaurou a “A campanha de alfabetização intensiva do homem negro brasileiro” com a ajuda dos poderes públicos constituídos, além da aquisição de uma sede nova para a Sociedade Negra mais antiga do Brasil.

Estes três exemplos foram importantes para negros brasileiros de outros estados, como vimos nas correspondências de Archanjo Martins Santos para o Governador do Rio de Janeiro, que viu nestas situações um grande exemplo de democracia.

Em suma, o **Primeiro Congresso Afro-Brasileiro**, o **Segundo Congresso-Afro Brasileiro**, as **Convenções nacionais do Negro**, a **Conferência Nacional do Negro**, o **Primeiro Congresso do Negro**, o **Primeiro Congresso Nacional do Negro**, foram acontecimentos culturais, sociais e políticos que embora um ou outro aspecto tenha se tornado mais presente em algum momento; acabaram sendo eventos dinâmicos e importantes para o entendimento desta identidade para a formação de nosso país, já que todos, sem exceção reivindicavam o respeito às constituições nacionais.

Sendo todos eles considerados oásis, pois necessitaram, para a sua formação, da disponibilidade e da ação de homens e mulheres, brancos e negros, intelectuais de diversas tendências e idéias que entendiam, à sua maneira, de que forma a identidade negra poderia ser valorizada e respeitada nos desertos da intolerância e ignorância nacional.

Mencionamos outras possibilidades de pesquisas tendo por análise os nossos objetos e a formação de oásis no sentido que propomos analisar neste trabalho, citando os encontros internacionais, já que localizamos seis congressos deste tipo, todos identificados com o Pan-africanismo.

Do Primeiro congresso Pan-africano, realizado em 1919, na cidade de Paris, na França, sob a liderança de Dubois, até o sexto congresso Pan-Africano, realizado em Dar-es-Salaam (sic), na Tanzânia, em 1974, no qual participou o ex-frentenegrino Abdias do Nascimento, evidenciamos que existiram simultaneamente aos congressos brasileiros, outros eventos importantes em torno da afro-descendência em escala mundial, sendo que as preocupações de seus organizadores era em lutar pelo reconhecimento, independência e a afirmação destes países, que integravam o continente africano. O que aprofundaremos futuramente, já que queremos entender melhor como surgiu a formação de oásis em outras partes de mundo, desvendando, também, como os intelectuais que participaram destes encontros pensavam e planejavam a

construção de resistências naqueles oásis, inclusive visando descobrir se existiram ligações entre estes intelectuais com os intelectuais brasileiros formadores dos encontros que pesquisamos. O que temos indícios através da leitura do intelectual negro Abdias do Nascimento. (2000, p. 217).

Em 2008, passados cento e trinta e cinco anos do surgimento da Sociedade Beneficente Floresta Aurora, cento e vinte anos da abolição da escravidão, setenta e um anos da extinção do movimento fretenegrino e cinquenta anos da realização das atividades do **Primeiro Congresso Nacional do Negro** de Porto Alegre, percebemos através desta pesquisa, que a contribuição do negro para o nosso país neste período, foi além dos costumes e da tradição nacional, foi social, na luta contra os preconceitos e a discriminação racial sofrida por eles; e política, para a sua ascensão social, o que os possibilitou de se tornarem conscientes de sua força nos rumos dos acontecimentos eleitorais, trazendo benefícios concretos em torno de suas necessidades sociais a curto prazo. É importante lembrar que, por excelência, todos os Congressos foram *políticos*, mas nem todos tiveram interesses políticos partidários em sua origem como o que nitidamente identificamos na organização do “oásis” porto-alegrense.

Os eventos ocorridos entre 1931 a 1958 marcam um amadurecimento da temática e da identidade afro-brasileira e negra nos aspectos propostos, e principalmente para a representatividade desta comunidade e da influência para a formação de oásis, confirmando a sua força nos rumos dos acontecimentos históricos e da democracia no Rio Grande do Sul e no Brasil.

FONTES DOCUMENTAIS

IMPRESSAS

Jornal do Comércio de Porto Alegre, de 14, 15 e 16 de fevereiro de 2003. Comportamento: “Um reencontro” escrito por Tânia Barreiro.

Jornal Quilombo, Editorial, Rio de Janeiro, 1950.

A Hora, Porto Alegre, dia 15/09/1958, p.5.

A Hora, Porto Alegre, dia 18/09/1958, p.5.

A Hora, Porto Alegre, dia 19/09/1958, p.4-6.

A Hora, Porto Alegre, dia 24/09/1958, Editorial.

Aurora, órgão oficial da SBFA. Ano 2 nº2- Mensal, junho de 1968.

Correio do Povo, Porto Alegre, dia 16 setembro de 1958, p.13.

Correio do Povo, Porto Alegre, dia 20 setembro de 1958, p.7.

Correio do Povo - Caderno Especial - 1º seção / Porto Alegre, 01 de outubro de 1975, p.20

Diário de Notícias, Porto Alegre, dia 18 de setembro de 1958, p.11.

Folha da Tarde, Porto Alegre, dia 15 setembro de 1958, p.14.

Folha da Tarde, Porto Alegre, dia 18 setembro de 1958, p.40.

Folha da Tarde, Porto Alegre, dia 19 setembro de 1958, p.35.

Folha da Tarde, Porto Alegre, – A Pedido - outubro de 1962.

Folha da Tarde, Porto Alegre, 1962, *sp*.

Fac-símile do Jornal A ALVORADA, 18 de Março de 1933

Fac-símile do Jornal Quilombo, de 1949 a 1950. Rio de Janeiro: Editora 34, 2003.

Jornal Correio da Manhã, Rio de Janeiro, dia 01 de outubro de 1958, p.03.

Revista do Globo número 727, outubro de 1958, p.86-87.

Zero-Hora, Porto Alegre, Reportagem Especial, 13/02/2008, p.05.

MANUSCRITAS

Registro de ATAS da Sociedade Beneficente Floresta Aurora, Porto Alegre, Janeiro a outubro de 1958, [sp].

Correspondências localizadas no acervo da Sociedade Floresta Aurora, entre janeiro de 1958 a dezembro de 1959.

Correspondências para sócios da SBFA localizadas no acervo particular do Sr. José Domingos Alves da Silveira, datadas entre 1960 a 1970.

ARQUIVOS PESQUISADOS

Arquivo Particular do Sr. José Domingos Alves da Silveira, colecionador de periódicos.

Arquivo da Sociedade Beneficente Floresta Aurora.

Biblioteca da Assembléia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul.

Centro de Pesquisas Correio do Povo.

Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa. Localizações dos periódicos no museu:

JORNAL	ANO	FILA	ESTANTE	BANDEJA
FOLHA DA TARDE	SET 1958	F22	E1	B3
CORREIO DO POVO	SET 1958	F1	E2	B2
A HORA	SET 1958	F4	E4	B1
DIÁRIO DE NOTÍCIAS	SET 1958	F9	E7	B4
REVISTA DO GLOBO	OUT 1958	F6	E1	B4 a B8

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMADO, Jorge. **Bahia de Todos os Santos**. São Paulo, Martins, 1960.

ANAIS – Estudos Afro-Brasileiros – **Trabalhos apresentados no 1º Congresso Afro-Brasileiro reunido no Recife em 1934**. 1º vol. Rio de Janeiro: Ariel, Editora LTDA, 1935.

ARENDDT, Hannah. **O que é política? Fragmentos das obras Póstumas Compilados por Ursula Ludz**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

ASSUMPTÃO, Jorge Euzébio. Idade, Sexo, Ocupação e Nacionalidade dos Escravos Charqueadores. Estudos Iberos – I Simpósio Gaúcho sobre a escravidão negra. EDIPUCRS, 1990. p.29-46.

BACELAR, Jeferson. **A hierarquia das Raças, Negros e Brancos em Salvador**. Rio de Janeiro: ED Pallas, 2001.

BACH, Suelen de Lima; TAMBARA, Elomar. **J. P. Coelho de Souza e a política de nacionalização do ensino no Rio Grande do Sul**, 2006. http://www.ufpel.edu.br/cic/2006/arquivos/CH_01775.rtf. Acesso em 16 e maio de 2008.

BAKOS, Margaret Marchiori. **Escravidão e abolição no RS**. Porto Alegre: Mercado aberto, 1982.

_____. Repensando o processo abolicionista sul-riograndense. **Revista de Estudos Ibero-Americanos**. Porto Alegre: PPGH-PUCRS, 1988.

BARBOSA, Marcio. **Frente Negra Brasileira, depoimentos**. São Paulo: Quilomboje, 1998.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Rio de Janeiro: Edições 70, 1977.

BARRERAS, Maria José Lanziotti. **Dario de Bittencourt (1901-1974) – Uma incursão pela política autoritária gaúcha**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1998.

BASTIDE E FERNANDES. **Brancos e Negros em São Paulo**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1959.

BASTIDE, Roger. **A Imprensa Negra no Estado de São Paulo**. Estudos Afro-Brasileiros. São Paulo: boletim nº2. Cadeira de Sociologia da USP.*sn*.

_____. **As religiões africanas no Brasil**. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1971.

_____. **Brasil, Terra de Contrastes**. São Paulo: Difel, 1979.

- _____. **Branços e Negros em São Paulo**. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1959.
- BEMFICA, Flavia Cristina Maggi. **Governo Leonel Brizola no Rio Grande do Sul: desconstruindo mitos**. Dissertação de Mestrado, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.
- BENTO Cláudio. Moreira. **O negro e descendentes na sociedade do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: GRAFOSUL, 1976.
- BENTO, Maria Aparecida. Branqueamento e Branquitude no Brasil. **Psicologia Social do Racismo. Estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil. 1.ed.** Petrópolis RJ: Vozes, 2002.
- BERND. Zilá.; BAKOS, Margaret. **O negro: consciência e trabalho**. Porto Alegre: Universidade UFRGS, 1991.
- BERUTE, Gabriel Santos. Características Mercantis do Tráfico Negreiro no Rio Grande de São Pedro, C.1790-C.1825. **V Mostra APERS**. Porto Alegre, CORAG.p.153-168, 2007.
- BITENCOURT. Yosvaldir Carvalho. **As Escolas de Comunicação Social como instrumento de desconstrução do racismo e discriminação racial**. O Negro na Mídia-A invisibilidade da Cor. Porto Alegre: Ed. Sindicato dos Jornalistas do RS. 2005, p.65-76.
- BOEIRA, Nelson. O Rio Grande de Augusto Comte. In GONZAGA, Sergius, RS: Cultura & Ideologia. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980.
- BOURDÉ Guy e MARTIN, Hervé. **As escolas históricas**. Portugal: Editora Europa-América, 1983.
- BRUM, Argemiro. J. **O desenvolvimento Econômico Brasileiro**. Petrópolis, RJ, VOZES.1984.
- CAMPOS, Deivison Moacir Cezar. **O Grupo Palmares (1971-1978): Um movimento negro de subversão e resistência pela construção de um novo espaço social e simbólico**. 195 f. Dissertação de Mestrado, 2006, PUCRS.
- CAMPOS, Zuleica Dantas Pereira. **Os Afro-Umbandistas e a resistência na ditadura do Estado Novo**. Revista Saeculum, UFP, João Pessoa, 819, 2002-2003.
- CARDOSO, Ciro Flamarion. **Análise de conteúdo: método básico**, 10/04/2006. (prelo).
- CARDOSO, Fernando Henrique. **Capitalismo e escravidão no Brasil Meridional – O negro na sociedade escravocrata do RS**. São Paulo: Paz e Terra, 1991.
- CARNEIRO, Edison. **Ladinos e Crioulos**. Rio de Janeiro, Ed. Civilização Brasileira, 1964.

CARVALHO, José Murilo. **Os bestializados e a República que não foi**. São Paulo: Cia das Letras, 1999.

CERTEAU, Michel De. **A Escrita da História**. Rio de Janeiro: Ed. Forense Universitária, 2006.

CEVA, Antonia Lana de Alencastre. **O negro em cena: a proposta pedagógica do Teatro Experimental do Negro**. Dissertação de Mestrado, 2006, PUC-RJ.

CLAY, Vinícius. **O Negro em O Estado da Bahia: De 09 de maio de 1936 a 25 de janeiro de 1937**. 2006. <http://www.facom.ufba.br/pex/viniciusclay.doc/> acesso em fevereiro de 2008

CLEMENTE, Elvo e BARBOSA, Eni. **Carlos Santos, uma biografia**. Porto Alegre, PUCRS, 1995.

CONFORTO, Marília. Breves considerações sobre a criminalidade escrava segundo “o livro dos sentenciados” da Casa de correção de Porto Alegre (1874-1900). **I Simpósio Gaúcho sobre a Escravidão**. Estudos Ibero-Americanos. 1990 p.69-79.

COSTA, Emilia Viotti. **Da Monarquia à República – Momentos decisivos**. São Paulo: Editora UNESP, 1998.

COSTA, Maria Amélia Dias (Org). **As relações de trabalho e as organizações de classe em Pelotas, 1850-1937**. Pelotas: Ed. UFPEL, 1997.

CORSETTI, Berenice Orgs. AXT, SEELIG, GEDOZ, FILHO e MENEGUETTI. Política e organização da educação sob o castilhismo In **Julio de Castilhos e o paradoxo republicano**. Porto Alegre: Nova Prova, 2005.p.203-216.

DALLA VECCHIA, Agostinho.Mario. **Os filhos da escravidão: memórias de descendentes de escravos na região Meridional do Rio Grande do Sul**. Pelotas: UFPEL, 1993.

Disponível no site do III Encontro Escravidão e Liberdade. Disponível no site: <http://www.labhstc.ufsc.br/pdf2007/9.9.pdf>. Acesso em 25 Jul.2007.

DAVIS, J. Davis. *Afro-Brasileiros hoje*. São Paulo: Selo Negro, 2000.

DOMINGUES, Petrônio José. **A insurgência do Ébano: A História da Frente Negra Brasileira (1931-1937)**. Tese de Doutorado, USP, 2005.

_____. **Frentenegrinas: notas de um capítulo da participação feminina na história da luta anti-racista no Brasil**. Cad. Pag. nº28. Campinas Jan./June 2007. http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332007000100015&Ing=en&nrm=iso/ Acesso em Março de 2007.

_____. **Negros de Almas brancas? A ideologia do branqueamento no interior da comunidade negra em São Paulo (1915-1930)**. Estudos Afro-Asiáticos, ano 24, nº3, 2002.

P.563-599. Capítulo Parcial de sua dissertação de mestrado intitulada: **Uma História não contada. Negro, racismo e trabalho no Pós-Abolição em São Paulo (1889-1930)** FFLCH/USP, 2001.

_____. **Negros de almas brancas? A ideologia do branqueamento no interior da comunidade negra em São Paulo, 1915-1930.** Estud. afro-asiát. vol.24 no.3 Rio de Janeiro 2002.http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-546X2002000300006&lng=en&nrm=iso, Acesso em janeiro de 2008.

_____. **O "messias" negro? Arlindo Veiga dos Santos (1902-1978): "Viva a nova monarquia brasileira; Viva Dom Pedro III !".** Varia hist. vol.22 no.36 Belo Horizonte July/Dec. 2006

DOUXAMI, Christine. **Teatro Negro: a realidade de um sonho sem sono.** Afro-Ásia, 2001.p.313-363.
Elisa Larkin do Nascimento 2003

FAUSTO, Boris. **A Revolução de 1930 – Historiografia e História.** São Paulo: Brasiliense, 1994.

FERNANDES, Florestan. **A Integração do Negro na Sociedade de Classes.** São Paulo: Ática, 1978.

FERRARA. Mirian Nicolau. **A Imprensa Negra Paulista (1915/1963).** São Paulo: FFLCH/USP, 1986.

FIGUEIREDO, A. **Novas elites de cor - estudos sobre os profissionais liberais negros de Salvador.** São Paulo: UCAM-CEAA, 2002.

FIGUEIREDO, Angela e GROSFOGUEL, Ramón. **Por que não Guerreiro Ramos? Novos desafios a serem enfrentados pelas Universidades Públicas Brasileiras.** Ciência e Cultura http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252007000200016&lng=es&nrm=iso/ acesso em abril de 2008.

FLORES, Moacyr. **Negros na Revolução Farroupilha.** Porto Alegre: EST, 2004.

_____. (org). **Negros e Índios – Literatura e História.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 1994.

FONTOURA. Hélio. **40 Anos ao lado de Brizola.** Porto Alegre: Prografic Editora e Gráfica Ltda, 2005.

FORTES, Alexandre. **Nós do Quarto Distrito. A Classe trabalhadora Porto-Alegrense, e a Era Vargas.** EDUCS-Garamond, ANPUH-RS, 2004.

FREYRE, Gilberto. **Casa Grande & Senzala**. Rio de Janeiro: Livraria José Olimpio Editora S.A, 1981.

GATTIBONI, Rita. **Escravidão Urbana na Cidade de Rio Grande**. 1993. f. Dissertação (Mestrado em História)-PUCRS, Porto Alegre, 1993.

GERTZ, René. Cidadania e Nacionalidade: história e conceitos de uma época. In: MÜLLER, Telmo Lauro (org.). **Nacionalização e Imigração Alemã**. São Leopoldo: Ed. UNISINOS, 1994. p. 13-26.

GOMES, Ângela de Castro (org). **Escrita de si, escrita da História**. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

GOMES, Arilson dos Santos. **Assuntos Levantados e registrados: Informações em três jornais sobre o Primeiro Congresso Nacional do Negro realizado em Porto Alegre no ano de 1958**. Revista OPSIS. Disponível no site: www.catalão.ufg.br/historia/revistaopsis/sumario/OPSIS2007.2/357_opsis2007_2pdf/ Acesso em 08 de junho de 2008.

_____. **Análise de conteúdo: o condicionamento das informações sobre o Primeiro Congresso Nacional do Negro Brasileiro realizado em Porto Alegre através dos periódicos Correio do Povo, Folha da Tarde e Revista do Globo**. Artigo publicado no site História e História, junho de 2007. Disponível no site: <http://www.historiaehistoria.com.br/indice.cfm?tb=alunos>. Acesso em 24 Jun.2007.

_____. **Idéias Negras em Movimento. III Encontro Escravidão e Liberdade no Brasil Meridional. Florianópolis SC**. São Leopoldo: OIKOS, 2007.p.78-79

_____. **Laços de família, laços em sociedade: Carlos Santos e a questão negra, 2007** (prelo).

_____. **Primeiro Congresso Nacional do Negro Brasileiro realizado em Porto Alegre no ano de 1958**. Porto Alegre: **VI Congresso Internacional de Estudos Ibero-Americanos – PUCRS**, 2006.

_____. **Visibilidade negra: informações e imagens em três jornais de Porto Alegre sobre o Primeiro Congresso Nacional do Negro no ano de 1958**. *V Mostra APERS*. Porto Alegre, CORAG.p.195-209, 2007.

GOMES, Flavio dos Santos. **Negros e Política (1888-1937)**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, 2005.

GOMES, Nilma Lino. Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão. **Educação Anti-racista Caminhos Abertos pela Lei Federal nº10.639/03**. Brasília: Coleção Educação Para todos. SECAD/MEC, 2005.

GRAMSCI, Antônio. **Os intelectuais e a organização da cultura**. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1995.

_____. **Maquiavel, a política e o Estado Moderno**. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1980.

_____. **Cadernos do cárcere**. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 2004.

GUIMARÃES, Sérgio Antônio. **Notas sobre raça, cultura e identidade na imprensa negra em São Paulo e no Rio de Janeiro, 1925 e 1950**. Revista Afro- Ásia nº29/30. 2003 p247-269. Acessado em abril 2006.

_____. **Tirando a máscara**. São Paulo, Paz e Terra, 2000.

GUSMÃO, Marilu. **Arthur Ramos: o homem e a obra**. Maceió: Departamento de Assuntos Culturais da SENEAC em convênio com o MEC-DAC, 1974.

HALL, Stuart. **Da Diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

HELLER, Agnes. **A Filosofia Radical**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

HOBSBAWM, Eric. **Tempos interessantes**. São Paulo: Cia das Letras, 2002.

ISMÉRIO, Clarisse. **Mulher – A Moral e o imaginário (1889-1930)**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1995.

JÚNIOR, Edson Diniz Nóbrega. **O programa criança Petrobrás na Maré em oito escolas públicas do maior conjunto de favelas do Brasil**. Dissertação de Mestrado em Educação, PUC-RIO, 2007. http://www.maxwell.lambda.ele.puc-rio.br/cgi-bin/prg_0599.exe/11196-1.pdf?nrOco=361628 Cdlinprg=pt. Acesso em 07/07/2008.

KIENTZ, Albert. **Comunicação de massa**. Rio de Janeiro: Eldorado, 1973.

LANNES, Laiana. **A Frente Negra Brasileira: Política e Questão Racial nos anos 1930**. Dissertação de Mestrado, UERJ, 2002.

LAUREANO, Marisa Antunes. A última vontade: em memória de uma preta forra chamada Rosa Maria. **ANAIS da III Jornada de Estudos Afro-Brasileiros - Caderno de Resumos**. Porto Alegre: Memorial do RS, 2006, p.17.

LAZZARI, Alexandre. **“Certas coisas não são para que o povo as faça”**: Carnaval em Porto Alegre 1870 – 1915. Dissertação de Mestrado orientada Profa.Dra. Maria Clementina Pereira Cunha. Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, 1998.

LEAL, Elisabete da Costa. **O Positivismo, o Partido Republicano Rio-Grandense, a moral e a mulher. (1891-1913)**. Dissertação de Mestrado, UFRGS, novembro de 1996. p.175-188.

LONER, Beatriz Ana. **Classe Operária: Mobilização e Organização em Pelotas: 1888-1937**. Tese de Doutorado, UFRGS, 1999.

LUNA, Luiz. **O Negro na luta contra a escravidão**. Rio de Janeiro: Editora Cátedra, 1976.

MAFESOLI, Michel. **O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987.

MAESTRI, Mario. **O escravo gaúcho – resistência e trabalho**. Porto Alegre: Editora UFRGS, 1993.

MARQUES, Olavo Ramalho. **Etnografia da Avenida Luís Guaranha: Memória, Territorialidade e Identidade Étnica na cidade de Porto Alegre no Rio Grande do Sul**. Revista URBANITAS, Ano 2, Vol 2, 03 de dezembro de 2005.

MATTOS, Jane Rocha de. **“Que arraial que nada, aquilo lá é um areal”**: O Areal da Baronesa: Imaginário e História (1879-1921). Mestrado em história. PPGH-PUCRS, Porto Alegre, 2000.

MELO, José Ernesto. **Cronologia sobre a História da África Contemporânea (1945-1998)**. Revista Ciências e Letras FAPA 21/22, África Contemporânea. Porto Alegre: Ed. Ponto e Virgula. Novembro de 1998, p.329-367.

MOLES, A. **Sociodynamique de La culture**. Paris e Haia: Mouton, 1967.

MONTI, Verônica. **O Abolicionismo – sua hora decisiva no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1985.

MOREIRA, Paulo Roberto Staudt. **Os cativos e os Homens de Bem – Experiências Negras no Espaço Urbano – 1858-1888**. Porto Alegre: EST, 2003.

MOREIRA, Paulo Roberto Staudt, CARVALHO, Daniela Vallandro, VARGAS, Jonas Moreira e SANTOS, Sherol em: **Entre irmandades e Palácios: a trajetória de um Negro Devoto e Burocrata (o caso Aurélio Viríssimo de Bittencourt – 1848-1919)**. V Mostra de Pesquisa APERS – Produzindo História a partir de fontes primárias. Porto Alegre: CORAG, 2007.p.169-180.

MOTA, Carlos Guilherme. *Ideologia da Cultura Brasileira (1933-1974)*. Editora Ática. São Paulo, 1980.

MOURA, Clóvis. **Dialética Radical do Brasil Negro**. São Paulo: Anita Ltda, 1994.

_____. **As injustiças de Clio - O Negro na historiografia brasileira**. Belo Horizonte: Editora Oficina de Livros, 1990.

_____. **História do Negro Brasileiro**. São Paulo: Editora Ática S.A., 1992.

MÜLLER, Liane Suzan. “**As contas do meu rosário são balas de artilharia**” – **Irmandade, jornal e sociedades negras em Porto Alegre 1889-1920**. 253 f. Dissertação de Mestrado, PUCRS. Porto Alegre, 1999.

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil – identidade nacional versus identidade negra**. Belo Horizonte: Coleção **Cultura e Identidade Brasileira**, Autêntica.2004.

NASCIMENTO, Abdias. Reflexões sobre o movimento negro no Brasil, 1938-1997. In: GUIMARÃES, Sérgio Antônio. **Tirando a máscara**. São Paulo, Paz e Terra, 2000, p.203-235.

NASCIMENTO, Abdias. **O negro revoltado**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1982.

_____. **Teatro experimental do negro: trajetória e reflexões**. www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142004000100019 - 67k -; anpocs@anpocs.org.br. Acesso em 04 jun.2006

OLIVEIRA, Freitas Waldir. **Edison Carneiro**. [http://www.afroasia.ufba.br/pdf/afroasia_n13_p5.pdf/](http://www.afroasia.ufba.br/pdf/afroasia_n13_p5.pdf) acesso em abril 2008.

OLIVEIRA, Gedeon José de. **A resistência de ébano: Uma abordagem da Frente Negra Brasileira a partir do simbólico (1930)**. Dissertação de Mestrado, Pontifícia Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção, 2006.

OLIVEIRA, Vinicius Pereira. **De Manoel Congo a Manoel de Paula. Um africano ladino em terras meridionais**. Porto Alegre: EST, 2006.

PAZ, Clilton Silva. **A importância do Primeiro Congresso Afro-Brasileiro do Recife**. Encontro Escravidão Mestiçagem – MG, 2006.

PEREIRA, Lúcia Regina Brito Pereira. **Cultura e Afro-descendência: Organizações Negras e suas estratégias educacionais em Porto Alegre (1872-2002)**. Tese de Doutorado defendida no Programa de Pós-graduação em História da PUCRS, 2008.

_____. **Estratégias Negras e Educação**. Porto Alegre: VI Congresso Internacional de Estudos Ibero-Americanos – PUCRS,2006.

_____. **Fábulas de Escravos e Libertos no Cenário da Justiça em Porto Alegre** – Dissertação de Mestrado, PUCRS, 1995.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **RS: a economia e o poder nos anos 30**. Porto Alegre. Mercado Aberto, 1980.

PETIZ, Silmei de Santana. **Buscando a Liberdade**. Passo Fundo: UPF, 2006.

PIERSON. Donald. **Branços e Pretos na Bahia**. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1945.

PINTO. Luiz Antonio Costa. **O Negro no Rio de Janeiro**. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1953.

Projeto Cultural o Povo Negro no Sul. ALVES, Nereidy Rosa. **130 anos da Sociedade Floresta Aurora**, 2002: Porto Alegre, ARI, 2002.p.08.

RAMOS, Guerreiro. **O problema do Negro na Sociologia Brasileira**. Transcrito de *Cadernos de Nosso Tempo*, 2 (2): 189-220, jan./jun. 1954. Disponível em <http://www.schwartzman.org.br/simon/negritude.htm>. Acesso em 31 Ago.2007

RIBEIRO, Luiz Dario. **Descolonização africana**. Revista Ciências e Letras FAPA 21/22, África Contemporânea. Porto Alegre: Ed. Ponto e Virgula. Novembro de 1998, p.51-72.

SANTOS, Boa Ventura de Souza. **Pela Mão de Alice. O social e o político na pós-modernidade**. São Paulo: Cortez Editora, 2001.

SANTOS, José Antônio dos. **Raiou “A Alvorada”:** Intelectuais negros e imprensa, Pelotas (1907-1957). 195 f. Dissertação, 2000, UFF.

SILVA, Fátima Aparecida. O movimento social Frente Negra Pernambucana - 1936-1937-. A história continua. **XXIV Simpósio Nacional de História**. São Leopoldo, 2007.

SILVA, Jayme Moreira. **Colônia Africana – Nossa Senhora da Piedade**. Porto Alegre, 2005. (Prelo).

SINGER, Paul.; BRANT, V.C. (org) **São Paulo: o povo em movimento**. Petrópolis: Vozes, 1980.

SCHILLING, Voltaire. **A Luta pelos direitos civis: de Abraham Lincoln a Martin Luther King – América: 1863-1963**. (Prelo).

SKIDEMORE, Thomas E. **Preto no Branco**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

SOUZA, Florentina. **Solano Trindade e a produção literária afro-brasileira**. Edição: 31 (2004). http://www.afroasia.ufba.br/pdf/31_14_solano.PDF/acesso em março de 2008.

TUNA, Gustavo Henrique. **O negro deu régua e compasso**: Revista de História da Biblioteca Nacional, p.68-73. setembro de 2005.

ENTREVISTAS:

BARCELOS, Adair. Primeiro Congresso Nacional do Negro de 1958. Realizada no dia 08 de outubro de 2007. Entrevistador: Arilson dos Santos Gomes. Porto Alegre: residência.

EVANGELISTA, Terezinha Regina. Primeiro Congresso Nacional do Negro de 1958. Realizada no dia 01 de maio de 2008. Entrevistador: Arilson dos Santos Gomes. Porto Alegre: residência.

FEIJÓ, Nilo. Primeiro Congresso Nacional do Negro de 1958. Realizada no dia 22 de maio de 2007. Entrevistador: Arilson dos Santos Gomes. Porto Alegre: Memorial do Rio Grande do Sul.

FONTOURA, Hélio. Primeiro Congresso Nacional do Negro de 1958. Realizada no dia 18 de dezembro de 2006. Entrevistador: Arilson dos Santos Gomes. Porto Alegre: residência.

SANTOS, Neiva. Realizada no dia 26 de outubro de 2007. Entrevistador: Arilson dos Santos Gomes. Porto Alegre: residência.

SITES:

http://www.ifcs.ufrj.br/~observa/bibliografia/artigos_jornais/SantosRV_CotasUnB_CorreioBraziliense_18042004.htm. Santos, R. V*. Cotas, UnB e raciologia contemporânea. Correio Braziliense, 18/04/2004. Acesso em 14/4/2008.

http://www.cpdoc.fgv.br/nav_historia/htm/anos37-45/ev_fim_ppn.htm/ Acesso em 14 de fevereiro de 2008.

http://www.redealcar.jornalismo.ufsc.br/cd4/impressa/m_celestino.doc/Acesso em 17/03/2008.

<http://www.governador.ba.gov.br/governadores/juracymontenegro.htm/> Acesso em 17/03/2007.

http://www.cpdoc.fgv.br/nav_historia/htm/biografias/ev_bio_pliniosalgado.htm, Acesso em 17/03/2008.

http://www.marxists.org/portugues/dicionario/verbetes/p/prestes_luiz_carlos.htm/ Acesso em 17/03/2008.

http://www.releituras.com/oandrade_menu.asp/ Acesso em 27 de março de 2008.

[http://www.dnit.gov.br/rodovias/distancias.asp./](http://www.dnit.gov.br/rodovias/distancias.asp/) acesso em 29 de abril 2008.

http://www.palegre.com/edicao_001.htm/ Acesso em 14 de maio de 2008.

<http://si.inf.ufrgs.br/informa/edicao3/memoria.html/> Acesso em 10 maio de 2008.

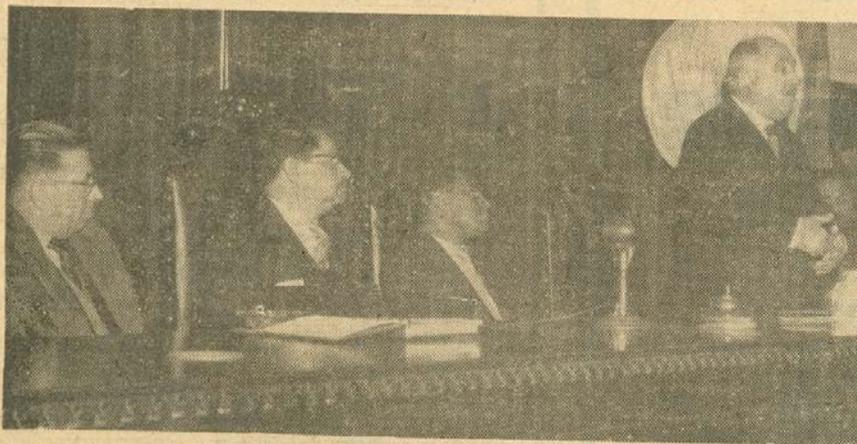
[www.al.gov.br/ biblioteca/pdf/1955-1959 pdf.](http://www.al.gov.br/biblioteca/pdf/1955-1959.pdf) Acesso em 15 de maio de 2008.

<http://en.wikipedia.org/wiki/image:bunche.jpg/> Acesso em 17 de julho de 2007.

ANEXOS I – MATÉRIAS JORNALÍSTICAS

1º. Congresso Nacional do Negro Instalou-se Ontem em P. Alegre

O ato solene de instalação do Primeiro Congresso Nacional do Negro teve como local a Câmara de Vereadores — Congresso organizado e patrocinado pela Sociedade Beneficente Cultural Floresta Aurora — Estiveram presente várias personalidades — Conferência do Prof. Dante Laitano e do sr. Divino Ferreira — Realizada uma palestra sôbre o passado histórico da S. B. C. Floresta Aurora — (LEIA NA PÁGINA 5)



Nas fotos, dois flagrantes da sessão solene de instalação do 1.º Congresso Nacional do Negro, inaugurado ontem à noite na Câmara de Vereadores. Ao alto, um aspecto da mesa diretora dos trabalhos, no momento em que o prof. Dante de Laitano pronunciava conferência sôbre o papel que tem desempenhado o negro em vários ramos da atividade social. E ao lado, um aspecto parcial do plenário da Câmara, cujas dependências mostravam-se repletas.



I CONGRESSO NACIONAL DO NEGRO INICIA-SE AMANHÃ

Será realizado em Pôrto Alegre o I Congresso Nacional do Negro — Problemas básicos do homem de côr serão tratados — Intenso programa de conferências

Com início a 14 e término dia 21 de setembro corrente, será realizado em Pôrto Alegre o I Congresso Nacional do Negro, empreendimento com que a Sociedade Beneficente e Cultural Floresta Aurora comemora o seu 86.º aniversário.

Do temário constam os seguintes tópicos básicos: I) Necessidade de alfabetização frente à situação atual do Brasil, II) Situação do homem de côr na sociedade, e III) Papel histórico do negro no Brasil e demais nações.

PROGRAMAÇÃO

As comemorações serão inauguradas com uma missa solene a ser realizada na Igreja de Nosso Senhor do Bonfim, Padroeiro da Sociedade Beneficente e Cultural Floresta Aurora, às 10 horas do dia 14.

A's 20 horas do mesmo dia, dar-se-á a abertura dos trabalhos, com uma sessão solene em que o sr. Valter Santos, presidente da S.B.C. Floresta Aurora, historiará a fundação dessa tradicional sociedade. A's 20,30 horas estará com a palavra o Bel. Armando Hipólito dos Santos, que dissertará sobre os objetivos do I Congresso Nacional do Negro. A's 21,30 será ouvida a conferência pelo Prof. Dante Laytano.

Dia 15, às 20 horas — conferência do Prof. Gilberto Jorge Gonçalves da Silva. A's 21 horas, conferência pelo prof. Laudelino Medeiros, catedrático da U.R.G.S.

Dia 16, às 20 horas, conferência do prof. Vera Bandeira Marques, da U.R.G.S. A's 21 horas, conferência do dr. Justimiano Espírito Santo. A's 22 horas, palestra do radialista Abel Gonçalves.

Dia 17, às 20 horas, conferência do prof. Darcy Conde Salgado. A's 21 horas, conferência do prof. Dario Bitencourt, da U.R.G.S. A's 22 horas, conferência do prof. Armando Temperani Pereira.

Dia 18, às 20 horas, conferência do dr. J. P. Coelho de Souza. A's 21 horas, conferência do dr. Helio Carlomagno. A's 22 horas, conferência do prof. José Maria Rodrigues.

Dia 19, às 23 horas, baile das debutantes da Sociedade Beneficente e Cultural Floresta Aurora, com traje de gala, na sede da Sociedade Libanesa de Pôrto Alegre.

As conferências, que serão realizadas na sede da S.B.C. Floresta Aurora, à rua Lima e Silva, 316, visarão a debater assuntos de capital importância para o avanço do homem de côr no Brasil, bem como dar uma demonstração dos progressos e da união dos homens de côr no país inteiro, assim como na América do Norte — de onde virão delegados.

QUARTA-FEIRA, 24 DE SETEMBRO DE 1958

a HORA

COMERCIAL E INDUSTRIAL PORTO ALEGRENSE
S. A. — CITAL

Fundado em 30 de novembro de 1954

Redaçã, Administração e Oficinas, Rua S. Pedro, 733

TELEFONES:

Secretaria: 2-46-30 e 2-47-63 (PABX)

Departamento de Polícia: 2-41-22 (direto)

Departamento de Política: 2-46-30 e 2-47-63 (PABX)

SUCURSAIS

PUBLICIDADE:

Rua Siqueira Campos, 688, fone 48-04

Enderço Telegráfico: A HORA

Caixa Postal, 2524

CIRCULAÇÃO:

DEPARTAMENTO DE PROMOÇÕES

Rua dos Andradas 1155 (Sobreloja do Ed. Chaves),

EXPEDIENTE:

fone 9-12-63

Rio: Praça Mauá 7, 13.º, Fones 43-99-18 e 43-45-58

S. Paul: Rua Senador Queiroz 96 2.º andar — Salas
210-211 — Fones 32-3982 e 33-2274

S. Paul: Av. R. Branco, 211, 1.º, s/70, fone 32-39-82

Êxito do Primeiro Congresso do Negro

ENCERROU-SE em Porto Alegre, com êxito invulgar, o "Primeiro Congresso do Negro". O êxito do conclave manifesta-se não no número de congressistas, no volume de teses e conferências apresentadas, ou, ainda, na veemência eventual dos debates, mas sim na conclusão a que chegou.

Só a alfabetização intensiva do homem negro brasileiro constitui um caminho seguro e verdadeiro para sua completa integração social. Aproximadamente nestes termos concretizou o referido congresso seu pensamento.

A acuidade e amplitude de visão daqueles que o elaboraram não ficou desmerecida, todavia, por uma falha que, como já assinalamos destas colunas, constitui um verdadeiro vício de congressos: a inseqüência.

De nada valeria a constatação do elevado índice de analfabetismo e a afirmativa de que o mesmo deve ser erradicado, se nada fosse feito ou sugerido a respeito.

Assim não agiu o Primeiro Congresso do Negro. Como corolário imediato de sua principal conclusão decidiu que seja encetada uma campanha, na qual tomarão parte tôdas as entidades que congregam o homem negro do Brasil, para a fundação de escolas e cursos de alfabetização nessas mesmas entidades.

A iniciativa alta, a outros méritos, o da praticabilidade quase imediata, ainda que exija grande esforço e despendimento de seus autores.

Tal esforço, contudo, será um exemplo magnífico a ser seguido e, paralelamente, um incentivo a todos aquêles que hoje se batem pela alfabetização de nosso povo.

É ocioso repisar, aqui, na nocividade de nosso subdesenvolvimento cultural e na urgência de que se faça alguma coisa para dar cultura ao povo. Ninguém desconhece esta realidade ou nega que se possa dar a um homem consciência de si mesmo e do papel que lhe é atribuído na sociedade, sem dar-lhe, ao mesmo tempo, educação e cultura.

É lícito afirmar, por tudo isso, que o Primeiro Congresso do Negro obteve, realmente, êxito e atingiu excelentes resultados.



Abertura do Congresso. Sr. Valter Santos (falando), Presidente da Sociedade Floresta Aurora, e ainda o Dr. Luis Legsiner de Farias, diretor da Faculdade de Engenharia de Pôrto Alegre, Dr. Darcy Conde Salgado e Manoel Luis Leão.

NÃO há dúvida de que, modernamente, a melhor maneira de ser discutido um problema ou debatida uma tese, é através de congressos, mesas-redondas, seminários, ou qualquer outra modalidade de conclave. Assim é que semanalmente surgem em tôdas as Capitais dos Estados congressos tratando das mais variadas matérias, desde matemática ou química até poesia ou filosofia.

Pôrto Alegre que teve, em setembro último, o 1.º Congresso Brasileiro de Dialectologia e Etnografia, e um festival de poesia, foi também, nesse mesmo mês, sede de um outro congresso. Trata-se do 1.º Congresso Brasileiro do Negro. A iniciativa partiu da Sociedade Floresta Aurora, conhecida agremiação de pessoas de cor, de Pôrto Alegre, fundada em 1872. O mesmo teve seu desenrolar na sede da Sociedade e na Câmara Legislativa desta Capital, e contou, durante a semana de sua realização, com regular assistência, principalmente da parte dos associados do clube organizador e de alguns poucos visitantes de outros Estados. Por aqui se vê que o 1.º Congresso Bra-

sileiro do Negro, sob êste aspecto, não teve a repercussão que devia ter o silêncio em torno do mesmo foi grande; o Congresso não chegou a atingir tôda a classe desta Capital, nem do Estado e muito menos do Brasil. Mas, certamente serviu como uma preparação, talvez remota, para próximos conclaves que, segundo a opinião de muitos, se fazem necessários, para estudarem e debaterem o problema do negro em nosso país.

De acôrdo com as palavras do Sr. Walter Santos, Presidente da Sociedade Floresta Aurora, o Congresso visou, acima de tudo, fazer um levantamento da situação atual do negro no Brasil e, de modo especial, no Rio Grande do Sul; estabelecer novo entrosamento do negro na sociedade, pois no passado o mesmo estava muito mais presente na realidade social e cultural brasileira; elevar o nível de alfabetização da classe em nosso Estado, atualmente a população de cor no Rio Grande do Sul se aproxima de meio milhão, e dêstes cerca de 70% são analfabetos, 20% tem instrução média e 10% superior.

Negros (e debatem s

Congresso do Negro
o nível cultural e



Início de uma das conferências. Da esquerda para a direita: Manoel Ferreira, Professora Vera Bandeira Marques, Valter Santos, Dr. Darcy Conde Salgado, Prof. Laudelino Medeiros e o Cel. Theófilo de Barros.



19 DE SETEMBRO DE 1958

FÓLHA DA TARDE

— 35 —



ENCERRADO ONTEM BRILHANTEMENTE O I CONGRESSO BRASILEIRO DO NEGRO

ENCERRADO O I CONGRESSO BRASILEIRO DO NEGRO — Dois aspectos da solenidade de encerramento do I Congresso Brasileiro do Negro, levada a efeito na noite de ontem na Câmara Municipal. A esquerda, o plenário, vendo-se entre os presentes o deputado Armando Temperani Pereira, que prestigiou o ato; à direita, a Mesa que presidia a solenidade, e o jornalista Arquimedes Fortini quando usava da palavra

fossemos o porta-voz de seus agradecimentos a todos que cooperaram para o êxito do certame.
(Continua na 46.ª página)



INSTALA-SE AMANHÃ O PRIMEIRO CONGRESSO NACIONAL DO NEGRO

— Temário e programa — Grande baile no dia 19

Amanhã será instalado o Primeiro Congresso Nacional do Negro. O ato solene que marcará a abertura do Congresso que tem por objetivo maior entrosamento das sociedades, desenvolvimento cultural e adaptação do negro, será realizado na Câmara Municipal, às 20 horas.

Serão oradores, na reunião de instalação do conclave, o presidente da Sociedade Beneficente e Cultural Floresta Aurora, organizadora do Congresso, o bacharel Armando Hipólito dos Santos, e o dr. Dante Laitano.

O Primeiro Congresso Nacional do Negro se prolongará até o dia 21 do corrente e suas sessões plenárias serão realizadas na sede da Sociedade Floresta Aurora.

Contando com a adesão das sociedades que reúnem os negros de todo o Brasil, o Congresso reunirá representantes de São Paulo, Rio de Janeiro, Paraná, Santa Catarina, e vários outros, cujas delegações já estão chegando a Porto Alegre.

TEMARIO

O temário do Primeiro Congresso do Negro inclui três assuntos de grande importância: 1) — Necessidade de alfabetiza-

ção frente à situação atual do Brasil; 2) — Situação do homem de cor na sociedade; e 3) — Papel histórico do negro no Brasil e demais nações. Todos os trabalhos a serem apresentados e teses, deverão versar sobre os itens do temário mencionado.

A par das finalidades já expostas acima, o Congresso visa dar uma demonstração do progresso do homem de cor no Brasil. Segundo declarações dos organizadores do conclave, o mesmo não tem em vista qualquer preconceito racial. Pretende irmanar todos os cidadãos, independentemente de raça ou crença religiosa.

O PROGRAMA

O programa organizado para o Primeiro Congresso Nacional do Negro consta dos seguintes atos: Dia 13, às 20 horas, conferência proferida pelo eminente professor Gilberto Jorge Gonçalves da Silva. Às 21 horas, conferência pelo dr. Laudelino Medeiros, catedrático da Universidade do Rio Grande do Sul. Dia 14 às 20 horas, conferência proferida pela professora Vera Bandeira Marques da U.R.G.S.; às 21 horas, conferência proferida pelo dr. Justiniano Espírito

Santo; às 22 horas, palestra proferida pelo radialista Abel Gonçalves.

Dia 17 às 20 horas, conferência proferida pelo dr. Darer Conde Salgado; às 21 horas, conferência pelo professor da U.R.G.S., dr. Dario Bitencourt; às 22 ho-

ras, conferência proferida pelo professor da U.R.G.S., dr. Armando Temperati Pereira.

Dia 18 às 20 horas, conferência pelo dr. J. P. Coelho de Souza; às 21 horas, conferência pelo dr. Hélio Carionagno; às 22 horas, conferência proferida pelo por-

fessor José Maria Rodrigues.

Dia 19 às 23 horas será realizado o Grande Baile das Debutantes da Sociedade Beneficente e Cultural Floresta Aurora, com traje de gala na sede da Sociedade Libanêsa de Porto Alegre, gentilmente cedida por seus diretores.

ENCERRA-SE AMANHÃ O PRIMEIRO CONGRESSO NACIONAL DO NEGRO

O Primeiro Congresso Nacional do Negro, em realização nesta capital desde o dia 14 do corrente, está obtendo completo êxito. Muito proveitosos têm sido os trabalhos apresentados dentro do temário que já divulgamos várias vezes. A Sociedade Floresta Aurora, visando reunir os elementos de cor para cuidar de melhor adaptação à sociedade em que vivem, leva a efeito um trabalho dos mais importantes, com repercussão em todo o Brasil. Vários Estados são representados no conclave, cujas reuniões têm se realizado na sede da Sociedade Beneficente e Cultural Floresta Aurora, tradicional entidade da capital do Estado.

A noite de hoje terão prosseguimento os trabalhos do Congresso, dentro do programa previsto e já divulgado, também, por Fôlha da Tarde. O encerramento solene do Primeiro Congresso Nacional do Negro está marcado para amanhã, em ato a ser realizado na Câmara Municipal, a exemplo da instalação do conclave. Às 20 horas, na Câmara, estarão reunidos todos os participantes do Congresso, devendo fazer uso da palavra os

seguintes intelectuais de Porto Alegre: jornalistas Arquimedes Fortini, professor dr. Dante de Lialano e sr. José Maria Rodrigues. Na sessão de hoje à noite, na sede da Sociedade Floresta Aurora, falarão os deputados Temperani Pereira e Coelho de Sousa. Como tem ocorrido nas demais reuniões do Congresso, espera-se grande assistência de público para as conferências de hoje, a serem iniciadas às 20 horas.

FÔLHA DA TARDE

11 DE SETEMBRO DE 1958

DOMINGO PRÓXIMO EM PÔRTO ALEGRE

PRIMEIRO CONGRESSO NACIONAL DO NEGRO

Esperadas delegações de vários Estados — Rio, São — Paulo, Paraná e Santa Catarina já inscritos —

Na Câmara Municipal, às 20 horas do dia 14 do corrente, domingo próximo, será solenemente instalado em Pôrto Alegre, o Primeiro Congresso Nacional do Negro. Inicialmente a Sociedade Beneficente e Cultural Floresta Aurora, o conclave se prolongará até o dia 21 de setembro e será realizado em comemoração ao 86.º aniversário de fundação da sociedade que o organiza.

Do teor do Primeiro Congresso Nacional do Negro, constam assuntos de grande importância, tais como necessidade de alfabetização frente à situação atual do Brasil, situação do homem de cor na sociedade e papel histórico do negro no Brasil e demais nações.

O objetivo do Congresso é realizar maior entrosamento das sociedades, para, por meio do desenvolvimento cultural e compreensão cívica, adaptar o negro às oportunidades que lhe garante a Constituição Federal.

A programação prevista para o próximo dia 14 terá início com missa solene a ser celebrada na Igreja de Nosso Senhor do Bonfim, padroeiro da Sociedade Beneficente, às 10 horas. Na sessão de instalação do Congresso fará uso da palavra o sr. Valtér Santos, presidente da entidade organizadora, historiando a fundação da Sociedade Floresta Aurora. As 20,30 será proferida palestra pelo bacharel Armando Hipólito dos Santos, sobre os objetivos do Congresso Nacional do Negro. O dr. Dante de Laitano, a seguir, (21,30 h.) fará uso da palavra, na sessão de instalação do Congresso.

No dia 15, às 20 horas, na primeira sessão plenária do conclave, será conferenciada o professor Gilberto Jorge Gonçalves da Silva. As conferências previstas para os dias do Congresso, serão na sede da Sociedade Floresta Aurora. E na sede da Sociedade Liberdade de Pôrto Alegre deverá ser realizado, no dia 19, às 23 horas, um grande baile das debutantes da Sociedade.

O Primeiro Congresso Nacional do Negro está despertando grande interesse em todo o Brasil, sendo esperadas delegações já inscritas do Estado do Rio, Distrito Federal, São Paulo, Santa Catarina e Paraná, além de outros Estados cuja participação já está acertada.

SAUDAÇÃO

Na data significativa em que Pôrto Alegre, pela primeira vez em sua história, hospeda os representantes de todo o País, que aqui se reúnem para os importantes debates do magno

CONGRESSO NACIONAL DO NEGRO

queremos elevar nossa saudação fraterna e calorosa aos congressistas e à enorme população de côr de todo o Estado, formulando os melhores votos para que êste Conclave se fundamente na realização dos seus mais altos objetivos.

Porto Alegre, 19 de setembro de 1958.

LIVRARIA E FLORA OLIMPIA LTDA.

19 DE SETEMBRO DE 1958

A P E D I D O

O presidente da Sociedade Floresta Aurora desfaz a torpe exploração contra Ferrari

No desespero da derrota cada vez mais iminente, a cúpula do PTB lançou mão no domingo e ontem, através de farta publicação em todos os jornais, de mais um expediente calunioso e desmoralizante, para combater a candidatura vitoriosa de FERNANDO FERRARI. Desta vez, valeram-se os derrotados de um pobre homem que se prestou ao triste papel de assinar uma carta, relatando suposto incidente entre o deputado FERRARI e uma delegação da Sociedade Floresta Aurora.

Agora os fatos são restabelecidos em sua meridiana verdade, através da carta que abaixo transcrevemos, e que foi dirigida ao deputado Ferrari, pelo Sr. Valter Santos, presidente do Floresta por ocasião dos fatos mentirosamente narrados pelo sr. Eurico Silva.

E' a seguinte a carta:

Porto Alegre, 1.º de outubro de 1962.
Meu caro Fernando Ferrari.

NESTA

Li com grande indignação a carta dirigida pelo Sr. Eurico Silva de Souza ao Sr. Francisco Morais, relatando suposto incidente que teria havido, em 1959, entre delegação da SOCIEDADE FLORESTA AURORA e V. S. então líder do PTB na Câmara dos Deputados. Segundo o Sr. Eurico, V. S. teria destrutado os componentes da delegação, dizendo "o que é que quer essa negrada atrás de mim?"!

Positivamente, meu caro FERRARI, o nível político do Rio Grande — de tradições tão gloriosas e cujo passado só nos en-

che de orgulho cívico — está descendo a níveis abaixo da sarjeta. Somente assim é possível admitir-se que os seus adversários tenham dado guarida e cobertura a essa indignidade do Sr. Eurico, que evidentemente não teria recursos para financiar a ampla divulgação nos jornais, daquela carta.

Estou seguro de que o caro amigo não precisa desta carta, pois o povo do Rio Grande o conhece de sobejo, como conhece a sua luta em favor dos trabalhadores, em favor dos humildes. Faço esta carta, primeiro para extravasar a minha indignação; segundo, para repor os fatos nos seus devidos lugares.

Realmente, não em 1959, mas em 1958, ua delegação da Sociedade Floresta Aurora, esteve com V. S. no Rio de Janeiro, para tratar de assuntos de nossos interesses. Essa delegação era presidida pelo amigo que ora lhe dirige esta carta. Eu, como V. S. e todos os membros da delegação, sabemos que nossa palestra decorreu cordialmente. V. S. nos recebeu na antesala, prontificando-se a levar-nos até o Sr. João Goulart, com quem efetivamente estivemos, e depois V. S. me recebeu, sozinho, em seu gabinete. Estes são os fatos. Esta é a verdade. O Sr. Eurico está a serviço de interesses escusos.

Cordialmente

VALTER SANTOS

(Mandado publicar pelo Comando Renovador).

ANEXOS II – CORRESPONDÊNCIAS

CORDÃO C. ESTRELA DO ORIENTE

Fundado em 21 de Julho de 1923
Séde Propria: Rua Vice-Almirante Abreu, 116

Rio Grande, 1 de setembro de 1958

Ilmo. Sr. Presidente e demais dignos dirigentes da Sociedade
Recreativa Floresta Aurora
Porto Alegre

Acusamos o recebimento do officio dessa Sociedade em que teve a nima gentil de nos convidar e nos fazer representar nas festas que levarão a efeito nas noites de 15 e 21 de mês em curso e posteriormente o telegrama em que collocavam as passagens a nossa disposição, deferência esta que muito nos honra, e agradecemos.

O Cordão Carnavalesco Estrela do Oriente sente-se ufano por tão honroso convite da co-irmã Sociedade Floresta Aurora, mas, lamentavelmente, não nos é possível aquiescer ao convite, pois, como se verifica do convite anexo, em data de 20 de setembro realizaremos o já nosso tradicional Baile das Debutantes e por este motivo desde já estamos preocupados com a elaboração do programa.

Entretanto o Cordão Carnavalesco Estrela do Oriente agradece a distinção, almejando a digna Diretoria da Co-irmã tenha pleno exito em suas noites.

Sendo o que nos oferece no momento, servimo-nos do ensejo para apresentar a VV. SS. os nossos protestos de mais alta estima e distinta consideração.

Antonio J. do Carmo Presidente
Orlando Machado Secretário

SOCIEDADE ESPÍRITA BENEFICENTE AMOR E CARIDADE

— FUNDADA EM 26/5/1919 —

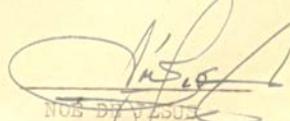
Com Séde própria á rua Jacinto Gomes n.º 125
Pôrto Alegre — RIO GRANDE DO SUL — BRASIL

PÔRTO ALEGRE, 16 DE MAIO DE 1959.

ILMO. SR.
PRESIDENTE DA
S. B. FLORESTA AURORA
RUA GAL. LIMA E SILVA, 312
NESTA.

Transcorrendo em data de 26 deste, o 40º aniversário de fundação desta SEBAC, vimos por este intermédio, convidar a Diretoria da Sociedade que presidís, para a festa comemorativa que faremos realizar às 20 horas da data em epígrafe, em nossa Séde, ocasião em que será empossada a nova Diretoria que regerá os destinos desta Sociedade, durante o ano social que vai de 26-5-59 a 26-5-60

Sem outro motivo para prosseguir, servimo-nos do ensejo para antecipando os nossos melhores agradecimentos pela gentileza do comparecimento, subscrevermo-nos muito atenciosamente, reiterando estima e considerações especiais.


N.º 125
Secretário

Visto
Em 5/8/59
J. Soares

Rec. 29/12/59
Pôrto Alegre 29 de dezembro de 1.959

Ilmos. Srs. Presidente e demais membros da Sociedade Floresta Aurora.

Venho, pelo presente, agradecer o convite, que essa Diretoria teve a gentileza de me enviar.

Ao mesmo tempo, quero cumprimenta-los pela passagem de mais um aniversário, desejando, que siga sempre em progresso e fraternal união.

Valho-me da oportunidade para apresentar à Diretoria e suas respectivas famílias os votos de um feliz próspero e risonho 1.960.

Aproveito a oportunidade para comunicar, que a partir do ano entrante, contribuirei mensalmente para os cofres dessa Sociedade, com a modesta importância de \$100,00 (cem cruzeiros).

Sem mais apresento-lhes meus protestos de elevada estima e consideração.

Jorge de Oliveira Sá

Exmo. Sr.
 Walter Santos
 D.D. Presidente da Sociedade Beneficente e Cultural
 Floresta Aurora.

Presado Sr.

É com imensa satisfação que envio ao presado amigo e companheiro de luta pela integração dos Homens de cõr de nossa patria, na comunidade da vida politica social e administrativa da nação, é que envio ao presado amigo cópia de minha carta datada de 15 de Dezembro de 1958, dirigida ao Exmo Dr. Roberto Silveira, D.D. Governador do Estado do Rio de Janeiro, bem assim uma outra cópia de uma correspondencia datada de 30 do corrente mês endereçada ao Exmo. Dr. Leonel de Moura Brizola, D.D. Governador do Estado do Rio Grande do Sul cujas correspondencias demonstram o quanto luto pela nossa integração Social. Não disponho de nenhum prestigio político, mas, é incentivando as idéias, é que poderemos alcançar algo ao nosso beneficio.

Necessitamos agora que estemos as porta de outro pleito Federal, reiniciar a nossa campanha, dando apoio aquele que melhor oportunidade nos oferecer.

Certo da compreensão do presado amigo, aproveito o ensejo para apresentar-vos os meus sinseros protestos de grande estima e distinta consideração.

Cordialmente

Arcanjo Martins dos Santos

Arcanjo Martins dos Santos
 (Chefe da Estação da R.H. Viçosa)
 Barra Mansa-RJ

Barra Mansa, 30 de junho de 1959.

Visto
Em 5/8/59
[Assinatura]

Exmo. Snr. Dr.

Leonel de Moura Brizola.
D.D. Governador do Estado do Rio Grande do Sul

Exmo. Snr. Governador.

As grandes obras tendem a ser compreendidas, somente, por um circulo restrito da opinião publica, só depois de ext^{as}tivos trabalhos, é que a idêia vinga, floresce e frutifica.

Conhecendo esse fenômeno, é que venho a presença de V. Excia levar os meus sinseros parabens pela tão acertada escolha do cidadão Sr. Alexandre Moreira para oficial de Gabinete de V. Excia. trata-se de um dos atos mais simpaticos e democraticos do governo de V. Excia, que veio repercutir em todo o Brasil, numa demonstração de que V. Excia deseja governar o grande estado, com a colaboração de brancos, pretos, sem distinção de raça ou credo, e com todos Riograndenses que desejam o progresso do grande estado Sulino. Deixo aqui as minhas sinseras felicitações, apresentando V. Excia os meus protestos de grande estima e distinta consideração.

Que Deus guarde V. Excia "AD MULTOS ANNOS".

Cordealmente

Archanjo Martins dos Santos

Archanjo Martins dos Santos
(Chefe da Estação da R.M.V. em Barra Mansa)

B. Mansa, 30/6/59

Orquestra Cr\$.....	Cr\$ 20.000,00
Direitos Cr\$.....	Cr\$ 2.000,00
Convites Cr\$.....	Cr\$ 2.000,00
Salão Cr\$.....	Cr\$ 10.000,00

Total da Despesa Cr\$ 34.000,00

Possível arrecadação da festa dentro do que aprendemos com a ~~prática~~ prática.

30 mesas a Cr\$ 500,00..... Cr\$ 15.000,00

Deficit Cr\$.....	Despesa. Cr\$ 34.000,00
	Receita Cr\$ 15.000,00
Total do Deficit	Cr\$ 19.000,00

Evidentemente se nos somar-mos as parcelas chegaremos a conclusão o deficit não será de Cr\$ 19.000,00 mas de Cr\$ 10.500,00 significa isto que o mesmo será de Cr\$ 1.000,00 cruzeiros por os 9.500,00 obrigatoriamente nós o teremos em nossa séde.

Em segundo plano vem quanto a questão das representações que por compromisso em viagem que a Sociedade ~~f~~ se fez representar em caravana em Sociedades co-irmãs no interior do Estado como seja nas cidades de Santa Maria e Rio Grande e conforme desejo também de Sociedade do Rio de Janeiro de participar deste ~~baile~~ baile, ouve que argumentasse que tanto a cidade de Santa Maria como a de Rio Grande não poderiam ~~se~~ sensurar as nossas instalações, porque as mesma não apresentam um aspecto arquitetônico dos melhores mas conveíamos e atentamos para os fatos, que nós uma Sociedade que pela a sua tradição tornou-se lider das demais do gênero em nosso Estado não ter agumentos tão fragos como os apresentados, nós isto sim devemos por um questão de liderança de tradição nos acarramos neste agumentos.

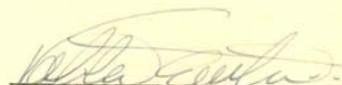
Outra coisa é de que em outras oportunidade não compareceu ninguem do interior do estado e aqui nós abrimos um parenteses, por uma mera questão de administração, por que se nós decidirmos com a devida antecedência isto com 3 ou 4 meses de ~~antes~~ antecipação, nós poderemos contar até com mais cidades que se farão representar, então alguem dirá que na época do Congresso.

6.)
Também dizia-se que viriam dezena de pessoas e que no entanto o número foi esguio, mas não poderemos tomar isso por base jamais alguém se fará desde que não receba o convite com a devida antecedência, aí virá o outro argumento a falta de material humano mas este não será o problema por se ser decido que a realização em vista deva contar com representações do interior do Estado, nós o providenciaremos quanto a expedição dos respectivos officios, porque a nossa Secretária nunca falhou o que faltou isto sim o que sempre faltou foi o devido tempo para que as coorepondências fossem confeccionadas e que as mesma chegaseem aos seus destinos em época em que os convidados podessem providenciar em seu Guarda-roupas e as suas locomoções.

Em outro plano vem a questão dos trajes quer seja em nosso salão quer seja em outro os nossos associados deverão apresentar-se de traje de gala e isso não representa despesas por que e uma das quais devará ser feita.

Outra versão apresentada por o grupo da mocidade e de alguns associados e que a mocidade acima citada realizou um Baile que não deixou nada adesejar e que o melhor baile já realizado em nossa séde apos a nova faze nós não concordamos em absoluto com esta versão porque em dezembro próximo passado a Sociedade realizava um baile que para o caráter que o mesmo tinha, resvesti-se de grande entusiasmo.

E assim sendo está presidência tem trabalho juntamente com os senhores para o maior engrandecimento de nossa Sociedade solicita deste conlendo plenário a compreensão necessária para as nossas palavras sendo como é de nosso abito acataremos com a maximo parzer a satisfação o vereditum dos senhores, sabendo que o mesmo não virá em desfavor das realizações que até temos feito, e nacerteza de ver deste plenário um vereditum que venha de oa anseios da grande maioria, apresentamos aos senhores os nossos repetidos agradecimentos.



Valter Santos
Presidente.

≡ ≡ ≡ **G A R I B A L D I F. C.** ≡ ≡ ≡

FUNDADO EM 17-7-1927

SEDE SOCIAL: RUA VENÂNCIO AIRES, 94 — PÔRTO ALEGRE

PÔRTO ALEGRE, 22 DE JULHO DE 1.959

À

DIRETORIA E DEBIAIS MEMBROS DO

Flôresta Horôra

PREZADOS SENHORES:

O "GARIBALDI" F.C. Vem por meio deste convidar o distinto co-irmão para o torneio de ping-ponk, a realizar-se na segunda quinzena de agosto, em nossa sede social.

A inscrição para o mesmo estara aberta até o dia 10 de agosto, com a taxa de (cem cruzeiros) por equipe.

Solicitamos que VV.SS. façam-se representar em nossa sede social para uma reunião que realizar-se-a dia 11 de agosto, com início as 20:00 horas.

Comunicamos, outrossim, que no referido torneio não sera permitida a inscrição de atletas de primeira categoria.

No aguardo de vossa constestação subscrevemo-nos muí,

atenciosamente

Genêro Pêla
Secretario.

Visto
Em 5/8/59
Gouvea

Fundada em 13 de
Maio de 1903

*Sociedade Recreativa
Ferroviária 13 de Maio*

Rua Silva Jardim, 1407
S. Maria Fone 3171

Santa Maria rs, 15 de junho de 1959.

Ofício Nº 12

Ilmo. Sr. Presidente da Soc. Floresta Aurora e
demais membros da Diretoria

PORTO ALEGRE RS.

*Arquivado
em 14/7/59
Antão Lopes*

É com satisfação que, em anexo estamos re-
metendo a dista Coirmã uma Relação dos membros da Diretoria que /
deverá reger nossa Sociedade no periodo 1959-1960 e que eleitos em
Sessão de Assembléia Geral realizada a 26 de abril ultimo, foram
empessados a 16 de maio do corrente ano.

Certo de que continuaremos a merecer a con-
sideração que sempre nos dispensaram subscrevo

Atenciosamente

Antão Lopes

Antão Lopes - Presidente.

fundada em 13 de
Maio de 1903

*Sociedade Recreativa
Ferroviária 13 de Maio*

Rua Silva Jardim, 1407
S. Maria Fone 3171

" RELAÇÃO DOS MEMBROS DA DIRETORIA "

1959 - 1960

PRESIDENTE: ANTÃO LOPES
Vice-Presidente: SADY VASCONCELOS
1º Secretario : JOSÉ MOURA DOS SANTOS
2º Secretario : JOSÉ LUIZ GESAT
1º Tesoureiro : WALDOMIRO LOPES
2º Tesoureiro : RUBEM XAVIER

CONSELHO FISCAL

APOLINARIO MEDIAN
WALDOMIRO ALVES
ADÃO DOS SANTOS
OSWALDO GARCIA
JOVENAL VAZ DOS SANTOS

SUPLENTES DO CONSELHO FISCAL

JOÃO MARTINS FERREIRA
ADALMIRO LOPES

DIRETORES DE SALÃO

JOVINO DA SILVA
ESMERALDINO NASCIMENTO
ANTONIO EVARISTO
WALDOMIRO LUIZ GARCIA
HERMINIO MARGARIDA
JOÃO AMANCIO CLARIO
DELCEY SILVEIRA
JOÃO DAMASIO MARTINS
PEDRO DOS SANTOS
WALDORILLO NUMES

ORADORES

TOLENTINO LOPES
ADÃO LEDESMA DE MELLO

DIRETOR ARTISTICO

WALDO PINTO DOS SANTOS

BIBLIOTECARIO

HUGO RODRIGUES DA SILVA

RELATÓRIO DE PRODUTIVIDADE DAS JORNADAS DE ESTUDOS AFRO-BRASILEIROS.*

**I JORNADA DE ESTUDOS AFRO-BRASILEIROS
- DE 24 A 29 DE SETEMBRO – ANO 2003 -
“HISTÓRIA E REALIDADE”
LOCAL: AUDITÓRIO DO MEMORIAL DO RIO GRANDE DO SUL.**

*Total de Mesas de Palestras: 4
Total de Palestrantes: 12
Total de comunicações: 05
Público presente ao evento: -
Dias: 04
Shows artísticos: 02
Média de público: -
Certificados emitidos: 75.
Carga Horária: 20.*

**II JORNADA DE ESTUDOS AFRO-BRASILEIROS
- DE 21 A 25 DE SETEMBRO – ANO 2004 -
LOCAL: AUDITÓRIO DO MEMORIAL DO RIO GRANDE DO SUL.**

*Total de Mesas de Palestras: 5
Total de Palestrantes: 10
Total de comunicações: 10
Público presente ao evento: 434
Dias: 5
Shows artísticos: 02
Certificados emitidos: 76.
Carga Horária: 40.*

**III JORNADA DE ESTUDOS AFRO-BRASILEIROS
- DE 24 DE OUTUBRO A 29 DE OUTUBRO - ANO 2005 -
“PARA ALÉM DAS COTAS”
LOCAL: MEMORIAL DO RS E CASA DE CULTURA MÁRIO QUINTANA**

*Total de Mesas de Palestras: 7
Total de Palestrantes: 14
Total de comunicações: 23
Público presente ao evento: 418
Dias no Memorial 1: público 85 pessoas
Dias na Casa de Cultura 5: público 333 pessoas
Shows artísticos: 3
Média de público: mais de 69 pessoas p/dia. Certificados emitidos: 80 – (Emissão: SMED - Secretaria Municipal de Educação de Porto Alegre).
Carga Horária: 40.*

IV JORNADA DE ESTUDOS AFRO-BRASILEIROS
- DE 26 A 30 DE SETEMBRO - ANO 2006 -
“EDUCAÇÃO: LEI 10.639/03, METAS E MÉTODOS”
LOCAL: MEMORIAL DO RIO GRANDE DO SUL

Total de Mesas de Palestras: 4
Total de Palestrantes: 8
Total de comunicações: 16
Público presente ao evento: 354
Dias: 5
Shows artísticos: 1
Média de público: 70,8 pessoas p/dia.
Certificados emitidos: 84.
Carga Horária: 40.

V JORNADA DE ESTUDOS AFRO-BRASILEIROS
- DE 25 A 29 DE SETEMBRO - ANO 2007 -
“TRABALHO E EDUCAÇÃO”
LOCAL: MEMORIAL DO RIO GRANDE DO SUL

Total de Mesas de Palestras: 04.
Total de Palestrantes: 08
Total de comunicações: 33.
05 dias de atividades.
Certificados emitidos: 98.
Carga Horária: 25.
Instituições dos participantes: UFRGS, PUCRS, FAPA, UNILASSALE, UNISINOS, FEEVALE, UFSM, UFBA, CESUCA, UNISÃO CAMILO-ES, UPF, SMED-POA, SMED-SÃO LEOPOLDO, UNIVERSIDADE DE COIMBRA.

* Acervo do GT Negros – ANPUH/RS.